


**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP

PRICILA BALAN PICINATO

**DIGA- ME COMO FALAS E EU DIREI QUEM ÉS:  
um estudo Sociolinguístico da fala “caipira”na  
cidade de Sales Oliveira- SP**



ARARAQUARA – S.P.  
2018

PRICILA BALAN PICINATO

**DIGA-ME COMO FALAS E EU DIREI QUEM ÉS:**  
um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales  
Oliveira- SP

Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

**Orientador:** Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

ARARAQUARA – S.P.  
2018

Picinato, Pricila Balan

Diga-me como falas e eu direi quem és: um estudo Sociolinguístico da fala "caipira" na cidade de Sales Oliveira - SP / Pricila Balan Picinato - 2018

231 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Dra. Rosane de Andrade Berlinck

1. Falar "caipira". 2. Identidade. 3. Variação . 4. Mudança linguística . 5. Sales Oliveira - SP. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PRICILA BALAN PICINATO

**DIGA-ME COMO FALAS E EU DIREI QUEM ÉS:**  
um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales  
Oliveira- SP

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

**Orientador:** Dra. Rosane de Andrade Berlinck.

Data da defesa: 17/04/ 2018

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** **Dra. Rosane de Andrade Berlinck**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

**Membro Titular:** **Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida**  
Universidade de São Paulo

---

**Membro Titular:** **Dra. Lívia Oushiro**  
Universidade Estadual de Campinas

---

**Membro Titular:** **Dra. Juliana Bertucci Barbosa**  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

---

**Membro Titular:** **Dra. Marina Célia Mendonça**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que já sofreram preconceito linguístico

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que na Sua infinita bondade, permitiu que este trabalho fosse desenvolvido e as pessoas que concederam parte de seu precioso tempo para me ajudar. A elas, cabe o mérito da realização da minha pesquisa e, por isso, as agradeço também:

À minha orientadora, professora Dra. Rosane de Andrade Berlinck, pela orientação, amizade e por todo aprendizado.

À banca examinadora, pela leitura e contribuição dadas a este estudo.

Aos professores suplentes pela leitura do trabalho.

Aos professores e funcionários do programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, que tanto me auxiliaram.

Aos professores Dr. Scott Schwenter e Dra. Cristina Martins Fargetti, pelas contribuições feitas no exame de qualificação.

Aos meus pais, Joaquim e Creusa, pelo apoio, dedicação e amor. Por terem sido meus maiores incentivadores, companheiros de viagem e por não me deixarem desistir dos meus sonhos. Obrigada por confiarem em mim!

Ao Mateus Cruz Maciel de Carvalho que, ao longo desses anos, trouxe paz, alegria e amor para minha vida: obrigada por tornar meus dias melhores e por todo seu apoio!

À minha irmã, Carla, ao meu cunhado e aos meus sobrinhos, Helena e Luís Felipe, pelo amor, carinho, apoio e alegria que encontro quando estou com vocês.

Aos meus colegas do grupo SoLAr e companheiros de orientação, por todo carinho, amizade e parceria.

Aos amigos que a pós que trouxe: Alexandre Timbane, Carol, Gislene, Juliane, Letícia e Maridelma.

Aos meus amigos queridos que tanto torceram por mim. Em especial, à Michele, minha amiga e irmã, por toda ajuda.

Aos meus colegas de trabalho e alunos, que sempre me ajudaram e incentivaram.

Àqueles que tanto me ajudaram com material sobre a cidade de Sales Oliveira. Em especial, agradeço ao amigo Mário Piccinato: obrigada por toda sua ajuda, carinho e amizade.

Aos participantes da pesquisa de campo, por terem não só realizado as gravações, tornando meu estudo possível, mas também, por compartilharem histórias de vida tão lindas, que me fizeram crescer não só como pesquisadora, mas como ser humano. Pelas risadas, lágrimas, pela disponibilidade em ajudar: obrigada pela generosidade. Esta pesquisa é nossa.

Aos que colaboraram para que este estudo pudesse existir: meu muito obrigada.

“(...) \_ Concordo, afirmou a Duquesa; e é esta a moral: “seja o que você parece ser”. Ou, se você não gostar desta frase, diga assim, mais simplesmente: “nunca se imagine ser o que poderia parecer aos outros, o que você foi ou deveria ter sido, para não parecer outra coisa senão o que você deveria ter parecido aos outros para não ser outra coisa (...)”  
(CARROL, Lewis, 1977, p. 98).

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo propor uma análise e descrição da fala da população da cidade de Sales Oliveira - SP, com intuito de investigar quais variantes são consideradas como estigmatizadas e quais possuem prestígio nessa comunidade linguística. A identificação dessas variantes e o valor a elas associadas nos permitirá compreender se as possíveis mudanças históricas e sociais pelas quais a cidade está passando têm influência na escolha das variantes linguísticas empregadas pelos salenses. Além disso, este estudo também objetiva compreender como a identidade do salense está atrelada às questões linguísticas. Com a finalidade de identificar algumas variantes utilizadas nessa comunidade, foi realizada uma pesquisa de campo com 30 falantes, sendo 15 homens e 15 mulheres, entre as faixas etárias de 10 a 15 anos, de 30 a 45 anos e de 70 a 80 anos, de escolaridades distintas. Dentre as variáveis dependentes analisadas estão: I) a ausência ou presença do “r” como retroflexo, II) *ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais* (ex: “mel- mer”); III) *vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/* (ex: “mulher- muié”); IV) *apagamento ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade* (ex: “pires- pire”); V) *ocorrência de prótese e aférese* (ex: alembra e “bserva”); VI) *ocorrência de apócope* (ex: “legítimo- legiti”). Dentre as variáveis analisadas, percebemos que o “r” como retroflexo é a variante mais empregada pelos salenses e que alguns processos fonéticos/ fonológicos, como rotacismo, vocalização e prótese são mais comuns na fala de pessoas mais idosas, que já moraram na zona rural. Estes são alguns indícios de que as mudanças linguísticas estão atreladas às mudanças sociais. Esse estudo possui como embasamento teórico-metodológico a Sociolinguística variacionista (Weinreich, Labov, Herzog 1968; Labov 1972, 1994, 2001). A relevância de estudos sociolinguísticos como este reside no fato de compreender que as transformações linguísticas pelas quais o falar “caipira” vem sendo submetido podem estar relacionadas às mudanças sociais, ocorridas na vida dos falantes desse falar.

**Palavras – chave:** Falar “caipira”. Identidade. Variação. Mudança Linguística. Sales Oliveira-SP.



## ABSTRACT

This thesis aims to propose an analysis and description of the speech of the population of Sales Oliveira – SP town, in order to investigate which variants are considered as stigmatized and which have prestige in this language community. The identification of these variants and the value associated with them will allow us to understand if the possible historical and social changes that the city is going through influence the choice of the linguistic variants employed by the Salenses. In order to identify some of the variants used in this community, a field survey was conducted with 30 speakers from the community of salense, 15 men and 15 women, ranging from 10 to 15 years, from 30 to 45 years, and from 70 to 80 years from different schooling. Among the dependent variables analyzed are: I) *the absence or presence of the "r" as retroflex*, II) *absence or presence of "r" and "l" neutralization in syllabic coda and / or consonant dating* ( “ mel” – “ mer” ); III) *vocalization or not of the lateral consonant palatal / ʎ /* (ex: "mulher" -muié"); IV) *deletion or pronunciation of alveolar fricatives / s / and / z / at the end of words that do not have plots of plurality* (eg "pires" \_ “ pire’ ); V) *occurrence of prosthesis and apheresis* (ex: alembrá and "bserva"); VI) *occurrence of “apócope”* (ex: "legitimate-legiti"). Among the analyzed variables, we perceive that the "r" as retroflex is the variant more used by the salenses and that some phonetic / phonological processes, such as rotacism, vocalization and prosthesis are more common in the speech of older people, who already lived in the rural area . These are some indications that the linguistic changes are linked to the social changes. This study has as a theoretical-methodological basis the variational sociolinguistics (Weinreich, Labov, Herzog 1968, Labov 1972, 1994, 2001). The relevance of sociolinguistic studies such as this lies in the fact that the linguistic transformations through which "caipira" talk has been submitted may be related to the social changes that occurred in the life of the speakers.

**Keywords:** “Caipira” speech. Identity. Variation. Linguistic Change. Sales Oliveira.

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Percepção da própria fala	127
<b>Gráfico 2</b>	Qual palavra você usa no sentido de “variar”? (10 -15 anos)	140
<b>Gráfico 3</b>	Qual palavra você usa no sentido de “variar”? (30 -45 anos)	140
<b>Gráfico 4</b>	Qual palavra você usa no sentido de “variar”? (70 -95 anos)	141
<b>Gráfico 5</b>	Qual palavra você usa no sentido de “bacalhau”? (10 -15 anos)	142
<b>Gráfico 6</b>	Qual palavra você usa no sentido de “bacalhau”? (30 -45 anos)	143
<b>Gráfico 7</b>	Qual palavra você usa no sentido de “bacalhau”? (70 -95 anos)	144
<b>Gráfico 8</b>	Qual palavra você usa no sentido de “gambá”? (30 -45 anos)	145
<b>Gráfico 9</b>	Qual palavra você usa no sentido de “gambá”? (70 -95 anos)	146
<b>Gráfico 10</b>	Qual palavra você usa no sentido de “paa”? (10 -15 anos)	147
<b>Gráfico 11</b>	Qual palavra você usa no sentido de “paca”? (30 -45 anos)	148
<b>Gráfico 12</b>	Qual palavra você usa no sentido de “paca”? (70 -95 anos)	148
<b>Gráfico 13</b>	Qual palavra você usa no sentido de “córgo”? (10 -15 anos)	150
<b>Gráfico 14</b>	Qual palavra você usa no sentido de “córgo”? (30 -45 anos)	151
<b>Gráfico 15</b>	Qual palavra você usa no sentido de “córgo”? (70 -95 anos)	151
<b>Gráfico 16</b>	Qual palavra você usa no sentido de “credo”? (10 -15 anos)	152
<b>Gráfico 17</b>	Qual palavra você usa no sentido de “credo”? (30 -45 anos)	153
<b>Gráfico 18</b>	Qual palavra você usa no sentido de “credo”? (70 -95 anos)	153
<b>Gráfico 19</b>	Qual palavra você usa no sentido de “faiá”? (10-15 anos)	154
<b>Gráfico 20</b>	Qual palavra você usa no sentido de “faiá”? (30 -45 anos)	155
<b>Gráfico 21</b>	Qual palavra você usa no sentido de “faiá”? (70 -95 anos)	155
<b>Gráfico 22</b>	Qual palavra você usa no sentido de “relampiá”? (30 -45 anos)	156
<b>Gráfico 23</b>	Qual palavra você usa no sentido de “relampiá”? (70 -95 anos)	157
<b>Gráfico 24</b>	Qual palavra você usa no sentido de “relampiá”? (10 -15 anos)	157
<b>Gráfico 25</b>	Qual palavra você usa no sentido de “tiziu”? (10 -15 anos)	158
<b>Gráfico 26</b>	Qual palavra você usa no sentido de “tiziu”? (30 -45 anos)	159
<b>Gráfico 27</b>	Qual palavra você usa no sentido de “tiziu”? (70 -95 anos)	161
<b>Gráfico 28</b>	Qual palavra você usa no sentido de “falada”? (70 -95 anos)	163
<b>Gráfico 29</b>	Qual palavra você usa no sentido de “falada”? (10 -15 anos)	163
<b>Gráfico 30</b>	Qual palavra você usa no sentido de “falada”? (30- 45 anos)	164
<b>Gráfico 31</b>	“Juda” como boneco	171
<b>Gráfico 32</b>	“Juda” - sentido de infeliz	172

<b>Gráfico 33</b>	Qual palavra você usa no sentido de “falhar com alguém”? (30 -45 anos)	175
<b>Gráfico 34</b>	Qual palavra você usa no sentido de “perrengue”? (70 -95 anos)	178
<b>Gráfico 35</b>	Qual palavra você usa no sentido de “perrengue”? (30 -45 anos)	178
<b>Gráfico 36</b>	Qual palavra você usa no sentido de “piá”? (10 -15 anos)	180
<b>Gráfico 37</b>	Qual palavra você usa com sentido de “puxado”? (30-45 anos)	185
<b>Gráfico 38</b>	Qual palavra você usa com sentido de “puxado”? (70-95 anos)	185

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	O que é ser “caipira” para você?	98
<b>Tabela 2</b>	Pronúncia do “r” como retroflexo em posição de coda	127
<b>Tabela 3</b>	Situações em que o salense emprega a palavra “caipira”	129
<b>Tabela 4</b>	Palavra “Babau”	135
<b>Tabela 5</b>	Palavra “camepar”	135
<b>Tabela 6</b>	Palavras com sentido de “manquejar”.	174
<b>Tabela 7</b>	“R” como retroflexo sem infinitivo verbal: sexo e idade	198
<b>Tabela 8</b>	“R” como retroflexo sem infinitivo: contexto linguístico, lugar, escolaridade, sexo e idade	198
<b>Tabela 9</b>	Emprego do “r” como retroflexo segundo contexto linguístico seguinte	200
<b>Tabela 10</b>	Expressão do “r” em coda em formas verbais de infinitivo	207
<b>Tabela 11</b>	Rotacismo e as variáveis independentes como sexo, participante e idade.	212
<b>Tabela 12</b>	Rotacismo	213
<b>Tabela 13</b>	Dados gerais sobre rotacismo	214
<b>Tabela 14</b>	Dados gerais sobre vocalização	215
<b>Tabela 15</b>	Vocalização da consoante palatal [ʎ]	216
<b>Tabela 16</b>	Visão geral dos resultados de vocalização	217

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Lista de palavras apresentadas aos participantes	47
<b>Quadro 2</b>	Formas de identificação do falante	50
<b>Quadro 3</b>	Perfil dos participantes entre 10-15 anos	50
<b>Quadro 4</b>	Perfil dos participantes entre 30-45 anos	51
<b>Quadro 5</b>	Perfil dos participantes entre 70-95 anos	51
<b>Quadro 6</b>	Apelido dos salenses	62
<b>Quadro 7</b>	Lista de palavras com aférese	218

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	O “caipira” na rodoviária.	38
<b>Figura 2</b>	Agrupamento dos participantes pertencentes ao mesmo núcleo familiar.	52
<b>Figura 3</b>	Localização de Sales Oliveira.	56
<b>Figura 4</b>	Mapa com a localização das fazendas e sítios	57
<b>Figura 5</b>	O agora e o antes da Estação da Ferrovia	60
<b>Figura 6</b>	Brasão de Sales Oliveira – SP	64
<b>Figura 7</b>	Delícias de milho.	66
<b>Figura 8</b>	Rua das Árvores.	67
<b>Figura 9</b>	Nomes que apoiaram a construção do Clube.	68
<b>Figura 10</b>	Mapa do terreno onde foi construído o Clube.	69
<b>Figura 11</b>	Fachada atual do clube	69
<b>Figura 12</b>	Primeiro baile realizado no Clube Onze de Outubro.	70
<b>Figura 13</b>	O <i>glamour</i> dos bailes de debutantes.	71
<b>Figura 14</b>	Formato atual da Igreja Matriz.	74
<b>Figura 15</b>	Rotas dos bandeirantes.	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>1 LÍNGUA: definição como objeto de estudo</b>	<b>21</b>
1.1 Variação linguística como parte da língua	22
1.2 A situação linguística no Brasil	29
1.3 O padrão linguístico brasileiro	33
1.4 O preconceito linguístico	34
<b>2 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>40</b>
2.1 Em busca da história de Sales Oliveira- SP	40
2.2 Pesquisa de campo com os salenses: objetivos linguísticos e percepção identitária	43
<b>3. O LUGAR DA PESQUISA DE CAMPO: Sales Oliveira, “um pedacinho do céu”</b>	<b>55</b>
3.1 Sales Oliveira e os aspectos geográficos da cidade	55
3.2 Dos trilhos da Mogiana nasce uma cidade: Sales Oliveira	58
3.3 Sales Oliveira: um estudo do brasão e do hino da “capital da palha”	60
3.4 Alguns lugares salenses e suas histórias	66
3.5 Sales Oliveira pelo “olhar” de seus moradores	74
3.6 Sales Oliveira pelo “olhar” do historiador	79
3.7 Sales Oliveira e o limite entre o rural e o urbano	83
<b>4 RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E IDENTIDADE</b>	<b>88</b>
4.1 Identidade e os traços que a compõem	90
4.2 A constituição da imagem do “caipira”: breve explanação	94
4.3 A identidade “caipira” pela percepção dos salenses	97
<b>5 ASPECTOS LINGUÍSTICOS , CULTURAIS E SOCIAIS DO “CAIPIRA”</b>	<b>103</b>
5.1 Mudança e tradição no falar “caipira”	104
5.2 Por que o adjetivo “caipira”?	111
5.3 Aspectos culturais e históricos do “caipira”	118
5.4 O falar “caipira” e a população salense	125
5.5 O significado de “caipira” para os salenses	129
<b>6 PERCEPÇÃO DO FALANTE E O VOCABULÁRIO “ CAIPIRA”:</b> você usa essa palavra?	<b>132</b>
6.1 A percepção do falante em relação ao vocabulário “caipira”	132
6.2 Palavras que não são muito reconhecidas pelos salenses	133
6.3 Palavras que não são reconhecidas na fala de nenhuma fixa etária	141

<b>6.4 Palavras reconhecidas em todas as idades</b>	<b>148</b>
<b>6.5 Palavras com menor índice de aceitação social</b>	<b>157</b>
<b>6.6 Palavras homógrafas</b>	<b>165</b>
<b>6.7 Maior reconhecimento na fala dos jovens</b>	<b>188</b>
<b>7 ASPECTOS FONÉTICOS/ FONOLÓGICOS DA FALA “CAIPIRA”NA CIDADE DE SALES OLIVEIRA – SP</b>	<b>191</b>
<b>7.1 Explicação dos procedimentos para realização das análises dos dados</b>	<b>192</b>
<b>7.2 Análise do “R” como retroflexo na fala dos salenses</b>	<b>192</b>
<b>7.3 Metaplasmos e a fala “caipira”</b>	<b>208</b>
<b>7.4 Metaplasmos na fala dos salenses</b>	<b>211</b>
<b>8 CONCLUSÕES</b>	<b>220</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>223</b>



## INTRODUÇÃO

Quem somos? Quem parecemos ser? Somos aquele (a) que parecemos ser? Essas questões que, a princípio, parecem apenas filosóficas, podem se estender às questões linguísticas, pois a relação entre ser e parecer pode apresentar-se de forma muito mais complexa do que, às vezes, imaginamos. De acordo com Goffman (2016, p. 47), existe uma forte tendência nos seres humanos em transmitir aos seus observadores uma imagem idealizada de quem são, pois, quando estamos perto do “outro”, apresentamos comportamentos que tendem a ser mais aceitos socialmente e/ ou imbuídos de valores sociais mais respeitados. Por isso, segundo o autor, em algumas situações, o indivíduo pode adotar uma postura superior ou inferior à que ele acha que ocupa. Quando algumas mulheres, por exemplo, fingem-se de ignorantes para satisfazer o “ego” de seus namorados machistas estão adotando posturas inferiores àquelas por elas ocupadas ou, quando as pessoas adotam posturas de superioridade que não correspondem com a realidade, demonstram, assim, características que não possuem (GOFFMAN, 2016, p. 47-51). Ora, o mundo, metaforicamente, pode ser comparado com um palco onde os indivíduos são os atores, a vida, a encenação e as aparências podem ser manipuladas. Com essa comparação não pretendemos dizer que as pessoas sejam falsas, mas que “embora normalmente as pessoas sejam o que aparentam, as aparências podem ser manipuladas” (GOFFMAN, 2016, p. 84).

Ao longo de suas vidas, os seres humanos “moldam” seus comportamentos e atitudes conforme a plateia a quem se dirigem. Um pai não se “revela” para um filho da mesma forma como se porta com seu colaborador, por exemplo, no seu emprego. Embora grande parte dos traços comportamentais sejam semelhantes, nesse caso, o pai pode apresentar uma faceta mais carinhosa quando está com seu filho do que quando se encontra na presença do seu colaborador.

Os indivíduos utilizam-se de “fachadas” para representar os papéis sociais assumidos. Para Goffman (2016, p. 34), as fachadas funcionam como um equipamento que permite ao indivíduo se expressar durante sua representação social. Dentre os aspectos constituintes dessa fachada pessoal estão o vestuário, as atitudes, expressão facial, gestos corporais, idade e os padrões de linguagem (GOFFMAN, 2016, p. 36).

É impossível dissociar língua e identidade, porque aquela é heterogênea, reflete as mudanças sociais e, conseqüentemente, as aspirações que os indivíduos possuem (LABOV, 2008, p. 140). Um exemplo clássico dessa relação foi o estudo de mestrado de Labov realizado em Martha’s Vineyard. A ilha de Martha’s Vineyard localiza-se em Dukes,

Massachusetts e foi escolhida pelo pesquisador como lugar para desenvolvimento de estudos sobre variação e mudança linguística. Na ilha, os vineyardenses trabalhavam, em sua maioria, com o comércio, mais especificamente, com o turismo. Era muito comum também encontrar na região os veranistas que, geralmente, compravam casas para passar os verões. Existia por parte dos vineyardenses um sentimento não muito afetuosos em relação aos veranistas e esse sentimento se refletia na linguagem. Os moradores mais antigos da ilha possuíam tendência a centralizar [ay] e [aw] e tal centralização não ocorria em grande quantidade na fala dos veranistas, por exemplo. Quando os vineyardenses mais jovens queriam mostrar que não tinham pretensão de deixar Martha's Vineyard, assim como os veranistas faziam, aproximavam seu modo de falar com o dos moradores mais antigos da ilha e realizavam grande quantidade de centralizações. Por outro lado, os que não estavam satisfeitos em viver no local, aproximavam seu modo de falar dos veranistas, sendo assim, não apresentavam altos índices de centralização (LABOV, 2008, p. 58-59). A língua, nesse caso, funcionava como um dos traços presentes no comportamento dos mais jovens e era utilizada para marcar e reforçar a identidade de morador, afirmando o sentimento de pertencimento àquele lugar, povo e cultura. Por outro lado, mediante o comportamento linguístico adotado, o indivíduo negava essa identidade de pertencimento e firmava-se como alguém cujas aspirações não correspondiam mais àquelas fomentadas pelos moradores locais.

Assim como a língua funciona como uma das características que compõem a fachada pessoal do indivíduo e, conseqüentemente, como elemento de pertencimento ou não a um grupo, ela está atrelada à composição da identidade de um indivíduo. Embora a língua seja parte constituinte do processo de identificação do ser humano, infelizmente, também é um instrumento de poder e, conseqüentemente, de opressão social. Isso ocorre, segundo Scherre (2008, p. 43), porque a linguagem está atrelada a questões que fogem do âmbito linguístico, ou seja, pela língua e na língua perpassam questões sociais, culturais, políticas e econômicas. A língua é, indiscutivelmente, utilizada, muitas vezes, como forma de humilhar a classe menos favorecida socialmente, através do preconceito linguístico, que embora seja uma forma de discriminação, ao contrário de outros tipos de preconceito, não é punido. Em muitos casos, o preconceito linguístico é aceito e visto como uma prática “normal” na sociedade, pois é comum ouvirmos comentários depreciativos sobre a forma como algumas pessoas falam: quando alguns falantes dizem “pobrema”, “nóis vai”, “porta” (pronunciada com o “r” retroflexo) são logo estigmatizados como pessoas que falam “errado” ou “feio”.

De acordo com Scherre (2008, p. 145), a mídia acaba refletindo o preconceito linguístico existente na sociedade. Durante a pesquisa realizada para a elaboração da

dissertação de mestrado (PICINATO, 2013), constatamos que muitas personagens “caipiras” eram retratadas pela mídia televisiva pautadas no molde do Jeca Tatu, personagem criada por Monteiro Lobato, em 1914<sup>1</sup>. Por isso, as personagens que compunham o núcleo “caipira” das telenovelas<sup>2</sup> eram ingênuas, se vestiam de xadrez, eram fáceis de ser enganadas e falantes em excesso da variante retroflexa. Possuíam, portanto, em sua composição, um caipirismo arraigado, como se os “caipiras” fossem o retrato do atraso social, o que de fato, não correspondia à realidade encontrada ao longo da pesquisa desenvolvida.

Mediante os resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida no mestrado e partindo da premissa de que não existe um modo de falar mais bonito ou melhor ou mais importante que outro, optamos por desenvolver um estudo que busca analisar e descrever a fala da população de Sales Oliveira, uma cidade do interior do Estado de São Paulo, que apresenta traços típicos da cultura “caipira”, tais como os descritos na obra “Os parceiros do Rio Bonito”, de Antonio Candido, publicada em 1964<sup>3</sup>.

Dentre esses traços estão: as relações de compadresco, o chamamento por apelido, o fato dos moradores se cumprimentarem na rua e o baixo índice populacional (10.000 habitantes). A escolha por Sales Oliveira como lugar a ser pesquisado, justifica-se pelo fato da cidade agregar elementos da cultura “caipira”.

Acreditamos também que é imprescindível para a construção de um conhecimento científico que não apenas cidades de maior porte tenham suas falas descritas, mas que a fala dos moradores das cidades do interior também seja alvo de pesquisa, análise e descrição. Além de colaborar com projetos que estudam a variação e heterogeneidade linguísticas num panorama mais amplo, em nível nacional, isso também permite que a fala desses lugares torne-se conhecida e, quem sabe, mais respeitada, pois o conhecimento leva ao entendimento e, por que não, à diminuição do preconceito linguístico – sonhar faz parte da vida.

Ao propormos uma análise e, conseqüentemente, descrição da fala da população salense, nos pautamos em Amaral (1976), na obra “O dialeto caipira”. Considerada a obra clássica do falar “caipira”, selecionamos alguns traços fonéticos/ fonológicos abordados por Amaral na tentativa de observarmos se esses ainda existem na sociedade salense mais jovem ou se estão mais presentes apenas na fala da população mais idosa. Utilizando a obra “clássica” como forma de apoio, analisaremos tais aspectos: i) *ausência ou presença de*

<sup>1</sup>Em 1914, Monteiro Lobato criou a figura do Jeca Tatu como símbolo da preguiça e do atraso social. No ano de 1918, ao publicar “Jeca Tatu: a ressurreição”, o autor utilizou-se de uma doença – o amarelão – para justificar a preguiça e indolência do Jeca (DIAS, 2010, p. 66).

<sup>2</sup>As novelas analisadas foram: “O cravo e a Rosa”, “Coração de estudante”, “Chocolate com pimenta”, “Cabocla”, “Alma Gêmea”, “Pé na Jaca”, “Malhação”, “Paraíso” e “Morde e Assopra”.

<sup>3</sup>Utilizamos na tese, a versão de 2001.

*neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais* (ex: “mel- mer”); ii) *vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/* (ex: “mulher- muié”); iii) *apagamento ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade* (ex: “pires- pire”); iv) *ocorrência de prótese e aférese* (ex: alembra e “bserve”); v) *ocorrência de apócope* (ex: “legítimo- legiti”); vi) *ausência ou presença da variante retroflexa*. Além dos aspectos fonéticos/ fonológicos, alguns itens do vocabulário “caipira” também serão descritos.

O principal objetivo deste estudo foi analisar e descrever a fala da comunidade salense por meio de levantamento bibliográfico sobre a história da comunidade e por intermédio de pesquisa de campo, que foi realizada com falantes da comunidade salense, entre as faixas etárias de 10 a 15 anos, de 30 a 45 anos e de 70 a 95 anos. Mediante os dados coletados foi possível contrastarmos as falas em diferentes faixas etárias com o objetivo de identificar quais variantes são consideradas formas linguísticas prestigiadas na sociedade salense e quais são vistas de forma negativa. Além disso, será possível compreendermos se as prováveis mudanças linguísticas estão relacionadas à interação social e à forma como a sociedade salense está atualmente organizada. Também, analisaremos se a identidade dos falantes salenses está atrelada às questões linguísticas, ou seja, se os salenses se julgam ou não “caipiras” e se esse julgamento corresponde à forma como falam.

Como hipóteses da pesquisa, elencamos: *I)* alguns processos, como rotacismo, por exemplo, sejam mais comuns mais fala da população mais antiga; *II)* as mudanças sociais e históricas pelas quais a sociedade salense vivenciou com o passar dos anos, influenciem a fala dos moradores da cidade de Sales Oliveira; *III)* o modo como o falante constitui sua identidade está relacionado à percepção linguística que este apresenta.

O presente estudo está estruturado em 7 seções. A primeira delas, intitulada “Língua: definição como objeto de estudo”, trata da definição do conceito de língua para a Sociolinguística, uma vez que este estudo tem como base teórica subsídios da variação e mudança linguística, por se tratar de uma pesquisa de cunho Sociolinguístico e dialetal. Como consequência disso, a definição do objeto de estudo (língua) torna-se imprescindível para que toda a pesquisa e o modo como esta foi elaborada sejam compreendidos. Nessa primeira seção, também serão apresentadas discussões sobre preconceito linguístico, normas linguísticas, assim como a situação linguística atual do Brasil.

Na segunda seção, “Aspectos metodológicos”, apresentaremos a descrição da pesquisa de campo, das escolhas teóricas, assim como uma descrição dos participantes da pesquisa. A opção por colocar o capítulo de metodologia logo no início deste estudo ocorreu porque,

durante a escrita da tese, os dados obtidos não foram analisados de forma separada: não dividimos a tese em teoria e análise dos dados, mas buscamos a junção entre subsídios teóricos e resultados obtidos. Logo, é necessário que todas as informações acerca dos falantes sejam disponibilizadas, uma vez que há uma comunhão entre teoria e descrição de dados.

A terceira seção destina-se à descrição da história de Sales Oliveira: “um pedacinho do céu”. A partir do momento que consideramos a língua em união com o social, não poderíamos deixar de descrever a cidade onde propomos realizar a análise e descrição da fala. Torna-se importante conhecer o lugar da pesquisa de campo para que possamos compreender como as mudanças sociais e culturais afetam (ou não) o modo de falar dos salenses. Portanto, essa seção se destina a descrever a história de Sales Oliveira, desde sua fundação até os dias atuais.

Na quarta seção, discutiremos a relação entre língua e identidade em que são apresentadas as opiniões que os salenses apresentaram no decorrer das gravações sobre o que é ser “caipira” e sobre quais os elementos que compõem essa identidade. Na seção intitulada “Aspectos linguísticos, culturais e sociais do ‘caipira’”, descrevemos a fala “caipira” e seus aspectos linguísticos, assim como os elementos que compõem o modo de ser “caipira”, para que possamos compreender como essa identidade é constituída. A sexta seção apresenta uma discussão sobre a percepção que o falante salense possui em relação ao vocabulário “caipira” e a sétima faz referência aos aspectos fonéticos/ fonológicos.

Dentre o que foi exposto e mediante os objetivos propostos na realização desta pesquisa, partimos sempre da premissa de que a língua está atrelada ao social e de que todos os falares merecem respeito. Estudar a comunidade salense é uma forma, mesmo que parcial e incompleta, de tornar o falar do interior mais conhecido e, quem sabe, um dia, mais respeitado.

## 1. LÍNGUA: DEFINIÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO

Nenhuma língua é una, ou seja, invariável. A língua é um complexo de variantes. Muitas afirmações como essas têm sido veiculadas no meio acadêmico, principalmente por uma área da Linguística chamada Sociolinguística. Entretanto, antes de explicar o conceito de heterogeneidade linguística – uma das principais características da língua – torna-se necessária a compreensão da definição do objeto de estudo “língua”. Ora, o que é uma língua?

No capítulo intitulado “O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase”, Marcos Bagno (2011, p. 355) relata a dificuldade de conceituar língua. Para o autor, definir o que é uma língua não é uma tarefa simples, pois, antes que qualquer esboço teórico ou conceitual seja formado, é preciso compreender sob qual aspecto pretende-se buscar essa definição; ou seja, “é preciso escolher um ponto desde o qual a gente observa para daí tirar algumas conclusões, todas sempre enganosas e instáveis” (BAGNO, 2011, P. 357).

Ao afirmar que as conclusões tiradas sobre a definição de língua são “enganosas” e “instáveis”, o autor evidencia que não existe um conceito claro e bem formado sobre o que é uma língua. Isso ocorre porque, ao restringir um ponto de vista ou um prisma sobre o qual buscamos atingir esse conceito, estaremos, de certa forma, afunilando as possibilidades e os campos de abrangência que compõem uma língua. É o caso, por exemplo, da definição saussureana de língua como um sistema abstrato, partilhado pelos falantes, e a definição chomskyana que introduziu o conceito de competência linguística (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 14). Saussure e Chomsky não partiram de uma mesma perspectiva para buscar essas definições. Dessa forma, pode-se dizer que tais definições de língua e seus elementos tenham partido de finalidades e objetivos distintos, por isso, uma definição nunca conseguirá abranger todos os aspectos do que seja ou não uma língua.

De acordo com Bagno (2011, p. 357-358), muitos estudos tratam a língua como um objeto possuidor de “vida própria”, como uma espécie de entidade, de sujeito. Essa concepção de língua como um sujeito – nomeada de hipóstase- busca atribuir concretude para aquilo que é incorpóreo. Tal concepção pode ocasionar algumas confusões, como por exemplo, considerar as gramáticas e os dicionários como veículos de transmissão da língua. Entretanto, para Bagno (2011, p. 358), embora seja inegável o fato de que a língua possua uma existência concreta, torna-se árdua (para não dizer impossível) a tarefa de atribuir para um conjunto de sons e palavras a concepção ou concretude de algo que vai além de um objeto cultural, um constructo coletivo (BAGNO, 2011, p. 358). Não obstante a dificuldade de se estabelecer uma concretude existencial para a língua, podemos dizer que essa fomenta consequências sociais

perceptíveis e irrefutáveis, como, por exemplo, a disseminação de preconceitos linguísticos (BAGNO, 2011, p. 359).

Nesta pesquisa, por se tratar de um estudo Sociolinguístico Variacionista, trataremos a língua como o elemento primordial da cultura. Até a década de 60, muitos linguistas optavam por não estudar a variação que ocorria nas línguas, pois os estudiosos procuravam estudar e pesquisar sobre aquilo que não mudava. Desta forma, os estudos variacionistas ficavam de “fora” das teorias linguísticas. Podemos dizer, portanto, que compreender a língua como um sistema heterogêneo, que abarca variação, é algo recente na história das pesquisas linguísticas – é a partir dos estudos labovianos na década de 60, que essa área ou subárea dentro da Linguística (a Sociolinguística) e os estudos variacionistas começaram a ser mais difundidos (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998, p. 127). Cabe ressaltar que, nesse estudo, essa visão é contemplada.

Partimos, portanto, da concepção de que as línguas são “(...) poderosos fatores de tensão política, de sofrimento psicológico, de manipulação ideológica e de toda sorte de dinâmica sociocultural (...)” (BAGNO, 2011, p. 356). Portanto, é impossível dissociar a língua dos aspectos políticos, sociais, culturais e ideológicos.

Nos fundamentos sociolinguísticos, a percepção das línguas como sistemas homogêneos, estáticos e fechados cede lugar para heterogeneidade e dinamismo (Monteagudo, 2011, p. 16). Partindo do “olhar” sociolinguístico, não é possível fazer a separação entre linguagem e sociedade; por isso, o indivíduo – falante – não é um mero reprodutor da língua, mas é aquele que produz, preserva, transmite e modifica a língua e esta pertence a cada um, de forma individual, mas também faz parte do coletivo, pois os falantes são membros de uma comunidade e partilham a mesma cultura (BAGNO, 2014, p. 14).

### **1.1 Variação linguística como parte da língua**

A heterogeneidade linguística existe? A língua varia? A variação linguística está presente na língua, tanto na comparação entre uma língua e outra, como na estrutura de uma única língua. No primeiro caso, identificamos a heterogeneidade linguística quando comparamos duas línguas distintas, como a nossa língua materna com outras línguas, como por exemplo, o português com o inglês ou com o francês. Mas existe também a variação que ocorre em uma mesma língua, como por exemplo, o referente “abóbora”, que em alguns lugares do país é chamada de abóbora e em outros de jerimum (BELINE, 2006, p. 122). É inegável o fato de que a língua varia no tempo (variação diacrônica), no espaço (variação

diatópica), de falante para falante (variação diastrática) e dependendo dos contextos em que é falada (variação diafásica). Enfim, a variação é parte intrínseca da língua: é como se a linguagem funcionasse como um sistema que carrega em si todas as variedades da língua (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998, p. 11).

Para Monteagudo (2011, p. 19), a variação se manifesta através da existência de *variáveis*. Ainda segundo o autor, as variáveis apresentam realizações distintas e cada uma dessas realizações é chamada de variantes. Muitas vezes, a ocorrência ou aparição de uma nova variante não tem causas linguísticas, mas sociais, como por exemplo, o processo de identificação dos falantes, a situação de uso, dentre outras (MONTEAGUDO, 2011, p. 19). Os falantes possuem, portanto, consciência de que a língua varia e são capazes de identificar a variação e o valor social que esta apresenta.

Embora a língua seja um sistema heterogêneo, a variação linguística não pode ser confundida como sinônimo de caos na língua. Ao contrário, toda variação ou mudança linguística são regulares e sistemáticas (LABOV, 2008, p. 238). Isso ocorre porque o uso que fazemos da língua é controlado, segundo esse autor, por variáveis estruturais (que compõem a estrutura da língua) e por variáveis sociais (como gênero, idade, estilo, classe social, dentre outros), que operam de forma conjunta.

Como exemplo de variável externa que atua em consonância com as variáveis internas, podemos citar a escolaridade do falante. A escola pode inculcar as formas padrão, normas gramaticais, difundindo avaliações de beleza e correção sobre as variedades linguísticas. Segundo Votre (2004, p. 51), para compreender a influência da escola na variação, precisamos definir os três tipos de ensino existentes: o produtivo, o descritivo e o prescritivo.

O ensino produtivo, o mais incomum no sistema brasileiro, pressupõe a aquisição de hábitos linguísticos diferentes, ou seja, compreende não só o ensino de aspectos abordados pela gramática tradicional, mas também os não são abordados por essa visão. É, portanto, um tipo de ensino voltado tanto para as variantes que possuem alto prestígio social como para as que não possuem muito prestígio (VOTRE, 2004, p. 53). Esse tipo de ensino, no Brasil, ainda é pouco difundido na prática, mesmo que na teoria existam propostas educacionais que visem ao ensino e ao respeito a todas as variantes linguísticas.

Já o ensino descritivo, como o próprio nome diz, busca descrever as normas que os alunos devem usar e quais devem evitar, a fim de fazer com que o aluno comece a aderir às formas ensinadas na escola (VOTRE, 2004, p. 53).

O ensino prescritivo, segundo o autor, por sua vez, focaliza não só o uso de formas



prestigiosas, mas a erradicação das consideradas menos prestigiadas pela sociedade. Por meio de repetições das fórmulas e familiarização das estruturas gramaticais denominadas como “certas”, esse tipo de estudo não considera a importância da variação linguística.

Com exceção do estudo produtivo, todas as demais formas de ensino aqui apresentadas consideram as formas linguísticas não-padrão como erros, feias ou como formas que devem ser evitadas. Por isso, infelizmente, é comum encontrarmos nos falantes mais escolarizados ideias preconceituosas sobre as variedades linguísticas e, conseqüentemente, sobre a variação. Devido ao fato desses falantes terem aprendido durante anos que determinadas formas devem ser evitadas, que tais formas são erradas, que falar “pobrema” é “feio”, muitos, ao serem colocados em uma situação comunicativa que exige maior formalidade, tendem a evitar essas formas linguísticas, pois foram, durante a vida escolar toda, ensinados que os “erros” devem ser evitados. A escolaridade, portanto, atua como um fator externo, que rege, juntamente com outros fatores, a escolha de determinadas formas linguísticas.

Tal proposta de três tipos de ensino pode ser relacionada ao que Monteagudo (2011, p. 42-46) chamou de prescritivismo. Para o autor, o prescritivismo funcional e ilustrado compreende três tipos: o relativismo, a gradação e a elasticidade. No que diz respeito ao relativismo, Monteagudo (2011, p. 46), ressalta a importância de cada variedade, mas enfatiza a existência da ideia do padrão. Já o prescritivismo graduado justifica que a exigência do uso do padrão linguístico não deva ser a mesma para todos os falantes e para todas as situações. O prescritivismo elástico, como o próprio nome diz compreende que as normas linguísticas devam ser meios de orientação para o comportamento linguístico e não uma forma de imposição (MONTEAGUDO, 2011, p. 46).

Além do fator escolaridade, o fator idade, aliado a demais fatores, também está relacionado à variação linguística. Não estamos, entretanto, afirmando que a idade ocasiona variação linguística ou é a responsável sozinha por ela: o que queremos dizer é que observando o fator idade, podemos perceber se, em uma determinada comunidade, determinadas formas linguísticas estão ou não passando por mudanças ou já se encontram estabilizadas. Como exemplo, podemos citar o estudo de Labov em Martha’s Vineyard (Labov, 2008, p. 57), em que o autor comprovou que os falantes mais jovens que não queriam sair da ilha centralizavam os ditongos, como se quisessem mostrar que eram moradores e não veranistas e que não tinham o intuito de deixar o local, indicando por esse meio sua identidade de ilhéus.

Ainda discorrendo sobre a relevância do fator idade e a relação deste com a variação

linguística, podemos destacar a afirmação de Labov (2008, p. 168) de que, durante a pré-adolescência, os falantes firmam o padrão que usarão ao longo de suas vidas e que as novas regras adquiridas só aparecem na fala mediante o monitoramento dos falantes. Segundo o autor, é na faixa etária entre 17 e 18 anos que os falantes começam a se tornar mais sensíveis ao modo como falam, atingindo a total familiaridade com a língua da comunidade na qual estão inseridos. Embora o fator idade seja muito relevante para os estudos da variação, devemos aliar idade a outros fatores como gênero e escolarização.

A classe social do falante também está, de certa forma, relacionada à mudança linguística. Geralmente, privilegiam-se em uma comunidade as formas empregadas pelos falantes com maior prestígio social. Isso ocorre porque o comportamento linguístico e, conseqüentemente, as variáveis linguísticas podem estar condicionadas aos indicadores de *status*, profissão, renda, dentre outros (LABOV, 2008, p. 144). A classe social, assim como todos os outros fatores externos, sozinha, não pode ser considerada a causa de uma mudança linguística. Entretanto, assim como os demais fatores, ela serve para apontar o curso de uma mudança, pois, de acordo com Labov (2001, p. 31), mesmo quando uma mudança linguística não começa na classe social alta, essa sempre será a responsável por definir se a nova forma linguística será ou não aceita pela comunidade. Essa responsabilidade encontra-se pautada no fato de que as formas linguísticas empregadas pela classe dominante são dotadas de maior prestígio social, isso porque o valor de uma variante linguística não está pautado nos aspectos linguísticos, mas nos parâmetros de prestígios dos seus falantes: quanto maior o prestígio social de um falante, maior a tendência em aceitar o modo como esse fala e, conseqüentemente, as formas linguísticas por ele empregadas. Por outro lado, alguns falantes que não empregam a variedade mais prestigiada socialmente podem sentir-se confortáveis e/ou orgulhosos da forma como falam (prestígio encoberto) e contribuir para a manutenção ou até mesmo propagação dessas variantes (CHAMBERS, 2003, p. 242).

O gênero também é um fator muito importante na variação linguística e nas possíveis mudanças da língua. Quando nos referimos a gênero, não estamos falando das diferenças biológicas existentes entre a fala dos homens e das mulheres, mas sim dos fatores sociais, ou seja, da função social e dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade (LABOV, 2001, p. 263).

As mulheres empregam menos as formas padrão do que os homens, ou seja, durante suas falas, as mulheres optam por formas mais prestigiadas socialmente e fazem menos uso de formas estigmatizadas, quando comparadas com os homens (LABOV, 2001, p. 264). Essa tendência ao emprego de formas de prestígio é comum, inclusive em falantes da zona rural.

Entretanto, para compreendermos essa opção pelas formas mais prestigiadas, devemos analisar e compreender o papel da mulher na sociedade na qual está inserida. De acordo com o autor (2001, p. 275), a conformidade que as mulheres apresentam pelo padrão está associada ao *status* dos gêneros. Durante muitos anos, as mulheres não tinham muita participação nas decisões políticas e nem sociais. Isso resultou em uma maior tendência ao emprego de variantes de maior prestígio social, pois era preciso cuidar da fala, uma vez que esta poderia ser uma forma de ascensão frente à situação socioeconômica desfavorável em que a mulher estava inserida.

De acordo com Freitag (2015, p. 18), atualmente, as atividades exercidas pelas mulheres não se destinam apenas aos afazeres domésticos e à educação dos filhos. O papel social desempenhado pela mulher mudou: a diminuição da quantidade de filhos e o aumento da escolarização foram fatores que fizeram com que a mulher estivesse mais bem preparada para a inserção no mercado de trabalho. Logo, muitas mulheres tornaram-se as provedoras de suas famílias. Em um período de dez anos (2000-2010), ocorreu um aumento de 13.7% de famílias sustentadas por mulheres (FREITAG, 2015, p. 19). Devido a essas mudanças de/ no papel social, o comportamento linguístico das mulheres pode não corresponder àquele veiculado por Labov: como o cenário em que a mulher está inserida foi sofrendo mudanças ao longo dos tempos, podem ser encontrados menores índices de variação de gênero nos estudos Sociolinguísticos atuais (FREITAG, 2015, p. 21).

Apesar de o gênero ser um fator importante no que diz respeito às estruturas da língua, todos os outros fatores sociais devem também ser considerados, pois nenhum indicador sozinho é capaz de estabelecer um determinado comportamento linguístico: os fatores como *status*, gênero, classe social, escolarização, idade estão relacionados (LABOV, 2008, p. 144).

Além dos fatores citados anteriormente: gênero, idade, classe social e escolarização, para Chambers & Trudgill (1998, p. 70) “(...) language can also vary from person to person in the same place (“ a língua pode também variar de pessoa para pessoa no mesmo lugar”), ou seja, os contextos linguísticos colaboram para que os falantes assumam posições diferentes em relação ao modo como se comportam linguisticamente: em ambientes mais formais, os falantes dão maior atenção ao modo como falam, o que não acontece, por exemplo, quando se encontram em uma situação de menor formalidade.

Quando fazemos referência a essa “adaptação”, não estamos, como afirma Irvine (2005, p. 27), falando de variação **entre** falantes, mas sim de variação **nos** falantes, ou seja, o modo como o falante varia sua forma de falar em determinadas situações. Oportuno se torna dizer que a variação entre os falantes é denominada de “dialeto” ou “falares” e a variação no

falante recebe a denominação de *registro*. É necessário ressaltar que alguns autores empregam a terminologia registro e outros denominam essa variação como estilo. Optaremos, nesse trabalho, pela terminologia “registro”, pois segundo Irvine (2005, p. 27) esse é o termo preferido pela Sociolinguística atual. As variações de registro estão associadas, principalmente, à imagem que o falante cria de seu interlocutor, ou seja, ocorre uma busca pela representação correta do *self*: o falante quer transmitir uma determinada imagem de si mesmo e utiliza seu modo de falar para colaborar nessa construção. Muitas vezes, um falante nem pertence a um determinado grupo, mas devido a seu desejo de pertencer, fala como as pessoas desse grupo, ou seja, há uma mudança no modo de falar para que o falante possa transmitir a imagem de que pertence ao grupo almejado (IRVINE, 2005. P. 38).

Em alguns casos, a mudança na fala não é causada apenas pela relação com o interlocutor ou com a imagem que se deseja transmitir: essa pode ocorrer mediante alguns outros fatores, como, por exemplo, se o falante está falando para uma plateia, se está interagindo face a face ou não, se quer chamar a atenção ou provocar algum tipo de emoção no interlocutor; enfim, a mudança na forma de falar abrange muitas outras questões: como o tipo de interação, o lugar onde essa ocorre e a quantidade de pessoas envolvidas (ERVIN-TRIPP, 2005, p. 48-49).

Mas, por que existem as variações de registro em uma comunidade? Labov (2005, p. 86) defende a ideia de que as alternâncias de registro ocorrem devido ao fato de existirem avaliações que “medem” o prestígio de determinadas variantes e variedades na língua. Para o autor, o modo como a sociedade é estratificada influencia na fala de seus falantes e no modo como estes falam. O falante procura fazer uso de variantes mais prestigiadas quando está em uma situação de maior formalidade, o que Labov (2005, p. 93) denominou de “careful speech”. Para o autor, existem dois tipos de discursos: o *careful* e o *casual*, ou seja, o cuidado e o casual. O registro casual<sup>4</sup> compreende os falares do cotidiano, aqueles em que os falantes não se sentem pressionados a empregar formas padrão, são situações linguísticas em que o falante não precisa prestar atenção ao modo como fala. Nessas situações, temos a emergência do vernáculo, da verdadeira fala do falante. Já as situações em que o falante tem que prestar atenção ao modo como fala, quais variantes emprega e quais não, são consideradas como parte do registro cuidado.

Entretanto, Baugh (2005, p. 115) refuta a ideia laboviana de existência de apenas dois tipos de registro. O autor propõe que cada situação seja analisada de forma única, ou seja, não

---

<sup>4</sup>Cabe ressaltar que na obra pesquisada, Labov (2005, p. 93) emprega a palavra “estilo”. Entretanto, conforme justificado, utilizaremos “registro”.

é porque determinada situação não se encaixa no registro casual que ela será classificada como cuidada. Apesar das considerações de Baugh (2005), cabe ressaltar que Labov não tinha preocupação em definir registro, mas em averiguar como este influenciava o falar das pessoas. Nosso trabalho também não tem por objetivo definir registro ou tipos de, portanto, adotaremos o referencial teórico de Labov (2005).

Em relação à fala casual e ao vernáculo, Eckert (2005, p. 122) traz importantes considerações no que diz respeito ao fato do vernáculo emergir em relação à atenção que é dada à fala. Para a autora, apenas atenção não é fator preponderante para que o vernáculo possa emergir. É preciso ficar atento para o valor social das variantes, pois se deve levar em consideração se determinadas variantes trazem algum indício de estereotipação ou não dentro de uma comunidade linguística. Traugott (2005, p. 130) afirma que algumas variáveis possuem mais valor que outras, socialmente. Como consequência disso, o registro está intrinsecamente relacionado com as funções linguísticas (interpessoal, textual, pessoal) e estas, por sua vez, estão relacionadas com os propósitos e intenções dos falantes que as empregam.

Cabe ressaltar que mudanças no modo de falar abarcam não só a variação do falante, mas também a do grupo em que este está inserido, pois a língua é, antes de tudo, social. Por isso, quando o falante alterna seu modo de falar está, de certa forma, ecoando os mais diversos falares e formas de avaliações que existem em uma comunidade linguística (BELL, 2005, p. 145).

É comum dentro de uma comunidade existirem formas de avaliação em relação aos modos de falar e às variantes empregadas e, geralmente, um grupo atribui valor não apenas a suas variantes como também às variantes empregadas por outros grupos. Por isso, dizemos que, embora o registro seja individual, carrega também marcas do grupo: pois quando o falante escolhe empregar determinada variante ou decide falar de uma determinada maneira, está tomando essa decisão no âmbito individual, mas, tal decisão inclui também os valores sociais e avaliativos que um determinado grupo possui sobre uma determinada variável – afirmação que vai ao encontro das ideias labovianas. Bell (2005, p. 164) também afirma que os contextos de comunicação são criados pela linguagem, pois os falantes refletem, ao falar, suas experiências passadas, as formas como se relacionam: não somos “tábuas rasas” em se tratando de comunicação.

Como foi citado anteriormente, os fatores externos da língua atuam de forma conjunta, ou seja, estão, de certa forma, interligados. A variação linguística, como lembra Monteagudo (2011, p. 16) está presente em toda língua, é uma característica intrínseca, como um processo/

mecanismo natural das línguas, que permite aos falantes se identificarem (ou não), por intermédio da transmissão de valores culturais, sociais e pelas informações que veiculam na/ pela língua e, conseqüentemente, na/ pela variação linguística (MONTEAGUDO, 2011, p. 16).

Bortoni- Ricardo (2014, p. 26-27) exemplifica o fato de que a variação linguística é uma marca de identidade (social, étnica, política), citando uma passagem bíblica em que os homens de Gileade, ao conquistarem as terras do povo de Efraim, perguntavam aos fugitivos se eles eram efrateus. Quando os fugitivos negavam ser efrateus, os gileaditas pediam que pronunciassem a palavra “sibolet” (espiga). Quando o fugitivo não conseguia pronunciar o primeiro segmento consonântico como palatal, eram degolados, porque estavam mentindo, pois os efrateus não costumavam pronunciar a palatal, ao invés dela, pronunciavam a alveolar. Esse é um exemplo de como as variedades da língua podem ser marcas de identificação social.

Embora as variedades linguísticas apresentem valores de prestígio ou não dentro de uma comunidade, essa valoração não está associada à variedade em si, mas ao prestígio que o falante dessa variedade goza na sociedade: se o falante tiver alto prestígio social, as variedades por ele empregadas terão também (MILROY, 2011, p. 53). Mais uma vez, afirmamos que é impossível separar língua e sociedade, pois a “(...) língua em uso já é necessariamente um fenômeno social” (MILROY, 2011, p. 74). E isso se estende também para as variedades da língua. A ciência que estuda a variação é chamada de Sociolinguística.

Como já mencionamos antes, a Sociolinguística, como disciplina, surgiu no século XX. Entretanto, o grande marco para os estudos da Sociolinguística foram aqueles liderados por Labov, na década de 60 como, por exemplo, a pesquisa realizada em Martha’sVineyard. Atualmente, a Sociolinguística se preocupa não só com estudos de variação e mudança, como também com as relações entre língua e poder e a linguagem como forma de expressão da cultura (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13). Dentre os estudos da variação linguística podemos destacar duas perspectivas de pesquisa: a variacionista e a interacional. A primeira se destaca pelos estudos das estruturas sociolinguísticas mediante o comportamento dos falantes, centralizando as pesquisas no âmbito da língua, comunidade linguística e variedade. A segunda compreende estudos voltados para contexto de atuação, buscando enfatizar o discurso, texto e variantes (MONTEAGUDO, 2011, p. 18). Este estudo encontra-se no âmbito da sociolinguística variacionista.

## **1.2 A situação linguística no Brasil**

Assim como Bagno (2014), Haugen (2001) afirma que definir se determinado falar é ou não uma língua e a própria definição do termo “língua” são questões que estão mais pautadas em critérios relacionados às questões políticas, nacionais, religiosas, culturais, sociais do que em aspectos linguísticos. Como exemplo dessa afirmação, podemos citar as línguas Hindu e Urdu. Essas línguas faladas respectivamente na Índia e no Paquistão possuem poucas distinções estruturais (levando-se em conta apenas a estrutura linguística, poderíamos considerá-las como uma única língua), mas as diferenças religiosas fazem com que sejam línguas distintas (BAGNO, 2014, p. 36). Por outro lado, vários falares distintos – incompreensíveis entre si – podem ser denominados como uma única língua, como é o caso dos diversos falares que são chamados de língua “árabe”. Portanto, os fatores que delimitam uma língua não são somente os estruturais ou linguísticos: são também os políticos, religiosos, sociais e culturais.

No Brasil existe ainda, infelizmente, o mito do monolinguismo. Acredita-se – erroneamente – que a única língua falada no país é o português. Há, portanto, um “esquecimento” de que aqui existem cerca de 200 idiomas, sendo 180 línguas indígenas (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 33). Segundo Lucchesi (2015, p. 80), “o Brasil é hoje um dos países de maior heterogeneidade linguística no planeta (...)”. Ainda de acordo com Lucchesi (2015, p. 80-81), a realidade linguística brasileira apresenta, ao mesmo tempo, uma grande heterogeneidade e uma ampla homogeneidade. Essa situação, aparentemente paradoxal, caracteriza-se por um multilinguismo localizado, porque o país apresenta uma grande homogeneidade linguística, no sentido de que a maioria dos falantes fala o português, mas, ao mesmo tempo, encontramos uma grande heterogeneidade presente na própria estrutura interna da língua portuguesa (diferentes falares) além da existência de línguas distintas (indígenas e línguas de imigração, sendo estas faladas por apenas 1% da população).

No que se refere à heterogeneidade marcada pela existência de diversas línguas, pode-se dizer que as 180 línguas indígenas faladas no Brasil, atualmente, representam uma parcela pequena de línguas, se comparamos com a situação linguística existente no Brasil, antes da chegada dos portugueses. Segundo Rodrigues (1994, p. 19), “é provável que na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há quase quinhentos anos, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje”. Esse índice pode variar de pesquisador para pesquisador, pois alguns estudiosos acreditam na existência de mais de mil línguas. O cálculo sobre a quantidade de línguas indígenas relatadas por Rodrigues (2005, p. 1) foi feito mediante estudos anteriores, realizados por Fernão Cardim. Mas, desde a época da colonização, a inexatidão em relação ao número de línguas indígenas existentes é oriunda da

falta de recenseamentos nas regiões indígenas e da dificuldade que existe quando contamos uma língua, uma vez que, a definição de língua não abrange apenas os aspectos linguísticos (RODRIGUES, 1994, p. 18-19). Como causas para o desaparecimento dessas línguas, o autor cita a escravização indígena, as doenças e a morte dos falantes. Esse glotocídio, termo empregado por Lucchesi (2015, p. 82) para se referir ao extermínio de línguas, é um reflexo do genocídio praticado contra esses povos.

A imposição da língua portuguesa sobre as demais línguas aqui existentes foi fruto da repressão política e cultural, numa tentativa de implantar uma ideologia de progresso na nascente civilização brasileira. Embora autores como Rodrigues (1994) e Lucchesi (2015) afirmem a existência de aproximadamente 180 línguas no Brasil, existe ainda uma grande inexatidão em relação a esses números, principalmente no que diz respeito às línguas indígenas. Essa imprecisão pode ser decorrente da relatividade existente entre os termos língua e dialeto. A ambiguidade presente nesses termos pode ter origem na Grécia, segundo Haugen (2001, p. 97). Para os gregos, a língua grega era um conjunto de dialetos distintos escritos. Entretanto, durante o período helenístico, apenas os dialetos central e administrativo passaram a ser considerados como “língua grega” e os demais dialetos foram marginalizados. Como consequência disso, ainda vivenciamos uma diferenciação entre língua e dialeto, sendo este considerado como “subordinado” àquela. Como afirma Haugen (2001, p. 100) “todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto”, pois quando pensamos em “língua” não, necessariamente, fazemos referência aos dialetos que a compõem, mas quando pensamos em dialeto torna-se impossível não compreendermos que este faz parte de uma língua, ou seja, está subordinado a ela.

Para refletirmos sobre a distinção entre língua e dialeto é preciso considerar duas dimensões: a estrutural e a funcional (HAUGEN, 2001, p. 103). A perspectiva estrutural considera a relação de parentesco entre as línguas, ou seja, a genética. Quando afirmamos, por exemplo, que uma língua X tem três dialetos, estamos sustentando a ideia de que esses três falares se desenvolveram de uma mesma “base”, possuem um ancestral comum e são compreensíveis entre si.

Já no aspecto funcional, considera-se a língua e sua função social. Haugen (2001, p. 102) afirma que, desde o Renascimento, a língua estava associada ao intuito de unidade e identidade de uma nação. É, portanto, impossível dissociar língua do processo de estabilização de uma nação, pois “(...) toda nação que se dá ao respeito tem de ter uma língua. Não apenas um meio de comunicação, um ‘vernáculo’ ou ‘dialeto’, mas uma língua plenamente desenvolvida (...)” (HAUGEN, 2001, p. 105).



Partindo da percepção funcionalista, a língua funciona como uma espécie de norma superposta, dotada de prestígio, símbolo da lealdade nacional e da coesão interna, que, embora possua vários sotaques, jargões e uma ampla variação, ainda mantém uma unidade (HAUGEN, 2001, p. 112). Quando afirmamos que a língua é uma forma de representação do nacionalismo, consideramos que os movimentos nacionalistas buscam a coesão de um grupo, e a determinação de uma língua pode funcionar como um elemento de coesão interna (PAULSTON, 2006, p. 403).

Já o dialeto, portanto, seria voltado para a unidade local, com um uso limitado e estaria “dentro” da língua; ou seja, mediante a concepção grega que trazemos incutida em nossa memória social, a língua seria superior ao dialeto. De acordo com Trask (2008, p. 80), algumas pessoas que carecem de conhecimento linguístico associam “dialeto” às variedades regionais que possuem baixo ou pouco prestígio social/ linguístico. Para evitar essa associação errônea, neste estudo, optamos por empregar o termo “falar” ao invés de “dialetos locais”. Sendo assim, consideramos que o Brasil possui uma grande variedade de línguas e de falares, como, por exemplo, o falar gaúcho, o mineiro e o “caipira”. Não empregaremos, portanto, o termo “dialeto” para o modo de falar caracterizado como “caipira”, pois consideramos que linguística e socialmente nenhum falar é superior a outro. Por “falares” compreendemos os subsistemas existentes na língua (ARAGÃO, 1983, p. 17-18).

Fora dos meios acadêmicos, a associação entre o termo “dialeto” com formas de falar erradas, feias, pobres torna irrefutável que a delimitação desses conceitos seja muito mais política do que linguística. Chambers & Trudgill (1998, p. 7) consideram que, em muitos casos, o que define ou não um dialeto não são os fatores linguísticos nem os geográficos, mas os políticos, sociais e culturais. Saber qual língua se tornará a língua da nação ou qual variedade será o símbolo de uma nação é uma questão unicamente política, pois para a Linguística não existe uma língua melhor que a outra e nem uma variedade melhor ou mais bonita. Como lembra Bagno (2011, p. 366) a língua ou variedade escolhida como oficial ou prestigiada será aquela falada na região onde o poder está situado. Após escolher a língua ou variedade que será o símbolo da nação, essa passa por um processo de padronização, para que possa servir para a veiculação da literatura, ciência, religião, dentre outros (HAUGEN, 2001, p. 109).

A escolha da língua ou da variedade que será a língua oficial da nação nem sempre é fácil, pois tal escolha é pautada muito mais por questões políticas do que linguísticas. Como exemplo disso, podemos citar como ocorreu a escolha das línguas faladas na Tanzânia e no Quênia. Embora vizinhos, o processo de escolha da língua oficial foi distinto: a Tanzânia

optou pelo suaíle – língua indígena – como língua oficial em detrimento da língua do colonizador e o Quênia optou pelo inglês, a língua do colonizador (PAULSTON, 2006, p. 398-399).

Portanto, a falta de distinção precisa entre língua e dialeto torna inexato o cálculo sobre quantas línguas ou quantos dialetos possam existir no Brasil e, com certeza, no mundo todo. Somado a isso, a avaliação negativa que usualmente está associada ao termo ‘dialeto’ justifica nossa decisão de denominar o nosso objeto de estudo de ‘falar’.

### **1.3 O padrão linguístico brasileiro**

A padronização não é um fenômeno que ocorre em todas as línguas. Existem línguas em que não existe uma norma padrão (MILROY, 2011, p. 64). Mas, na língua portuguesa falada no Brasil, esse fenômeno acontece.

Quando o padrão é estabelecido, conseqüentemente, ocorre a desvalorização de outras formas, ou seja, o vernáculo passa a ser excluído, desvalorizado. Isso ocorre devido à influência da cultura europeia (e, conseqüentemente, da cultura brasileira) que associava o padrão a um código de normas, como se o padrão fosse “a língua” (MONTEAGUDO, 2011, p. 43). A padronização tem como preocupação atingir, ao contrário do que muitos pensam, não a manutenção do acervo literário, mas *status* políticos, econômicos e sociais, pois as línguas que possuem uma norma padrão atingem um valor superior em comparação com as que não a possuem (MILROY, 2011, p. 56).

Para compreender o estabelecimento do padrão linguístico no Brasil, faz-se necessário, primeiramente, a compreensão da função da norma-padrão. Ora, qual a função que o padrão exerce em uma comunidade linguística? Para Monteagudo (2011, p. 45), a consolidação da norma-padrão possui como intento autorregulamentar (pelo menos na escrita) uma coesão entre as diferentes variedades, impondo certa “estabilidade” capaz de reter e desacelerar possíveis mudanças na língua. A norma-padrão está envolta por julgamentos de valor que ocasionam um sentimento de desdém pela heterogeneidade (MILROY, 2011, p. 52). Em muitos casos, como ocorre no Brasil, quando se estabelece o padrão, nem sempre se escolhe algum dialeto, mas sim o falar da classe dominante economicamente. Com isso, criam-se vários padrões ideais, pois, na zona rural, se aceita como padrão ideal a língua falada na cidade pequena; para a cidade pequena o padrão ideal é a língua falada na cidade maior e assim por diante (RODRIGUES, 2004, p. 18).

Devido ao fato da nossa sociedade ser muito estratificada e diversificada, temos,

consequentemente, a ocorrência de várias normas linguísticas. Essas normas não são resultantes apenas de fatores linguísticos, mas de um conglomerado de valores culturais, sociais, políticos e econômicos (FARACO, 2004, p. 39).

Embora a norma-padrão tenha por objetivo alcançar um efeito “uniformizador” e exerça influência sobre as demais normas, seria inócuo não pensar que esta sofre influências de outras normas também: das normas denominadas “não padrão” (FARACO, 2004, p. 42). No Brasil, a norma-padrão foi construída de forma artificial e embora tenhamos uma aproximação da norma-padrão com a culta, aquela não se originou dessa. Cabe, portanto, compreendermos que norma-padrão não é norma-culta.

A norma-culta diz respeito aos falares das pessoas socialmente mais favorecidas e a norma-padrão seria uma construção de uma língua descontextualizada, uma norma prescritiva do bom uso da língua (BAGNO, 2001, p. 10). Faraco (2015, p. 29) explica que, devido à heterogeneidade em que vivemos, a norma culta também é heterogênea, existindo, assim, não apenas uma norma culta, mas várias. Infelizmente, a confusão existente entre norma-padrão e culta pode ocasionar um purismo linguístico, veiculado principalmente pelas gramáticas e pelas escolas.

Como consequência disso, o padrão passa a adquirir um poder simbólico capaz de aferir os erros, contribuindo para a propagação do senso comum, que tem, na escola, a referência de um lugar onde se aprende língua (só se aprende língua na escola!) e o desenvolvimento da visão apocalíptica de que precisamos proteger a língua para ela não acabar e para que essa sempre possa se enriquecer (MILROY, 2011, p. 60-61).

#### **1.4 O preconceito linguístico**

A busca por uma padronização da língua e o estabelecimento de um padrão a ser seguido podem fomentar crenças errôneas sobre a língua e sobre a heterogeneidade linguística. Essas crenças podem compreender afirmações como: “a língua correta é aquela ensinada na escola” ou “tal modo de falar é certo e o outro é errado”. É inegável, ao observarmos os comportamentos linguísticos dos falantes, que as avaliações que os falantes realizam, sejam elas conscientes ou não, podem atribuir valores de poder, de aceitação ou rejeição das formas linguísticas, o que pode suscitar o preconceito linguístico (BISINOTO, 2007, p. 24).

Segundo Bisinoto (2007, p. 23) antes de considerarmos as atitudes dos falantes em relação às variantes e variedades, devemos considerar os aspectos socioculturais e políticos

responsáveis pelo desencadeamento de determinadas atitudes linguísticas. É preciso compreender que vivemos em uma sociedade em que existe um “endeusamento” da norma padrão e que esta é um meio de ascensão social. Por isso, há uma grande valorização dessa norma em relação às demais.

Quando consideramos que a língua que falamos apresenta uma grande unidade ou quando a escola colabora para a difusão da ideia de que nós, brasileiros, não sabemos português ou que a norma culta é sinônimo de ascensão social, estamos, de certa forma, contribuindo para a disseminação de atitudes preconceituosas. Para Scherre (2008, p. 15-16), quando o assunto é linguagem, as pessoas são muito categóricas ao afirmar que tal jeito de falar é certo ou é errado acaba estigmatizando as formas linguísticas não-padrão e os falantes que as empregam. Como consequência disso, criam-se conceitos de beleza, de acerto e erro, veiculam-se ideias de línguas como sendo mais complexas que outras, enfim, atribuem-se valores sociais, políticos e econômicos para as formas linguísticas.

Para Scherre (2008, p. 42), quando atribuímos a uma forma linguística um significado indesejável, ou seja, quando consideramos um determinado modo de falar como “feio”, ou “errado”, não estamos levando em consideração os aspectos linguísticos, mas sim o *status* social e o prestígio daqueles que usam essas formas. Portanto, segundo a autora, o preconceito não está relacionado com a língua em si, mas com o falante. Geralmente, as formas linguísticas não dotadas de prestígio são proferidas por falantes com menor prestígio social, oriundos de classes sociais menos favorecidas. Por isso, podemos dizer que a raiz do preconceito linguístico não está na forma ou na estrutura linguística de uma determinada variante, mas sim, nas questões sociais, políticas, culturais, ideológicas e econômicas que envolvem seus falantes.

De acordo com Pereira (2002, p. 77), a noção de preconceito se refere a uma atitude negativa em relação a um grupo ou a um indivíduo. Geralmente, o preconceito está associado a uma generalização errônea sobre alguém ou sobre um determinado grupo. Infelizmente, cria-se um consenso entre os membros de um grupo social de que existem grupos melhores que outros. Esse consenso, segundo o autor, pode ser ocasionado devido às lutas de poder que existem entre os grupos sociais ou pelo medo e /ou ansiedade em se relacionar com aquele que é “diferente”. São, assim, muitos os fatores que contribuem para disseminar e, conseqüentemente, aumentar o preconceito. Dentre esses fatores, Pereira (2002, p. 80) destaca: os sociais, os afetivos e os cognitivos. Dentre os sociais estão as lutas pelo poder, a questão da identidade, de sentir-se pertencente a um grupo. Já os emocionais correspondem aos sentimentos de autoridade, de frustração e os cognitivos abarcam as categorizações que

estão por trás do preconceito. Pereira (2002, p. 82) afirma que, além desses fatores, os grupos com maior *status* social, ou seja, mais prestigiados, tendem a adotar altos padrões de discriminação, devido à influência que exercem na sociedade.

Muitas vezes, o preconceito está relacionado com atitudes discriminatórias. As atitudes discriminatórias refletem comportamentos de preferência em relação ao seu grupo social e rejeição em relação ao outro (PEREIRA, 2002, p. 78) e, geralmente, estão imbuídas por preconceito. Entretanto, nem sempre o preconceito se revela por atitudes discriminatórias, pois, atualmente, existem leis que proíbem, por exemplo, a manifestação de atitudes preconceituosas em relação aos afrodescendentes e aos homossexuais. Apesar disso, essas leis, infelizmente, não têm poder para fazer desaparecer o preconceito que existe “camuflado” nas pessoas.

Quando se trata de preconceito linguístico a situação é ainda pior, pois não existe uma lei que proíba atitudes discriminatórias em relação ao modo de falar de um grupo. Ao contrário: o que vemos, com o avanço da Internet e da cultura de massa, é a propagação de estereótipos sociais, oriundos de preconceito em relação ao falar e ao próprio falante. Os estereótipos veiculados são formas de se atribuir a um grupo, culturalmente, uma característica negativa. Na maioria das vezes, o estereótipo é transmitido de geração para geração, através de anedotas, provérbios, que veiculam uma imagem enganosa do grupo estereotipado (PEREIRA, 2002, p. 10-11).

De acordo com Pereira (2002, p. 43), a origem da palavra “estereótipo” está relacionada à repetição mecânica, ou seja, ao estabelecimento de um traço rígido. Historicamente, a psiquiatria empregava o termo “estereotipia” para designar pacientes que sofriam de demência e repetiam inúmeras vezes o mesmo gesto. Entretanto, a palavra “estereótipo” com a acepção que é empregada atualmente surgiu nas tipografias, que tinham a possibilidade de repetir a mesma impressão milhares de vezes: por analogia, começa a ser empregada então, a palavra “estereótipo” para as imagens repetidas milhares de vezes, transmitidas de geração em geração (PEREIRA, 2002, p. 43).

É inegável o fato de que o termo “estereótipo” passou por várias definições (que se assemelham) na literatura. Em uma dessas definições, por volta da década de 1930, o termo “estereótipo” correspondia à imagem – ou fotografia – que as pessoas guardavam em suas memórias sobre o “outro”. O estereótipo era, portanto, uma crença sobre os atributos considerados típicos de um determinado grupo. Esses atributos podiam ser muito compartilhados ou não, exagerados ou não, generalizados ou não (PEREIRA, 2002, p. 45).

Já na década de 1980, a definição de estereótipo correspondia às crenças que uma

pessoa tinha sobre outra ou sobre um grupo. Atualmente, os estudiosos da psicologia social definem estereótipo como crenças (partilhadas socialmente) em relação às pessoas ou grupos, destacando seus atributos físicos e o modo como se comportam (PEREIRA, 2002, p. 46).

Partindo desse conceito moderno sobre estereótipo, não podemos deixar de relacionar estereótipo com generalização, ou seja, quando sobressalta uma característica presente de um grupo: como se todos os indivíduos fossem ou se portassem daquela maneira. Essa generalização acaba distinguindo um grupo do outro.

Quando essa distinção entre grupos sociais ocorre, há, conseqüentemente, uma tendência à valorização do *ingroup*, ou seja, do próprio grupo. Valoriza-se, portanto, as características do grupo do qual o sujeito faz parte e estigmatiza-se o “outro”, o “diferente”. Muitas vezes, para evitar os estereótipos, muitas pessoas e/ou grupos sociais acabam alterando o modo como se comportam ou falam com a finalidade de não sofrerem preconceito. Em outros casos, inconscientemente, muitas pessoas “alvos” de estereótipos, podem desenvolver ainda mais as características ressaltadas no processo de estereotipação, pois a autoestima do grupo vitimizado e até mesmo do próprio indivíduo, alvo de estereotipação, pode ficar baixa (PEREIRA, 2002, p. 56).

Para Pereira (2002, p. 50), é irrefutável a ideia de que a criação de estereótipos fomenta a disseminação do preconceito na sociedade, pois para o estabelecimento de um estereótipo são necessários alguns fatores como: consenso, homogeneidade, distintividade, aspectos descritivos e avaliativos. Segundo o autor, o consenso diz respeito ao fato do estabelecimento dos estereótipos ocorrer no âmbito grupal, ou seja, estes são compartilhados socialmente. Além do consenso, há também o estabelecimento de um traço homogeneizado, ou seja, as ações ou comportamentos estereotipados correspondem ao estabelecimento de traços considerados uniformes pelo grupo, como por exemplo, quando o “caipira” é retratado na mídia de forma estereotipada, geralmente, as personagens estão vestidas de xadrez, usando chapéu de palha, dotados de pouca escolaridade (PICINATO, 2013, p. 46). Desta forma, se escolhe um traço, como por exemplo, a vestimenta, e atribui-se o traço escolhido a todos os membros do grupo, como se todos os “caipiras” usassem xadrez e chapéu de palha. A esse fenômeno, Pereira (2002, p. 51) atribui o nome de “homogeneização”.

Dentre os fatores descritivos e avaliativos que compõem o estereótipo, Pereira (2002, p. 51) ressalta que existe uma tendência em analisar o estereótipo apenas sob o viés daquele que pratica a estereotipação. Sendo assim, a perspectiva da vítima nunca é considerada. Quando empregamos a terminologia *vítima*, o fazemos baseados nos preceitos de que a implementação e a difusão de um estereótipo sempre buscará ressaltar as características

negativas de um grupo ou de um indivíduo, como se esse processo fosse uma busca por estabelecer relações de poder: de um lado temos os poderosos e do outro os menos favorecidos. Ao estabelecer o estereótipo, o grupo mais favorecido ressalta apenas o que de ruim existe no menos favorecido, para deixar claro que não faz parte desse grupo e afirmar assim, sua identidade.

Na Figura 1 apresentamos uma piada sobre o “caipira” extraída da Internet que retrata o estereótipo existente em relação a esse grupo social. A começar pela ilustração, o “caipira” é retratado com roupa xadrez, chapéu de palha e masca um capim. Podemos, portanto, identificar uma alusão à figura da personagem Jeca Tatu, criação de Monteiro Lobato; ou seja, o “caipira” da piada é uma pessoa que se veste de forma simples, sem preocupações com tendências de moda, relacionado ao ambiente rural e que se comporta de forma humilde. Pelo contexto, percebemos que o “caipira” não vai com frequência à rodoviária, pois não tem trato social e nem conhecimento para comprar uma passagem de ônibus para a esposa. Essa piada transmite uma imagem estereotipada do “caipira”, como se todos os “caipiras” usassem xadrez, não soubessem se comportar socialmente e possuíssem pouco conhecimento. A linguagem “caipira” empregada na piada também é um traço desse estereótipo e, nesse caso, colabora para o efeito de humor que a piada pretende surtir nos ouvintes. Os usos de palavras como “vorta” e “pro cê” “marcam” ainda mais a figura do “caipira” como sinônimo de pessoa simples, humilde, sem trato social.

**Figura 1- O “caipira” na rodoviária**



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.piadascurtas.com.br/caipira-na-rodoviaria>>. Acesso em: 02. mar .2016.

O modo de falar de um grupo, juntamente com algumas outras características, como as observadas na figura 1, são fatores constituintes dos estereótipos e podem ajudar a reforçar o

preconceito que existe em relação ao grupo ou ao indivíduo. Isso pode ocorrer, segundo Pereira (2002, p. 36) porque existe uma necessidade de valorizarmos aquilo que é nosso ou do grupo do qual fazemos parte e desvalorizarmos o “outro”. É como se para que nosso grupo fosse valorizado, devêssemos desvalorizar o outro grupo ou o outro indivíduo.

Esse processo de valorização X não valorização pode ocorrer em vários âmbitos, inclusive no linguístico. Muitos falares, portanto, acabam sendo discriminados e considerados “feios”, “errados”, “motivos de piada”. É triste observarmos que por trás de tanto preconceito linguístico e propagação de estereótipos existem tantos outros preconceitos “camuflados”, como o social, o econômico e o cultural. O preconceito existente em relação aos nordestinos e ao “caipira”, por exemplo, “escondem” outros preconceitos, que como toda forma de segregação e discriminação, devem ser combatidos.



## **2. ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Como apresentado na Introdução, o presente estudo tem por objetivos analisar e descrever a fala dos salenses e reconhecer se os aspectos “caipiras” elencados por Amaral (1976), na obra considerada como um marco para os estudos dialetais intitulada “O dialeto caipira”, podem ou não ser encontrados na fala dos entrevistados. Além disso, buscamos contrastar as falas em diferentes faixas etárias com o intuito de verificar se houve mudança no uso e na avaliação das variantes.

Para que os objetivos propostos pudessem ser realizados, dividimos essa pesquisa em duas partes. A primeira compreende levantamento bibliográfico sobre a cidade de Sales Oliveira-SP, além de uma pesquisa realizada em acervos do museu da cidade e gravação de dois professores de História e dois falantes com mais de 60 anos, para que pudessemos conhecer um pouco mais sobre a história da cidade, visto a escassez de material impresso: encontramos apenas cinco obras - uma de Campanhole (1991) e quatro de Klemp (2003, 2009, 2005 e 2007). Devido ao fato de propormos um estudo Sociolinguístico, considera-se a relação língua e sociedade, assim como o conhecimento histórico da comunidade a ser estudada, partes constitutivas e indissociáveis nesse estudo. Ao propormos uma pesquisa com dois moradores com mais de 60 anos e dois professores de História, objetivamos conhecer os aspectos históricos e culturais da comunidade salense para que fosse feito um estudo mais aprofundado da linguagem e, assim, identificarmos quais variantes, presentes na fala dos salenses podem estar passando por mudanças.

Além da entrevista com os professores e com dois moradores, realizamos uma pesquisa de campo ampla, com trinta falantes salenses que tiveram suas falas gravadas com o intuito de analisarmos as variantes por eles empregadas. O detalhamento desse processo, assim como quais variantes foram analisadas e o motivo de as escolhermos, encontram-se nas subseções 2.1 e 2.2 desta seção.

### **2.1 Em busca da história de Sales Oliveira –SP**

Como relatado anteriormente, a escassez de obras impressas sobre a história de Sales Oliveira-SP poderia prejudicar na recuperação da história da cidade. Com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre os costumes, o modo como as pessoas agiam, o que pensavam, sobre as quermesses e festas realizadas, os bailes nas fazendas para que, assim, pudessemos compreender as mudanças sociais, econômicas e culturais pelas quais a sociedade salense tem

passado, decidimos gravar duas pessoas com mais de sessenta anos, nascidas e criadas em Sales Oliveira, que tivessem tido contato com a zona rural, ou seja, passado a infância na zona rural e depois se mudado para a cidade. As pessoas gravadas não têm seus nomes identificados por uma questão de ética e privacidade. Uma delas, agora com 68 anos, nasceu na zona rural e se mudou para a cidade com 7 anos. A outra, com ensino médio completo, com 64 anos, morou até os 7 na zona rural, ou seja, as duas ficaram na zona rural até os 7 anos. A opção por escolher pessoas com mais de 60 anos justifica-se pelo fato de conseguirmos analisar/ compreender as mudanças ocorridas na cidade. Os participantes entrevistados são casados há mais de 40 anos, por isso, os relatos não são independentes.

A opção em gravar um homem e uma mulher ocorreu para que a maior quantidade de aspectos sobre a cidade fosse abrangida, pois era interessante conseguirmos dados que estivessem relacionados tanto ao universo feminino quanto ao masculino.

As gravações ocorreram nas casas dos participantes, após a autorização do Comitê de Ética. Os participantes foram informados do objetivo da gravação – coletar dados sobre o estilo de vida dos salenses e a história do município. Após a explicitação dos objetivos e a garantia de terem seus nomes preservados, foram realizadas as gravações das falas. As gravações ocorreram em forma de entrevista, mas devido ao fato dos participantes possuírem uma ligação direta com a pesquisadora, acabou fluindo para um bate-papo. A princípio, a pesquisadora tinha uma lista com perguntas a serem seguidas, mas, no decorrer das entrevistas, outras perguntas surgiram, pois, como foi dito anteriormente, durante um bate-papo, tópicos inesperados podem surgir e isso permite uma maior e melhor compreensão da vida salense de antigamente. Tal situação colaborou para a riqueza de detalhes, pois quando um participante comentava sobre algo, o outro complementava as ideias, tornando, assim, a descrição dos eventos mais rica. Previamente, as questões elaboradas foram:

- Como era a cidade de Sales Oliveira antigamente?
- Como era a vida dos salenses antigamente?
- O que as pessoas faziam para se divertir?
- Como era o comércio na cidade?

A primeira questão tinha como objetivo compreender a cidade em relação ao aspecto físico: como eram as construções; se havia muitas ou poucas casas; se as ruas eram ou não asfaltadas, dentre outras características. A segunda questão foi elaborada com o objetivo de compreendermos as relações sociais dos salenses: como as famílias eram estruturadas; se viviam em um regime patriarcal; como o trabalho era dividido; se as pessoas podiam se casar

com quem queriam; como eram estabelecidas as relações de poder na sociedade. A terceira questão diz respeito à vida cultural dos salenses: se iam ao cinema; se existia cinema naquela época; como eram os bailes das colônias. Já a última questão procurava abordar as relações comerciais: quais os tipos de comércio existentes, quais os hábitos alimentares da população, como funcionava o pagamento das mercadorias, se existia ou não a política de “troca” de mercadorias.

Como já citado acima, as questões inicialmente propostas levantaram outros temas, como por exemplo, moradia, festas existentes, meios de transporte, educação escolar, dentre outros que foram analisados e descritos nesta pesquisa. Após gravação dos dados, as falas foram transcritas pela pesquisadora. Durante a transcrição, optamos por utilizar o modelo proposto por Lucchesi, durante as transcrições realizadas no “Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia”<sup>5</sup>. Cabe ressaltar que fizemos algumas modificações no modelo de transcrição com o intuito de viabilizar nosso trabalho<sup>6</sup>. A gravação foi realizada ao mesmo tempo com os dois participantes, como se fosse, de fato, uma conversa, em que uma pessoa fala algo, a outra complementa. A duração dessa gravação foi de 55 minutos e 16 segundos.

Além dos moradores, gravamos também duas professoras de história para que pudessem explicar sobre os aspectos históricos que envolvem a formação da cidade. Uma das professoras gravadas, denominada nesse estudo como X, tem 23 anos, é nascida e mora em Sales Oliveira. Formou-se em História – Licenciatura e Bacharelado– e atualmente, além de lecionar, também trabalha no comércio. A outra participante (Y) tem 24 anos e assim como sua colega de profissão, nasceu e mora em Sales Oliveira. Y também é graduada e licenciada em História e leciona em vários colégios.

A gravação também foi realizada em forma de entrevista, mas as participantes foram gravadas individualmente e as questões foram elaboradas previamente pela pesquisadora. As questões foram concentradas na forma de uma única pergunta: “Você poderia nos explicar sobre a formação da cidade de Sales Oliveira- origem da cidade, do nome e quem foi o fundador?”. O objetivo fica explícito: compreender o processo de formação da cidade. A entrevista da professora X durou 11 minutos e 45 segundos e a da professora Y durou 24 minutos e 54 segundos. As professoras foram entrevistadas na casa da pesquisadora, por

---

<sup>5</sup> Os dados não foram transcritos foneticamente. As palavras foram escritas da forma como foram pronunciadas pelos entrevistados como, por exemplo, se o participante falasse “abeia” (abelha). Dentre as características da transcrição realizada, destacamos o uso de colchetes e da palavra “intel” para as partes que não puderam ser compreendidas, o uso de reticências para marcar pausas, a marcação de situações como riso ou choro, dentre outras.

<sup>6</sup> As mudanças realizadas compreendem descrever foneticamente as palavras em que o “r” aparecia em posição de coda (exemplo: carta, mar) e em infinitivo verbal. Esse processo foi útil no momento de quantificação e análise dos dados.

opção delas mesmas.

## 2.2 Pesquisa de campo com os salenses: objetivos linguísticos e percepção identitária

Considerada como marco nos estudos dialetais do Brasil, especificamente do dialeto “caipira”, o livro “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral traz uma descrição dos diversos aspectos do falar “caipira”, como traços fonético/ fonológicos, vocabulário, estrutura pronominal, dentre outros. Na obra, Amaral (1976) comenta que o falar “caipira” abrangia as localidades de Capivari, Piracicaba, Itu, Sorocaba e São Carlos. Atualmente, estudos como o de Castro (2012) afirmam que o “r” como retroflexo – uma das principais “marcas” do falar “caipira” – está presente não só nas cidades interioranas paulistas; também pode-se encontrar essa variante em Minas Gerais, Mato Grosso, Tocantins, Paraná, além de apresentar uma discreta ocorrência em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Sergipe e Bahia. Estudos realizados no mestrado (PICINATO, 2013) demonstraram que nas cidades de Sales Oliveira-SP e Orlandia-SP, há uma forte ocorrência do “r” retroflexo”. Embora o “r” como retroflexo esteja presente na fala dos salenses, outras características da fala “caipira”, elencadas por Amaral (1976), ainda perduram em sua fala? Quais dessas características estariam associadas ao falar das pessoas que, de alguma forma, tiveram algum contato com a zona rural? Partindo dessas perguntas, foi realizada uma pesquisa de campo com trinta falantes da cidade de Sales Oliveira-SP: 15 pessoas do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Dentre esses 30 falantes, 10 estavam na faixa etária entre 10-15 anos (5 meninos e 5 meninas); 10 entre 30-45 anos (5 homens e 5 mulheres) e 10 entre 70-95 anos (5 homens e 5 mulheres). A seleção para a entrevista ocorreu de acordo com as seguintes características:

- Ter nascido e morar em Sales Oliveira;
- Fazer parte de uma dessas três faixas etárias: 10- 15 anos; 30-45 anos ou 70-95 anos;
- Conseguir responder com lucidez as questões elaboradas pela pesquisadora;
- No caso dos participantes entre 10 -15 anos, ter a anuência dos pais ou responsável pelo adolescente para participar da pesquisa.

Durante a pesquisa, por uma questão de ética e de manutenção de privacidade, os 30 participantes tiveram seus nomes mantidos em sigilo. As pessoas entrevistadas concordaram

em participar das gravações de livre e espontânea vontade. É preciso ressaltar que a pesquisadora foi nascida, criada e reside em Sales Oliveira. Esse fato, além de facilitar o entendimento da vida e da cultura do lugar – o que é muito importante para uma análise sociolinguística–, também colaborou para o recrutamento das pessoas a serem entrevistadas.

Além disso, durante as entrevistas, após alguns minutos de “desconfiança” com o gravador ou com o computador, as pessoas se sentiram mais à vontade, como se estivessem em um bate-papo. Isso fez com que a coleta de dados fosse muito produtiva. Alguns entrevistados chegaram a comentar que a “conversa” tinha sido divertida, outros que o tempo passou rápido, enfim, percebemos que, para muitos entrevistados, o fato da pesquisadora falar com eles, ter o mesmo comportamento linguístico, fez com que a conversa fluísse com naturalidade. A abordagem dos participantes, em alguns casos, foi feita por amigos da pesquisadora e em outros, pela própria pesquisadora, por meio de *facebook*, telefonema e até mesmo encontros casuais na rua. A princípio, era explicado que os dados seriam gravados para ver as diferenças entre a fala dos mais jovens e dos mais novos. Isso colaborou para que pudessemos investigar as variáveis como ausência e presença da variante retroflexa, processos de prótese, aférese, dentre outros, sem que o falante se preocupasse com o modo como estava falando e, com isso, obtivéssemos a gravação de uma fala mais “natural”, ou seja, em que pudesse emergir o vernáculo. A pesquisa de campo passou por anuência do comitê de ética e os participantes assinaram um termo de participação consentindo a gravação

Nenhum falante convidado se recusou a participar da pesquisa ou desistiu em algum momento. Todos demonstraram muita boa vontade. O lugar em que as gravações ocorreram foi escolhido pelos próprios participantes, assim como a data e o horário para a realização das gravações. Alguns preferiram gravar na casa da pesquisadora e outros nas suas próprias casas.

Inicialmente, a gravação dos dados foi realizada com o programa *Praat*, mas devido à demora em processar o material coletado, optou-se pelo uso do gravador Sony ICD- PX 240. O total de horas gravadas foi de 19 horas 11 minutos 10 segundos. Após a gravação dos dados pelo programa *Praat*, ou pelo gravador, foram feitas as transcrições e, posteriormente, os dados foram quantificados pelo programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005).

O uso de métodos quantitativos ao auxiliarem a sistematizar os dados, identificar correlações, tendências, padrões de comportamento, são instrumentos preciosos para levar à compreensão dos significados sociais da variação (GUY; ZILLES, 2007, p. 73). Portanto, inevitavelmente, segundo os autores, toda pesquisa dialetal acaba sendo quantitativa. De acordo com Burns (1999, p. 22- 23), os estudos quantitativos são mais objetivos, rigorosos, permitem, portanto, a replicabilidade dos métodos utilizados, além da possibilidade de

mensurar os dados e resultados obtidos. Já a abordagem qualitativa, segundo a autora, busca a não generalização, a interpretação dos dados. Ainda de acordo com Burns (1999, p. 22), a abordagem qualitativa não é melhor e nem pior que a quantitativa e vice-versa. Uma vez que, tornava-se necessária não apenas a quantificação dos dados, como também a compreensão dos resultados, optou-se por desenvolver um estudo quali-quantitativo.

A entrevista com os trinta salenses contou com 4 partes: ficha de perfil social, perguntas sobre a vida dos falantes, levantamento de vocabulário e pesquisa sobre *o que é ser "caipira"* e foi elaborada tendo como base de referência a coleta de dados realizada para o "Banco de Dados Fala Natal", descrita por Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 938). O questionário sobre o falante abrangeu os seguintes aspectos: nome, idade, local de nascimento, quantos anos morou na zona rural (caso tenha morado na zona rural), escolaridade, data e local da gravação, tipo de gravador utilizado e um campo para observações em que a pesquisadora pudesse anotar algo que pudesse achar relevante. Cabe ressaltar que nem o nome da fazenda onde o falante nasceu e nem o nome do participante são divulgados. O objetivo desse questionário foi identificar o lugar de nascimento, a faixa etária, a escolarização e a quantidade de tempo de contato que este teve ou não com a zona rural. Além disso, essa ficha gerada pelas perguntas serviu de arquivo e organização de dados para a pesquisadora poder orientar suas análises com exatidão e clareza.

A segunda parte consistiu em perguntas e respostas sobre a vida do morador. Foram feitas 14 perguntas, sendo estas agrupadas em: práticas sociais, vida em Sales Oliveira, vivências e infância. As perguntas do núcleo "práticas sociais" foram: *I) Você possui alguma religião? Qual? Com que frequência vai aos cultos, missas?; II) Você participa de algum grupo, como, por exemplo, centro do idoso, "Mobral", joga baralho na praça, frequenta o bar da bocha ou joga futebol?; III) Você faz parte de algum movimento religioso, como por exemplo, "Caminho Neocatecumenal", "Renovação carismática"?; IV) O que você faz nos finais de semana?.* O objetivo de fazer essas perguntas está na importância de compreender as redes sociais das quais o falante faz parte. Por redes sociais entendemos os vínculos que os indivíduos estabelecem nas relações sociais, adotando, assim, a definição de Bortoni-Ricardo (2011, p. 84). Embora nossa pesquisa não tenha como objetivo propor um estudo sobre as redes sociais dos salenses é imprescindível compreendermos as práticas sociais do salense e qual o nível de participação social desse morador entrevistado. Além disso, ao falar sobre religião ou coisas de que gosta de fazer, o falante se empolga e acaba não prestando atenção ao modo como fala; ou seja, ele fala sem se preocupar muito com a maneira ou o modo como as palavras estão proferidas/ articuladas, pois se sente entusiasmado (quando tem uma vida

social muito ativa) ou desanimado (quando não participa de muitas coisas).

O núcleo intitulado “vida em Sales Oliveira-SP” foi composto das seguintes perguntas: *I) o que você mais gosta na cidade? ; II) O que você gostaria que mudasse? ; III) Você gostaria de morar em outro lugar? Por quê? ; IV) Em sua opinião, qual a principal característica do morador salense?.* Essas perguntas foram feitas com a finalidade do falante achar que estivéssemos interessados em apenas compreender a vida do morador salense e sua opinião sobre a cidade (o que de fato, era verdade, pois as questões elaboradas nos serviram para traçar um perfil mais apurado sobre a cidade a ser estudada), quando na verdade, além de interessados nos aspectos da cidade, estávamos (e esse sim era nosso objetivo principal) tentando criar condições para que o vernáculo do participante emergisse e este não ficasse tão concentrado no modo como estava falando. Nós utilizamos de um ditado popular famoso, “matamos dois coelhos com uma única cajadada” ao elaborar essas questões, pois o falante, às vezes, não estava preocupado com o modo como estava falando, mas, sim, com a resposta que daria, já que para ele o importante era responder a questão com sua opinião, pensando em se tratar mais de uma entrevista sobre costumes do que Sociolinguística, propriamente dita.

Já o quarto e o quinto núcleos foram aqueles em que mais esperávamos pela aparição da fala não cuidada, pois esperávamos que o falante se sentisse emocionado com os temas suscitados pelas questões e esquecesse o modo de fala mais cuidado. Intitulados, respectivamente, de “vivências” e “infâncias”, as questões elaboradas, além do objetivo linguístico, procuraram levar-nos a conhecer um pouco sobre o tempo mais antigo na cidade de Sales Oliveira e as possíveis mudanças; foi possível comparar a infância do idoso, seus costumes, brinquedos com aqueles do adolescente e, assim, conseguir compreender um pouco sobre as transformações sociais pelas quais a sociedade salense tem passado. Dentre as perguntas elaboradas estão: *I) Qual foi o dia mais feliz para você, até hoje? O que aconteceu nesse dia que o tornou marcante? ; II) Como é seu dia-dia? Quais atividades você desempenha? ; III) Narre um dia desde o momento em que você acorda até quando vai dormir; IV) Em que lugar você passou sua infância ? ; V) O que você gostava de fazer quando criança? ; VI) Quais suas brincadeiras preferidas?.*

Essas perguntas foram elaboradas previamente, mas, em alguns momentos, dependendo da disponibilidade do falante em contar sobre sua vida ou até mesmo devido à boa interação que ocorreu entre falante e pesquisadora, foram sendo agrupados novos tópicos à conversa, assim como ocorre em uma interação comunicativa normal, realizada no dia-dia. Desta forma, embora tenhamos buscado padronizar as entrevistas, nenhuma ocorreu da mesma forma, pois assuntos diversos foram surgindo e se integrando às conversas.

Para uma pesquisa sociolinguística como a nossa, é muito importante que o participante se sinta à vontade com o pesquisador e que fale com naturalidade. É necessário também ressaltarmos que a pesquisadora não se apresentou como pós-graduanda ou doutoranda, mas como uma pessoa que precisava fazer um trabalho para a faculdade. Isso, além do fato de pertencer à mesma comunidade linguística, pode ter colaborado para que os entrevistados se sentissem mais relaxados e menos preocupados com a figura ou “status” da pessoa que estava realizando as entrevistas. Alguns entrevistados se sentiram tão à vontade, que no final das entrevistas, relataram que “nem viram o tempo passar”.

Após esses questionamentos, na terceira parte da pesquisa – levantamento de vocabulário– foram selecionadas 39 palavras extraídas das obras de AMARAL (*O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976. p. 82-192) e ELIAS NETTO (*Dicionário do Dialeto Caipiracicabano*: Arco, Tarco, Verva. Piracicaba: Academia Piracicabana de Letras, 1996). Previamente, foram elencadas as palavras que se repetiam nessas duas obras, ambas sobre o dialeto “caipira”, e foi perguntado aos falantes: se esses já tinham ouvido a palavra; quem usava a palavra; se eles usavam e em caso afirmativo, em qual situação; se a palavra tinha uma conotação negativa ou positiva e se usavam outra palavra sem ser a apresentada. As perguntas seguiram o modelo: “*Você usa a palavra ‘X’ para ‘definição’*”?; “*Em que situação você usa*”? (caso o participante responda “sim” para primeira questão); “*Você já ouviu alguém usar essa palavra*”? ; “*Você acha que palavra tem sentido positivo ou negativo*”? ; “*Qual outra palavra você emprega com o sentido de ‘X’*”?.

O modo como realizamos as perguntas partia do próprio conceito, ou seja, a palavra já era apresentada ao participante da entrevista, condicionando-o a responder se usava ou não tal expressão. A escolha por essa abordagem mais direta ocorreu porque tínhamos como objetivo observar e analisar se o participante julgava ou não empregar o que havia sido perguntado, ou seja, as palavras oriundas das obras de apoio para a construção da lista de palavras.

As palavras sobre as quais realizamos essa parte da entrevista seguem no quadro 1. Para escrevê-las, optamos por fazer do modo como pronunciamos para os falantes:

**Quadro1- Lista de palavras apresentadas aos participantes**

<b>Palavra</b>	<b>Significado</b>
Apeá	Passar a noite
Apeá	Descer do cavalo
Babau	Acabar logo
Bacaiau	Cansaço
Campeá	Procurar algo
Córigo	Córrego ou riacho
Credo	Espanto



Faiá	Falhar, fracassar ou faltar algo
Falada	Pessoa que possui má fama ou prestígio social
Forgá	Tirar folga do trabalho
Forgá	Divertir-se às custas de alguém
Gambá	Bêbado
Juda	Infeliz
Juda	Boneco feito com roupas velhas
Mancá	Falhar com alguém
Mancá	Manquejar
Paca	Para “caramba”, para “caralho”
Pajear	Proteger alguma pessoa ou cuidar de criança
Perrengue	Imprestável
Perrengue	Caindo aos pedaços
Piá	Dar palpite
Piá	Menino
Pinicá	Irritar a pele
Pinicá	Beliscar de leve a pele
Pitá/ Pitar	Fumar
Prosear	Conversar
Puxado	Trabalho difícil
Puxado	“Puxadinho”
Reiná	Fazer traquinagem
Reiná	Mexer onde não se deve
Relampiá	Relampaguear
Sacudido	Pessoa forte
Sapecá	Bater, ameaçar
Sapecá	Queimar de leve
Tiziu	Pessoa afrodescendente
Tiziu	Pássaro
Vará	Atravessar a noite
Vará	Caminhar direito
Variá	Proferir frases desconexas

**Fonte:** Dados adaptados de Amaral (1976) e Elias Netto (1996).

Os dados obtidos nessa parte da entrevista foram gravados e depois, foram analisados e descritos. O objetivo dessa lista de palavras era compreender a percepção do salense em relação às palavras do falar “caipira”, apresentadas nas obras de Amaral (1976) e Elias Netto (1996), ou seja, se o participante admite ou não empregar palavras consideradas parte do vocabulário “caipira”. Essa lista de palavras não buscou identificar processos de mudanças linguísticas, uma vez que o participante poderia afirmar que não emprega uma determinada palavra e, na sua fala cotidiana, longe da gravação, usá-la. Para que possíveis mudanças linguísticas fossem apontadas, seria necessário fazer gravações dos falantes em situações em que eles não percebessem que estavam sendo gravados. Por uma questão de respeito ao direito de escolha do participante em ter sua fala gravada ou não, optamos por não fazê-lo. Portanto, o principal objetivo dessa seção é descrever como o falante acha que se comporta linguisticamente: não nos ateremos ao fato de comprovar ou não se tais descrições condizem com o modo como, de fato, estes atuam linguisticamente.

Os resultados obtidos foram agrupados em categorias, de acordo com os índices obtidos: I) *índice de maior reconhecimento por parte dos mais velhos*; II) *palavras que não são reconhecidas na fala de nenhuma faixa etária*; III) *palavras reconhecidas em todas as idades*, IV) *palavras que não são bem aceitas socialmente*; V) *palavras escritas com a mesma grafia e sentidos diferentes* e VI) *maior reconhecimento pelos mais jovens*. A inserção em cada categoria foi realizada mediante a obtenção da porcentagem de 50 mais um<sup>7</sup>, que, matematicamente, representa a maioria.

Por fim, os falantes responderam a um questionário sobre o falar “caipira”. Essa parte da entrevista – “o que é ser caipira” – contou com 7 perguntas: I) *O que você acha das expressões “nóis vai”, “porta verde”, “pra mode de”?*<sup>8</sup>; II) *As pessoas que convivem com você falam desse jeito?*; III) *Você fala desse jeito?*; IV) *O que você acha do modo de falar caipira?*; V) *Você usa a palavra caipira em qual situação?*; VI) *O que é ser caipira para você?*; VII) *Você se considera caipira?*

O objetivo dessas questões era compreender a imagem que o entrevistado tem de si mesmo, do outro e se ele se reconhece como “caipira”, no sentido identitário e/ ou como falante desse “dialeto”. As respostas obtidas foram gravadas e depois foram descritas e analisadas. As análises resultantes desse processo compõem a seção sobre identidade “caipira”.

Os 30 participantes dessa pesquisa foram agrupados e selecionados em três grupos, de acordo com três faixas etárias distintas: 10-15 anos; 30-45 anos e 70-95 anos. No quadro 2 segue o perfil de cada falante. Para facilitar as análises, assim como a compreensão do leitor, cada participante recebeu uma espécie de “sigla” em que o segundo caractere corresponde à identificação do falante (FA, FB, FC, FD, FE, FF, FG, FH, FI, FJ, FK, FL, FM, FN, FO, FP, FQ, FR, FS, FT, FU, FV, FX, FZ, FY, FW, F@, F%, F#, F\*), a terceira letra ao sexo (F,M), a quarta à escolarização (F, M, S), o numeral à faixa etária (1,2,3) e a última letra ao lugar onde o falante morou (C, U). Não foram utilizados pseudônimos para não suscitar nenhuma forma de uma provável identificação. O quadro 2 tem por objetivo esclarecer esse processo de identificação adotado no decorrer da tese:

<sup>7</sup> Cada categoria, assim como as palavras que compõem cada uma, serão explicadas na seção sobre vocabulário.

<sup>8</sup> A escolha pelas expressões: “nóis vai”, “pra mode” e “porta verde” justifica-se pelo fato de serem consideradas mais “marcadas” e mais perceptíveis de serem caracterizadas como parte da fala “caipira”.

**Quadro 2- Formas de identificação do falante**

<b>Falantes (que por questão de preservação da identidade não podem ter seus nomes identificados)</b>	FA, FB, FC, FD, FE, FF, FG, FH, FI, FJ, FK, FL, FM, FN, FO, FP, FQ, FR, FS, FT, FU, FV, FX, FZ, FW, FY, F@, F#, F%, F*
<b>Sexo</b>	F: feminino M: masculino
<b>Escolarização</b>	F: ensino fundamental (completo ou incompleto) M: ensino médio (completo); S: ensino superior (completo)
<b>Faixa etária</b>	1: 10-15 anos; 2: 30-45 anos; 3: 70-95 anos
<b>Lugar onde o falante morou</b>	C: quando já morou na zona rural; U: sempre morou na cidade

**Fonte:** Elaboração própria.

Portanto, quando nos referimos ao falante A, do sexo masculino, com ensino superior, entre 30-45 anos e que nunca tenha morado na zona rural sua identificação, no corpo do texto, ficou sendo: FA,M,S,2,U. Para melhor compreensão da pesquisa de campo, elaboramos uma espécie de “perfil” dos participantes. Dentre os participantes da pesquisa, temos os seguintes perfis:

**Quadro 3- Perfil dos participantes entre 10-15 anos**

<b>Participante da pesquisa</b>	<b>Sexo</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Quantidade de tempo que morou na zona rural</b>	<b>Quantidade de tempo que morou na zona urbana</b>	<b>Representação no corpo do texto</b>
FB	Masculino	Fundamental	0	14	FB,M,F,1,U
FI	Masculino	Fundamental	0	15	FI,M,F,1,U
FJ	Feminino	Fundamental	0	14	FJ,F,F,1,U
FK	Feminino	Fundamental	1	13	FK,F,F,1,C
FL	Masculino	Fundamental	0	11	FL,M,F,1,U
FM	Feminino	Fundamental	0	14	FM,F,F,1,U
FS	Feminino	Fundamental	0	13	FS,F,F,1,U
FT	Feminino	Fundamental	0	15	FT, F,F,1,U
FV	Masculino	Fundamental	0	14	FV,M,F,1,U
F%	Masculino	Fundamental	0	14	F%, M,F,1,U

**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme pode ser observado no quadro 3, apenas uma adolescente morou por cerca de um ano na zona rural. Essa adolescente, durante a entrevista, comentou que ainda frequenta, quase todo fim de semana, a casa de seus avós na fazenda.

**Quadro 4- Perfil dos participantes entre 30-45 anos**

Participante da pesquisa	Sexo	Escolarização	Quantidade de tempo que morou na zona rural	Quantidade de tempo que morou na zona urbana	Representação no corpo do texto
FA	Masculino	Superior	0	36	FA,M,S,2,U
FD	Feminino	Superior	0	36	FD,F,S,2,U
FG	Feminino	Superior	0	38	FG,F,S,2,U
FH	Feminino	Superior	0	41	FH,F,S,2,U
FN	Masculino	Superior	0	32	FN,M,S,2,U
FP	Masculino	Médio	0	37	FP,M,M,2,U
FQ	Masculino	Médio	17	25	FQ,M,M,2,C
FU	Masculino	Médio e técnico	4	41	FU,M,M,2,C
FX	Feminino	Superior	0	32	FX,F,S,2,U
F@	Feminino	Médio	0	39	F@,F,M,2,U

**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme observado, dois participantes FQ e FU moraram na zona rural, por respectivamente 17 e 4 anos. Os participantes, durante as entrevistas, demonstraram vontade em morar na zona rural, ao serem questionados sobre qual lugar morariam sem ser na cidade de Sales Oliveira. Isso demonstra que esses falantes ainda sentem apreço pela zona rural.

**Quadro 5- Perfil dos participantes entre 70-95 anos**

Participante da pesquisa	Sexo	Escolarização	Quantidade de tempo que morou na zona rural	Quantidade de tempo que morou na zona urbana	Representação no corpo do texto
FC	Masculino	Fundamental	5	69	FC,M,F,3,C
FE	Feminino	Fundamental	21	51	FE,F,F,3,C
FF	Feminino	Fundamental	0	72	FF,F,F,3,U
FO	Feminino	Fundamental	30	43	FO,F,F,3,C
FR	Feminino	Fundamental	19	56	FR,F,F,3,C
FZ	Feminino	Superior	6	71	FZ,F,S,3,C
FW	Masculino	Fundamental	50	27	FW,M,F,3,C
FY	Masculino	Fundamental	18	52	FY,M,F,3,C
F#	Masculino	Fundamental	31	43	F#,M,F,3,C
F*	Masculino	Fundamental	8	71	F8,M,F,3,C

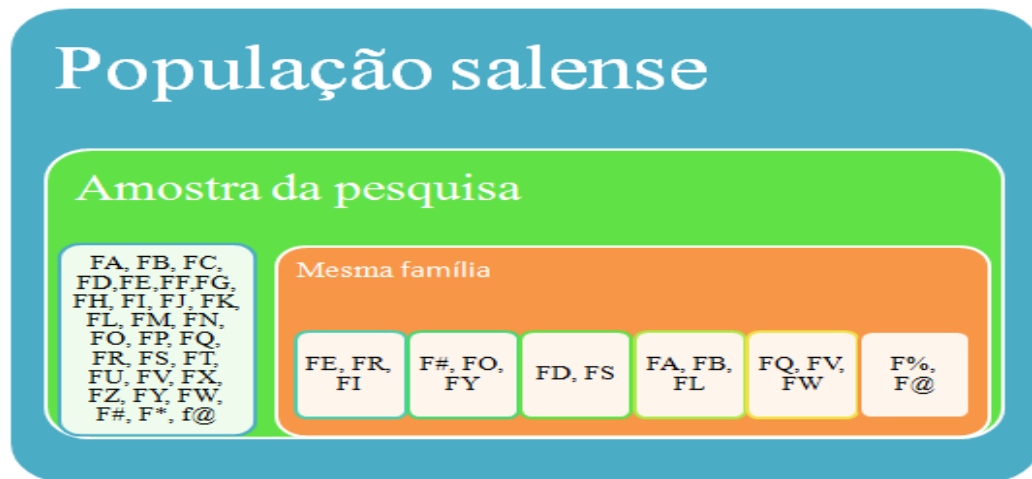
**Fonte:** Elaboração própria.

Mediante a observação dos quadros 3, 4 e 5, podemos concluir que a escolha dos participantes dessa pesquisa não é uniforme, não só pela diferenciação existente entre as faixas etárias distintas, mas no que diz respeito a critérios como escolarização e a quantidade de anos que a pessoa morou na zona rural, pois é impossível (salvo raras exceções de crianças superdotadas) que adolescentes entre 10-15 anos tenham ensino superior e, por outro lado, é muito difícil encontrar pessoas na faixa dos 30-45 anos que tenham apenas o ensino

fundamental. Entretanto, faz-se necessário ressaltar a importância dessa heterogeneidade: ela reflete a organização da própria comunidade e nos permitiu inferir se determinadas variáveis estariam ou não associadas à escolarização ou à ruralidade.

Ainda sobre os participantes da pesquisa, gostaríamos de ressaltar que alguns participantes como FA, FB e FL fazem parte do mesmo núcleo familiar, assim como as participantes FE e FR. Esse fato também ocorreu com os participantes F#, FY e FO e com FQ, FV e FW. Possuem também o mesmo núcleo comum os participantes F% e F@ e as participantes FD e FS, conforme figura 2:

**Figura 2- Agrupamento dos participantes pertencentes ao mesmo núcleo familiar**



**Fonte:** Elaboração própria.

A princípio, não tínhamos objetivo e nem intenção em gravar pessoas que fizessem parte de um mesmo círculo familiar. Entretanto, no decorrer das entrevistas fomos levados a essa situação. Muitas vezes, tínhamos a intenção de gravar uma única pessoa, mas ao chegarmos às casas dos entrevistados, éramos tão bem acolhidos que os familiares se prontificavam em realizar as gravações também. Muitos faziam grande empenho em “conseguir” falantes: ligavam para os irmãos, sogros, vizinhos, tudo para poder ajudar na realização das pesquisas. Essa composição –“inesperada” – do *corpus*, de certa forma, foi muito interessante para as análises, pois, além de observarmos as possíveis mudanças ocorridas nas falas dos mais jovens em comparação com outras faixas etárias, pudemos também observar essas mudanças no próprio núcleo familiar. Quando nos referimos às mudanças, não fazemos menções somente às linguísticas, mas também ao próprio conceito sobre ser “caipira” e como essa identidade é mantida ou reformulada.

Para que os objetivos da nossa pesquisa fossem alcançados, optamos por compor

nossa amostra de participantes levando em consideração as variáveis não linguísticas, como sexo, idade, escolaridade e se o participante já tenha morado ou não na zona rural. A razão dessa seleção (além, é claro, da impossibilidade de gravarmos todos os moradores salenses) está constituída na relação entre as variáveis linguísticas e as não- linguísticas, pois, de acordo com Labov (2008, p. 21), há uma relação entre ambas que favorecem ou inibem um determinado comportamento linguístico, ou seja, o emprego ou não de uma variante.

Em relação à escolha por 15 pessoas do sexo masculino e 15 do sexo feminino, podemos dizer que, além das diferenças fisiológicas da fala (geralmente, os homens falam com voz mais grave e mais baixa em comparação com as mulheres), alguns estudos comprovam que as mulheres, dependendo do papel que ocupam na sociedade em que estão inseridas, podem fazer uso das formas que estão mais próximas ao padrão (PAIVA, 2004, p. 35). Devido ao emprego de variantes prestigiadas socialmente pelas mulheres, buscamos compreender se na sociedade salense existiam diferenças entre a fala de homens e mulheres e, caso fosse afirmativa essa diferenciação, quais seriam essas variantes. No que diz respeito às mudanças linguísticas (um dos nossos objetivos nessa pesquisa), é necessário observar a fala feminina em relação com a masculina, pois as mulheres podem ter uma tendência maior às formas inovadoras e, devido à convivência maior com os filhos, passarem, essas formas para eles. Entretanto, não podemos afirmar que essas estejam sempre liderando as mudanças linguísticas (LABOV, 2008, p. 347-348).

A opção por três faixas etárias (10-15 anos, 30-45 anos e 70-95 anos) pode ser justificada levando-se em consideração o fato de que esse estudo busca analisar e descrever a língua no tempo aparente, ou seja, “o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias” (Labov, 2008, p. 318). Além das variáveis sexo e idade também foi considerado o lugar onde o participante havia nascido ou passado sua infância, pois pretendíamos associar quais variantes estavam relacionadas aos falantes que nasceram na zona rural e migraram para a cidade. Para Bortoni-Ricardo (2006, p. 102), “os migrantes que chegam à cidade como adultos alteram certas características do seu dialeto original”. Coube, portanto, através de estudos na comunidade salense, identificarmos quais alterações ocorreram (e se ocorreram) e como essas são vistas pela comunidade linguística. Para isso, tornou-se necessário contrastar o estudo das variantes com o lugar de nascimento do sujeito participante.

Dentre as variáveis dependentes que foram analisadas temos: i) *ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais* (ex: “mel- mer”); ii) *vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/* (ex: “mulher- muié”); iii) *apagamento*

ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade (ex: “pires- pire”); iv) ocorrência de prótese e aférese (ex: alembra e “bserve”); v) ocorrência de apócope (ex: “legítimo- legiti”); vi) ausência ou presença da variante retroflexa em posição de coda<sup>9</sup>. As escolhas das variáveis dependentes analisadas neste estudo proposto, assim como os exemplos acima, possuem como base os dados descritos na obra “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral, considerada um marco para os estudos da dialetologia no Brasil. A escolha das variáveis dependentes analisadas possuem como base os dados descritos em Amaral em cotejo com a obra de Bortoni-Ricardo (2011).

---

<sup>9</sup>Cada variável analisada será explicada na seção 7. Em relação à presença ou ausência da variante retroflexa, inicialmente, o *corpus* da pesquisa contava com 2452 palavras em que o “r” aparecia em posição de coda. Entretanto, percebemos que alguns participantes tinham muitos dados enquanto outros tinham poucos. Sendo assim, optamos por estipular uma margem de 50 dados por falante, perfazendo um total de 1553 dados.

### **3. O LUGAR DA PESQUISA DE CAMPO: Sales Oliveira, “um pedacinho do céu”<sup>10</sup>**

Ao propormos a descrição de alguns aspectos existentes no falar “caipira”, encontrados e analisados na obra de Amaral (1976), tínhamos como intenção primária buscar características desse modo de falar na fala de pessoas que ainda prezassem por alguns aspectos da vida “caipira” retratados por Candido (2010), tais como manter relações de compadresco, a boa vizinhança, o chamamento por apelidos, dentre outros.

Optou-se, portanto, pela escolha de uma cidade em que tais características ainda fossem mantidas vivas, mesmo com as mudanças históricas e sociais pelas quais as sociedades, de forma, geral têm passado. Por isso, como já descrito no capítulo de metodologia, optou-se por escolher Sales Oliveira-SP, a cidade alcunhada de “um pedacinho do céu”, para a realização da coleta de dados desse estudo, pois ela ainda mantém algumas características da vida “caipira”. No decorrer desta seção, apresentaremos os aspectos históricos, geográficos, sociais, culturais e as transformações pelas quais essa cidade do interior paulista tem passado. Com isso, objetivamos não apenas descrever os possíveis aspectos da fala “caipira”, mas também as mudanças linguísticas oriundas das transformações históricas e sociais, como, por exemplo, a alta migração da zona rural para o perímetro urbano, ocorridas na cidade.

#### **3.1 Sales Oliveira e os aspectos geográficos da cidade**

A cidade de Sales Oliveira situa-se no interior do Estado de São Paulo, mais precisamente, na região noroeste do Estado, a 20°, 46' e 19'' de latitude sul e 17'' de longitude (CAMPANHOLE, 1991, p. 17). O município fica a uma altitude de 730 metros. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, a área territorial é de 305.776 Km<sup>2</sup> e a cidade contava com uma população de 10.568 pessoas.

De acordo com dados apresentados por Campanhole (1991, p. 17), a cidade de Sales Oliveira possui solo vermelho, conhecido como terra roxa, muito propício para as práticas agrícolas. O clima, geralmente, quente, apresenta inverno seco. Dentre os córregos que passam pelo município, destacam-se o Porangaba, Santa Bárbara, Três Barras, Ribeirão do Engenho, Ponte Funda e Pindaíbas (CAMPANHOLE, 1991, p. 18).

A cidade faz limites com os municípios de Orlandia, Pontal, Morro Agudo,

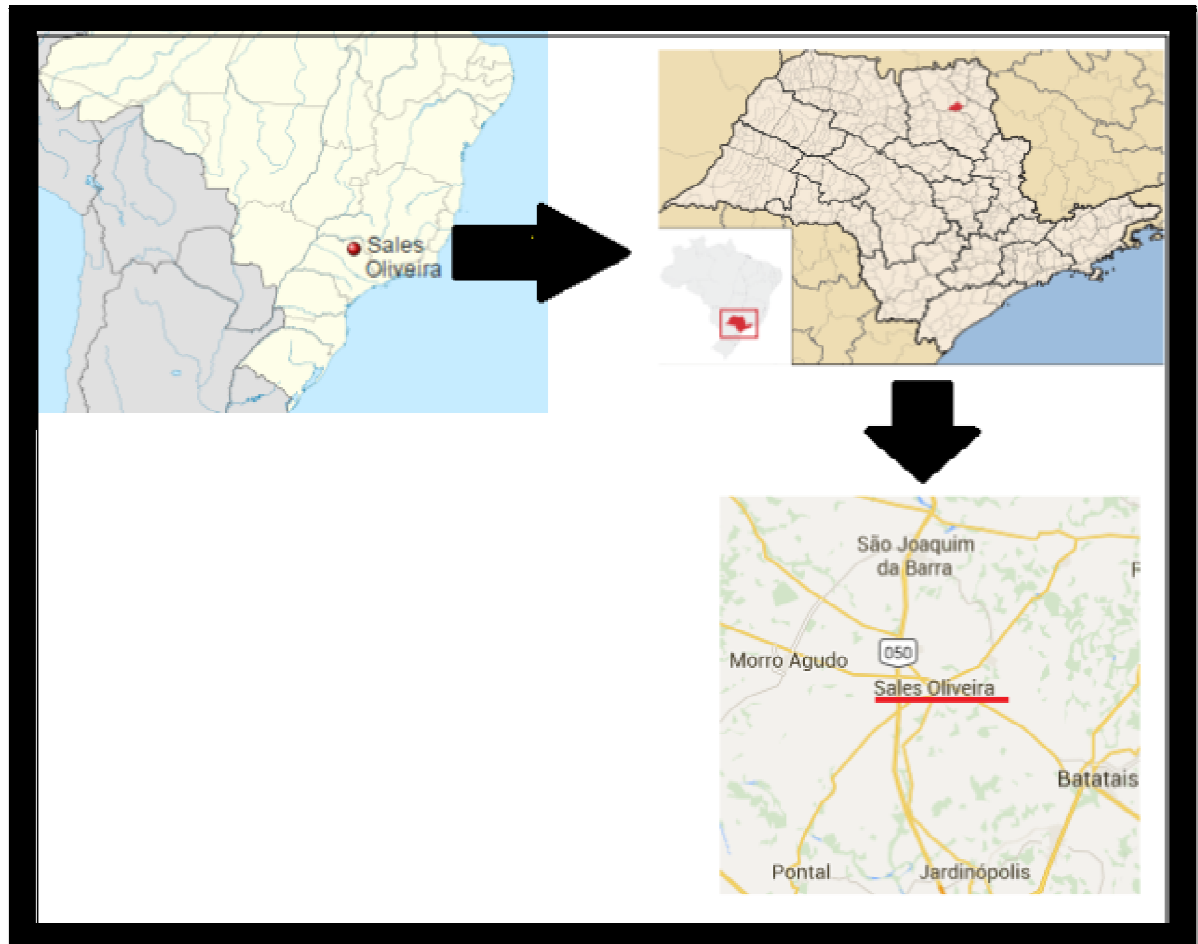
---

<sup>10</sup> Frase do poema “Um pedacinho do céu”, de autoria de Ernani Domingos Lagares, que, posteriormente, se tornou o hino da cidade.



Nuporanga, Batatais e Jardinópolis (CAMPANHOLE, 1991, p.17), pertencendo à macrorregião de Ribeirão Preto – SP, conforme figura 3:

**Figura 3- Localização de Sales Oliveira**



**Fonte:** Sites diversos.<sup>11</sup>

Na cidade de Sales Oliveira, de acordo com os dados do IBGE de 2012, o índice de densidade demográfica é de 34,58 e o índice de desenvolvimento humano municipal - IDHM- (calculado mediante os fatores: longevidade, educação e renda) é de 0.772, o que corresponde a um bom índice, se considerarmos que quanto mais próximo do 1, melhor é o desenvolvimento humano do local.

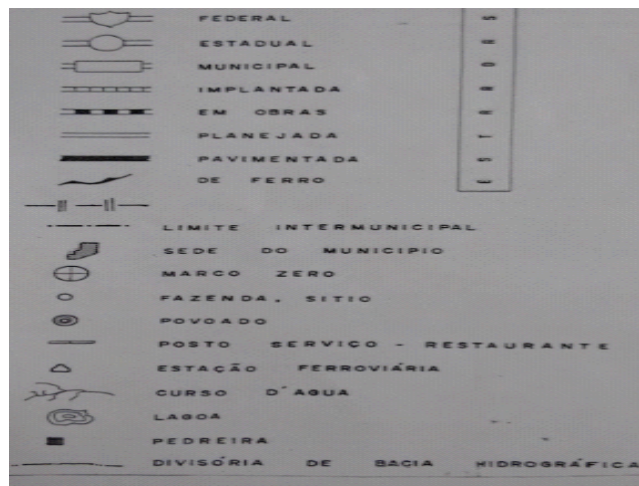
De acordo com o censo realizado em 2010, a população salense é composta de 5241 homens e 5327 mulheres, sendo 9377 alfabetizados. A religião predominante na cidade é o

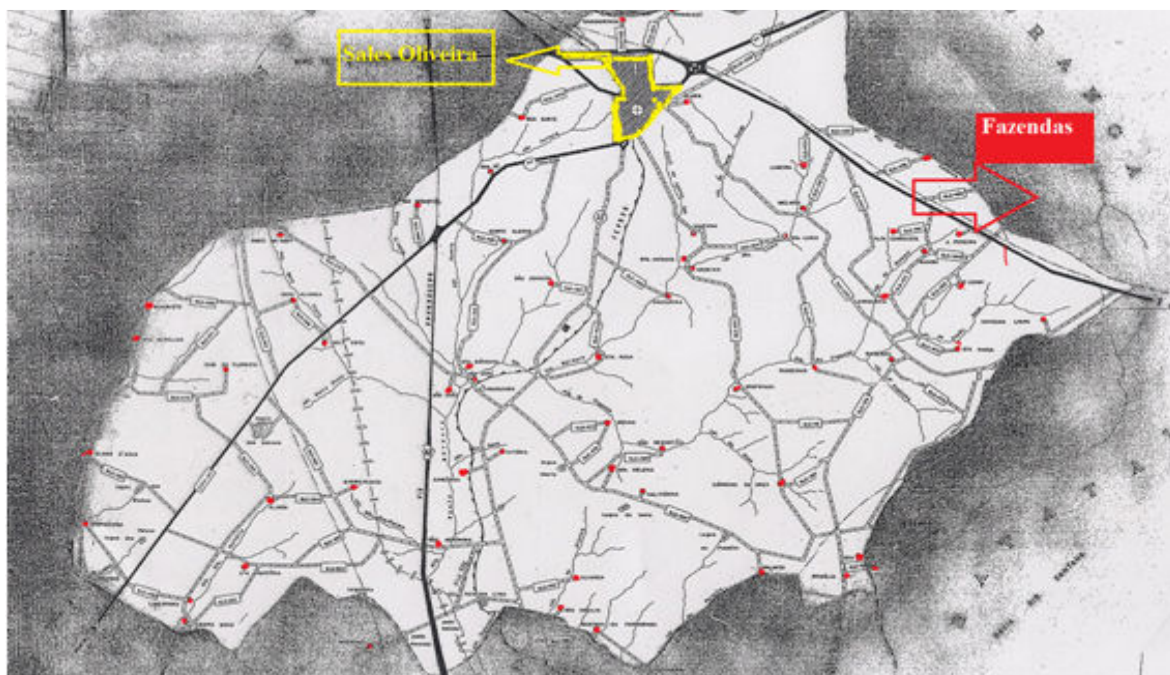
<sup>11</sup> Os mapas da figura 3 foram retirados, respectivamente dos sites: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sales\\_Oliveira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sales_Oliveira)>. Acesso em: 20. abr. 2016.; <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sales\\_Oliveira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sales_Oliveira)>. Acesso em: 20. abr. 2016.; <<https://www.google.com.br/maps/@-20.7700867,-47.8548304,9z>>. Acesso em: 02. abr. 2016.

catolicismo (8017 pessoas), seguida dos evangélicos (1541 pessoas) e espíritas (371 pessoas).

Oportuno se torna dizer que, ainda de acordo com o censo de 2010 veiculado pelo IBGE, a maioria da população salense encontra-se na zona urbana - 9569 pessoas, enquanto na zona rural, 999 pessoas. Embora a maioria dos moradores encontre-se na zona urbana, a cidade de Sales Oliveira é composta por inúmeras fazendas e sítios, dentre os quais destacamos: Ponta da Mata, Bela Vista, Nova Aliança, Schiabeto, Santa Aurelina, Cab. Da Floresta, Olhos d' Água, Sobradinho, Moleque, Limeirinha, Campo Doce, Santa Quitéria, Aliada, Barreirinho, São Sebastião, São Gerônimo, Angélica, São João, Boa Fé, Boa Sorte, Monte Alegre, São Joaquim, Santa Bárbara, São José, Vitória, Santa Cecília, Aliança, Santana da Porangaba, Palmito, Magnólia, Califórnia, Santa Helena, Grama, Santa Rosa, Cachoeira, Aroeira, Santo Antônio, Lajeado, Olaria, Cachoeirinha, Piragaçu, Limeira, Melado, Alta Conquista, Conquista, Gambá, J. Pereira, Santa Maria, Capoeira Limpa, P. Leoni, Santa Maria, Santa Luzia, Paineiras, Engenho, Resfriado, Retiro da Ponte, Santa Adélia, dentre outras. A figura 4 apresenta um mapa com as fazendas e sítios que compõem o município de Sales Oliveira.

**Figura 4- Mapa com a localização das fazendas e sítios**





**Fonte:** Mapa da cidade<sup>12</sup>

Como citado anteriormente, a maioria da população salense reside, atualmente, na zona urbana. De acordo com dados fornecidos pelo engenheiro responsável pela Prefeitura Municipal de Sales Oliveira, a cidade possui aproximadamente cerca de 2800 casas. Cabe ressaltar que nesses dados não entram as residências construídas na zona rural.

### **3.2 Dos trilhos da Mogiana nasce uma cidade: Sales Oliveira**

A história de Sales Oliveira está, segundo Campanhole (1991, p. 30), intrinsecamente relacionada à implantação da ferrovia no ano de 1890. De acordo com o autor, não só Sales, mas muitas cidades como, por exemplo, Aramina, Aguaí, Cristais Paulistas, Guará, Itobi, Orlandia, Pedregulho, Restinga, São Joaquim da Barra e Tambaú também se desenvolveram graças à implementação da ferrovia (CAMPANHOLE, 1991, p. 30).

Ter por perto os trilhos de trem era um sonho de muitos fazendeiros, que buscavam no transporte ferroviário um meio mais ágil para o transporte da produção agrícola, principalmente do café. Para concretizar esse sonho, muitos fazendeiros do interior do Estado de São Paulo cederam, de forma gratuita, parte de suas terras para que pudessem ser colocados os trilhos do trem. No caso de Sales Oliveira, o terreno em que a ferrovia foi

<sup>12</sup>O mapa apresentado nessa pesquisa é uma versão reduzida e modificada (colorida) da original. O mapa em tamanho original encontra-se para consulta no Sindicato Rural de Sales Oliveira- SP.

implantada não foi cedido gratuitamente. A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e Navegação, responsável pela construção da ferrovia no município, pagou a José Pereira Lima uma quantia equivalente a trezentos mil réis para a aquisição da terra (CAMPANHOLE, 1991, p. 31). Entretanto, apenas o terreno vendido não foi suficiente para a construção da ferrovia. Por isso, Afonso Gomes Nogueira Cobra e sua esposa doaram terras para que a ferrovia pudesse ser construída. Como forma de homenagem à esposa de Afonso Gomes Nogueira Cobra - Rita Nogueira Torres Cobra- Santa Rita de Cássia tornou-se a padroeira da cidade (CAMPANHOLE, 19991, p, 31).

O nome da cidade, Sales Oliveira, foi uma homenagem prestada ao engenheiro da companhia, Francisco de Sales Oliveira Júnior. De acordo com Klemp (2003, p. 19-20), o engenheiro nasceu em 23 de abril de 1852 em Jacareí-SP, exerceu cargos de secretário de obras públicas, foi senador e em 1896 tornou-se presidente da Companhia Mogiana. O engenheiro morreu em 23 de setembro de 1899.

Ainda de acordo com Klemp (2003, p. 10-11), no século XIX, a maioria dos países estava construindo suas ferrovias. O trem era utilizado como forma de transporte de mercadorias diversas e também como forma de locomoção das pessoas. No Brasil, a construção do sistema ferroviário se iniciou em 1852, quando Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, construiu com recursos próprios uma linha de trem que ligava o Porto de Mauá, no Rio de Janeiro, a Petrópolis (KLEMP, 2009, p. 13).

No interior paulista, a construção das primeiras ferrovias ocorreu com o intuito de transportar o café produzido para o porto de Santos (KLEMP, 2009, p. 23). Uma das principais companhias era a Estrada Railway que interligava Jundiaí a Santos. Somente em 1872, foi criada a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, com sede em Campinas – SP (KLEMP, 2009, p. 34).

A princípio, a Companhia Mogiana ligava a cidade de Amparo até Rio Grande, mas, por volta de 1880, a concessão para ampliar foi cedida e a companhia pôde prolongar os trilhos até Ribeirão Preto, chegando, posteriormente, à região do Triângulo Mineiro (KLEMP, 2003, p. 12).

Logo, a companhia Mogiana tornou-se uma das principais responsáveis pelo sistema ferroviário do interior do Estado de São Paulo, incorporando, em 1890, outras companhias, como, por exemplo, a Companhia Ramal Férreo do Rio Pardo e a Companhia Agrícola Santos Dummond (KLEMP, 2003, p. 13). Entretanto, segundo Klemp (2003, p. 13), com a crise no café, durante a década de 1930, a companhia Mogiana foi comprada pelo governo e passou a fazer parte da Ferrovia Paulista (Fepasa).

A inauguração da estação ferroviária em Sales Oliveira ocorreu em 1900, mas foi só em 1906 que o distrito de Paz foi criado e Sales passou a fazer parte da cidade de Nuporanga. Em 1909, Sales tornou-se parte de Orlândia, só atingindo o estado de município autônomo no ano de 1945<sup>13</sup>.

**Figura 5- O agora e o antes da Estação da Ferrovia**



Fonte: Diversas.<sup>14</sup>

### 3.3 Sales Oliveira: um estudo do brasão e do hino da “capital da palha”

O hino de Sales Oliveira é resultado de um poema escrito por Ernani Domingos Lagares, com música de Clóvis Henrique de Mello. O poema “Pedacinho do Céu” foi adotado como hino no ano de 1990, pela Lei Municipal 929/90 (CAMPANHOLE, 1991, p. 15).

<sup>13</sup>Esses dados foram obtidos no Plano Municipal de saneamento básico do município de Sales Oliveira -SP, relatório 1, elaborado pela Sanatech, em outubro de 2013. As informações utilizadas encontram-se na página 5 do documento. Este plano está disponível em: <[http://salesoliveira.sp.gov.br/v2/wp-content/uploads/2014/02/Relatorio\\_01-PMS.pdf](http://salesoliveira.sp.gov.br/v2/wp-content/uploads/2014/02/Relatorio_01-PMS.pdf)>. Acesso em: 07. abr.2016.

<sup>14</sup> A figura da estação atual é de arquivo próprio da pesquisadora e a foto antiga da estação encontra-se em: CAMPANHOLE, A. Notícias da cidade de Sales Oliveira. São Paulo: A. Campanhole, 1991, p. 33.

Abaixo, segue a letra do hino:

“Se sonha na terra  
conhecer o céu  
e se tem no peito  
um forte coração  
faça de pássaro  
o pensamento seu  
e voa agora  
rumo àquele chão.

Se busca amor  
se busca compreensão  
e se tem amor  
ou se amor perdeu  
sempre se encontrará  
e terá razão  
pra viver momentos  
que nunca viveu.

E o calor humano  
e a amizade  
e a ternura  
e o carinho  
a felicidade  
é da colméia  
o mais doce mel.

E quando o sonho  
for realizado  
terá conhecido  
terá conhecido  
Sales Oliveira  
Sales Oliveira  
um pedacinho do céu.”

O poema, que posteriormente, serviu como letra para o hino da cidade, mostra muitas características presentes na vida da cidade do interior, como o sentimento de amizade existente entre as pessoas, a compreensão e o calor humano. Tais características são muito mais presentes na vida das pessoas que moram em cidades denominadas “pequenas”, pois em cidades maiores, geralmente, as pessoas conhecem apenas seus vizinhos (quando conhecem) e, em Sales, na década de 1990, todas as famílias se conheciam, sabiam as histórias uma das outras, se cumprimentavam nas ruas.

Atualmente, é comum ouvirmos os moradores salenses comentarem sobre o crescimento da cidade e o fato de não conhecerem todo mundo, como acontecia antigamente.

A cidade realmente se expandiu ao levarmos em consideração que, no ano de 2010, a população era de 10.568 salenses e, em 1991, era de 7.632 pessoas, de acordo com dados do IBGE.

Entretanto, mesmo que a população tenha aumentado, ainda é perpetuado na cidade esse sentimento de que as pessoas se conhecem, estabelecem e mantêm laços de amizade. Um exemplo disso é a lista telefônica da cidade. Na lista, existe a chamada “Seção apelidos”. Muitos salenses não são chamados pelo nome e o apelido se torna uma forma de chamamento tão comum na cidade que, se fizermos uma pesquisa com alguns salenses, por exemplo, e perguntarmos o nome do “Balé”, poucas pessoas saberão dizer que é Laércio. Por isso, foi criada a seção apelido, que no ano de 2016 consta com 59 apelidos, dentre eles:

**Quadro 6- Apelidos dos salenses<sup>15</sup>**

<b>Apelido</b>	<b>Primeiro nome</b>
Ado	Nivaldo
Alcides Beirão	Ercílio
André do Insulfilm	Não aparece o nome
Angelim sapateiro	Ângelo
Balé	Laércio
Banzé	José
Bate Caixa	José
Bilão	José
Bilê	Maria Madalena
Borrachinha	Edson
Branca	Eliana
Butega	Carlos
Cabeção	Antônio
Cal do Skina Bar	Carlos
Canela	Sebastião
Chera	Ângelo
Cheroso	Wilson
Chiquinho Cobra Criada	Francisco
Chita	César
Chorão	Ademir
Coquinho	Claudinei
Crica	Antônio
Dilsim	Edilsom
Dirim	Waldir
Dito do Gás	Benedito
Dora Bodelon	Dora
Fuca	Aparecido
Gê	Geraldo
Goiabinha	Rafael
Gráia	Sérgio

<sup>15</sup>As informações que compõem o quadro foram retiradas da lista telefônica da cidade, mais precisamente da seção apelidos. Para manter a identidade do morador preservada, foram retirados os sobrenomes e os números dos telefones. A autora da tese não se responsabiliza pelas informações citadas na lista e transcritas para o quadro. Cabe ressaltar que não foi pedida autorização dos moradores citados, visto que entendemos que a lista telefônica é de informação pública e toda e qualquer pessoa pode ter acesso a ela e às informações que ela contém.

Grilo	Odair
Gustim	Augusto
João do Tacho	João
João Preto	João
Juca	Jorge
Kalá	Atilio
Kitty	Maria Cristina
Lalau	Ronaldo
Lazinho	Lásaro
Lolim	Lorivaldo
Lú da gráfica	Não aparece o nome
Lurdinha Cordeiro	Maria
Magal	Flávio
Mao	José
Nega Casquero	Maria
Nenê Pimenta	Ângelo
NiBonadio	Odenir
Nininha	Maria
Pintinho	Antônio
Piriá	José
San Moto Boy	Gilson
Taide Canela	Octaydes
Tchaca Pedreiro	Não aparece o nome
Tiã Pitanga	Sebastião
Tim (mercado)	Roberto
Tui Lee	Edvaldo
Toio	Nestor
Toninho Cordeiro	Antônio
Tranquilo	Carlos

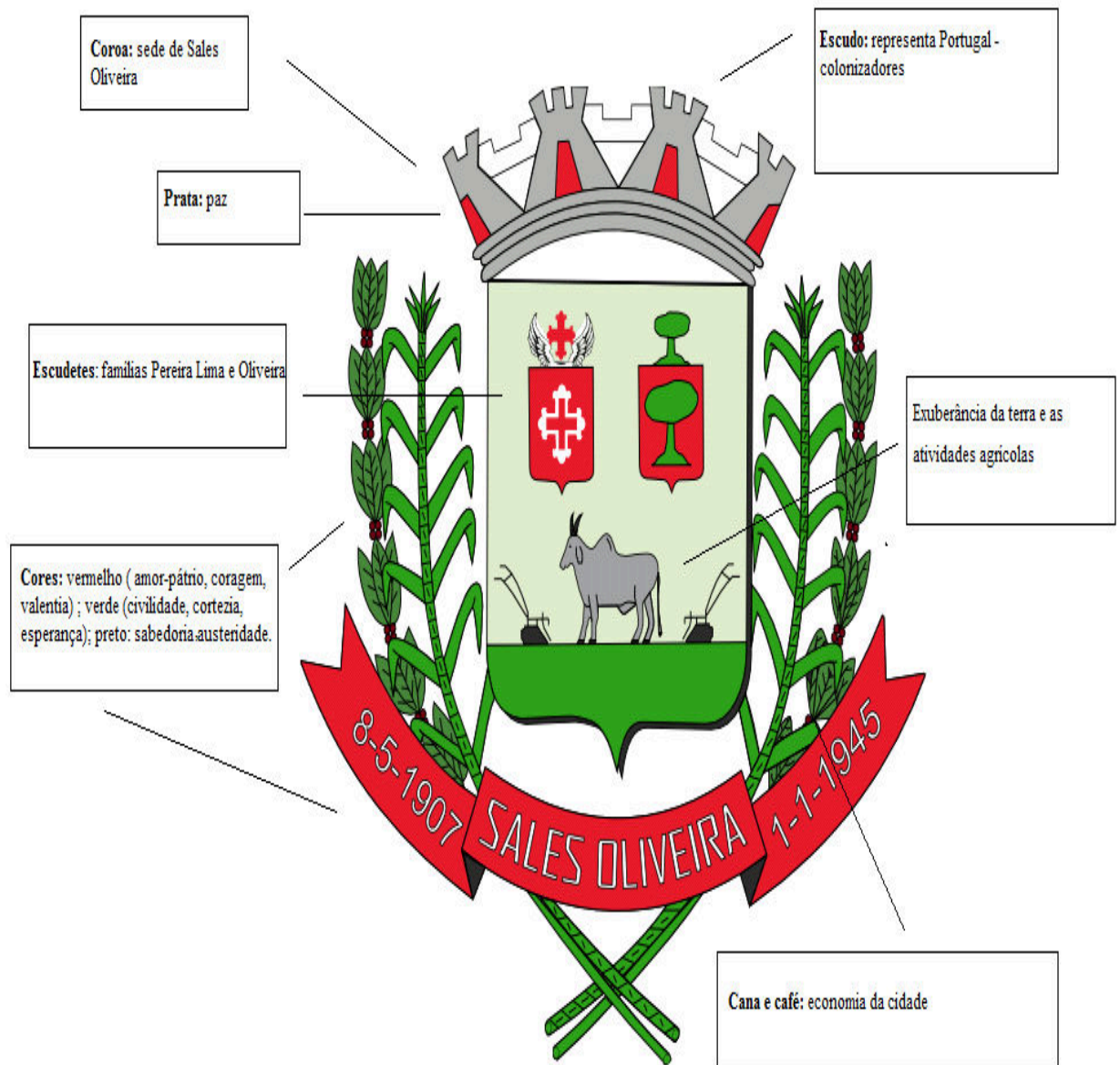
**Fonte:** Lista Telefônica Regional. 11. ed. Sem página.

O quadro 6 é um retrato de que na cidade de Sales Oliveira ainda essa relação de conhecer o “outro” e, conseqüentemente, manter fortes os laços de amizade são mantidos.

No que diz respeito ao brasão da cidade, este é de autoria do professor Antônio Peixoto Faria (CAMPANHOLE, 1991, p. 13). A figura 6 traz o brasão da cidade e a explicação dos elementos que o compõem:



**Figura 6- Brasão de Sales Oliveira-SP**



**Fonte:** Site da internet<sup>16</sup>

A cidade de Sales Oliveira tem como base na sua economia, atualmente, não mais o café, mas a palha. A palha é responsável pelo giro de capital da economia salense. Devido a sua grande importância, Sales recebe a denominação de “capital da palha”, pois é responsável por mais da metade de toda a palha que é consumida no Brasil (KLEMP, 2005, p. 9).

A palha foi introduzida na cidade na década de 60 por Honório Jeremias. Depois, João Tizziotti também se interessou pelo ramo e, hoje, existem na cidade cerca de 80 palheiras.

<sup>16</sup>A figura do Brasão foi retirada do site <<https://www.google.com.br/search?q=brasão>>. Acesso em: 08. abr. 2016. As informações que se encontram nos retângulos foram retiradas de CAMPANHOLE, A. Notícias de Sales Oliveira. Sales Oliveira: tel do ator, 1991, p. 13-14.

Dentre as pessoas que investiram nesse ramo, destacamos os seguintes palheiros: João Maulin, Irmãos Cantareli, Pedro Bérnago, Agostinho Alves Moreira, Antônio César Dalbém, João Antônio Gallan, Laércio Eliziare, Omar Bispo, José Mário Martins, Nilton Roberto Mello Martins, dentre outros (KLEMP, 2005, p. 9).

As fabriquetas de palha, além de propiciar emprego aos salenses e serem consideradas como as grandes responsáveis por “sustentar” a economia da cidade, ainda colaboram, de forma indireta, com o artesanato local. Muitos artistas como Graziela Poloni e Atílio Paschoal Passágua utilizam a palha como matéria-prima das suas obras (KLEMP, 2005, p. 10). Além de obras de arte, utilizando a palha como matéria prima pode-se fazer flores, móveis como cadeiras, enfeites para casas, banquetas, dentre outros.

No que diz respeito às fabriquetas de palha, o processo começa com o plantio. Muitos palheiros fazem uma espécie de sociedade com os agricultores, fornecendo as sementes para o plantio. O agricultor planta, mas o palheiro é o responsável pela colheita. Na colheita, é retirada a palha do milho, que, nas fabriquetas, vai para uma estufa com enxofre e álcool. Depois, as palhas são cortadas no facão e a cabeça da palha é retirada, ocorrendo a separação das folhas. Algumas pessoas são responsáveis pela dobra da palha e pela separação em finas, extrafinas, de primeira, segunda ou terceira. Depois de separadas, coloca-se a palha em latas, lado a lado. Essas palhas são prensadas, empapeladas e prensadas novamente. Depois do processo final, são comercializadas (KLEMP, 2005, p. 11). Para fins comerciais, a palha é utilizada na confecção de encostos de cadeiras, bancos, balaios e para fazer cigarrinho. A maioria das palhas vendidas em Sales tem como destino a confecção de cigarrinho de palha.

Além dos cigarrinhos, muitas pessoas aproveitam a palha do milho e os grãos para fazer pamonha. É muito comum, durante o dia, os salenses ouvirem a buzina do vendedor de pamonha, que antigamente, trazia as pamonhas dentro de um isopor, em cima de uma charrete. Hoje em dia, o vendedor mais tradicional de pamonhas utiliza a bicicleta como meio de transporte para locomoção. A figura 7 mostra as pamonhas que, tradicionalmente, são vendidas nas ruas de Sales:

**Figura 7- Delícias de milho**



Fonte: Fonte própria.

### **3.4 Alguns lugares salenses e suas histórias**

É impossível falar de Sales Oliveira sem citar a rua das árvores. Cartão postal da cidade, as árvores - da chamada Rua das Árvores - localiza-se na Rua José Bonifácio, perto da praça onde fica a igreja matriz, no centro da cidade. A ideia de se plantar 22 mudas de figueiras foi de um morador salense, Sr. Achilles Turim, no ano de 1954 (KLEMP, 2009, p. 214). Essa ideia deu tão certo, que hoje, as árvores, já crescidas, são uma espécie de símbolo da cidade.

Klemp (2009, p. 216) comenta que, durante as décadas de 70 e 80, a rua das árvores servia como local para a realização de quermesses em prol da igreja católica. A “Quermesse de Santa Rita”, assim como era chamada, segundo o autor, era muito animada pelos bingos, correio-elegante e prendas doadas.

Atualmente, não se fazem mais quermesses na rua das árvores: estas acontecem no Salão Municipal. Além das quermesses e da sombra gostosa, a rua das árvores também possui uma característica muito marcante: a esquina do pecado. A esquina do pecado, segundo Klemp (2009, p. 218) diz respeito a uma alfaiataria que se localiza em uma das esquinas da rua. Nessa alfaiataria, muitas vezes, é comum encontrar homens, geralmente senhores mais idosos, conversando sobre os acontecimentos cotidianos da vida e da cidade. A figura 8 mostra o cartão postal de Sales Oliveira:

**Figura 8- Rua das árvores**



**Fonte:** Arquivo do museu de Sales Oliveira

Além da rua das árvores, outros lugares também se destacam na cidade. O “Clube Onze de Outubro” é um deles. Embora tenha ficado um período desativado, algumas pessoas estão tentando ativá-lo novamente. O clube, desde sua fundação, sempre foi o principal lugar de lazer dos salenses: era no clube onde aconteciam os grandes bailes, os jovens iam se divertir e os sócios nadavam nos finais de semana.

Antes da construção do prédio, por volta da década de 1950, os bailes eram organizados no Cine Santa Rita, lugar onde funcionava o cinema e, posteriormente, seria o teatro da cidade. Embora fossem um grande sucesso, os bailes organizados no cinema davam muito trabalho, pois os organizadores precisavam empilhar muitas cadeiras para ter espaço suficiente para as danças e, quando eram terminados os bailes, tinham que arrumar todo o prédio. Pensando nisso, os salenses Edézio Bonadio, Máxima Pereira Lima, Elir, Cyone Bonadio, Dalila Costacurta e Nely Righeti resolveram fundar uma comissão para construir um local onde os bailes pudessem ser realizados, ou seja, deram o primeiro impulso para a construção do clube (KLEMP, 2005, p. 51).

A figura 9 mostra uma lista com os primeiros nomes que apoiaram a construção do clube:

**Figura 9- Nomes que apoiaram a construção do clube<sup>17</sup>**

Primeiro Impulso		Para construção do Clube da nossa Terra	
Nomes		CR\$.	
✓ pago	Agostinho Bastião	10.000,00	
✓ pago	Augusto Antunes	5.000,00	
	João Carlos	2.000,00	
✓ pago	Antonio Estacurta	5.000,00	
	Vital Pereira Lima	5.000,00	
✓ pago	Euzébio Fernandes	500,00	
✓	Alvaro de S. S.	20.000,00	

**Fonte:** BARROS, Maria Lúcia Godoy de. *Minha cidade era assim... História vivida, História sentida do "Clube Onze de Outubro"*.

A princípio, o clube seria construído onde atualmente é o hospital da cidade. Os jovens interessados em sua construção ganharam o terreno, mas antes de começar a construção do prédio foi pedido que trocassem o lugar: que cedessem o terreno do clube para a construção do hospital e usassem o terreno do hospital para a construção do clube. Essa “troca” de lugares ocorreu devido ao desejo de se construir o hospital em um lugar mais calmo, mais sossegado (KLEMP, 2005, p. 51). Como consequência disso, o clube acabou sendo construído no centro da cidade, perto da praça e da atual escola pública, na Rua Vereador Omar Rocha.

Depois que a questão do terreno foi resolvida, iniciaram-se as campanhas para a construção do prédio. Entretanto, mais um entrave ocorreu: o padre da cidade quis construir a torre da igreja. As quermesses realizadas tinham suas rendas revertidas para o projeto do padre Joaquim. Com isso, o povo deixou de colaborar com o clube para construir a torre (KLEMP, 2005, p. 53). Devido à construção da torre, o prédio do clube ficou pronto só em 1959 (KLEMP, 2005, p. 53). A figura 10 traz o mapa do terreno onde foi construído o clube:

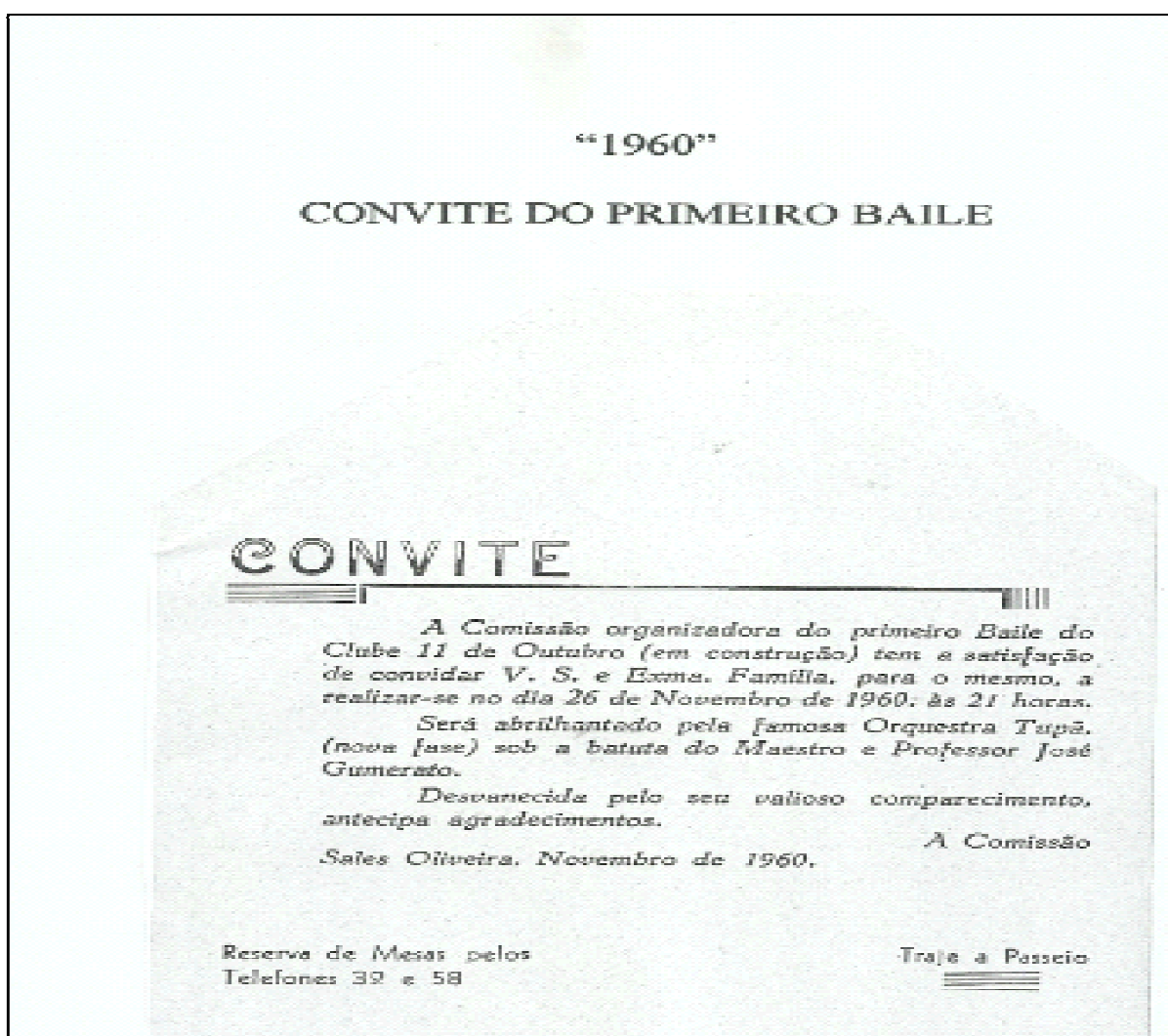
<sup>17</sup> A imagem da figura encontra-se disponível para consulta no Museu de Sales Oliveira. A imagem faz parte de um trabalho intitulado “Minha cidade era assim... História vivida, História sentida do ‘Clube Onze de Outubro’”, de autoria de Maria Lúcia Godoy de Barros. Esse trabalho, segundo uma funcionária da secretaria da Educação e Cultura, foi realizado para um concurso que ocorreu na cidade, nas festividades de comemoração do aniversário de Sales. Não sabemos, entretanto, a data do concurso nem seu ano de realização.



O primeiro baile no clube foi realizado no chão de cimento, em novembro de 1960, com a orquestra Tupã, de Ribeirão Preto. A primeira diretoria era composta por Edézio Bonadio, Waldir Turin e Evaristo Miranda Paciência (KLEMP, 2005, p. 54). Na década de 1970, os bailes atingiram o auge com as debutantes. Até o ator global Tony Ramos esteve em um dos bailes, dançando com as aniversariantes (KLEMP, 2005, p. 54-55).

A figura 12 é o primeiro convite do primeiro baile realizado em 1960. Já a figura 13 diz respeito aos bailes das debutantes.

**Figura 12- Primeiro baile realizado no Clube Onze de Outubro<sup>19</sup>**



**Fonte:** BARROS, Maria Lúcia Godoy de. *Minha cidade era assim... História vivida, História sentida do “Clube Onze de Outubro”*.

<sup>19</sup> Idem nota 13.

Figura 13- O *glamour* dos bailes de debutantes<sup>20</sup>

**JOVENS DEBUTANTES:**

No momento em que ingressais na vida social, O Clube 11 de Outubro quer deixar-vos sua mensagem. Ela pretende ser simples, porém de efeito prolongado, aplicável a todo momento de vossas vidas, como equação matemática infalível, capaz de solucionar todos os problemas do mundo. Talvez não tendes ainda percebido, mas os olhos dos homens são suas mais fulminantes armas. Basta que ele os feche e tudo deixa de existir: a matéria inerte, os seres organizados e o próprio homem entre eles.

Quantas atrocidades não seriam cometidas se deixássemos, em certos momentos, de fechar nossos olhos!

Pois bem, jovens debutantes: estais adentrando, hoje, um meio onde as pálpebras, freqüentemente, estão cooptadas.

Que as vossas pálpebras, entretanto, estejam sempre afastadas, de modo que vossos olhos possam conhecer, na sociedade, os erros e corrigi-los; perceber as mentiras e descobrir a verdade; observar as injustiças e fazer justiça; sentir a desarmonia e procurar a união!

Que vossos olhos estejam tão abertos que mesmo mergulhados na treva do ódio que inunda a terra possam jorrar a luz do amor!

Com ele o homem pode tudo. Através dele o homem busca sua felicidade na felicidade alheia. Por ele o homem aproxima-se de Deus, pois Deus é amor.

É isto que a sociedade, da qual agora sois parte integrante, mais pode esperar de vós: que vossos olhos sejam fonte viva de amor.

E se assim fizerdes, estejais tranqüilas: tereis cumprido vossa parcela!

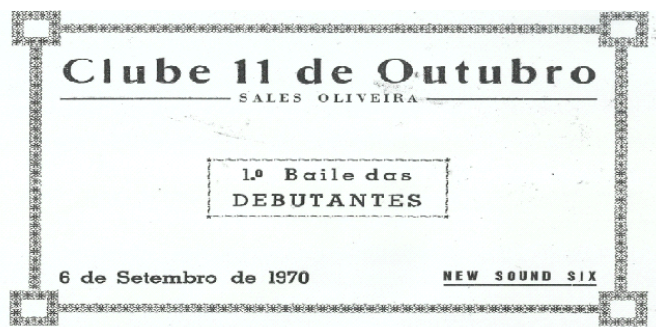
*Dr. Raul César V. Santiago*  
presidente

---

**DEBUTANTES DE 1970**

<i>Amália Aparecida Orsi</i>	<i>Jeana Dantas Frabrini</i>	<i>Maria do Carmo Alves Godoy</i>
<i>Ana Maria Cadete</i>	<i>Lucélia Barbim</i>	<i>Norma Suely Barradas</i>
<i>Ana Suely Barradas</i>	<i>Maria Auxiliadora de Barros</i>	<i>Milza Maria Contento</i>
<i>Angela Beatriz Lima Bonadio</i>	<i>Maria Lúcia Orsi</i>	<i>Rosângela Sanchez Artuzo</i>
<i>Eleonor Cottas Videira Caetano</i>	<i>Márcia Marilda Cottas Videira</i>	<i>Sandra Nascimento</i>
<i>Iracema Nascimento</i>	<i>Maria Cristhina Azevedo Penso</i>	<i>Silvia Helena Camilo de Oliveira</i>
		<i>Terezinha Davanello Godoy</i>

*Paraninfo: Egidio Costacurta Sobrinho*



**Fonte:** BARROS, Maria Lúcia Godoy de. *Minha cidade era assim... História vivida, História sentida do "Clube Onze de Outubro"*.

O clube sempre foi o maior ponto de encontro dos jovens salenses. Este permaneceu fechado durante muito tempo, mas desde 2015, foram feitas tentativas para abri-lo novamente, o que de fato aconteceu, mas sem muito sucesso. Embora o clube tenha sido reaberto, ainda muitos sócios deixaram de frequentar o local. As gincanas, que eram realizadas com

<sup>20</sup> Idem nota 13.



frequência, não são mais realizadas. Os bailes, antes muito famosos, como por exemplo o Baile do Havaí, o Baile de Férias, Baile de Aniversário do Clube não ocorrem mais.

Os bailes realizados ultimamente são de música eletrônica, em sua maioria, e ocorrem de forma esporádica. Os sócios, que frequentavam assiduamente o local, quase não vão mais às piscinas e eventos.

Além do Clube Onze de Outubro e da Rua das Árvores, outro lugar marcou a vida dos salenses: a igreja matriz. Cabe ressaltar que a construção da igreja não foi um marco apenas religioso: esta trouxe impactos para a vida social dos salenses, pois a grande maioria dos moradores de Sales eram católicos e, mediante a construção da matriz, passaram a ocorrer quermesses, encontros de grupos de jovens, fazendo com que não somente os aspectos da vida religiosa fossem contemplados, como também os culturais e sociais.

De acordo com PICCINATO<sup>21</sup>, no ano de 1902, mais precisamente no dia 08 do mês de julho, Affonso Gomes Nogueira- o Capitão Cobra -, juntamente com sua esposa, Dona Rita Nogueira Torres Cobra, doaram um lote de terra para a construção da igreja matriz. O Capitão Cobra era proprietário da Fazenda Pindahyba, pertencente à Comarca de Nuporanga. Naquela época, segundo o autor do trabalho, um lote de terra equivalia a 2 alqueires de campos de cerrado.

Devido ao fato das terras doadas serem parte da comarca de Nuporanga, até o ano de 1911, a capela de Sales Oliveira fazia parte da Matriz de Nuporanga. Entretanto, no dia 31 de março de 1911, a igreja de Sales Oliveira tornou-se uma paróquia própria e a matriz foi de fato construída em 1916, mediante quermesses realizadas pela população e doações dos fazendeiros da época, que doaram, dentre outras coisas, seis altares de mármore italiano (PICCINATO, sem data, p. 3).

Quando afirmarmos que a construção da igreja foi um marco não só religioso como também social e cultural para a cidade, fazemos referência não só às quermesses que eram realizadas e, conseqüentemente, serviam como forma de interação social e distração, mas também aos grupos formados dentro da matriz, que tinham como objetivo principal a religião, mas que, também funcionavam como meio de interação social entre seus membros.

Dentre esses grupos, Piccinato (sem data, p. 40), destaca 4: as “Filhas de Maria”, “Congregação dos Marianos”, “Cruzadas” e “Apostolado da Oração”. O primeiro grupo,

---

<sup>21</sup>O trabalho intitulado “A igreja matriz de Santa Rita de Cássia em Sales Oliveira e um paralelo histórico”, é de autoria de Mário José Aparecido Piccinato, professor de história e morador da cidade de Sales Oliveira. O autor da pesquisa escreveu esse trabalho para participar de um concurso “Minha cidade era assim”. Esse trabalho, segundo uma funcionária da secretaria da Educação e Cultura, foi realizado para um concurso que ocorreu na cidade, nas festividades de comemoração do aniversário de Sales. Não sabemos, entretanto, a data do concurso nem seu ano de realização.

“Filhas de Maria”, era composto por jovens solteiras, que se reuniam uma vez por mês com o pároco da igreja para receberem instruções sobre como se portar levando uma vida pautada em Cristo. As moças que faziam parte dessa irmandade se vestiam com vestidos brancos durante as missas e usavam uma fita azul no pescoço. Quando eram desposadas, a fita era entregue.

Ainda segundo o autor, a “Congregação dos Marianos” era composta por homens casados e, em geral jovens. Tinham como saudação o lema “Salve Maria”. Esses jovens se reuniam em uma sede própria, doada por Isaac Pereira Lima.

Não só os adultos faziam parte de grupos relacionados à igreja: as crianças também tinham seu próprio grupo: “Cruzadas”. Nesse grupo, elas aprendiam sobre a eucaristia e, durante as missas, usavam uma fita amarela com uma cruz azul e roupas brancas (PICCINATO, sem data, p. 4).

O quarto grupo era intitulado de “Apostolado da Oração” e era composto por mulheres casadas, presididas por Adelaide Costacurta. Essas mulheres vestiam-se de roupas pretas durante as missas e usavam uma fita vermelha com uma medalha do Sagrado Coração de Jesus (PICCINATO, sem data, p. 4).

Torna-se necessário ressaltar que os componentes desses grupos tinham não só uma relação religiosa ou compactuavam dos mesmos preceitos de fé: mediante os encontros e a convivência oriunda desses, estabeleciam práticas de convivência social.

A igreja, ao longo dos anos, sofreu algumas modificações em sua estrutura física, como por exemplo, a construção da torre e a colocação da imagem do Cristo redentor sobre ela. A ideia de se colocar o Cristo na torre da igreja partiu de um morador da cidade, chamado Alberto Dantas. O senhor Alberto era casado com dona Gina, uma carioca que veio para Sales Oliveira. No intuito de fazer com que a esposa se lembrasse do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, o senhor Alberto propôs essa ideia ao padre Joaquim Correa Leandro e aos moradores da cidade, que acataram a sugestão do senhor apaixonado e, por meio de uma festa, em 1956, inauguraram a torre com o Cristo. A imagem do Cristo, segundo Piccinato (sem data, p. 7), foi confeccionada em Ribeirão Preto, pelo artista Antonio Bertoleto. O relógio e o sino foram doações de Cleofindo Benedini e de Egydio Costacurta, respectivamente. Atualmente, a matriz encontra-se com o seguinte formato:

**Figura 14- Formato atual da Matriz de Sales Oliveira**



**Fonte:** Museu de Sales Oliveira

Atualmente, os grupos religiosos como “Filhas de Maria”, “Congregação dos Marianos”, “Cruzadas” e “Apostolado da Oração” não existem mais. Entretanto, a igreja católica em Sales Oliveira conta com dois grupos muito fortes; os carismáticos e os do neocatecumenato.

### **3.5 Sales Oliveira pelo “olhar” de seus moradores**

É inegável o fato de que os moradores de uma determinada região narrem e/ ou descrevam com riqueza os aspectos que caracterizam o lugar onde vivem. Tal riqueza, muitas vezes, pode ser oriunda das experiências por eles vivenciadas e, por isso, acabam incutindo nessas lembranças não apenas aquilo que está ao alcance do campo visual, mas também as

sensações que são despertadas. Com o intuito de obter uma descrição com maior riqueza de detalhes sobre a cidade de Sales Oliveira, foi realizada uma pesquisa de campo com dois moradores salenses, nascidos e criados nesse município. Como citado na seção de metodologia, optou-se por gravar um homem e uma mulher para que a maior quantidade de aspectos sobre a cidade fosse abrangida, pois era interessante conseguirmos dados que estivessem relacionados tanto ao universo feminino quanto ao masculino. Além de pessoas de gênero distinto, buscamos por moradores que tivessem morado na zona rural e na zona urbana, pois era interessante a compreensão desses dois ambientes. Desta forma, realizamos uma pequena amostra, com dois moradores salenses: uma senhora de 65 anos, aposentada, intitulada nessa pesquisa como A e um senhor de 68 anos, também aposentado, intitulado como B.

Ao ser questionada sobre como era a cidade de Sales Oliveira antigamente, A comentou que, quando era criança( mai de 50 anos atrás),a cidade contava apenas com duas ruas asfaltadas: a rua Voluntário Nélio Guimarães, onde atualmente concentram-se os bancos da cidade e a avenida Dom Pedro II – atual avenida onde se localiza boa parte do comércio salense. As demais ruas, segundo a participante, eram de terra e não existia rede de esgoto.

Devido à inexistência de saneamento básico, a população fazia uso de fossas e, por isso, as casas possuíam os vasos sanitários de buraco. Além disso, não existiam muros nas casas, os limites entre as residências eram delimitados por meio de cercas de bambu ou arame farpado.

Nessa época, já existia o trem, que era a principal forma de transporte. A participante comenta que além do trem existia um ônibus, chamado de jardineira, que levava os moradores para Ribeirão Preto. Embora existisse essa jardineira, a participante disse que preferia ir de trem, porque a estrada Anhanguera, que liga Sales Oliveira a Ribeirão Preto, era de terra e o trem era, portanto, o melhor meio de transporte.

A linha do trem dividia a cidade em duas: a parte abaixo da linha do trem e a de cima. De acordo com o participante B, existia certa rivalidade entre os jovens que moravam abaixo da linha do trem e os que moravam na parte de cima. Isso acontecia, segundo o participante, devido ao futebol e ao fato de a maior parte do comércio, assim como os campinhos de futebol, o cinema e o circo (quando este chegava à cidade) se localizarem na parte de cima da linha do trem. Entretanto, o participante comenta que na parte de baixo da linha do trem tinha o famoso “Bar do Ponto”, local de diversão e encontro dos adultos do sexo masculino e o ponto de táxi: os táxis eram usados quando os moradores de Sales precisavam ir com urgência para Ribeirão Preto ou Orlândia. O participante comenta que, quando ficou doente, o médico

pediu que ele fosse levado com urgência para Ribeirão e, por isso, foi de táxi.

Ainda sobre essa rixa existente entre os moradores de cima da linha do trem e os que moravam abaixo da linha, o participante relata que esta era apenas entre os meninos, ou seja, entre as crianças. Os adultos não se indispunham com essas questões. Faz-se necessário ressaltar que, ao ser questionada sobre essa indisposição entre os meninos moradores da parte de cima do trem e da parte de baixo, a participante A afirmou não ser conhecedora dessa questão. Isso comprova que, de fato, essa era uma problemática restrita aos jovens do sexo masculino. Atualmente, assim como não existem mais os trilhos da ferrovia, a rixa entre os garotos não existe mais. Embora não possamos deixar de comentar que, infelizmente, ainda exista certo preconceito em relação a alguns bairros da cidade, como por exemplo, o Marincek, popularmente conhecido como Iraque.

Em relação aos conflitos sociais que ocorriam na vida em sociedade, os participantes comentaram que em Sales Oliveira existia um forte preconceito por parte dos moradores da cidade em relação aos moradores da fazenda. A participante A comenta que, quando os moradores das fazendas vinham morar ou passear na cidade, esses eram tratados de forma diferente, uma vez que existiam três classes sociais distintas: os ricos - moradores da cidade ou grandes fazendeiros; a classe média – composta por pessoas que moravam na cidade, mas não tinham condições financeiras muito altas e os moradores das fazendas – que eram os trabalhadores e moradores das colônias. Sendo assim, se considerarmos uma escala social mediante o poder aquisitivo, os moradores das fazendas ocupavam a parte mais baixa da escala social. A participante A ainda comenta que tais diferenças eram muito perceptíveis, principalmente quando se observavam as fachadas das casas e as roupas que as meninas usavam: as meninas que faziam parte da elite salense andavam com roupas da moda, enquanto as demais não.

Embora houvesse muitas diferenças entre as classes sociais, todas as crianças frequentavam a mesma escola: a escola pública. Na escola, conhecida também por grupo escolar, os alunos mais ricos levavam lanche de casa, enquanto os menos afortunados levavam mantimentos como arroz, feijão ou mandioca e a cozinheira –Dona Irma– calculava a quantidade de pratos de sopa que a criança poderia tomar mediante a quantidade de alimento que ela havia levado. Para fazer o controle da comida, eram dadas fichas de madeiras para as crianças e essas podiam, na hora do recreio, comer sopa, sagu, arroz doce (dependendo o dia) mediante a apresentação desses “toquinhos” de madeira.

O participante B comentou que muitas crianças iam descalças para a escola ou, às vezes, quando o sapato apertava e criava bolhas nos pés, calçavam apenas um sapato,

deixando o pé machucado livre das alpargatas (sapato mais comum naquela época). O senhor entrevistado também comentou que a maioria das crianças não tinha mochila e levavam os cadernos em um embornal, uma espécie de bolsa feita de pano. Os mais afortunados financeiramente não levavam seus cadernos em embornais, mas sim, em mochilas.

O participante relatou que um menino com condições financeiras melhores levava uma mochila com uma caneca de alumínio amarrada na alça. A caneca era para beber água no bebedouro. Enquanto a maioria das crianças não tinha canecas, esse menino fazia uso da sua e isso gerava um sentimento de inferioridade nos demais. Por isso, o falante B comenta que ele e os primos empurravam esse menino e amassavam a caneca, uma vez que não tinham uma e esta era um símbolo, mesmo que pequeno, da ostentação oriunda das diferenças entre as classes sociais.

Ainda sobre a escola, os participantes comentam que durante algum tempo, em Sales, só existia o ensino fundamental I e que o ensino fundamental II, chamado de normal, só era oferecido na cidade vizinha: Orlândia. A irmã da senhora A, por exemplo, fez o fundamental II na cidade vizinha, mediante transporte gratuito, oferecido pela prefeitura. O transporte era feito em uma perua e essa era dirigida pelo Sr. Amâncio. Na época em que os falantes A e B estavam no fundamental II, a escola (grupo escolar) salense já oferecia esse nível de ensino na cidade. O ensino médio na época da falante A era em Orlândia e na época do falante B já era em Sales.

Para ir à escola, os falantes comentaram que se locomoviam a pé, sozinhos e que “cortavam” caminho, pulando os vagões do trem. Onde atualmente localiza-se o ginásio de esportes “Durval Borsato”, na época em que os participantes eram jovens, existia apenas mato. Tanto A quanto B disseram que passavam por meio de trilhos abertos nesse terreno para encurtar caminho com a finalidade de chegar mais rápido à linha do trem.

Ao comentarem sobre os caminhos que faziam para ir à escola, os participantes falaram sobre a Estrada Boiadeira. Essa estrada ficava perto da atual escola estadual da cidade e o gado passava nela. Quando o gado passava, os moradores da cidade corriam para fechar a casa e o portão de arame porque, muitas vezes, o gado se dispersava e entrava nos quintais, pisoteando as plantações, esmagando as flores. Os entrevistados disseram que tinham medo de passar por essa estrada, pois podiam encontrar com o gado e acabar se machucando.

Sobre as atividades de lazer, os entrevistados citaram o cinema, as quermesses e as voltas na praça. A participante A comentou que não existia DVD e que eram poucas casas que tinham televisão. A entrevistada citou que sua tia tinha televisão e que ela e a família iam até a casa da tia para assistir aos programas. A televisão, assim como a geladeira e o fogão a gás,

não eram eletrodomésticos comuns na sociedade salense, na época de juventude dos entrevistados, por volta dos anos de 1960.

Sobre a praça, A relatou que os jovens ficavam dando voltas e se paqueravam. A senhora comentou que dificilmente os namorados conseguiam sentar-se nos bancos, pois quase todos os jovens utilizavam-se das voltas ao redor da praça para paquerar e poder conversar um pouquinho com a pessoa pela qual estavam interessados.

Ainda sobre a praça, a participante comenta que ocorriam quermesses, onde atualmente é o Clube Onze de Outubro. Essas quermesses tinham como objetivo angariar fundos para a construção da torre da igreja matriz. Nelas, os jovens podiam enviar correio elegante, uma espécie de bilhete amoroso, muito comum em festas do interior. Para a realização da quermesse, a cidade era dividida em quarteirões e cada um doava uma prenda, como por exemplo, os quarteirões X e Y ficavam responsáveis pela doação de leitoa, o quarteirão Z pela doação de frango. As famílias que moravam nesses quarteirões, faziam, portanto, a doação das prendas estipuladas para serem arrematadas.

Além das quermesses, outra diversão era frequentar os bailes nas fazendas. As meninas iam acompanhadas de seus pais, mas os meninos não: estes iam em turmas, geralmente de carro ou de perua, no estilo de lotação. Quando os jovens engatavam um namoro, pegavam na mão depois de um ano e só podiam colocar a mão no ombro quando estavam prestes a casar. Uma prática muito comum nos bailes era arrematar as rosas: o moço que arrematava a rosa podia dançar com a menina que quisesse.

Os participantes comentaram que as opções de lazer para os moços eram mais numerosas do que para as moças: esses podiam ir aos bailes na casa do Dr. Jorge. O Dr. Jorge foi um dos médicos mais famosos que clinicaram em Sales Oliveira. Naquela época, os médicos que clinicavam na cidade eram o Dr. Jorge, o Dr. Eduardo e o Dr. João. Estes clinicavam no posto de saúde e aquele no consultório particular. O Dr. Jorge só cobrava a consulta daqueles que podiam pagar. Os que não podiam pagar pelo valor da consulta, o médico atendia de forma gratuita. Tamanho era o carinho da população salense pelo médico, que até hoje vemos em seu túmulo placas com agradecimentos, inclusive de graças alcançadas.

Além dos médicos acima citados, os participantes comentaram que na cidade existia também o Sr. Jair Turim, que embora fosse o proprietário da farmácia, também era considerado uma espécie de médico para a população. Além da farmácia do Sr. Turim, existia a farmácia do Sr. Luis Cotas.

A respeito do comércio, A e B comentaram sobre a Casa Missão e o Bordignon,

lugares onde eram vendidos linhas, tecidos, comida, querosene, armarinhos, dentre outros produtos. Nesses lugares, as compras eram pagas após a colheita, assim como em qualquer outro estabelecimento comercial da cidade. De acordo com os entrevistados, não havia inflação e a inexistência desta colaborava para que esse processo comercial pudesse ocorrer dessa forma.

A respeito da existência de bancos em Sales Oliveira, os participantes relataram que existia um banco, cujo proprietário era Sr. Luis Scaterna. A e B também comentaram que apenas os fazendeiros ricos tinham contas abertas no banco.

Ainda sobre os fazendeiros, os entrevistados disseram que, em sua maioria, moravam na zona rural, nas fazendas. Alguns moravam na cidade, mas a maioria tinha apreço por estabelecer sua moradia na zona rural. Os participantes da entrevista contaram que, nas fazendas, existiam as colônias, ou seja, um aglomerado de casas onde os trabalhadores moravam com suas famílias. A colônia da fazenda Melado, por exemplo, chegou a ter 15 casas e no Brejinho, outra fazenda, 10 casas. As casas nunca eram assaltadas. Estas ficavam abertas e as janelas contavam apenas com trameia como fechadura.

Como muitas pessoas moravam nas fazendas, além dos bailes, como foi relatado acima, para se divertir, as pessoas promoviam o futebol entre as colônias de fazendas distintas. Muitas fazendas, principalmente as que eram habitadas por maior quantidade de pessoas, construíam escolas. Nessas escolas, o ensino não era seriado: todos os alunos aprendiam juntos. Quando precisavam ir à cidade, os moradores da zona rural utilizavam-se de charretes ou apenas do cavalo.

Além de relatarem sobre a cidade e os costumes de uma época mais antiga, A e B comentaram também sobre algumas mudanças alcançadas na cidade de Sales Oliveira. Dentre essas mudanças estão a construção da cadeia, do clube e do hospital. De acordo com os participantes da entrevista, esses lugares demoraram a ser construídos. B afirma que foi um dos sócios fundadores do Clube Onze de Outubro, portador do título 26.

Os moradores entrevistados também comentaram sobre a construção de Brasília e como isso se refletiu na cidade salense. Como ainda não existia a Via Anhanguera, muitos caminhões passavam dentro de Sales. Alguns caminhoneiros e até mesmo os mascates dormiam na pensão da Dona Nina, que funcionava como uma espécie de hotel. Atualmente, Sales possui dois hotéis.

### **3.6 Sales Oliveira pelo “olhar” do historiador**



Ao realizarmos as entrevistas com as professoras de História sobre os aspectos históricos e culturais da cidade, obtivemos uma grata surpresa: as professoras não só comentaram sobre a fundação da cidade como também nos forneceram dados sobre a situação atual do município, que não foram encontrados nas obras pesquisadas e no arquivo do museu da cidade.

Ao iniciar a gravação, a professora X comentou sobre o fato de, logo no início, a cidade de Sales Oliveira ter como característica marcante a ruralidade:

X: “(...) no começo muito rural né? É... se você pegá uma foto que tem ali na prefeitura que a vista aérea... num deve tê 20% da cidade que tem hoje... era mais essa parte aqui e até aqui no máximo...daqui pra cá já era fazenda de novo”.

Ainda sobre a questão da ruralidade, a entrevistada X comenta que até as décadas de 60 e 70, a maior parte da população salense era rural e que, mesmo nos dias de hoje, a relação dos salenses com a terra é muito forte:

X: Muita gente cria galinha em casa... muita gente ... é... tem casa na cidade mas às vezes tem uma chácara que usa só pra plantá... muita gente tem horta em casa...  
P: Ah... isso...  
X: Muita gente tem cavalo....  
{silêncio}  
P: Jura?  
X: Eles ficam lá na chácara do {fala o nome do proprietário da chácara} .... o {nome do proprietário} ... ele aluga as baias... aí... a pessoa..  
P: Onde que é isso X?  
X:Lá no JB  
P : Gente... não sei nada disso.... sério?  
X: ahã....ele tem uma chácara... ele construiu as baias...  
P: Ah.... ele aluga?  
X: Ele aluga... aí cê paga uma mensalidade pro seu cavalo ficá lá....  
P: Nossa!  
X: E ele dá comida...ele trata... cê vai lá só pra andá... se cê quisé aprendê a cavalgá ele ensina também...

A professora X, além de lecionar, também trabalha no comércio, em um *pet shop*. Na loja em que trabalha, além de produtos voltados aos animais, também são vendidas sementes para confecção de hortas. Devido ao seu trabalho no comércio, X afirma que sabe da existência de muitos salenses que, embora morem na cidade, ainda possuem uma forte relação com o campo, com a zona rural. Inclusive, como exemplo, X cita seu próprio avô, que mora na cidade e tem um sítio onde cultiva pés de frutas. A entrevistada também citou as pessoas que criam frango caipira em casa, não para ter lucro, pois X comentou que, financeiramente,

essa não é uma atividade muito lucrativa, mas pelo gosto de ter uma criação.

A professora Y também comenta, em sua entrevista, sobre a vida das pessoas que moravam nas fazendas. Os pais da professora moravam na zona rural e, muitas vezes, contavam para ela sobre as brigas que existiam entre as fazendas. Essas brigas aconteciam, geralmente, quando os moradores das fazendas vinham para a cidade e se encontravam com os moradores de outras fazendas. Segundo a professora, os moradores da fazenda Guaiuvira eram os que tinham fama de mais briguentos. Essa rixa entre os moradores de fazendas distintas ocorria também nos campeonatos de futebol que aconteciam entre as fazendas. Mas, embora houvesse essa rixa entre as fazendas, quando os jovens iam passear em Orlândia, cidade vizinha de Sales Oliveira, esses se uniam para bater nos orlandinos.

Sobre o processo de migração do campo para a zona urbana, X comenta que as pessoas começaram a vir para a cidade na mesma época em que seu bisavô e seu avô começaram a investir na palha, que, atualmente, é uma das maiores fontes de renda dos salenses, senão a maior. A professora desconhece o ano em que isso aconteceu, mas nos relata que seu bisavô tinha um mercado e começou a perceber que a palha que ele comprava era muito mal dobrada. Na tentativa de solucionar esse problema, o bisavô de X começou a fazer a dobradura de palha de uma forma mais adequada e expandiu a técnica da dobradura. Foi assim que começaram a surgir as fabriquetas de palha na cidade. Hoje, a palha é mais importante para a economia do município do que a agricultura. X comenta que o café, antes produto mais importante, atualmente, é apenas cultivado na Fazenda Conquista. Nas demais fazendas, planta-se cana-de-açúcar (em sua maioria) e alguns outros produtos, como o milho, por exemplo. Mas, o cultivo da cana se sobressai em relação aos demais.

Sobre o comércio salense, ambas as entrevistadas comentaram sobre a Casa Bordignon, um mercado que, até hoje, existe na cidade e mantém os mesmos costumes de antigamente. Nessa loja, quando o cliente vai comprar algum produto, fica atrás do balcão e o atendente é quem pega a mercadoria. Além dessa peculiaridade, as placas com as promoções são escritas do modo como algumas pessoas falam, não obedecendo à ortografia normativa. É comum ler coisas do tipo: “prisuntio”, “mortandela”, “tecidius”, dentre outros.

Ainda sobre os mercados, a participante X relatou que seus familiares tinham um armazém há algum tempo atrás e que o sistema de venda era bem diferente do modo como é realizado atualmente. A mãe de X comentou com a professora que, quando aquela era pequena, os produtos como bolacha e macarrão não vinham embalados como acontece hoje: eles eram vendidos por peso.

Esses dados são interessantes porque, embora não estejam relacionados diretamente à

história de fundação do município, nos fornecem uma possibilidade maior de recriar a vida social e cultural dos salenses para que possamos tecer comparações mais palpáveis em relação à situação atual e compreender, de forma mais clara e precisa, as mudanças pelas quais a sociedade tem passado.

Outro aspecto que, embora não faça parte da história da fundação da cidade, consideramos importante foi a justificativa dada pela participante Y sobre o fato (já citado pelos moradores A e B, em suas entrevistas) dos caminhões que carregavam os materiais para a construção de Brasília passarem por Sales Oliveira. Durante a entrevista realizada com os participantes A e B, foi comentado que, na época da construção da cidade de Brasília, os caminhões passavam por Sales, aumentando não só o movimento na cidade como também no comércio, uma vez que muitos motoristas se hospedavam no hotel que existia na cidade. Embora tivessem citado esse fato, os moradores com mais de 60 anos não comentaram o motivo que levavam esses caminhões a realizarem esse trajeto. Entretanto, durante a entrevista com a professora Y, essa comentou que o presidente Juscelino Kubitschek costumava vir a Nuporanga, uma cidade vizinha de Sales, para passear. Por conta disso, devido a seu apreço pelo local, o então presidente, responsável pela fundação de Brasília, solicitou que os caminhões de pedras passassem pelas cidades do interior paulista.

Outra curiosidade relatada pela professora Y está relacionada ao cinema. A professora comenta que o cinema em Sales Oliveira foi construído antes da cidade deixar de ser comarca e tornar-se cidade, de fato. O objetivo do cinema era veicular vídeos sobre a segunda guerra mundial. Hoje o cinema está desativado: é usado apenas quando alguma companhia de teatro vai fazer apresentações teatrais.

Ao considerarmos os dados encontrados nas obras sobre a cidade, na pesquisa com os moradores com mais de 60 anos e na gravação das professoras de História, concluímos que a cidade de Sales Oliveira, a princípio, contava com a maior parte de sua população vivendo na zona rural e que, com o passar do tempo, foi migrando para a cidade. Os salenses puderam vivenciar muitas transformações *de cunho social*, como por exemplo, a construção do clube, da igreja, as quermesses; *de cunho estrutural*: pavimentação das ruas, implementação de rede de esgoto; *educacionais*: mudança do grupo escolar, implantação do ensino fundamental I e II e do ensino médio; *no comércio*: proliferação de lojas com materiais diversos. Entretanto, alguns costumes ainda prevalecem, como por exemplo, o fato das pessoas comprarem e fazerem fiado, as relações de compadresco. Outros aspectos foram substituídos como, por exemplo, as quermesses que outrora eram realizadas na rua das árvores atualmente ocorrem no salão de festas da cidade. Em suma, é inegável que a cidade tenha passado por várias

transformações, ao longo do tempo.

### **3.7 Sales Oliveira e o limite entre o rural e o urbano**

Embora algumas cidades do interior, como Sales Oliveira, por exemplo, não sejam nem muito populosas e nem muito grandes em suas extensões de território, essas apresentam muitas marcas de urbanidade. Mas o que podemos considerar como marcas de urbanidade? Até que ponto é possível estabelecer a distinção entre rural e urbano?

Carneiro (2002, p. 224) indaga seus leitores sobre essa dualidade rural X urbano para definir os espaços modernos. Ora, atualmente, vivemos uma nova vertente da ruralidade, pois o campo e, conseqüentemente, a zona rural, deixaram de ser espaços onde existe carência generalizada; muito diferentes dos ambientes retratados pela literatura, como por exemplo, o lugar onde Jeca Tatu, personagem criado por Lobato, vivia. Segundo a autora, os trabalhadores que vivem nas zonas rurais estão investindo não só em atividades voltadas para a terra como também em atividades não agrícolas, transformando, assim, o campo em áreas voltadas para o turismo rural. Essa inserção do agricultor em atividades não agrícolas colabora para a redução da dicotomia rural e urbano. Como exemplo desse afunilamento, podemos citar o fato de que tanto as práticas culturais quanto o modo de se vestir não são mais critérios que possam servir como forma de distinção entre os moradores da zona rural e os da cidade (CARNEIRO, 2002, p. 29).

Segundo Carneiro (2002, p. 235), estamos vivenciando uma nova ruralidade, pois há uma revalorização da família, na reestruturação de elementos da cultura local, por intermédio de novos valores, como, por exemplo, a incorporação de maquinários no campo, a inserção do trabalhador e de seus produtos no mercado de trabalho; ou seja, atualmente, ocorre uma separação entre o agricultor que pratica a agricultura familiar e aquele que está inserido no mercado.

Essa nova realidade nos faz refletir sobre como definir a cidade de Sales Oliveira: como uma cidade onde predominam os aspectos mais rurais ou mais urbanos? E, mediante essa nova ruralidade, como classificar esses aspectos?

A resposta para esses questionamentos talvez possa ser encontrada a partir do momento em que conseguirmos definir o que é cidade e o que é zona rural. Entretanto, cabe ressaltar que essa definição não é tão simples como aparenta ser à primeira vista.

Ao nos questionarmos quais elementos estão presentes na zona rural e quais estão presentes na zona urbana, certamente, encontraremos muitos pontos em comum: rede elétrica,

formas de transporte, internet, água, máquinas, aplicativos informatizados. A linha, portanto, que separa campo e cidade é muito tênue.

O primeiro aspecto a ser considerado para respondermos esses questionamentos deve ser baseado na diferença que existe entre urbano e cidade e entre rural e campo. Ora, urbano não é sinônimo de cidade e nem rural é sinônimo de campo, pois os adjetivos “rural” e “urbano”, embora sejam empregados em consonância com questões de limites territoriais, na verdade abarcam as dimensões sociais e históricas também (ENDLICH, 2010, p. 19)

Segundo a autora citada, desde a Antiguidade, a relação dicotômica entre cidade e campo era fundamentada basicamente pela forma de trabalho e o local onde esse era exercido. Se o trabalhador exercia atividades voltadas para o consumo, como a produção de alimentos, dizíamos que este fazia parte do rural. Já na era Medieval, por exemplo, os limites entre cidade e campo eram delimitados por muralhas (ENDLICH, 2010, p. 11). Entretanto, a definição de urbano e rural não deve ser feita apenas baseada nos critérios “lugar” ou “trabalho”.

Para Endlich (2010, p. 17), definir o que é rural e, conseqüentemente, o lugar físico denominado “campo”, mediante a atividade desenvolvida em um determinado espaço não corresponde com a realidade, uma vez que no campo não se desenvolvem apenas atividades voltadas para a agricultura e, por isso, não seria confiável traçarmos uma definição de rural considerando apenas as atividades laborais.

Do mesmo modo, para Endlich (2010, p. 19), não podemos considerar urbano como o lugar em que temos um aglomerado de pessoas, porque, como dito anteriormente, urbano e rural não se resumem apenas às questões de lugar. O adjetivo urbano, segundo Endlich (201, p. 19) corresponde às modificações sociais, ao modo de vida, que está associado a um lugar: a cidade. Entretanto, a urbanização não se restringe apenas à cidade, pois ela atinge também o campo. As questões que envolvem a preocupação com segurança, a industrialização, a música, roupas, formas de lazer, água, eletricidade são exemplos de conceitos que expandiram os limites físicos da cidade e estão presentes no campo (ENDLICH, 2010, p. 21).

É importante dizer que a própria concepção de cidade não se resume a um lugar, ao espaço físico: ela corresponde a um produto da sociedade, resultante das contradições que permeiam as práticas sociais (BERNADELLI, 2010. P.. 33). Para a autora, embora muitas pessoas insistam em definir “cidade” apenas considerando a demografia ou a quantidade de indústrias que determinada região possui, tais critérios articulados de forma independente não são suficientes para definir o que é ou não cidade. A definição para o termo cidade engloba não só as formas de trabalho, como também a demografia, a articulação entre espaço e

trabalho. O mesmo é válido para a definição do que é campo: ora, o campo não pode ser definido apenas como lugar onde prevalece a agricultura. De acordo com Whitacker (2010, p. 134- 135), a cidade é organizada mediante seus deslocamentos, ou seja, ela é heterogênea, um ponto de articulação entre fluxo de pessoas e mercadorias e a ideia do fixo. Para o autor, a relação urbano e cidade não é tão simples como pode aparentar pois “(...) a lógica de utilização dos espaços rurais pode também ser urbana (...)”(WHITACKER, 2010, p. 145).

Por isso, rural e urbano não são definidos mediante o lugar ou aquilo que contém cada um, mas pela forma como esses elementos estão articulados. Isso ocorre porque vivenciamos uma era em que temos um forte fluxo de mercadorias, informações e capital, por isso, temos características urbanas no campo e vice versa, como por exemplo, os rodeios e as quermesses que ocorrem nas cidades. Vale ressaltar ainda que todos os avanços tecnológicos, como, por exemplo, TV, telefone, automóveis, internet, wifi, dentre outros, colaboram para a dificuldade em se estabelecer limites entre urbano e rural, cidade e campo (SPOSITO, 2010, p. 115).

Embora estejamos vivenciando um período de declínio populacional, visto que, antigamente, os casais tinham muitos filhos e, atualmente, essa situação mudou, ainda continua existindo o êxodo migratório do campo para a cidade e da cidade pequena para a cidade grande (SPOSITO, 2010, p. 127). Muitos salenses entre 70-95 anos, entrevistados durante nossa pesquisa, vieram das fazendas para morar na cidade, outros, os mais jovens, comentaram sobre o desejo de sair de Sales para ir para uma cidade maior, onde poderão ter melhores oportunidades de emprego. Há, portanto, por parte não só dos salenses, mas de uma grande parcela da população, em geral, um desejo de sair do campo para a cidade e desta para uma região maior. Sobre o fato de uma cidade ser considerada grande ou pequena, Bernardelli (2010, p. 49) afirma:

“(...) considerar uma cidade como pequena, média ou grande deve ser medido não somente por um tamanho demográfico qualquer (sempre bastante problemático e limitado, ainda que possa ser, a princípio, um componente de análise), mas pela sua inserção num contexto espacial específico, numa rede mais ou menos densa de cidades, em um momento histórico datado (com todas as implicações daí derivadas), em um certo momento técnico e com um determinado conjunto de infraestruturas, em uma formação econômico-social específica (...)”.

A cidade de Sales Oliveira pode ser considerada como uma cidade pequena, não só pela quantidade de habitantes (aproximadamente 10 mil), mas também pelo fato de ser, de certa forma, dependente de cidades vizinhas, como por exemplo, Ribeirão Preto, Franca, São Joaquim da Barra, entre outras. Muitas vezes, quando os salenses precisam procurar algum

médico especialista em uma determinada área, ou fazer um exame um pouco mais complexo ou até mesmo ir ao cinema eles buscam nas cidades da região alternativas para cobrir a carência da cidade.

Por ser uma cidade pequena, torna-se visível a convivência entre os aspectos urbanos e rurais. De acordo com Bernardelli (2010, p. 48), a vida rural está intimamente relacionada a valores que cultuam a vida em família, os aspectos religiosos, em contrapartida da vida urbana, que é mais voltada ao agrupamento das pessoas por meio do trabalho, enfatizando assim o acesso aos bens de consumo mediante o poder econômico e social. Podemos dizer, portanto, que na cidade de Sales Oliveira as vertentes que compõem o rural e as que designam o urbano se fazem presentes na vida em sociedade do salense. Ora, as pessoas que moram nas cidades vizinhas costumam brincar com os salenses dizendo que em Sales todo mundo é parente de todo mundo. Inclusive, algumas famílias que possuem relação de parentesco moram próximas: são vizinhos ou moram na mesma rua.

As relações sociais estabelecidas entre os salenses, geralmente, não são pautadas nas funções trabalhistas que as pessoas exercem na comunidade, mas, sim, nos graus de parentesco. É muito comum ouvir: “você conhece tal pessoa, filho de Fulano”? ao invés de “Você conhece tal pessoa que trabalha no lugar X?”. Para os salenses é importante o reconhecimento por meio de seus familiares. Além disso, como citado anteriormente, as práticas religiosas também ganham destaque na cidade de Sales Oliveira. Dentre esses grupos, destacam-se os carismáticos e os que pertencem ao Neo-Catecumenato. Geralmente, é comum os salenses buscarem a identificação ou o agrupamento social mediante a religião.

Em relação aos aspectos urbanos, percebemos que a tecnologia está sendo incorporada à cidade, como, por exemplo, os caixas eletrônicos, o uso de celulares e diversos aparelhos eletrônicos pela população.

Ao longo da trajetória traçada neste capítulo, percebemos que a cidade de Sales Oliveira passou por muitas mudanças históricas e sociais. Atualmente, a cidade apresenta marcas de urbanização, mas ainda traz resquícios de ruralidade. Até alguns dez anos atrás, algumas pessoas andavam de charrete pela cidade para se locomover. Hoje, isso não acontece mais. Antigamente, no comércio, as pessoas faziam suas compras nos armazéns e pagavam apenas no final do ano, entretanto, tal prática tem caído em desuso. Mas, é muito comum para os salenses comprar em determinadas lojas e “marcar” para o mês seguinte, sem boleto que garanta que o pagamento será efetuado. Nessas lojas, geralmente, o cliente, no dia do seu pagamento, vai acertar a “conta”.

Em Sales, a maioria da população se conhece, se cumprimenta nas ruas, conhece a

família e seus antepassados. A cidade, em geral, é um local calmo, embora a maioria dos portões não fiquem mais abertos como antigamente costumavam ficar. É comum ver, durante a noite, as pessoas sentadas nas suas calçadas conversando e crianças brincando nas ruas. Ao definirmos a cidade, podemos dizer que essa carrega aspectos modernos e mais antigos e que há uma convivência harmoniosa entre esses dois aspectos.



#### 4. RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E IDENTIDADE

De acordo com Oliveira (2006, p. 153) a língua é primordial na construção da identidade de um povo, pois o falante sente e se expressa por meio da linguagem. A linguagem é o ápice da ligação entre o “eu” e o “tu” e entre o “eu” com o “mundo” (Santos, 2011, p.78). Sendo assim, pode-se dizer que é por meio da língua e na própria língua que o indivíduo constrói sua identidade, ou melhor dizendo, suas identidades, visto que a identidade não é pura ou única, mas encontra-se em um constante fluxo, por estar associada à própria língua e à ideologia (RAJAGOPLALAN, 2006, p. 41-42). Para Mendoza-Denton (2003, p. 1), o termo “identidade” compreende um processo de relação do indivíduo com o social, sendo esta relação permeada pela linguagem. Considerando, então, a relação língua e identidade, pode-se afirmar que, ao observar o modo como a pessoa fala e as variedades linguísticas por ela empregadas, somos capazes de descobrir informações como o lugar de onde essa pessoa veio e sua faixa etária (DITTMAR, 1976). Um exemplo disso ocorreu durante a entrevista realizada com uma falante salense, com ensino superior, de 38 anos. A falante (FG,F,S,2,U) diz, durante a gravação, que o emprego do “r” como retroflexo é normal em determinadas localidades. Embora confunda a pronúncia retroflexa, típica do interior do Estado de São Paulo, com o “r” falado pelos cariocas, podemos dizer que, pelo modo como determinadas pessoas falam, ela teceu hipóteses (mesmo que essas não sejam verdadeiras e não sejam confirmadas) sobre o lugar de origem das pessoas com as quais falamos.

Em outra entrevista realizada com uma moradora de Sales Oliveira –SP, de 32 anos, com ensino superior completo, fica bem nítida a relação entre língua e construção da identidade. Ao ser questionada sobre o fato de se considerar “caipira” ou não, a entrevistada afirma que é caipira “porque eu puxo muito o ‘r’ na hora de falar, adoro roça e moro no interior”(FX,F,S,2,U). Podemos perceber, nesse exemplo, que o modo como a pessoa fala colabora para a constituição de sua identidade, pois “puxar” o “r” foi citado como o primeiro aspecto do processo de autorreconhecimento como “caipira”.

De acordo com Ilari (2013, p. 35), por falarem uma mesma variedade, as pessoas acabam estabelecendo elos de identidade entre elas, ocorrendo uma distinção em relação àquelas que falam variedades distintas. É o que acontece com a adolescente de 14 anos que, durante as gravações, reconhece o modo de falar dos atores de novela como diferente do seu. Embora a falante e os atores das novelas falem português, a menina diz que eles não falam o

“r” como ela fala (cabe ressaltar que a garota pronuncia o “r” como retroflexo); ou seja, ela não se identifica com aquele grupo de falantes, embora tenha relatado seu desejo em imitar/dublar a fala dos filmes (FJ, F,F,1,U).

Esse processo de identificação pela língua pode estar vinculado também às experiências que o falante viveu ou tem vivenciado (ILARI, 2013, p. 29). Para o autor, o contato de um falante (seja o falante bilíngue ou monolíngue) com uma língua ocorre não só no âmbito particular, visto que cada pessoa tem sua história, mas também no social, cultural e histórico, considerando as mudanças pelas quais a linguagem passa. No âmbito particular, cabe ressaltar que, embora os falantes possuam um conhecimento geral da língua, cada um dispõe de um conhecimento concreto, que é particular (ILARI, 2013,p.31). Isso nos remete ao seguinte questionamento: por que as pessoas falam de formas diferentes?

As pessoas falam diferente e conseguimos caracterizar essas diferenças em termos linguísticos. Mas essa não é a única motivação que justifica a existência dessas diferenças: elas encontram-se muito mais relacionada às diversas questões como, por exemplo, prestígio e valorização positiva de determinadas formas linguísticas em relação a outras (ILARI,2013, p. 27).

Na cidade de Sales Oliveira, por exemplo, muitos falantes consideram o “r” retroflexo e as expressões “nóis vai” e “pra mode” como “feias” (FN, M, S, 2, U/ FV, M, F, 1, U), “erradas” ( FB, M, F, 1, U/ FE, F,F, 3,C/ FI, M, F, 1, U/ FT, F,F,1,U/ ), “estranhas”( FL, M, F, 1, U), relacionadas à baixa escolarização ou à falta de instrução (FU, M,M,2,C/ FZ, F, S, 3, C/ F\*, M, F, 3, C) , presentes na fala de pessoas mais simples (FY, M, F, 3, C). Os “padrões de beleza” ou de “normalidade” não estão relacionados às estruturas internas da língua, mas ao prestígio social de quem fala essas formas e à imagem que o “outro” constrói desse falante. Por imagem construída queremos dizer “a percepção do “outro” sobre alguém ou alguma coisa”, pois nem sempre a imagem que construímos do “outro” condiz, de fato, com a imagem que o indivíduo faz de si .

Além da relação “ser X parecer”, podemos dizer que as concepções sobre erro ou anormalidade da língua nas respostas dadas pelos falantes da pesquisa podem ser heranças de um senso comum, uma cultura oriunda do ensino da norma-padrão como “verdade a ser seguida”, sinônimo de “língua”, baseada no que Faraco (2015, p. 24-25) denominou “norma curta”; ou seja, proveniente do fomento e da propagação da cultura do erro, baseada num pseudopurismo da língua. Dessa forma, quando os participantes da pesquisa atribuem valores negativos para essas formas, eles o fazem com base na norma “curta”, na idealização do padrão e não na língua que, muitas vezes, eles próprios usam.

De acordo com Trask (2008, p. 164-165), muitos falantes mudam seu jeito de falar ou tentam aproximar o modo como falam daquele que é considerado como “melhor” ou que acham mais bonito, fato relatado pela adolescente de 14 anos que acha a fala dos primos “bonita” e “engraçada”, porque esses não empregam o “r” como retroflexo, e tenta imitar a pronúncia dos filmes (FJ, F, F, 1, U). Quando o falante se sente parte do grupo do qual ele faz parte, há uma tendência a usar as formas linguísticas que o grupo emprega. As tentativas, frustradas, da menina em imitar as falas dos filmes pode ser um indício de que a intenção da adolescente talvez seja não ser identificada como pertencente a esse grupo linguístico. Para Trask (2008, p. 164), a língua tem papel de atribuir uma identidade ao indivíduo e assim incluí-lo em um grupo, por isso, compreender a identidade pode ser, segundo o autor, um meio de entender os comportamentos linguísticos dos falantes.

Embora a língua seja de extrema importância para a constituição da identidade, não pode ser vista como o único traço responsável pelos atos (ou processos) identificatórios. Existem outras categorias que são importantes para se estabelecer uma identidade, pois é preciso ressaltar a importância da ideologia nesse processo.

#### **4.1 Identidade e os traços que a compõem**

É possível dizer quais traços compõem a identidade? Afinal, o que é identidade? Como caracterizá-la? Para responder a esses questionamentos, devemos considerar que o termo “identidade” é polissêmico e cada área propõe um diferente “olhar” sobre esse conceito (OLIVEIRA, 2006, p. 20). Por este se tratar de um estudo Sociolinguístico, não vamos nos ater às concepções de identidade oriundas da Psicanálise, por exemplo. Para discutir esse conceito, nos basearemos em Hall (2013), Ilari (2013), Oliveira (2006), Mendoza-Denton (2003), Mey (2006), Penna (2006), nos dados provenientes da dissertação de mestrado - Picinato (2013), Rajagopalan (2006), Silva (2013) e Woodward (2013).

Quando falamos em/sobre identidade, não podemos deixar de relacioná-la a outros conceitos, como diferença, identificação, reconhecimento e representação. A diferença, por exemplo, possui uma forte relação com a identidade (SILVA, 2013, p. 74). Quando uma pessoa diz que é “brasileira”, a princípio, podemos pensar que a identidade está relacionada apenas à positividade: àquilo que sou/ que você é. Entretanto, quando alguém faz essa afirmação (sou “brasileira”), está automaticamente, negando ser argentina, norte-americana, europeia (SILVA, 2013, p. 75). E é evidente que, ao considerarmos, por exemplo, a rivalidade entre Brasil e Argentina, ser brasileiro assume um significado cultural e social. Quando

afirmamos ser algo ou alguma coisa, conseqüentemente, estamos negando tudo o que não somos. Por isso, “(...) identidade e diferença, são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2013, p. 75). A identidade é, sem dúvida, sustentada pela diferença e esta está intimamente ligada à exclusão. Essa relação identidade e diferença fica muito nítida quando perguntamos aos falantes, durante a entrevista de campo, se eles se consideravam “caipiras”. Dentre os trinta participantes da pesquisa, doze responderam que não se consideravam “caipiras”.

As respostas para justificar o fato de não se considerarem “caipiras” foram bem variadas, além de que alguns falantes não justificaram o porquê de não se considerarem “caipiras”. Dentre as justificativas apresentadas estão: o fato do “caipira” falar coisas erradas; o participante não ter o mesmo estilo do “caipira”; o participante se considerar “normal”, ou seja, não ser como o “caipira” e o fato do participante da entrevista não morar na roça. Percebe-se, portanto, que a identidade é estabelecida mediante aquilo que o participante da pesquisa não é ou não faz ou não tem. Ao considerarmos que essas pessoas utilizam-se da diferença para compor suas identidades, poderíamos fazer algumas conjecturas sobre a visão que possuem do “caipira”: como alguém que mora na roça ou que já morou, que tem costumes diferentes de quem mora na cidade e que não sabe falar corretamente (e o que seria o falar correto? Acreditamos que pense que seja a norma-padrão).

Por outro lado, treze salenses entrevistados – (FD,F,S,2,U), (FE,F,F,3,U), (FH,F,S,2,U), (FK,F,F,1,C), (FN,M,S,2,U), (FO,F,F,3,C), (FU,M,M,2,C), (FV,M,F,1,U), (FX,F,S,2,U), (FZ,F,S,3,C), (F\*,M,F,3,C), (F@,F,M,2,U) e (F#,M,F,3,C), ao serem questionados sobre reconhecer-se ou não como “caipiras”, afirmaram que eram “caipiras”. Cinco se achavam um pouco “caipiras” (FA,M,S,2,U / FE,F,F,3,U/ FT,F,F,1,U/ FQ,M,M,2,C/ FR,F.F,3,C). O que significa “ser caipira” para eles?

O participante (FA,M,S,2,U) considera-se “caipira” porque seu pai tem “formação” na roça. Para o participante, ser “caipira” corresponde a ter conhecimento empírico e baixa formação científica, ser simples e humilde. Portanto, ao afirmar ser um pouco “caipira”, o participante nega ter pouco conhecimento acadêmico, visto que possui ensino superior completo, mas admite ter a genética da simplicidade, dos padrões do campo.

Já a participante (FD,F,S,2,U) afirma ser muito “caipira”, porque tem vergonha de ir a determinados lugares ou vestir alguns tipos de roupas com os quais ela não está acostumada. Pode haver, portanto, nesse caso uma dissociação entre a figura do “caipira” com aquele que se sente bem em todos os lugares e está acostumado a vestir-se de formas variadas, talvez com roupas consideradas mais luxuosas. Esse sentimento de não se sentir bem em determinados

lugares é bem semelhante ao que a participante (FF,F,F,3,U) apresenta. Ela admite ser “caipira” por não gostar de lugares muito refinados, em que se sente deslocada.

A participante (FE,F,F,3,U) considera-se um pouco “caipira” porque diz ter vergonha (no sentido de timidez). A senhora entrevistada comenta que, quando moravam na fazenda e as pessoas da cidade iam fazer visita, ela sentia vergonha e por isso, era chamada de “caipira” pelos visitantes. Hoje, a participante afirma que não tem tanta vergonha como antigamente e, por isso, acha que é apenas um pouco “caipira”. Podemos dizer que o fato da falante ser só um pouco “caipira” demonstra que ela interage mais socialmente do que interagiu quando morava na zona rural, mas que ainda apresenta certa timidez. O “não ser caipira” corresponderia, nesse caso, a ser uma pessoa comunicativa ou que não tem timidez.

Para a adolescente (FK,F,F,1,C) que se reconhece como “caipira”, a identidade está atrelada à questão cultural. Para ela, assim como existem a cultura indígena e outras culturas, existe também a “caipira”, que é caracterizada, segundo a jovem, pelo comer no fogão de lenha, pelo modo de andar, de comer, de falar. A participante ainda diz que o fato dela não se vestir de forma desmazelada, não usar bota e não falar errado, não quer dizer que ela não seja “caipira”. A fala da garota deixa transparecer o discurso do “caipira” como aquela figura veiculada pela mídia: que usa bota, xadrez, dentre outros. Essa imagem do “caipira” como desmazelado, sem trato social foi difundida por Monteiro Lobato, com a criação do Jeca Tatu e tem sido reforçada pela mídia televisiva, com a criação de personagens que falam em demasia o “r” como retroflexo, são puros de coração, mas são fáceis de serem ludibriados e, geralmente, se vestem de xadrez (PICINATO, 2013 p. 73). Portanto, levando em consideração o que a menina diz sobre o “caipira”, quando essa se identifica como um, ela afirma pertencer a essa cultura, embora não pareça fisicamente com o estereótipo veiculado pela mídia.

Já a participante e também adolescente (FT, F,F, 1,U) diz ser “caipira” em algumas coisas, como na vestimenta: usa bota, chapéu, calça (pronunciada como retroflexo - “carça”). Temos, nesse caso, a associação com a imagem veiculada na mídia, como se para ser “caipira”, a pessoa devesse andar de bota, com chapéu e usar xadrez, pois de acordo com Woodward (2013, p. 10) “(...) existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa (...)”. Entretanto, a adolescente só se considera em algumas partes “caipira”: falta a simplicidade para se considerar totalmente! Quando a jovem diz que não é simples e, por isso não é completamente “caipira”, temos a construção da identidade com base naquilo que falta, com o que é oposto; ora, se para ser “caipira” é preciso vestir e ter simplicidade, caso falte um desses requisitos, considera-se só um pouco “caipira”. E foi assim que a participante fez: se reconheceu como um pouco “caipira”.

A questão da simplicidade como uma das “marcas” características da identidade “caipira” foi apontada na fala dos participantes (FN,M,S,2,U) e (F\*,M,F,3,C). O participante (FN,M,S,2,U) diz ser “caipira” porque é simples, trabalhador, falante do “r” como retroflexo e humilde. Já a participante (F@,F,M,2,U) diz que é “caipira” porque é simples, nasceu simples, mas disse que não existe muita diferença entre ser e não ser “caipira” levando em consideração o fato de ter ou não nascido na roça.

O modo de falar também foi apontado como característica que compõe a identidade “caipira” pelo participante (F3,M,F,3,U). Esse participante diz não ter palavras boas e ter dificuldade em conversar. A participante (FO,F,F,3,U), por sua vez, considera-se “caipira” por ter dificuldades em saber as coisas. Ela diz que a pessoa que possui escolaridade mais baixa apresenta maior dificuldade para compreender. Nesses casos, podemos dizer que a identidade “caipira” pode estar associada à baixa escolaridade e ao falar mais distante do padrão.

Já para os falantes (FX,F,S,2,U) e (FU,M,M,2,C) a identidade “caipira” está associada à questão do lugar. A participante (FX,F,S,2,U) considera-se “caipira” porque fala o “r” como retroflexo e mora no interior. O participante (FU,M,M,2,C) também acha que é “caipira” por morar na interior. Portanto, temos aqui outra característica da identidade “caipira”: ser morador do interior!

Torna-se necessário ressaltar que, para uma identidade existir, é preciso considerar a presença de outra identidade (WOODWARD, 2013, p. 9). Por isso, a existência da identidade “caipira” só é possível porque existe a identidade “não-caipira”. Mediante essa relação dicotômica, podemos afirmar que “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2013, p. 9). Assim como as oposições saussureanas eram essenciais para a construção do significado, as oposições presentes na constituição das identidades também são (HALL, 2013, p. 50). Segundo o autor, podemos construir a diferença como algo negativo, assumindo o sinônimo de exclusão, ou como forma positiva, no sentido de perceber a heterogeneidade como algo bom, dotado de valoração, como vem acontecendo com os movimentos de resgate das identidades sexuais.

Entretanto, Hall (2013, p. 51) comenta que, em toda relação binária, ou seja, de oposição, existe sempre um lado que é mais valorizado que o outro. Isso ocorre, segundo o autor, porque um lado geralmente faz parte da “norma” e o outro lado é apenas o “outro”, aquele que não faz parte das normas pré-estabelecidas. Quando uma identidade é estabelecida como “norma”, são atribuídas a ela apenas características positivas, e as outras identidades, que não fazem parte dessa “norma”, são menosprezadas e apenas os aspectos negativos ficam

em evidência. Esse processo de normalização é um veículo pelo qual as relações de poder se manifestam (SILVA, 2013, p. 83). Portanto, a identidade, assim como a diferença, encontram-se sob influência de poder. Isso ocorre porque “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” (SILVA, 2013, p. 81). Ainda segundo o autor, pode-se dizer que a identidade e a diferença são impostas, disputadas, pois demarcam fronteiras. Isso ocorre porque, quando uma identidade é estabelecida, temos aqueles que irão pertencer a essa identidade e outros que serão excluídos. Essa relação entre exclusão e inclusão é o reflexo das relações sociais, ou seja, do poder. Estabelecer fronteiras entre o “nós” e “eles” remete aos processos classificatórios, que, conseqüentemente, são formas de hierarquizar (SILVA, 2013, p. 82).

Essa relação de poder pode ser percebida nas características negativas apontadas pelos participantes da entrevista como sendo traços constituintes da identidade “caipira”: baixa escolaridade, vergonha, ter relação com a roça, simplicidade, falar errado, não conversar direito, dentre outros. Nota-se, portanto, uma associação de valores negativos a essa identidade. E por que isso ocorre? Para compreendermos essa desvalorização, devemos pensar na figura do “caipira” na sociedade e nas relações de poder que circundam sua imagem e posição social.

#### **4.2 A constituição da imagem do “caipira”: breve explanação**

A comunidade intitulada como “caipira” tem sua origem nos movimentos de entradas e bandeiras ocorridos nos séculos XVI, XVII e XVIII, pelos bandeirantes. Impulsionados pela busca de ouro, dilatação de fronteira e captura de indígenas como mão-de-obra escrava, os bandeirantes não só atingiram seus objetivos como também colaboraram para a fundação de povoados, que, posteriormente, deram origem as cidades, como é o caso de Araraquara, São Carlos, Ribeirão Preto, Piracicaba (PICINATO, 2013, p. 17-18)<sup>22</sup>.

A princípio, os “caipiras” eram nômades, praticavam uma agricultura ecológica, plantando e colhendo para a sobrevivência. Porém, no século XIX, começam a se fixar e surgem os povoados, com uma cultura voltada aos padrões do compadresco, da divisão dos alimentos e da vida em harmonia (PICINATO, 2013, p. 33). Com a cultura do café e, posteriormente, com a industrialização, o estilo de vida “caipira” começou a ser comparado

---

<sup>22</sup>Maiores detalhes encontram-se na seção intitulada “Aspectos linguísticos, culturais e sociais do caipira”.

com a vida da capital, que, por sua vez, estava pautada nos padrões europeus. Com isso, ocorreu uma estigmatização do modo de viver “caipira”, que passou a ser sinônimo de atraso cultural. Tínhamos, portanto, uma clara divisão entre a cidade (capital) como símbolo do progresso e o interior como não-desenvolvido social e culturalmente.<sup>23</sup>

Aliada aos fatores econômicos, a desvalorização do “caipira” atinge seu ápice na criação, em 1914, da personagem Jeca Tatu, por Monteiro Lobato. Estigma do atraso social, a imagem do “caipira” associado ao gene da incapacidade, dotado de preguiça, cristalizou-se na memória discursiva dos brasileiros, mesmo com a existência de autores como Cornélio Pires ou pesquisadores como Antônio Candido (2001), que propagaram a imagem do “caipira”, assim como sua cultura, de forma mais positiva (PICINATO, 2013, p.37-38).

Atualmente, as cidades do interior não são mais vistas como sinônimo de atraso, pois de acordo com Oliveira (2015), o interior possui maior mercado econômico do que a capital. Por isso, a imagem do “caipira”, principalmente nas letras das canções, tem passado por mudanças. O “caipira”, agora *country* ou sertanejo, é dotado de bens materiais e é descrito como sinônimo de ostentação. Como exemplo, podemos comparar dois trechos de músicas da década de 80, em que a imagem do “caipira”, fruto dos acontecimentos econômicos e sociais, é retratada como homem simples, do campo, sem estudo.

“Eu dou motivo pra me chamar de caipira  
 Mas continuo lhe tratando de senhor  
 Eu não me zango, pois não disse uma mentira  
 Pelo contrário isso até me dá valor  
 Sua infância foi lições de faculdade  
 Na realidade hoje é grande doutor  
 Não tive estudo minha escola foi trabalho  
 Desbravando meu sertão no interior

Foi importante eu ter feito essa viagem  
 Pois conheci essa frondosa capital  
 Estou surpreso vendo tanta aparelhagem  
 Para o senhor isso tudo é normal  
 Sou o paciente que o destino lhe oferece  
 Não me conhece como um profissional  
 Lá onde eu moro o senhor se sentiria  
 Como eu me sinto aqui nesse hospital

Lá eu domino aquele incêndio alastrado  
 Que sendo um raio deixa fogo no espigão  
 Se der um golpe em um jatobá airado

---

<sup>23</sup> Essa discussão retoma, de forma mais desenvolvida, as ideias apresentadas na dissertação de mestrado (PICINATO, 2013, p. 36).



Eu sei o lado que a árvore cai no chão  
 Sou especialista em mata-burros e porteiras  
 Sei a madeira que se usa no mourão  
 Vamos comigo ver meu mundo a céu aberto  
 Onde o trabalho também é uma operação

Todas as vezes que me chamam de caipira  
 É um carinho que recebo de alguém  
 É uma prova que a pessoa me admira  
 E nem calcula o prazer que agente tem  
 Doutor agora nós já somos bons amigos  
 Vamos comigo conhecer o meu além  
 Para dizer que sou caipira da cidade  
 Mas lá no mato eu sou um doutor também”.

Sucesso nas vozes de Goiano e Paranense, composta por Goiano e Geraldinho, a canção “O doutor e o caipira” mostra a identidade “caipira” sendo construída através de traços como falta de estudo, de contato com a tecnologia, ligado às coisas do campo, vivendo em relação com a natureza. O “caipira”, nessa canção, é o “doutor do mato”, o homem que vive na zona rural e é conhecedor da vida campestre, ou seja, é aquele que possui pouco conhecimento formal, mas muito conhecimento empírico. Nessa canção, podemos perceber claramente o estereótipo do Jeca Tatu.

Composição de Joel Marques e Maracá, cantada por Chitãozinho e Xororó, a canção intitulada “Caipira” traz também a imagem do “caipira” associada à vida simples, relacionada à roça, com suas plantações, um homem trabalhador, que possui baixa (ou nenhuma) escolaridade. Podemos perceber, portanto, que a situação econômica e os valores sociais colaboraram para a distinção entre cidade/ capital como sinônimo de progresso e interior como sinônimo de cultura voltada para o cultivo, para a subsistência. Por isso, a identidade “caipira” foi se construindo mediante traços relacionados com a roça, a simplicidade, a falta de estudo. Contudo, mediante as transformações sociais e econômicas pelas quais o país e o próprio interior têm passado, essa identidade está assumindo novos traços: o “caipira” ganhou um novo “status”, é o *caubói*, aquele que ostenta seus bens, que tem escolaridade, que não se sente inferior, que é livre, bruto, que arrisca a vida em busca de liberdade (SETUBAL, 2005, p. 70). Isso pode ser observado na composição de Rionegro, gravada pela dupla Rionegro e Solimões, intitulada “O cowboy vai te pegar”:<sup>24</sup>

“O cowboy vai te pegar (4X)

<sup>24</sup>Disponível em: < <https://www.letas.mus.br/rio-negro-e-solimoes/o-cowboy-vai-te-pegar>>. Acesso em: 20. fev . 2016.

Vou te levar pro meu rancho  
 Vamos curtir a natureza  
 Vamos andar a cavalo  
 Nadar pelado na represa

Quando a noite chegar  
 Você vai curtir demais  
 Porque eu vou te mostrar  
 O jeito que o cowboy faz

O cowboy vai te pegar (4X)

Você fica com esse cara  
 Do cabelo arrepiado  
 Com a cueca de fora  
 E o corpo tatuado

Ele passa o dia inteiro alisando o seu carrão  
 Mas na hora H ele te deixa na mão  
 Mas isso tudo vai mudar  
 Sabe por que?

O cowboy vai te pegar(4X)".

Nessa canção podemos observar que o *caubói* tem rancho, represa e embora esteja em contato com a natureza, não o faz de forma humilde: a natureza e os bens que possui são utilizados como forma de ostentação, para comprovar sua masculinidade e convencer a pessoa pela qual se interessa a ficar com ele e não com “o cara que tem um carro chique”, mas que não é tão másculo quanto o caubói da canção diz ser.

Embora nas canções a identidade “caipira” esteja incorporando novos traços, na cidade de Sales Oliveira, isso não ocorre. Os resultados obtidos na pesquisa de campo nos levam ao seguinte questionamento: se o interior do Estado de São Paulo tem se destacado economicamente e se novos traços têm sido incorporados à identidade “caipira”, por que o salense ainda relaciona o ser “caipira” com a roça, baixa escolaridade, com aquele que fala errado e que tem vergonha? As respostas para esses questionamentos encontram-se em 4.3

### **4.3 A identidade “caipira” pela percepção dos salenses**

Ao analisarmos os traços que compõem uma identidade, podemos admitir duas perspectivas de análise: a existencialista e a não existencialista. A primeira corresponde a considerar a uniformidade, aquilo que é partilhado e não se altera em um grupo. Já a segunda,

foca a diferença, ou seja, quais características comuns determinado grupo tem e quais se diferenciam para que possam ser “classificados” como pertencentes à identidade X e não à Y. Essa visão também busca comparar uma identidade com outra. Nesse estudo, seguiremos a perspectiva não existencialista, pois nos interessa reconhecer as características comuns e as conflitantes da identidade “caipira” (WOODWARD, 2013, p. 12).

Ao realizar a pesquisa de campo com 30 falantes de Sales Oliveira, percebemos que 43,4 % dos participantes se consideram “caipiras”, 16,7 % admitem possuir alguns traços “caipiras” e 40 % não se consideram “caipiras”. Ao serem questionados sobre o que é ser “caipira”, obtivemos o seguinte resultado, representado na tabela 1. Alguns falantes atribuíram mais de uma característica, perfazendo um total de 43 traços que compõem a identidade “caipira”. São eles:

**Tabela 1- O que é ser “caipira” para você?**

<b>Característica atribuída</b>	<b>N. de ocorrências</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Baixa escolaridade/ falta de conhecimento</b>	4	9,4%
<b>Simplicidade/ humildade</b>	7	16,3%
<b>Relação com a roça (nasceu, morou ou trabalhou na zona rural)</b>	9	21%
<b>Roupa</b>	3	7%
<b>Timidez/ vergonha/ acanhado</b>	5	11,6%
<b>Não gosta de lugar luxuoso</b>	1	2,3%
<b>Pobre</b>	1	2,3%
<b>Falar errado/ modo de falar próprio</b>	7	14%
<b>Forma de cultura</b>	1	2,3%
<b>Desprovido de malícia</b>	1	2,3%
<b>Honestidade</b>	1	2,3%
<b>Trabalhador</b>	1	2,3%
<b>Relação com a natureza</b>	1	2,3%
<b>Vestir-se de caipira na festa junina</b>	1	2,3%
<b>Folclore</b>	1	2,3%
<b>Modo de andar</b>	1	2,3%
<b>Não vê diferença entre quem é ou não</b>	1	2,3%
<b>Música</b>	1	2,3%

**Fonte:** Elaboração própria.

O resultado obtido demonstra que os entrevistados ainda relacionam o “ser caipira” com a imagem cristalizada do Jeca Tatu, veiculada pela mídia: o “caipira” como sendo simples, relacionado à zona rural e fácil de ser ludibriado (PICINATO, 2013, p. 72). É preciso ressaltar que dentre os treze participantes que afirmaram ser “caipiras”, seis possuem relação com o campo, ou seja, já moraram na zona rural. Apenas dois participantes que moraram nas

fazendas não se consideram “caipiras” e dois admitem ter “traços caipiras”. Percebemos, portanto, que a relação “caipira” e zona rural é muito forte, ou seja, ainda perdura na memória do salense a imagem do “caipira” presente na criação de Lobato e cantada nas canções (moda) de viola antigas. Embora as mudanças sociais nem sempre acarretem mudanças na identidade (OLIVEIRA, 2006, p. 37), podemos notar, mediante os resultados obtidos que, para os jovens, as mudanças sociais pelas quais a sociedade salense tem passado refletem o modo como essa parcela da população se reconhece e se autodenomina. Dentre os 10 falantes jovens entrevistados (5 meninas e 5 meninos), 7 não se consideram “caipiras”, apenas 2 se consideram e 1 reconhece alguns traços. No caso da adolescente que se considera um pouco “caipira”, temos como argumentos utilizados pela própria garota o modo como fala e as vestimentas, pois se veste de bota e chapéu. Dentre os dois adolescentes que se julgam “caipiras”, uma morou na zona rural e todo o fim de semana vai à fazenda visitar seus avós, portanto, tem uma forte relação com o campo e o outro não tem relação com a zona rural, mas diz “falar errado”.

Sendo assim, mediante os resultados apresentados, podemos dizer que existe uma tendência maior dos salenses mais idosos, que já tiveram alguma relação com a zona rural – moraram ou nasceram em fazendas – a se considerar “caipiras” e, existe, portanto, uma menor probabilidade do jovem salense se considerar “caipira”. Isso pode ser resultado das influências sociais e transformações econômicas pelas quais a cidade de Sales Oliveira –SP tem passado ao longo dos anos. Para Woodward (2013, p. 19), a cultura tem um papel importante em moldar as identidades, entretanto, não só os fatores culturais são relevantes: as relações sociais também exercem influência sobre nosso modo ou forma de identificação. Por isso, alguns salenses se consideram “caipiras” e outros não, porque essa identificação também está baseada nas práticas e nas relações sociais: esse pode ser um indício de que a sociedade salense está mudando. A cultura, para Woodward (2013, p.19), é responsável por moldar a identidade, pois permite ao indivíduo, dentre as múltiplas identidades existentes, optar por certa subjetividade. A subjetividade compreende não só nossos pensamentos como também nossos sentimentos, por isso implica em contradições. Ela só é vivenciada no contexto social, mediante a significação oriunda da cultura e da linguagem (WOODWARD, 2013, p. 56). Quando o indivíduo, no caso da nossa pesquisa, se identifica com o campo e com a natureza, com um modo de agir voltado para a simplicidade e humildade, ele assume a identidade “caipira”.

Para Woodward (2013, p 31-32), o modo como nos representamos tem mudado. Essa mudança ocorre porque as relações familiares, as formas de trabalho, as relações pessoais, as identidades sexuais também se transformaram.

O processo de identificação está intrinsecamente ligado à identidade. De acordo com Hall (2013, p. 105) é preferível empregar o termo identificação a identidade. Segundo o autor, a identificação compreende vários conceitos, dentre os quais, destacamos os abordados pelo senso-comum, pela visão não-naturalista e o conceito freudiano. Partindo do senso comum, a identificação ocorre a partir do reconhecimento de uma origem ou características comuns, que são partilhadas por um mesmo grupo de indivíduos. Saindo dessa concepção naturalista do termo, a identificação é vista como um processo que pode ser abandonado ou sustentado e compreendido mediante aquilo que é deixado de fora. Nessa concepção, se um indivíduo se identifica com um grupo denominado “caipira”, por exemplo, essa identificação só ocorre porque existe um grupo “não-caipira”. Já na concepção freudiana, a identificação é ambivalente, fundamentada na fantasia, na idealização, na projeção do “eu” e do “outro” (HALL, 2013, p. 107). Embora pareçam antagônicos, os significados atribuídos ao termo “identificação” se complementam a partir da concepção de que o processo de identificação ocorre mediante a relação “eu” e “outro”. Quando um participante, no final da entrevista, aponta para seu pai e o identifica como “caipira”, pelo modo como seu progenitor se veste, temos um processo de identificação que ocorre mediante uma comparação entre o “eu” e o “outro”. Sendo assim, a identidade do filho como não sendo muito “caipira” (apresentando alguns traços apenas da identidade “caipira”) só é possível mediante sua não identificação total com o modo de agir e vestir do pai.

Esse processo de identificação nos leva a um questionamento: o que é identidade? Durante todas as análises propostas nesse estudo, compactuamos com a ideia de Silva (2013, p. 96) de que a identidade é constituída pela diferença, mediante as relações sociais e culturais e que compreende processos de identificação. Como consequência disso, cabe ressaltar que a identidade não é fixa e nem homogênea: ela é um processo e encontra-se, portanto, inacabada. Por isso, uma mesma pessoa pode assumir identidades diferentes, que, às vezes, podem estar em conflito. Para exemplificar essa situação, Woodward (2013, p. 56-60) cita um poema escrito por Jackie Kay que fala sobre adoção. No poema, uma mulher fã de Marx, Engels e Lenin queria adotar um bebê e ia receber a visita de uma mulher que é de uma determinada instituição responsável por ver se os candidatos a pais têm condição de adotarem uma criança. Com medo de não transmitir uma imagem de boa mãe, ela começa a esconder tudo que possui na sua casa que possa ser utilizado contra seu intuito de adotar. Por isso, a mulher esconde os

quadros que relatam sua aspiração política, coloca a melhor louça, ou seja, temporariamente “abre mão” de suas filiações políticas para ser considerada pelo “outro” como uma boa mãe. Isso, segundo o autor, pode ser um exemplo de como as identidades mudam. No caso do poema, a mulher assumiu uma de suas identidades, naquele momento da visita.

Cabe ressaltar que existe diferença entre identidade e papel social. A identidade constitui uma espécie de construção de significado oriundo de atributos sociais e culturais interrelacionados que prevalecem sobre outros significados. A pluralidade de identidades de um indivíduo é fonte de tensão, conflito e a identidade é vista como algo internalizado. Já os papéis sociais são normas definidas pelas instituições, ou seja, “(...) identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções” (CASTELS, 2013, p. 23). No exemplo dado da mulher que queria ser mãe, a identidade se confunde com o papel social, pois ser mãe, no caso do poema, era mais importante que ser filiada a uma determinada ideologia política.

Algumas pessoas consideram que estamos vivenciando uma crise nas identidades. Essa sensação se deve justamente pela influência social e cultural que recai sobre elas. Se a sociedade muda, a identidade também. De acordo com Castells (2013, p. 23), a construção das identidades ocorre mediante a matéria-prima da história, da memória coletiva, da geografia, das instituições, pelo poder, religião e memórias pessoais, que são processados pelo indivíduo, grupos sociais e sociedade e são reorganizados pela influência do tempo, espaço e cultura. De acordo com o autor, toda identidade construída socialmente ocorre a partir das relações de poder. Para Castells (2013, p. 24), existem três formas de construção de identidade: a legitimadora, a de resistência e a de projeto.

A identidade legitimadora é aquela que tem como intuito expandir o caráter de dominação, por isso, é introduzida pelas classes dominantes. Já a identidade de resistência é criada pelas pessoas que são consideradas como dominadas socialmente, pois ocupam posições sociais menos valorizadas. Essas identidades são aquelas que correspondem à transgressão da normalidade, ou seja, buscam estabelecer resistência. A identidade de projeto corresponde à criação de uma nova identidade, que tem por objetivo refletir e reformular a estrutura social e, geralmente, é resultante das identidades de resistência (CASTELLS, 2013, p. 24). Ainda, segundo o autor, cada uma dessas identidades se reflete em um determinado segmento da sociedade: as legitimadoras se refletem na sociedade civil, como por exemplo, igrejas, sindicatos, aparatos de poder do Estado; as de resistência formam as comunidades, que se opõem aos grupos dominantes; e as de projetos influenciam os sujeitos. Para Castells (2013, p. 26), a identidade e sua construção também estão associadas às questões de poder.

E é com base nas transformações sociais refletidas nas respostas dos participantes da pesquisa que podemos dizer que a identidade “caipira” para o morador salense carrega traços de uma cultura relacionada ao campo, à simplicidade, ao trabalho e a humildade.

Neste estudo, compactuamos da ideia de que a identidade não é um processo acabado: devido às mudanças sociais, históricas e culturais que perpassam a sociedade, novas características podem ser incorporadas ou excluídas, colaborando para o surgimento de novas identidades ou para a transformação das já existentes. Como exemplo, podemos citar as transformações pelas quais a identidade “caipira” tem passado. A mídia vem atuando como força legitimadora no processo de propagação do estereótipo do “caipira” como aquele que é tímido, sem trato social, se veste mal, não apresenta habilidades sociais. Com as transformações sociais, foram incorporadas outras características à identidade “caipira”, como o apreço pelas coisas da natureza, a humildade, a simplicidade e o gosto pelo trabalho, agregando novos traços na identidade já existente. Além da transformação da identidade “caipira”, ocorreu o surgimento de novas identidades: o cowboy e o country. A identidade é, portanto, heterogênea, constituída mediante forças de legitimação, resistência e projeto.

## 5. ASPECTOS LINGUÍSTICOS, CULTURAIS E SOCIAIS DO “CAIPIRA”

A fala encontra-se imbuída de valor social, por isso, muitas vezes, tecemos hipóteses em relação a qual grupo social determinado falante pertence ou não. Isso ocorre porque, de certa forma, as identidades podem ser reveladas pelo modo como o indivíduo é, age, pelos valores que agrega e, é claro, pela língua que este fala e o modo como fala (BOTASSINI, 2012, p. 346). É inegável, portanto, para a autora a associação entre língua, cultura, e personalidade, enfim, a constituição de identidade.

Quando pensamos nessa relação entre língua e identidade, ou língua e reconhecimento, devemos compreender que determinadas variantes e, até mesmo, modos de falar distintos recebem uma espécie de valoração, em que o modo de falar X é mais prestigiado que o Y, ou a variante A possui mais *status* que a B. Por que isso ocorre? Em quais parâmetros essa valoração é fundamentada? Isso ocorre porque a língua pode ser um meio de aproximação entre as pessoas ou de distanciamento, ou seja, as “medidas” de valor são pautadas no prestígio social dos falantes que as empregam e não nos fundamentos linguísticos, uma vez que, para a Linguística, estruturalmente falando, uma forma não é melhor nem pior que outra. De acordo com Scherre (2008, p. 42), muitas vezes, as formas consideradas “feias” ou “indesejáveis” são proferidas por pessoas que não ocupam uma alta posição ou uma posição de prestígio na escala social. Ora, julga-se a língua pelo falante e, conseqüentemente, o falante pela língua.

De acordo com Scherre (2008, p. 145), o padrão de “beleza” de uma variante linguística ou de um modo de falar pode estar além das questões de pertencimento a uma ou outra classe social: há uma confluência de fatores, que se encontram fomentados também na relação entre rural e urbano, interior e capital. O falar da cidade e o da metrópole (capital) goza de maior prestígio em relação ao modo de falar das pessoas que moram na zona rural ou no interior dos estados. Como consequência disso, o falar das cidades interioranas, como por exemplo, o falar “caipira”, pode ser visto de forma pejorativa por falantes que não moram nas cidades do interior.

O modo de falar caipira, que em nosso trabalho é chamado de “falar caipira” (devido às concepções negativas que rodeiam o termo dialeto apresentadas na seção 1.1, optamos por empregar a palavra “falar”) foi relatado na obra “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral, em 1920. Nesse livro, Amaral descreve os aspectos fonéticos, o léxico, a sintaxe do falar das regiões de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos. Autores como Candido (2011), Bortoni-Ricardo (2011), Romero (2011), Baronas (2012) e Castro (2012), atualmente,



trouxeram novas informações sobre esse modo de falar.

É inegável o fato de que o falar “caipira” é tratado por muitas pessoas como sendo um modo de falar totalmente distinto da norma culta, como se não existissem aspectos comuns entre a fala “caipira” e a fala caracterizada como culta. Entretanto, Baronas (2012, p. 11) nos chama a atenção para os aspectos tradicionais e os inovadores presentes no falar “caipira”. Para a autora, esse falar compreende muitas marcas da norma culta, além de aspectos próprios cristalizados como sendo “marcas” desse modo de falar. Embora ainda existam formas linguísticas que funcionem como marcas de identidade, é inegável o fato de que as transformações sociais pelas quais os falantes desse “dialeto” têm passado refletem-se no emprego de formas linguísticas consideradas como inovadoras, que serão explicadas ao longo desta seção.

### **5.1 Mudança e tradição no falar “caipira”**

O termo falar “caipira” faz referência, para Amaral (1976, p. 41-42), ao falar das pessoas que moravam no território da antiga Província de São Paulo. Entretanto, com as mudanças sociais e econômicas, como a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, esse modo de falar ficou restrito a pequenas localidades, pois o contato com povos do exterior fez com que o a população se mesclasse. As pessoas que ficaram à margem desse contato eram, segundo Amaral (1976, p. 41), os roceiros “ignorantes e atrasados”, aqueles cuja linguagem não sofreu alteração e nem influência da cultura exterior.

A propagação do falar “caipira” ocorreu por intermédio dos bandeirantes, que por meio de atividades que dessem lucro imediato, mão-de-obra indígena escrava e busca por materiais preciosos, acabaram dilatando as fronteiras do país. Segundo Carmo (2008), a influência dos bandeirantes não se restringiu apenas aos fatores econômicos, pois muitos desbravadores acabaram se fixando em determinados lugares, ao invés de seguirem o destino traçado pelas tropas às quais pertenciam.

De acordo com Mattos e Silva (2004) esses bandeirantes que partiam de São Paulo e se estabeleciam nesses lugares, falavam a língua geral paulista. Tal língua era, segundo a autora, transmitida através da oralidade. Para Pires (2009), a língua geral paulista, falada no interior, deu origem ao falar “caipira”. Essa é uma hipótese que explica o surgimento desse modo de falar, embora seja questionável e, portanto, polêmica nos meios acadêmicos.

De acordo com Head (1987, p. 11), alguns estudiosos como Amaral e Serafim da Silva Neto atribuíram o contato com as línguas indígenas como meio de explicação da origem do

“r” como retroflexo. Ainda segundo o autor, outros pesquisadores, como G. Chaves de Melo e R. Mendonça consideram que a origem dessa variante está associada ao contato com as línguas africanas. E também, existe a hipótese do “r” como retroflexo ter origem no contato com as línguas faladas pelos imigrantes norte-americanos (HEAD, 1987, p.11) Existem, portanto, vários estudos sobre o surgimento da variante “r” como retroflexa. No meio acadêmico, dentre as hipóteses mais difundidas, estão o contato com línguas indígenas e os processos fonéticos/ fonológicos, sendo esta última hipótese a defendida por Head (1987).

Head (1987, p. 12) afirma que não podemos relacionar a origem do “r” como retroflexa como sendo resultado do contato com as línguas indígenas, uma vez que não podia ser encontrado nenhum elemento fônico semelhante ao “r” retroflexo em nenhuma língua indígena falada nas regiões onde essa variante foi / é encontrada. Para o autor, o “r” com o retroflexo tem origem nos processos fonológicos que ocorreram na língua. Head (1987, p. 20) afirma que existe uma semelhança fonética entre o “r” e a variante velarizada da lateral “l”, muito falada em Portugal, e a origem do “r” como retroflexo está associada ao processo de vocalização dessa lateral não palatal.

Embora existam teorias diversas que expliquem a origem dessa variante, é impossível desassociá-la dos processos de entradas e bandeiras percorridos pelos bandeirantes, uma vez que estes podem ter ajudado a disseminar o “r” como retroflexo pelo interior do estado de São Paulo e por outras localidades. A figura 15 ilustra as rotas percorridas pelos bandeirantes que saíam da Província de São Paulo:



social. Baronas (2012, p. 19) comenta que, atualmente, o falar “caipira” possui um caráter conservador, no sentido de que é fonte de riqueza cultural, pois, mediante os traços linguísticos encontrados nesse falar, é possível reconstruir a história da língua portuguesa; mas também apresenta caráter inovador, fruto da urbanização dos seus falantes e da escolarização.

Afinal, como é constituído o falar “caipira”? Quais “marcas” linguísticas estão presentes nesse modo de falar? Na pesquisa desenvolvida por Amaral (1976, p. 45), como especificidades fonéticas do falar “caipira”, o autor aponta:

- O tom do frasear como lento, em que as pausas breves duram dois tempos e as longas quatro;

- Emprego da variante retroflexa;
- A vocalização de “gh”, antes de semiditongos, como ocorre em: água>áu-ua;
- Supressão da vogal (ou da própria sílaba- haplologia) como ocorre em

legítimo>legite;

- Nasalização do “i”: exame>inzame;
- Vogal “e” muda para “i” em posição medial, como exemplo: tesoura>tisôra;
- A vogal “o” muda-se para “u” em posição medial: engolir>ingulí;
- “Em” e “em” iniciais transformam-se em “in” e “im”: emprego>imprego;

encurtar>incurtá;

- “Õ” (on, om) transforma-se em “u”: conversa>cunversa; comer> cume;
- Redução dos ditongos “ai”, “ei” e “oi”: baixo>baxo; cheiro>chêro;

roupa>ropa;

- Redução de “em” em final de palavra: virgem>virge;
- As palavras bom, tom e som são pronunciadas como “bão”, “tão” e “ são”;
- Ditongação de “io” em final de palavra: pavio>paviu;

Sobre as consoantes, Amaral (1976, p. 51) comenta:

- Mudanças entre “b” e “v”: vassoura>bassôra; jaboticaba>jabuticava; vamos>bamo;

- Redução das formas “ando”, “endo”, “indo”: andando>andano; vendo>veno; caindo>caíno;

- “L” em final de sílaba se transforma em “r”: papel>papér;
- Queda do “r” em final de palavra; andar>andá; mulher>muié;

- Queda do “s” em final de palavras paroxítonas ou proparoxítonas: pires>pire;
- Vocalização do “lh”: filho>fio;

Na obra de Amaral (1976, p. 53-54), algumas modificações fonéticas foram consideradas como “isoladas”, ou seja, atingiram um conjunto menor de itens lexicais. Dentre elas, destacam-se:

- Abrandamento: cuspo>guspe;
- Assimilação: quando ocorre a mudança de um segmento sonoro em uma consoante. Como exemplo, Amaral (1976, p. 53) cita a palavra Carlos>Carro;
- Aférese: ocorre quando um segmento é suprimido no início de uma palavra (BAGNO, 2012, p. 296)<sup>25</sup>. Como exemplo, Amaral (1976, p. 53) cita: imagina>magina;
- Síncope: para Bagno (2012, p. 296) ocorre síncope quando um segmento é suprimido do interior de uma palavra. O exemplo citado por Amaral (1976, p. 53) é a palavra pêssego>pêesco;
- Apócope: quando ocorre supressão de um segmento no final da palavra (BAGNO, 2012, p. 296). Como ilustração desse metaplasmo, Amaral (1976, p. 53) cita legítimo>legite;
- Prótese: quando um segmento é acrescentado no início de uma palavra (BAGNO, 2012, p. 296). Como exemplo, Amaral (1976, p. 54) cita lembrar>alembrar;
- Epêntese: quando o segmento é acrescentado no interior de uma palavra (BAGNO, 2012, p. 296). Como exemplo, Amaral (1976, p. 54) cita Inglaterra>Inglaterra;
- Epítese: também conhecido como paragoge; ocorre epítese quando há um acréscimo de segmentos no final de uma palavra (BAGNO, 2012, p. 296). Na obra de Amaral (1976, p. 54), temos como exemplo a palavra paletó>paletor;
- Metátese: quando um segmento é transposto<sup>26</sup> (BAGNO, 2012, p. 297). Ex: preciso>perciso (AMARAL, 1976, p. 54);
- Hipértese: quando o segmento é transposto para a sílaba seguinte algodão>agordão;
- Formas “Nhô” “sêo”, “seu”, “siô” e “sô” para “senhor”;
- O emprego das formas “nhá”, “seá”, “sea”, “sia”, “sa” para “senhora”;

<sup>25</sup> Muitas vezes, Amaral (1976) apenas cita os metaplasmos e os exemplifica, mas não os define. Para facilitar a leitura, utilizamos a obra de Bagno (2012) para definir os metaplasmos citados por Amaral (1976) e, em alguns casos, para dar exemplos mais atuais.

<sup>26</sup> De acordo com Freitas (2005, p. 120), Coutinho considera como metátese a transposição de segmentos na mesma sílaba ou na sílaba seguinte.

- O uso de “mea” e “mha” para “minha”;
- O emprego de “sa” para “sua”;
- O uso de “num” para “não”.

Embora Amaral (1976) tenha identificado tais processos fonéticos acima descritos na fala da população de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, São Carlos e Sorocaba, não podemos afirmar que tais processos são exclusivos do falar “caipira”, pois podem ser encontrados em outros falares também. Bagno (2012, p. 320) comenta que a redução dos ditongos “ai, ei, oi” ocorre no português brasileiro de forma generalizada. O autor ainda salienta que o ditongo “ou” é sempre pronunciado como “o”, independente da variedade ou contexto linguístico. Sendo assim, é “normal” ouvir “oro” para “ouro”, “tisoru” para “tesouro” (BAGNO, 2012, p. 321). Esse é um processo antigo na língua, portanto, muito presente no cotidiano e de acordo com Bortini- Ricardo (2011, p. 251), não pode ser caracterizado como estereótipo.

O apagamento de infinitivo também, segundo Bagno (2012, p. 335), é muito comum no português brasileiro, atingindo *status* de regra categórica, ou seja, independente da escolarização ou das características sociais, é comum o apagamento de infinitivo nos verbos, como por exemplo, “cantar>cantá”. Já o apagamento de “R” em final de palavras que não são verbos faz parte de variedades mais estigmatizadas ou de contextos menos formais (“doutor.>dotô”) (Bagno, 2012, p.335).

A nasalização, como ocorre, por exemplo, na palavra “inzame” ainda é um processo muito comum no português brasileiro. Seu oposto, a desnasalização (“homem> home”) também é um processo frequente, inclusive nas variedades brasileiras urbanas de maior prestígio (BAGNO, 2012, p. 329). Outro caso que ocorre em variedades de prestígio é a aférese, ou seja, quando ocorre uma supressão de um segmento no início da palavra, como, por exemplo, na palavra “imagina>magina”.

Casos de síncope – supressão de um segmento no meio da palavra – também são comuns em muitas variedades, como ocorre em “córrego>córgo”. Outros casos comuns, atualmente, são os que envolvem metátese, ou seja, a transposição de um segmento de uma sílaba para outra, como ocorre em “iogurte>iorgute” (BAGNO, 2012, p. 328).

Portanto, como podemos perceber, nem todas as “marcas” levantadas por Amaral (1976) fazem parte exclusivamente do falar “caipira”, pois, atualmente, essas têm um alcance muito amplo. Pode ser que, na época em que Amaral (1976) fez esse levantamento, essas “marcas” tivessem uma amplitude geográfica mais restrita do que ocorre hoje, mas não temos como validar essa hipótese.

Além dos aspectos fonéticos, Amaral (1976, p. 55) aponta também a “simplicidade” do léxico pertencente ao falar “caipira”. Para o autor, o modo de vida simples faria com que o vocabulário do “caipira” fosse restrito. Em uma seção do livro, Amaral (1976, p. 82) traz uma lista com palavras faladas pelos roceiros, compondo uma espécie de dicionário “caipira”. A respeito daquilo que Amaral (1976) denomina de “simplicidade” de vocabulário ou “vocabulário restrito”, consideramos que cada falar e cada língua possuem características diferentes, que não devem ser consideradas como melhores ou piores, nem como simples, pois os aspectos gramaticais, lexicais e sintáticos são suficientes para os falantes daquela língua ou dialeto. A ideia de compor um dicionário de expressões “caipiras” foi também desenvolvida por Elias Netto (1996), na região de Piracicaba- SP. No livro intitulado “Dicionário do Dialeto Caipiracicabano – arco, tarco e verva”, Elias Netto (1996) traz algumas expressões “caipiras” faladas pelos moradores de Piracicaba- SP e seus respectivos significados.

No livro “Dialeto caipira”, Amaral (1976) faz também uma descrição dos aspectos sintáticos do falar “caipira”, ressaltando que ainda seria necessário coletar mais material para alcançar com sucesso uma possível tentativa de sistematização desse falar. Devido a esse fato, não nos ateremos em expor aqui as análises que constam no livro. No que diz respeito à morfologia e à morfossintaxe, Amaral (1976) faz alguns comentários sobre as flexões verbais, pronomes, gênero, formação de vocábulo e número.

Na nossa dissertação de mestrado (PICINATO, 2013), fizemos uma comparação entre as obras de Amaral (1976) e a de Bortoni-Ricardo (2011), embora a pesquisadora não tenha realizado sua pesquisa na mesma área em que Amaral fez sua descrição, visto que aquela se ocupou da região de Braslândia (DF) e esse de Capivari, Tietê, Itu, Sorocaba, São Carlos e Piracicaba (SP). Para Bortoni-Ricardo (2011, p. 35) o termo “caipira” compreende o falar associado às variedades rurais ou urbanas com baixo prestígio socio-cultural. Dentre os fenômenos fonéticos analisados pelos autores, chegamos à conclusão de que existia certa concordância sobre a fonética “caipira”. Como pontos de convergência, citamos: neutralização do “r” e “l” em coda silábica e encontros consonantais (mel > mer); vocalização da palatal /ʎ/ (mulher > muié); supressão do “r” em verbos no infinitivo e em palavras quando este está antecedido por vogal (lugar > luga); apagamento de “s” e “z” em final de palavras que não estão no plural (pires > pire); substituição da consoante lateral /ʎ/ (carnaval > carnavar ou carnava); assimilação do “d” (vendo > venu); prótese (lembrar > alembra); aférese (acabou > cabo); apócope (legítimo > legiti); metátese (preciso > percisu); desnasalização (virgem > virge); redução de ditongo (automóvel > otomóvi) (PICINATO, 2013, p. 23-26).

No que diz respeito à formação de vocábulo, Amaral (1976, p. 68) comenta que o falar “caipira” possui grande vitalidade no que diz respeito à formação de palavras, sejam elas substantivos ou adjetivos. O autor salienta que nesse falar é muito comum encontrarmos processos de reduplicação na fala, mediante o emprego de verbos como “vir, ir, estar e andar”. Desta forma, seriam comuns construções como “vinha pulando; ia caindo, estava cantando”. O autor ainda destaca a influência da etimologia popular como fonte de inspiração para a criação de novos vocábulos, como é o caso de “aguapé”, formada pelas palavras “água” e “pé”. O termo “aguapé” faz referência às plantinhas que boiam na superfície de águas paradas (AMARAL, 1976, p. 85). Além desse processo de formação de palavras, o autor cita a derivação regressiva (paixão >paixa).

Sobre o gênero, Amaral (1976, p. 70) comenta que, em alguns casos, não ocorre flexão, por isso, é comum encontrarmos casos como “essas coisarada bunito”, em que o adjetivo “bonito” não concorda com o substantivo “coisarada”. A falta de concordância verbal também foi apontada por Amaral (1976, p.70) como uma “marca” presente nesse falar. De acordo com o autor, é comum encontrarmos construções como: “duas dama, aqueles minino” em que o plural é marcado na primeira palavra, seja ela um numeral ou um artigo. Sobre a ausência de concordância nominal e verbal no falar “caipira”, Baronas (2012, p. 18) comenta que os falantes por ela entrevistados, em situação comunicativa mais formal, como a gravação de uma entrevista, por exemplo, realizavam as concordâncias nominal e verbal de acordo com a norma padrão. Isso demonstra que os falantes, principalmente os que tiveram acesso à escola, fazem uma diferenciação entre o modo como falam, em situações linguísticas distintas: é a mudança no falar “caipira”.

## **5.2 Por que o adjetivo “caipira”?**

É inegável a existência de diversos falares no Brasil: o gaúcho, carioca, o nordestino, o caipira, dentre outros. Sempre quando falamos de gaúcho, fazemos referência ao Rio Grande do Sul; carioca, ao Rio de Janeiro e o “caipira”, geralmente, às cidades do interior do Estado de São Paulo. Mas por que o falar “caipira” possui essa denominação? A quem esse falar faz referência, de fato? O adjetivo “caipira” qualifica quais falantes? Na tentativa de responder a essas questões, buscamos não só em referências bibliográficas o significado do termo “caipira”, mas também na opinião de 30 falantes, salenses, conforme descrito na seção 2. Nessa subseção, nos ateremos ao levantamento bibliográfico e nas seguintes, à opinião dos falantes.



De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra “caipira” significa “*habitante do campo ou roça. Adj: diz de caipira (1). [Sin. Ger.: jeca, matuto, roceiro, sertanejo, cabloco, capiau, tabaréu]*” (FERREIRA, 2000, p. 119). Pelo significado encontrado no dicionário, podemos perceber a associação do termo com o habitante da zona rural.

Ilari e Basso (2011, p. 163) comentam sobre o fato de que, muitas vezes, ao buscarmos definir um modo de “falar” ou caracterizar seus falantes, podemos acabar cometendo generalizações que podem nos levar a sermos incoerentes; por exemplo, ao descrever e analisar a fala dos moradores de uma cidade localizada no interior do Estado de São Paulo, não devemos generalizar e dizer que as demais cidades interioranas se comportam, linguisticamente, daquela maneira. Partindo desse princípio, é possível associarmos o falar “caipira” – falado na cidade de Sales Oliveira – com a fala do campo?

Brandão (1983, p. 10-11) comenta que, durante as expedições realizadas por Saint-Hilaire, explorador enviado pela coroa portuguesa ao interior do país para descrever os povos, seus costumes, a fauna e a flora brasileira, os “caipiras” eram aqueles que moravam na zona rural e eram chamados de “caipira” pelos que moravam nas cidades. O “caipira”, nessa época (século XIX) recebia essa denominação porque era visto pelo habitante da cidade como um demônio da floresta, uma espécie de curupira (curupira>caipira).

Na opinião de Cornélio Pires, um dos maiores divulgadores da cultura “caipira”, o termo “caipira” estava associado ao trabalho que o aldeão exercia, ou seja, o “caipira” era o lavrador, o roceiro. Temos, portanto, nesse caso, uma acepção do termo “caipira” ligada à função que esse exerce. Cabe ressaltar, entretanto, que, de certa forma, a palavra “caipira” está associada à zona rural, pois o lavrador ou roceiro desenvolve suas atividades no campo. Na verdade, a definição de “caipira”, ou melhor dizendo, de quem é ou não “caipira” sempre foi feita mediante o “olhar” e crivo do morador da cidade. Segundo Brandão (1983, p. 12), o “caipira” “(...) é o ponto por ponto a face negada do homem burguês e se define pela caricatura que de longe a cidade faz dele, para estabelecer, através da própria diferença entre um tipo de pessoa e a outra, sua grandeza”. Ainda segundo o autor, o “caipira” é primeiro definido pelo lugar onde vive: roça, ou seja, oposto à cidade, ao progresso. Devido ao fato da cidade ser o símbolo do progresso, o “caipira”, morador da zona rural, não faz parte dessa cultura progressista, inovadora e é, portanto, visto como não civilizado e seu trabalho não é reconhecido (BRANDÃO, 1983, p. 12).

A acepção do termo “caipira” como referência aos camponeses do Estado de São Paulo, possuidor de uma cultura distinta e pautada em tradições próprias e formas de organização únicas, também está presente na obra de Shirley (1977, p. 57), em que o termo

“caipira” assume significado mediante as lacunas sociais e culturais existentes entre a cidade e o campo. Para o autor, o “caipira” correspondia ao morador do campo, que possuía forte ligação com a terra, reproduzindo na roça o estilo de plantar europeu – utilizando-se de instrumentos para facilitar a plantação, como por exemplo, foice e enxadas, mas plantando alimentos que são base da cultura indígena, como milho, mandioca e feijão (SHIRLEY, 1977, p. 59).

Cabe ressaltar que, quando afirmamos que o “caipira” possuía cultura e tradições próprias, fazemos referência ao modo como viviam e estavam organizados socialmente, além dos costumes por eles cultivados. Os “caipiras” levavam uma vida baseada nos graus de parentesco, voltada para o culto da religião e o espírito de solidariedade entre as famílias. Muitos “caipiras”, embora vivessem afastados das cidades, anualmente iam às festas religiosas, onde não só participavam dos cultos, como também compravam suas roupas nas barraquinhas e se divertiam. Na roça, o contato que o “caipira” tinha com a cidade e com o que por lá acontecia era por intermédio da venda. Na venda, além de comprar comida e ferramentas, os “caipiras” podiam interagir com as pessoas das comunidades vizinhas, numa espécie de centro social. Aos domingos, as mulheres não iam à venda, pois os homens geralmente se reuniam para tomar uma pinga e conversar sobre os acontecimentos (SHIRLEY, 1977, p. 68).

Devido à valorização da cidade e o modo de vida por ela imposto, é comum percebermos na literatura ou até mesmo em relatos de viagens feitos por exploradores que prestavam serviços à coroa portuguesa, a descrição do “caipira” como indolente, humilde e até violento, ou seja, o oposto dos bandeirantes e dos senhores de terra (BRANDÃO, 1983, p. 19). Embora resultasse biologicamente da miscigenação entre os brancos e indígenas, o “caipira” não seria tão organizado quanto esses (indígenas) e nem tão civilizado como os bandeirantes (BRANDÃO, 1983, p. 23). Lobato, por exemplo, ao criar o Jeca Tatu, utilizou-se da dicotomia campo X cidade e, por intermédio do “olhar” de quem mora na cidade, retratou o “caipira” como indolente e preguiçoso.

A situação do “caipira” como ser que vive à margem, que possui uma cultura invisível, começou a mudar, quando, segundo Brandão (1983, p. 24), alguns pesquisadores da cultura paulista, no século XX, descobriram que existiam dois tipos de sujeitos locais que representavam o Estado de São Paulo: o caipira e o caiçara. Esse último seria uma espécie de “caipira” do litoral e o “caipira” continuaria fazendo referência ao morador do interior. Foi por intermédio desses tipos de pesquisa que o “caipira” emergiu como objeto válido de estudo, dotado de cultura e falar próprios, ou seja, a cultura e o falar “caipiras”.

Cabe ressaltar que o “caipira” sempre foi visto como um migrante que vai de uma fazenda a outra, pertencente à parcela mais pobre do meio rural, ou seja, o “caipira” nunca fez parte da nobreza rural (BRANDÃO, 1983, p. 25). Esse não pertencimento à nobreza rural agravava-se com o fato de que o “caipira” era sempre um intruso nas suas próprias terras. Segundo Brandão (1983, p. 35), devido ao fato dos “caipiras” fazerem uso capião das terras, ou seja, se estabelecerem de forma ilegal em um pedaço de terra, eram sempre expulsos pelos fazendeiros, que, muitas vezes, utilizavam-se da violência para conseguir a apropriação das terras desejadas. Com isso, o “caipira” era obrigado a se mudar para outro lugar e o processo se repetia, como um círculo vicioso. Por isso, o autor afirma que o bandeirante desbravava a terra, o “caipira” se apropriava e depois o senhor de terras civilizava (BRANDÃO, 1983, p. 38). Esse processo de expulsão de terras, infelizmente, foi muito comum em todo Estado de São Paulo:

“(…) donatários de sesmarias, bandeirantes e seus descendentes, revertidos à condição de agricultores, senhores de grandes posses, ocupavam pela força ou com a força de direitos senhoriais sempre negados aos lavradores pioneiros, as extensões maiores das melhores terras da província, desde onde empurravam famílias e levas de lavradores caipiras sertão adentro” (BRANDÃO, 1983, p. 41).

Quando eram expulsos de suas terras, os “caipiras” abriam matas, limpavam as regiões, limpavam grandes áreas, deixando-as prontas e preparadas para o cultivo da cana e do café. Entretanto, muitos não migravam para regiões mais longínquas e acabavam se estabelecendo em cercos de fazendas, “trocando” serviços com os fazendeiros e sitiantes. Por intermédio de laços de compadrio, ou seja, em nome de uma “amizade” estabelecida, alguns “caipiras” prestavam serviços para o fazendeiro, como, por exemplo, fazer parte da escolta armada dos fazendeiros e em troca, muitas vezes, morar nas terras do patrão. Brandão (1983, p. 43) ressalta que foram poucos os casos dos “caipiras” que tiveram sucesso econômico, social e político fora da economia agrária. Para o autor:

“(…) um sistema que teve em uma de suas pontas a cabana queimada do indígena morto e, na outra, a mansão colonial da fazenda de café. Que determinava no seu interior a posição inevitavelmente marginal do mundo de vida e trabalho do caipira. Esta marginalidade imposta não é um acidente à margem da própria vida caipira. Ao contrário, é o que a constitui” (BRANDÃO, 1983, p. 43).

Embora seja um dos principais responsáveis pela riqueza do Estado, o “caipira”

sempre viveu à margem. Essa situação foi agravada no governo de Juscelino Kubistchek, com o incentivo à industrialização (SHIRLEY, 1977, p. 74). O grande número de mão-de-obra disponível, juntamente com o incentivo do governo, colaboraram para o desenvolvimento das indústrias. Com isso, a relação entre campo e cidade ficou ainda mais polarizada e a cidade passou a ser o sinônimo do progresso.

Desde as tomadas de terras, até a expulsão das lavouras de café em meados de 1880, o “caipira”, mesmo ocupando uma posição social e política sem destaque, viveu e constituiu sua vida fundamentada na economia agrária, ou seja, é impensável a não associação do “caipira” com a lavoura e com a terra. Essa relação é tão forte que pode ser encontrada em letras de músicas “caipiras” e sertanejas, em que os personagens principais são peões, boiadeiros, fazendeiros, lavradores; ou seja, as canções são um retrato dessa relação de amor do “caipira” com a terra. Esse sentimento pode ser percebido na canção de Cascatinha e Inhana, composição de Luiz Carlos Paraná, intitulada “Flor do cafezal”:

#### Flor do cafezal<sup>27</sup>

“Meu cafezal em flor!  
 Quanta flor, meu cafezal!  
 Meu cafezal em flor!  
 Quanta flor, meu cafezal!  
 Ai, menina, meu amor!  
 Minha flor do cafezal!  
 Ai, menina, meu amor!  
 Branca flor do cafezal!  
 Era a florada  
 Lindo véu de branca renda  
 Se estendeu sobre a fazenda  
 Qual um manto nupcial!  
 E de mãos dadas  
 Fomos juntos pela estrada  
 Toda branca e perfumada  
 Pela flor do cafezal.  
 Meu cafezal em flor...  
 Passa-se a noite  
 Vem o sol ardente e bruto  
 Morre a flor e nasce o fruto  
 No lugar de cada flor;  
 Passa-se o tempo  
 Em que a vida é todo encanto  
 Morre o amor e nasce o pranto  
 Fruto amargo de uma dor.

<sup>27</sup>Letra da música está disponível em: < <https://www.letras.mus.br/cascatinha-e-inhana/282106/>>. Acesso em: 10. fev. 2016.

Meu cafezal em flor...”

Na canção, podemos perceber a relação traçada entre o amor do “eu” lírico e a florada do café. As construções metafóricas entre a menina e o cafezal, demonstram que para o “eu” lírico, a figura da amada é tão linda quanto o cafezal florido. Podemos dizer que é notório o apreço que o amante sente pelo cafezal, ou seja, pela plantação, pela lavoura.

A imagem do campo se faz muito presente nas canções cantadas pela dupla de músicas “caipiras” Tônico e Tinoco. Na canção intitulada “Chitãozinho e Xororó”, composição de Roque de Rosa, o “eu” lírico da canção exalta os bens naturais da vida do campo, afirmando não “trocar seu ranchinho por uma casa na cidade”, pois ele gosta de ser só e ficar em contato com a natureza, ouvindo o canto dos pássaros Chitão e Xororó. A imagem construída nessa canção colabora para a afirmação desse sentimento de amor pela terra que o “caipira” nutre.

A ligação de amor do “caipira” com a terra e com a zona rural também está presente na canção “O doutor e o caipira”, cantada pela dupla Goiano e Paranaense. Composição de Goiano e Geraldinho, a canção relata a história do “caipira” que vai até a cidade em busca de um médico, em um hospital. Durante a canção, já mencionada anteriormente na seção 4.2, o “caipira” diz ser “desbravador do sertão interior”, conhecedor das técnicas do campo, portador de conhecimento empírico, ou seja, o “eu” lírico da canção – “caipira”- não tem conhecimento acadêmico, como o doutor – médico – possui, mas é especialista, “doutor”, quando o assunto é a vida no campo, conforme mostra o trecho da canção:<sup>28</sup>

“(…) Lá eu domino aquele incêndio alastrado  
 Que sempre um raio deixa fogo no espigão  
 Se der um golpe em um jatobá airado  
 Eu sei o lado que a árvore cai no chão  
 Sou especialista em mata-burros e porteiras  
 Sei a madeira que se usa pro mourão  
 Vamos comigo ver meu mundo ao céu aberto  
 Onde o trabalho também é uma operação (…)”

Essa canção ilustra a relação de proximidade que o “caipira” possui com a natureza, com a vida na fazenda. A canção termina de forma muito interessante: o “caipira” diz que é denominado assim pelo povo da cidade e que sente orgulho de ser rotulado dessa forma. O “eu” lírico ainda diz que na cidade é chamado de “caipira”, mas que no lugar onde mora, é doutor; ou seja, sua cultura, seu modo de vida e seus conhecimentos não são respeitados na

<sup>28</sup> A letra da canção “O doutor e o caipira” está disponível em: < <https://www.letras.mus.br/goiano-paranaense/883362/>>. Acesso em: 10. fev. 2016.

cidade, mas, no campo, há uma valorização desse conhecimento e respeito pelas atividades que esse sujeito desempenha:

“(…) Todas as vezes que me chamam de caipira  
É um carinho que eu recebo de alguém  
É uma prova que a pessoa me admira  
E nem calcula o prazer que agente tem  
Doutor agora nós já somos bons amigos  
Vamos comigo conhecer o meu além  
Para dizer que sou caipira na cidade  
Mas lá no mato eu sou um doutor também”.

Além do gosto pela terra, o apreço pela vida na zona rural, os “caipiras”, segundo Brandão (1983, p. 46), possuem uma vida regida pelo trabalho, respeito, fé, solidariedade e honra. Embora fosse um povo hospitaleiro, também se utilizavam de valentia e força física para defender sua vida, honra e os valores sociais.

O trabalho desempenhado pelo “caipira” era realizado como uma espécie de oficina familiar, em que os homens trabalham nas lavouras e as mulheres ficam com os afazeres da casa e a responsabilidade pela educação dos filhos. Os filhos – meninos– ainda crianças, iam para a lavoura auxiliar o pai, figura de maior autoridade na casa. Desde jovens, os meninos da casa deveriam aprender os trabalhos na lavoura para serem “chefes” de família no futuro. Muitas vezes, em casa, as mulheres dedicavam-se também à plantação de hortas caseiras para o sustento da família e à confecção de artesanato. As atividades eram bem distribuídas, cabendo às crianças e às mulheres o cuidado com animais do quintal e aos homens desbravar regiões, queimar mato, colher e comercializar os produtos. As mulheres podiam ajudar no plantio e na colheita dos mantimentos, mas não faziam o trabalho de desbravar terras. Embora as mulheres ficassem com a responsabilidade pela casa, esperava-se que o marido fizesse os reparos necessários quando algo estragasse ou quebrasse. Com o passar do tempo, essa situação foi se alterando, pois homens e mulheres, atualmente, desempenham vários papéis (BRANDÃO, 1986, p. 71- 74).

Cabe ressaltar que o “caipira” optou por desenvolver uma agricultura voltada não só para a subsistência, mas também para a comercialização. Como consequência disso, a produção agrícola do interior tinha nas cidades que estavam se industrializando um mercado em potencial, pois as cidades industrializadas não tinham como foco de interesse a agricultura, tornando-se assim “um mercado consumidor” em alta (SHIRLEY, 1997, p. 77). De acordo com o autor, os produtos produzidos pelos “caipiras” para manter a subsistência, como leite, carne de porco, carne de vaca, tinham altos custos para os que não os produziam,

ou seja, para quem não era “caipira”.

A figura do “caipira” sempre esteve associada a uma cultura moldada nos padrões patriarcais, movida pela honra, fé, simplicidade e valores da vida no campo. Esses valores todos compõem não só a imagem do “caipira”, como também se fazem presentes no seu modo de falar. Nas últimas décadas, ocorreu um grande processo de migração do campo para a cidade. Se o “caipira” veio para a cidade, o seu estilo de vida mudou. E seu modo de falar: continua o mesmo ou também mudou? Muitas cidades ainda são consideradas pequenas e prezam por muitas características da vida do “caipira”. Em Sales Oliveira, cidade do interior do Estado de São Paulo, ainda é muito comum observarmos relações fortes de compadresco, de solidariedade entre vizinhos, que trocam comidas, batem papo na rua, sentam na calçada de casa para comentar sobre os acontecimentos do dia. Por ser uma cidade pequena, as pessoas se conhecem, se cumprimentam nas ruas, compram e “marcam” para pagar no mês seguinte, sem precisar de carnês, em muitos casos. Neste estudo, temos como um dos objetivos propostos verificar se ocorreu alguma mudança linguística significativa no falar “caipira”, mediante a gravação de pessoas de três faixas etárias distintas, conforme metodologia explicada na seção 2.

### **5.3 Aspectos culturais e históricos do “caipira”**

O termo “caipira” tem assumido, ao longo dos tempos, um valor semântico que denota a grande lacuna existente na relação entre cidade e campo. É inegável o fato de que a cultura “caipira” se difere de outras culturas, como a da cidade, por exemplo. Isso ocorre, porque a cultura “caipira” tem características distintivas: seus próprios valores, tradições e modo de organização (SHIRLEY, 1977, p. 57). Portanto, para compreendermos um pouco sobre a cultura “caipira”, é imprescindível compreendermos a história desse povo, o modo como se organizam, seus costumes e seu modo de falar.

Historicamente, segundo Shirley (1977, p. 59), a origem da sociedade “caipira” está associada aos primeiros povoamentos realizados pelos portugueses, no Vale do Paraíba, durante o século XVI. Mas, no interior do Estado de São Paulo, a cultura “caipira” chegou por intermédio dos movimentos de entradas e bandeiras, realizados nos séculos XVI, XVII e XVIII, como já citado anteriormente. Os bandeirantes saíam da capitania de São Vicente (atual Estado de São Paulo) e se deslocavam para Minas Gerais. Muitos, entretanto, ficaram no meio do caminho, ou seja, acabaram se estabelecendo no interior do Estado de São Paulo, onde cultivavam uma agricultura voltada para subsistência. Esses bandeirantes que não

seguiram com o grupo foram os responsáveis pelo povoamento do interior, que mais tarde, originou as cidades paulistas de Araraquara, São Carlos, Ribeirão Preto, Piracicaba, dentre outras (CARMO, 2008).

A história do “caipira” sempre esteve intrinsecamente ligada à cultura da roça, do campesinato, em que a relação com a terra é uma marca muito forte nessa sociedade. É por meio da terra que o “caipira” conseguia seu alimento e garantia sua sobrevivência. A agricultura era basicamente de subsistência, ou seja, plantava-se para o consumo próprio e não para o comércio. Por isso, a monocultura, tão comum atualmente nas regiões interioranas do Estado de São Paulo, não era comum nos séculos passados; se o alimento que seria consumido era proveniente daquilo que era plantado nas roças domésticas, era preciso que a agricultura fosse diversificada para que conseguissem produzir a maior variedade de alimentos possíveis para obter uma dieta relativamente saudável. Até meados de 1953, o Brasil não era um país onde predominava a monocultura, ao contrário, agricultura era de policultura e o “caipira” reflete bem essa situação (FUKUI, 1979, p. 79)

A produção nas roças era, portanto, baseada na agricultura de subsistência, seguindo os modelos de Portugal, mas com novos instrumentos e cultivo de outras plantas: o “caipira” utilizava a foice, a enxada (instrumentos que os portugueses não utilizavam nas roças) e plantavam feijão, mandioca e milho (acredita-se que o cultivo dessas plantas pelos portugueses seja influência da cultura indígena) (SHIRLEY, 1977, p. 59).

A princípio, o “caipira” levava uma vida nômade, resultante do contato respeitoso que tinha com a natureza, e, posteriormente, devido à relação conturbada que este possuía com o proprietário de terra, pois o “caipira” não aceitava nem as condições de trabalho e nem o modo como os senhores rurais exerciam a posse de suas terras (BRANDÃO, 1983, p. 35). Devido ao seu modo de vida nômade, o “caipira”, a princípio, não tinha muito trato social e por isso, era considerado mais acanhado. Porém, no final do século XX, essa situação começou a sofrer alterações, pois os “caipiras” passaram a integrar os chamados bairros rurais (PICINATO, 2013, p. 33).

O bairro rural ou grupo de vizinhança não pode e nem deve ser compreendido apenas levando-se em consideração um lugar físico, pois suas atribuições iam muito além do espaço geográfico: elas compreendiam também as obrigações morais firmadas entre as famílias que compunham o bairro (SHIRLEY, 1977, p. 59). Cada família, geralmente, se estabelecia em um sítio, que podia ser propriedade da família ou mediante relação de prestação de serviços. Geralmente, as famílias que moravam próximo, frequentavam a mesma venda, a mesma capela e firmavam um “acordo” de solidariedade entre si. Esse “acordo” era realizado de



forma oral, como uma espécie de compromisso em que as pessoas se comprometiam a se ajudar. Como exemplo, podemos citar os mutirões (SHIRLEY, 1977, p. 60).

Muito comuns na sociedade “caipira”, os mutirões consistiam em movimentos de ajuda para quem precisasse. Se um sitiante precisasse fazer uma obra grande em suas terras ou estava com problemas na colheita, por exemplo, seus amigos iam para ajudá-lo. Os mutirões, geralmente, terminavam em festejos, em que o dono da casa ofertava a comida para os trabalhadores amigos que haviam prestado serviço em sua fazenda. Os serviços prestados eram gratuitos, baseados na solidariedade. A participação no mutirão criava uma espécie de dívida moral: se o amigo que ajudou o sitiante do mutirão, algum dia, também precisasse de ajuda, o sitiante ajudado retribuía o favor prestado. Embora não houvesse gastos com pagamento dos trabalhadores, muitas vezes, o mutirão não compensava economicamente, pois o dono do sítio, ou seja, a pessoa que convocou o mutirão tinha que ofertar a comida para os trabalhadores e no final do dia, geralmente, ocorriam as festas, com modas de viola (BRANDÃO, 1983, p. 91). O mutirão e as parcerias (quando uma pessoa plantava nas terras alheias e pagava o aluguel da terra com uma porcentagem obtida na colheita) foram as soluções que essas pessoas, habitantes dos bairros rurais, encontraram para amenizar o problema da mão-de-obra escassa e do empobrecimento do solo (QUEIROZ, 1973, p. 194).

Outra característica muito presente nos bairros rurais era a existência de um forte sentimento de religiosidade. Devido à influência religiosa, aconteciam grandes festas, que permitiam o intercâmbio entre os bairros rurais, como forma de promover a união entre as pessoas de bairros distintos (QUEIROZ, 1973, p.198). As festas religiosas, além de celebrarem alguns santos do catolicismo, também permitiam ao sitiante sentir-se pertencente a um determinado bairro (QUEIROZ, 1973, p. 57). Era comum que cada família possuísse seu santo padroeiro, por isso, algumas festas religiosas eram organizadas por um festeiro, ou seja, uma pessoa que arcava com os gastos da festa. Mas, embora uma pessoa fosse a responsável pelos gastos, todos os festeiros ajudavam, seja por meio de leilão ou por prendas ofertadas. Os padres, que em geral moravam nas cidades, eram vistos como visitantes, como alguém que vinha de fora. De acordo com Queiroz (1973, p. 59), as festas religiosas permitiam que os bairros se abrissem para os moradores de outros bairros e para os habitantes da cidade também. Dessa forma, segundo a autora, os sítiantes podiam compreender que o mundo do qual faziam parte não se restringia apenas ao bairro rural onde moravam, mas que existiam outros sítiantes, que compunham outros bairros rurais, além do habitante da cidade, que também podia comparecer às festas.

Essa relação com o outro, com aquele que não pertence ao mesmo bairro, era muito

ênfâtizada pela religiosidade dos sitiantes, pois muitos participavam com suas famílias de romarias e procissões a lugares considerados sagrados; sendo assim, tinham a oportunidade de sair de seus bairros por alguns dias ou horas e manter contato com outros moradores de bairros distintos. Por isso, a religiosidade era considerada muito importante para a cultura “caipira”, segundo Shirley (1977, p. 64). Ainda segundo a autora, a religião exercia na cultura “caipira” um papel de agente centralizadora e descentralizadora, na medida em que unia os moradores do mesmo bairro, fortalecendo, assim, a cultura e as tradições, mas também permitia o contato entre moradores de bairros distintos e de moradores das zonas rurais com os da cidade, possibilitando que eles se aproximassem de outros modos de ser (SHIRLEY, 1977, p. 64).

Em relação à religiosidade, o sobrenatural era considerado uma extensão do mundo profano, pois os sitiantes se relacionavam com os santos da mesma forma como se relacionavam com parentes e vizinhos, ou seja, era comum colocar o santo de “castigo”, quando este não atendia aos pedidos como, por exemplo, colocar o Santo Antônio, considerado como o santo casamenteiro, de ponta-cabeça até conseguir um casamento para a moça que está solteira. Existia, portanto, uma relação de apadrinhamento entre o santo e o devoto: esse fazia oferendas e aplicava castigos quando julgava necessário para aquele.

Muito importante também na vida dos bairros era o sentimento de compadrio. Tãmanha era sua importância, que os laços de sangue eram encobertos pelo de compadrio, pois se um irmão batizava o sobrinho, não era chamado mais de irmão e sim de compadre (WILLEMS, 1961, p. 66). Os laços de compadrio não ocorriam apenas em relação ao batismo, mas as pessoas se denominavam “compadres de fogueira de São João”, “padrinhos de Semana santa”, enfim, as diversas formas de compadrio funcionavam como um fator de interação social (QUEIROZ, 1973, p. 54). Como consequência dessa grande importância do compadrio, os novos moradores do bairro, segundo a autora, só se sentiam efetivamente parte daquele local quando eram chamados de “compadres”. Essas relações entre compadres e comadres permitiam que as pessoas que deixassem seus bairros, caso retornassem algum dia, se sentissem acolhidas, pois sempre teriam alguém para recebê-los.

Muitas pessoas deixavam os bairros rurais onde moravam para viverem em outras localidades – outros bairros ou na cidade;por isso, a estrutura familiar dos bairros variava. Mesmo com essa mobilidade, não podemos dizer que os bairros rurais possuíam uma estrutura inconsistente; ao contrário, os laços de parentesco e de compadrio sempre permitiam a volta das pessoas que haviam ido embora (QUEIROZ, 1973, p. 54). Além disso, os bairros constituíam, em sua maioria, uma reunião de famílias, sendo a base familiar considerada a

estrutura fundamental do bairro. Por isso, mesmo com as migrações regionais, não ocorria a ruptura dos laços familiares, pois a distância geográfica não conseguia quebrar a união da família, uma vez que a estrutura familiar era baseada na reciprocidade e o morador do bairro sentia-se orgulhoso em se lembrar de seus antecedentes (QUEIROZ, 1973, p. 53). O fato de um familiar morar em um bairro distinto não era visto como algo negativo, pois o sitiante sempre tinha a certeza de que, se sáísse de seu bairro, poderia encontrar abrigo em outro, ou seja, nunca estaria sozinho ou desamparado, aonde quer que fosse.

Queiroz (1973, p. 195) define os bairros rurais como:

“(...) grupos de vizinhanças, cujas relações interpessoais são cimentadas pela grande necessidade de ajuda mútua, solucionada por práticas formais e informais, tradicionais ou não; pela participação coletiva em atividades lúdico-religiosas que constituem a expressão mais visível da solidariedade grupal; pela forma específica de ajustamento ao meio ecológico, através do trabalho de roça, executado pela família conjugal como unidade econômica e utilizando técnicas rudimentares(...)”.

Mediante a definição de Queiroz (1973, p. 185) sobre bairros rurais, podemos dizer que esses eram caracterizados não só pela estrutura econômica, mas também pelas relações familiares e religiosas estabelecidas. Dentro dos bairros, todos os moradores eram próximos – parentes próximos ou distantes, compadres, conhecidos – e por isso não existia preconceito em relação aos moradores, pois os bairros eram caracterizados como um grupo social igualitário. O prestígio ou *status* de um morador não era aferido pelos seus bens materiais (pela melhor moradia, ou quem tivesse mais recurso financeiro), mas pelo fato do morador apresentar ou não sentimentos como generosidade, honestidade, respeito pelo outro, bom-senso, coragem, respeito pelas tradições. A concentração de bens materiais podia ajudar no aumento do prestígio, mas não era o principal. Os mais velhos também exerciam maior prestígio socialmente, caso apresentassem as características acima descritas (QUEIROZ, 1973, p. 55). O prestígio social, pautado em qualidades de conduta social e comportamental, dificultava saber quem era rico e quem não era nos bairros rurais. A distinção entre afortunados e não afortunados não ocorria, porque o regime era igualitário e até mesmo as estruturas das casas eram, segundo Williemms (1961, p. 18), iguais, ou seja, a habitação do morador, diferente do que acontece na sociedade atual, não estava relacionada à riqueza ou pobreza deste.

Em relação à família “caipira”, essa estava estruturada mediante os padrões patriarcais, hoje, em alguns casos, desaparecidos na zona urbana. Os pais escolhiam o casamento para suas filhas e essas, quando casadas, se dedicavam a cuidar da casa, dos filhos e a ajudar seus maridos nas lavouras. Embora ajudassem com a plantação, não tinham direitos

sobre a vida econômica: esse era encargo do homem da casa. O pai era a figura de autoridade na família. Mesmo em épocas em que já não escolhia o marido para sua filha, era ele quem dava ou não o consentimento para a realização do casamento (QUEIROZ, 1973, p. 205). As moças casavam-se muito jovens e era comum a grande diferença de idade entre elas e seus maridos. Geralmente, os homens mais velhos casavam-se com mulheres bem mais jovens, o que colaborava para os altos índices de mulheres viúvas (SHIRLEY, 1977, p. 62). As crianças iniciavam, desde cedo, as tarefas nas lavouras, quando eram meninos, e o cuidado com os afazeres do lar, quando eram meninas. As meninas “caipiras” tinham que aprender, desde novinhas, o necessário para que pudessem se casar e os meninos trabalhavam na lavoura, auxiliando o pai, pois, um dia, teriam suas terras e, assim, saberiam exercer a figura de chefe de família, autoridade do lar (BRANDÃO, 1983, p. 67).

Para Brandão (1983, p. 68), todo o trabalho desenvolvido pelo “caipira” tinha como base a estrutura familiar. A família era, portanto, considerada uma espécie de pequena oficina, era autárquica e autônoma, pois plantavam, se autossustentavam, confeccionavam suas roupas, cuidavam do lar, produziam artesanato e até mesmo remédios caseiros, sob orientação e chefia do pai. Nogueira (1962, p. 178-179) traz uma lista de remédios oriundos de plantas, utilizados pelos “caipiras”. Como exemplo, podemos citar o uso de hortelã para curar as lombrigas, o chá de quebra-pedras para cálculos renais e o alecrim para curar os nervos.

A estrutura da família conjugal localizada em um bairro refletia não só a união dos “caipiras” e o respeito que estes possuíam pela estrutura familiar, mas também denotava a importância econômica desse núcleo social. Era fundamental que a família toda estivesse junta e unida para desenvolver as atividades do cotidiano, pois a sobrevivência dependia da agricultura e essa dependia do trabalho familiar. Com isso, a cultura “caipira” não dependia da cidade, pois os sitiantes produziam seu alimento e sobreviviam mediante a agricultura de subsistência. Até mesmo os móveis das casas eram feitos pelos próprios “caipiras”. A economia “caipira” era baseada na criação de animais para consumo, no plantio de milho, feijão, batata doce e mandioca. Esses produtos eram para o consumo interno, nas casas. Alguns também plantavam feijão, batata, amendoim, cana, cebola, alho e abóbora para vender (SHIRLEY, 1977, p. 61). Na venda, o “caipira” comprava apenas aquilo que não produzia (pouca coisa) e ferramentas.

O estilo de vida econômico do “caipira” trouxe muita vantagem na década de 1960, quando a cidade de São Paulo estava passando por um período de industrialização. Focados na geração de empregos no setor industrial, a economia paulistana quase não plantava. A escassez de produção de mercadorias agrícolas fez com que a cidade de São Paulo se tornasse

um mercado potencial para qualquer tipo de produto alimentício e, como consequência disso, o preço dos produtos subiu de forma exorbitante (SHIRLEY, 1977, p. 78).

A situação nos bairros rurais começou a mudar à medida que as cidades foram se desenvolvendo. Com o aumento da população na década de 1920, a expansão do “caipira” foi se tornando difícil e a terra tornou-se um fator de grande valor comercial. Por isso, nas décadas seguintes (1930-1940), começaram os movimentos de expulsão e desapropriação de terras. Com o surgimento do regime judiciário urbano, os “caipiras” começaram a perder suas terras para as pessoas vindas de outros estados, como por exemplo, de Minas Gerais. Essa situação ocorreu em Cunha, e em outras localidades interioranas do Brasil. Em alguns lugares, foi utilizada força bruta para expulsar os “caipiras” de suas terras. Como consequência disso, o espaço que o “caipira” tinha para crescer e expandir suas terras tornou-se limitado, pois com o regime de escritura, esse não podia alargar as fronteiras dos sítios ou fazendas.

Essa situação também acarretou mudanças no modo como o “caipira” passou a lidar com a terra. Os “caipiras” tradicionais transformaram-se em meeiros (situação em que a pessoa mora na terra de outra e dá uma parte da produção ao proprietário da terra) e agregados (pessoa mora na terra de outra e, geralmente, paga 20% da produção para o proprietário). A fazenda passou a ser, portanto, não só uma fonte de economia como também de política. O fazendeiro ou coronel exercia seu poder e autonomia como se fosse a lei. Todo esse poder não era fundamentado em artefatos militares, mas no controle do comércio e na distribuição de mercadorias. Sendo assim, a aquisição de terras passou a ser uma forma de dominar e assegurar o poder local. Por isso, em muitas localidades, existia um sistema político denominado coronelismo. No coronelismo, a oligarquia, possuidora de terras, trocava votos de seus dependentes em favor de um chefe local, que, por sua vez, iria beneficiar a oligarquia e usar os votos adquiridos para benefício próprio junto aos políticos estaduais e federais. O chefe local poderia ser desde um fazendeiro importante, até um médico ou advogado, que exercia o papel de autoridade de um determinado lugar, controlando até mesmo as ações do próprio prefeito (SHIRLEY, 1977, p. 102-103).

O controle de poder dos chefes locais era baseado em dois critérios, segundo Shirley, (1977, p. 103): no filhotismo e o mandonismo. O filhotismo caracterizava-se pelo favoritismo político, ou seja, pela ajuda aos que eram próximos e/ ou aliados e o mandonismo era caracterizado pela perseguição aos inimigos, ou seja, àqueles que não compactuavam com os ideais políticos do chefe local. A influência dos coronéis foi tamanha, que muitos acabaram virando nomes de ruas, devido ao prestígio que exerciam. Somente com o fim da influência do coronelismo, o poder judiciário transformou-se na expressão máxima de poder da

sociedade (SHIRLEY, 1977, p. 116).

Mediante todas essas mudanças econômicas, os bairros rurais começaram a perder sua influência e importância, pois as sedes dos municípios passaram a ser consideradas como o centro da vida social. O “caipira”, então, precisou adaptar-se a essa nova realidade e começou a investir não só na agricultura de subsistência como também na agricultura voltada para o comércio. Os que não se adaptaram às mudanças e escolheram ficar nos padrões tradicionais se tornaram uma espécie de lavradores ambulantes, vivendo em situações econômicas muito pouco favorecidas (SHIRLEY, 1977, p. 160).

A maioria dos “caipiras tradicionais” desapareceu e deu lugar à classe média rural. Esse novo *status* acarretou não só mudanças na economia e no modo de lidar com a terra, mas também trouxe algumas mudanças sociais, como, por exemplo, a mudança do papel das mulheres na sociedade. A mulher, que antes ajudava seu marido na roça, passou a se destinar apenas ao cumprimento das tarefas do lar. Mediante os valores da nova sociedade, pautada, agora, nos ideais burgueses, a mulher não possuía o direito de ocupar o lugar do homem, por isso, tinha que ser submissa ao marido (WILLEMS, 1961, p. 63).

Podemos dizer, portanto, que a constituição do modo de ser “caipira” engloba não só os fatores sociais, como também os históricos, os econômicos, o modo de ser, falar e se vestir. Tudo isso constitui, portanto, a chamada “cultura caipira”.

#### **5.4 O falar “caipira” e a população salense**

Para Brandão (1983), o “caipira” está associado com o campo, com a zona rural e, conseqüentemente, seu falar também. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p. 34-35) se considerarmos o falar “caipira” em um sentido restrito, faremos sua associação apenas ao falar da zona rural do interior do Estado de São Paulo. Entretanto, neste estudo, empregaremos o sentido utilizado por Candido (2001) de “caipira” como sinônimo de uma cultura ímpar. O falar “caipira” também está associado aos falantes do interior do Estado de São Paulo pois, devido ao processo de migração campo – cidade, esse falar tem se juntado com as variedades urbanas de menor prestígio social (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 37).

Reafirmamos que quando nos referimos ao falar do interior paulista como “falar caipira” não o fazemos como forma de desmerecimento ou pautados nos ideais preconceituosos que entendem o termo “caipira” como sinônimo de atraso social. Para os estudos sociolinguísticos nenhuma variedade é melhor ou pior que outra, já que os conceitos de beleza e feiura são criados socialmente, independentes das relações linguísticas ou

estruturais da língua. Ao fazermos referência à cultura do interior paulista e seu modo de falar como “caipira”, estamos buscando nas raízes históricas, com o desbravamento dos bandeirantes, a compreensão dos valores que compõem esse estilo de vida e esse modo de falar.

Por isso, durante nosso trabalho, o termo “caipira” sempre aparece entre aspas, pois queremos frisar que não compactuamos com a conotação de atraso social embutida na palavra e que tem sido tão disseminada: nosso intuito é justamente o contrário, é mostrar que, por trás do preconceito, existe uma bela história e uma cultura que devido a sua relevância, deve ser preservada e respeitada, assim como todas as outras manifestações culturais existentes.

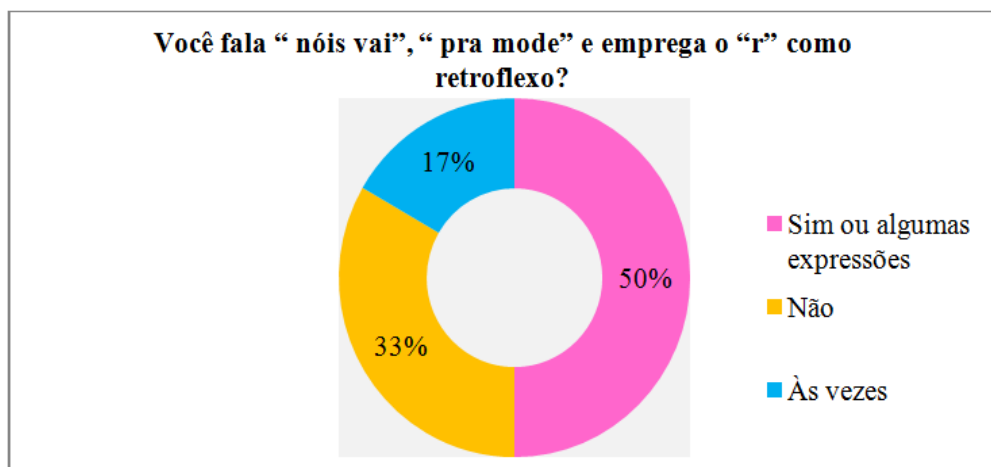
Partindo desse princípio, é preciso esclarecer que quando nos propusemos a estudar a fala dos moradores da cidade de Sales Oliveira para compreendermos as possíveis mudanças linguísticas que podem ou não estar ocorrendo entre as faixas etárias distintas da população e identificar, assim, quais variantes podem estar associadas ao falar do campo e quais podem estar associadas às variedades urbanas.

Atualmente, a sociedade, de forma geral, tem passado por mudanças de ordem social, política e econômica, como, por exemplo, a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, a grande quantidade de mulheres que são “chefes” de famílias, exercendo uma função que antes era exclusiva dos homens, crise econômica, problemas na área política, dentre outros. Essas mudanças, de certa forma, acabaram chegando até os “caipiras”, seja no campo ou nas cidades grandes ou pequenas. Embora em muitas localidades ainda tenhamos resquícios da cultura “caipira” tradicional, como manutenção de laços de compadresco, espírito de solidariedade, mutirões entre amigos na construção de casas, não se pode negar o fato de que as mudanças sociais tenham atingido tais localidades também. Atualmente, em Sales Oliveira, interior do Estado de São Paulo, é muito comum encontrarmos mulheres que são os “chefes” da casa, mulheres que estão envolvidas com questões políticas, casais que moram juntos sem serem casados, coisas que, antigamente, eram raras e consideradas até como desonra para as famílias.

Embora o “caipira” tenha acompanhado essas mudanças, quando perguntamos para trinta moradores salenses (5 homens entre 30-45 anos; 5 homens entre 10-15 anos; 5 homens entre 70-95 anos; 5 mulheres entre 10-15 anos; 5 mulheres entre 30-45 anos e 5 mulheres entre 70-95 anos) se estes falavam expressões como : “ nós vai”, “ pra mode” e “porta”

(pronunciado com o “r” como retroflexo)<sup>29</sup>. O resultado obtido foi:

**Gráfico 1- Percepção da própria fala**



**Fonte:** Elaboração própria.

O resultado obtido com esse questionamento chega a ser curioso se observamos que, dentre as pessoas que disseram não falar o “r” como retroflexo, “nóis vai” ou “pra mode de”, em outra situação de gravação, quando estavam falando sobre suas vidas, apresentaram altíssima ocorrência do emprego do “r” como retroflexo, conforme tabela 2.<sup>30</sup>

**Tabela 2- Pronúncia do “r” como retroflexo em posição de coda**

Identificação do falante	Quantidade de palavras faladas com “r” em posição de coda	Quantidade de palavras faladas em que o “R” foi pronunciado como retroflexo	% das palavras em que o “R” foi pronunciado como retroflexo
FB	14	10	71,4
FC	35	32	91,4
FF	30	29	96,7
FG	27	27	100
FO	28	28	100
FP	20	19	95
FS	25	25	100
FZ	26	25	96,2
F*	33	30	90,9
F@	9	9	100

**Fonte:** Elaboração própria.

<sup>29</sup> Quando as perguntas foram feitas aos participantes, não foi empregado “R” como retroflexo, por se tratar de um termo técnico. Empregou-se “r mais puxado”, seguido da pronúncia de “porta”, em que o “R” foi realizado como retroflexo.

<sup>30</sup> Os dados apresentados na tabela 2 são resultados de uma rodada realizada apenas com palavras em que o “r” aparece em posição de coda, limitando o máximo de 50 dados para cada participante. Além disso, foram extraídos os casos em que o “r” aparece em infinitivos verbais.



Os dados da tabela 2 foram obtidos mediante gravação, conforme consta na seção de metodologia deste estudo e os dados apresentados dizem respeito à análise de ocorrência do “r” como retroflexo em posição de coda, como, por exemplo, ocorre na palavra “porta”. Devido à alta tendência em apagar-se o “r” de infinitivos verbais, não consideramos esses casos. Esses mereceram uma análise realizada à parte. Não consideramos também o “r” na posição de ataque, como por exemplo, na palavra “arara”, pois um estudo prévio não detectou nenhuma ocorrência de retroflexo nesse caso.

Mediante os resultados obtidos, podemos inferir que os falantes que responderam “não” para a questão proposta fazem uso do “r” como retroflexo em altas proporções: alguns casos, em 100%. Esse fato curioso pode ter ocorrido porque as pessoas, de forma geral, acreditam que existem formas linguísticas mais bonitas que outras ou que um modo de falar é mais correto que outro. Isso é resultado de fatores socioeconômicos, que, de certa forma, transferem à variante ou à variedade o *status* de poder do falante daquela variedade. Essa crença, segundo Scherre (2008, p. 15), é refletida no preconceito linguístico e, de certa forma, acaba influenciado na leitura e na valorização das formas linguísticas com as quais os falantes têm contato. Se o falante entrevistado acreditar que o falar “caipira” é feio, errado, conseqüentemente, negará que emprega as variantes comuns desse modo de falar, mesmo que na realidade faça uso delas.

Isso pode ser percebido claramente quando perguntamos o que esses falantes acham dessas expressões. A maioria respondeu que eram “feias”, “erradas” e associaram o emprego dessas formas linguísticas com a falta de estudo ou escolaridade. Percebemos, portanto, por meio das respostas dadas, que os entrevistados que negam empregar o “r” como retroflexo, que negam fazer a concordância e que negam fazer uso de expressões consideradas provenientes do falar “caipira”, realizam essa negação baseados em discursos normativos, que defendem o uso da norma padrão como a única correta. Tais discursos, veiculados pelas escolas e pela mídia, consideram as formas não-padrão como erros e que esses, como tudo aquilo que é considerado errado, devam ser evitados. É como afirma Scherre (2008, p. 43): “(...) as questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas”. Existe, portanto, por trás dessa negação, questões ideológicas, fundamentadas em teorias preconceituosas de que há apenas uma forma correta de se falar. O falante, nesse caso, apenas reproduz aquilo que ouve, embora a sua realidade linguística seja diferente daquilo em que acredita.

Muitas vezes, os falantes de variedades menos prestigiadas acabam sendo vítimas de violência ou silenciamento da própria fala, ou seja, ocultam, negam ou não empregam em

certas situações as variantes por eles normalmente utilizadas e que possuem menor prestígio social. Isso pode ser resultante do mascaramento das forças de poder que atuam sobre os conceitos de beleza, elegância, correção, que regem o senso comum (HANKS, 2013, p. 55). Esses falantes, que muitas vezes são excluídos pela forma como falam, acabam aceitando essa situação de exclusão e, em alguns casos, como os descritos, optam pela negação.

### 5.5 Significado de “caipira” para os salenses

O adjetivo “caipira” aparece frequentemente em discursos diversos: música “caipira”, comida “caipira”, falar “caipira”, linguagem “caipira”, vestir-se de “caipira”, dupla “caipira”, pessoa “caipira”, “deixa de ser caipira”, “você é um caipira do mato”. Enfim, esse termo pode designar muitas coisas: desde comidas e músicas até um estilo de vida. Durante a pesquisa realizada na elaboração da dissertação de mestrado (PICINATO, 2013), percebemos que, embora a figura do “caipira” tivesse mudado com o tempo, as acepções negativas que o termo carrega não mudaram.

Muitas vezes, o termo “caipira” ainda é empregado no sentido de “caipirismo”. Por isso, na tentativa de compreender o significado desse termo, que qualifica um modo de falar, perguntamos para 30 falantes salenses quando eles empregavam a palavra “caipira”, ou seja, em qual situação faziam uso dessa palavra. O resultado encontra-se na tabela 3. Consideramos a quantidade de vezes que os termos eram citados. Muitos entrevistados citaram mais de uma situação em que empregavam a palavra e, por isso, o resultado é maior que trinta, ou seja, que a quantidade de pessoas entrevistadas:

**Tabela 3- Situações em que o salense emprega a palavra “caipira”**

Situações em que o entrevistado emprega a palavra “caipira”	Quantidade de ocorrências
Quando está com a família	2
Roça ou pessoa que age como se fosse da zona rural	8
Pessoa tímida, vergonhosa	6
Vestimenta ou roupa de festa junina	4
Comida	2
Linguagem	10
Pessoa	3
Erros de português	1
Pessoa jacu	1
Para ressaltar o preconceito	1
Pessoa simples, humilde	1
Estilo de vida	1
Quem desconhece as coisas	1
Pessoa que mora no interior	1
Pessoa que não tem o juízo perfeito	1

Dupla de cantores	7
<b>Número total de ocorrências levantadas na pesquisa</b>	<b>50</b>

Fonte: Elaboração própria.

Mediante o resultado encontrado na tabela 3, podemos inferir que para o salense a palavra “caipira” é utilizada para descrever desde um modo de falar até comportamentos sociais, como vergonha e timidez. A palavra “caipira”, para muitos salenses, possui a mesma acepção do termo “caipirismo”. Provavelmente, isso é resultado da época em que os “caipiras” não tinham muito contato social e viviam como nômades. Além disso, podemos perceber que existe uma forte relação entre o termo e a zona rural.

É interessante observarmos também que as pessoas sabem da existência do falar “caipira”: dez pessoas apontaram o adjetivo “caipira” para designar um modo de falar. Mas, o que as pessoas acham do falar “caipira”? Os entrevistados, ao serem questionados sobre isso, responderam que o falar “caipira” é algo cultural. Outros responderam que é normal e alguns que esse modo de falar era do povo mais antigo e que agora, atualmente, não deveria existir mais. Uma entrevistada chegou a dizer que as pessoas do interior respeitam o modo de falar “caipira”, mas os moradores da cidade grande possuem preconceito em relação a esse modo de falar. Outra falante afirma que, quando sai de sua cidade (Sales Oliveira-SP) e vai para outro lugar, todos sabem que ela é “caipira” pelo modo como ela fala. Alguns falantes dizem que esse modo de falar é bonito, porque representa uma cultura; outros acham feio.

A concepção de beleza (ou falta dela) de um determinado modo de falar pode estar associada à questão do padrão ideal veiculado pelas instituições escolares, mídia e literatura. De acordo com Rodrigues (2004, p. 16), o ensino nas escolas é pautado nos padrões normativos da língua, como um padrão coercitivo a ser seguido. O falar “caipira”, assim como tantas outras variedades da língua, apresenta características da norma culta e das variedades populares. Mas, quando as pessoas tecem julgamentos sobre esse modo de falar, não se guiam pelas semelhanças, mas sim, pelas diferenças, ou seja, ressaltam os aspectos populares, e se “esquecem” que esse falar também compreende características de uma norma mais culta; essa, por sua vez, também não é o padrão idealizado pelos livros escolares e gramáticas, mas que goza de maior prestígio social, em comparação com as demais variedades do português.

Quando o entrevistado diz que para ele é algo “normal” falar “caipira”, de certa forma, há, por parte do falante, o reconhecimento da linguagem que emprega, ou da linguagem das pessoas que vivem com ele. O que percebemos é que os falantes reconhecem as diferenças linguísticas, mesmo não sendo linguistas, e sabem que o falar “caipira” está associado a uma questão não apenas de estrutura linguística, mas também cultural.

Isso acontece porque a sociedade brasileira é estratificada social e linguisticamente. Existem diversas variedades que compõem o português do Brasil e, com isso, ocorrem diversas normas linguísticas: temos, portanto, as normas características do falar das comunidades rurais tradicionais, da população oriunda da periferia urbana, a norma informal da classe média urbana, dentre outras (FARACO, 2004, p. 38). Como consequência disso, torna-se inevitável que cada norma funcione como um fator de identificação de um grupo linguístico, pois um falante pertence ou não àquele grupo com o qual compactua (ou não) no modo de falar. Por isso, as normas linguísticas não devem ser compreendidas apenas considerando os fatores linguísticos: existem, por trás de toda norma, fatores socioculturais articulados (FARACO, 2004, P. 39).

Quando os entrevistados dizem que os falantes das cidades maiores reconhecem o modo como os salenses falam, ou que algumas pessoas acham o falar “caipira” feio (falante que não é salense e alguns dos próprios entrevistados), nos deparamos com a questão do preconceito linguístico. Para Scherre (2008, p. 15), as pessoas, de modo geral, acabam considerando que existe um dialeto mais correto que outro, uma forma linguística mais bonita que outra, sempre cabendo à variedade de pessoas que possuem maior prestígio social os adjetivos mais positivos. Sendo assim, acaba-se qualificando a língua pelo falante: se o falante tem prestígio social, esse prestígio se estende à variedade por ele empregada.

Dentre as respostas citadas, nos chama a atenção o fato do falar “caipira” estar associado ao falar das pessoas que moravam ou são provenientes da zona rural. Se alguns falantes salenses associam o falar “caipira” como presente na fala dos mais antigos, podemos dizer que, atualmente, esse falar vem sofrendo modificações na comunidade salense? E se a resposta for afirmativa, quais seriam essas modificações? Tais questionamentos serão respondidos ao longo deste estudo.

## **6 PERCEPÇÃO DO FALANTE E O VOCABULÁRIO “CAIPIRA”: você usa essa palavra?**

De acordo com Isquierdo (2007, p. 193), o fato do Brasil ser um país grande em território, somado a fatores como processos migratórios e imigratórios, colaboram para o aumento da dificuldade em classificar os regionalismos da língua. O vocabulário regional, de acordo com a autora, caracteriza as unidades lexicais de uso restrito a uma determinada região. Para definirmos um item lexical como regionalismo, podemos partir da norma padrão ou daquelas que são peculiares de cada região do Brasil (ISQUERDO, 2007, p. 200).

Uma das propostas deste estudo é identificar qual a percepção que os falantes salenses possuem sobre suas próprias falas, com ênfase no campo lexical. Para atingir o objetivo proposto, foram selecionadas palavras classificadas como “caipiras”, abordadas nas obras de Amaral (*O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976. p. 82-192) e ELIAS NETTO (*Dicionário do Dialeto Caipiracicabano*: Arco, Tarco, Verva. Piracicaba: Academia Piracicabana de Letras, 1996) e perguntado aos participantes se estes reconheciam, nas suas falas, as palavras elencadas na lista.

O intuito da nossa pesquisa em relação ao léxico “caipira” não reside em comprovar se o falante fala ou não a palavra, de fato, mas se ele admite empregar ou não o item perguntado. Caso os participantes afirmem fazer uso dessas palavras, o sentido e o contexto em que são utilizadas seriam os mesmos presentes nas obras de referência?<sup>31</sup>

Caso verificemos que a população salense nega utilizar essas palavras, quais seriam os itens lexicais que os participantes dizem empregar atualmente? Vale ressaltar que não temos a pretensão de elaborar um dicionário de termos regionais “caipiras” nem tampouco promover um estudo sobre atitude dos falantes, uma vez que não realizamos testes capazes de medir e/ ou identificar crenças, pensamentos, sentimentos ou dimensões conativas dos participantes em relação ao vocabulário “caipira”, embora a pesquisa realizada “abra caminhos” para estudos futuros que possam contemplar tais aspectos.

### **6.1 A percepção do falante em relação ao vocabulário “caipira”**

De acordo com Aléong (2001, p. 149), a linguagem funciona como marcador da identidade do indivíduo, do *status* e do papel social que este desempenha na sociedade em que

---

<sup>31</sup> Ver quadro 1.

está inserido. Para o autor, “(...) a língua pode servir de meio para sublinhar uma distinção social e, inversamente, uma solidariedade de uns em relação aos outros (...)”.

Devido à relação entre língua e identidade, muitas vezes, pode acontecer do falante ter uma percepção “idealizada” de sua fala para não assumir que faz parte de determinado grupo. Isso acontece, às vezes, com os falantes do falar “caipira”. Esses, quando questionados se falam ou não o “r” como retroflexo, principal “marca” linguística desse modo de falar, negam ser falantes da variante retroflexa. Entretanto, quando analisamos foneticamente a fala dessas pessoas, é nítida a presença dessa variante. Por que algumas pessoas acham que falam de uma forma e, na verdade, falam de outra?

Talvez a resposta para esse questionamento tenha raiz em outras perguntas: “Como eu me vejo?” “Qual a percepção que tenho do meu ‘eu’?” “Como quero que os outros me vejam?” Se uma pessoa não se considera “caipira”, se não quer que o “outro” a veja como tal, procurará evitar características que compõem essa identidade e a língua é parte dessa composição.

Ao procurar investigar questões relacionadas ao vocabulário “caipira” na sociedade salense, não objetivamos analisar quais palavras são faladas pelos moradores dessa cidade ou identificar se as palavras constituintes da fala “caipira” encontram-se na fala da sociedade salense atual. Nosso intuito é descrever como o falante acha que fala, pois nosso interesse é compreender a percepção que o salense possui sobre as palavras constituintes da fala “caipira”, elencadas por Amaral (1976) e por Elias Netto (1996). A finalidade é atrelar essa percepção com o modo como o falante se reconhece: qual imagem ele quer passar para a sociedade em que está inserido? Ele se reconhece como “caipira”?

Para facilitar a compreensão dos dados, subdividimos os resultados em 6 categorias: *I) índice de maior reconhecimento por parte dos mais velhos; II) palavras que não são reconhecidas na fala de nenhuma faixa etária; III) palavras reconhecidas em todas as idades, IV) palavras que não são bem aceitas socialmente; V) palavras escritas com a mesma grafia e sentidos diferentes e VI) maior reconhecimento pelos mais jovens*. Cada categoria será analisada e descrita nesta seção.

## **6.2 Palavras que não são muito reconhecidas pelos salenses**

Durante a entrevista realizada com os trinta falantes salenses, em relação ao uso de determinadas palavras, alguns falantes entre as faixas de 30-45 anos e 70-95 anos apresentaram um resultado mais alto para a afirmação de empregarem determinada palavra, se

comparados com os da faixa inicial (10-15 anos). Dentre essas palavras, estão: *babau*, *campear*, *pajear*, *prosear*, *sacudido* e *variar*.

A princípio, foi perguntado ao participante se este já havia ouvido a palavra. O intuito dessa pergunta era saber se o salense a conhecia. Após esse questionamento, perguntamos se o participante se lembrava de quem havia falado essa palavra. Nosso objetivo era compreender se os mais jovens ou os mais velhos admitiriam empregá-la. Depois, questionamos o sentido em que era empregada, se o participante tinha uma percepção positiva ou negativa quanto ao emprego desta. Também questionamos se os participantes falavam essas palavras e quais outras expressões de sentido equivalente utilizavam. Isso nos permitiu saber quais escolhas lexicais os participantes optariam por empregar, de forma consciente, numa situação comunicativa.

Em relação ao emprego da palavra “babau”, no sentido de “acabar logo”, os resultados apontaram para o emprego dessa palavra como mais presente nas gerações mais velhas. Ao serem questionados sobre o fato de terem ouvido essa expressão, 6 entrevistados entre 10-15 anos afirmaram ter ouvido essa palavra com o sentido de “acabar, terminar” e 10 entrevistados entre 30-45 anos e 70-95 anos responderam de forma afirmativa para esse questionamento. Ao serem questionados sobre quem falava essa palavra, seis entrevistados disseram que esse vocábulo é mais empregado por pessoas que compõem as gerações mais velhas e onze disseram que muita gente ou todo mundo fala essa palavra. Alguns afirmaram não se lembrar quem fala e outros responderam que esta é falada pelos familiares, nos hospitais, pela professora, pelos colegas de escola (referido por um falante que se encontra na faixa entre 30-45 anos, amigos da turma (falante entre 30-45 anos), nas mais variadas gerações.

Em relação aos resultados, apenas 2 participantes entre 10-15 anos afirmaram empregar essa palavra e 5 entrevistados entre 30-45 anos e 4 entre 70-95 anos afirmaram fazer uso dessa expressão. Isso nos mostra que os mais jovens, ao contrário dos mais velhos, dizem que não empregam “babau”.

Torna-se interessante o fato de 2 falantes entre 30-45 anos terem afirmado que seus colegas falam a palavra “babau”, fato que não ocorreu, por exemplo, na faixa etária de 10-15 anos. Geralmente, os falantes mais jovens, ou não se lembram quem falou a palavra ou disseram ser a mãe, a avó, ou seja, pessoas que não fazem parte de sua geração. Apenas 1 jovem na faixa etária entre 10-15 anos, respondeu que ouve muita gente empregar essa palavra.

Esse resultado se torna ainda mais compreensível quando analisamos que apenas duas jovens (FS,F,F,1,U /FK,F,F,1,C) assumiram falar essa palavra no cotidiano. Cabe ressaltar que as duas adolescentes possuem histórias relacionadas à zona rural: a FS sempre vai à fazenda do pai a FK além do fato de ter morado na zona rural, também frequenta a fazenda dos avós. Também é importante ressaltarmos que a mãe de FS afirma empregar essa palavra, ou seja, esta é presente na comunicação da família. Podemos interpretar que é por isso que a participante FS afirma que a palavra “babau” possui um sentido “bom”, ou seja, para ela, empregar essa palavra é algo normal, que vem da comunicação em casa.

Já o falante FV,M,F,1,U diz não empregar a palavra “babau” e seu pai FQ,M,M,2,C também afirma não fazer uso desta. Ambos, pai e filho, vêm de forma negativa o emprego dessa palavra. O que não ocorre, por exemplo, com o avô (FW,M,F,3,C), que emprega a palavra e diz ser algo normal, ou seja, para o avô essa palavra faz parte do cotidiano e para o filho e o neto, esta não é bem vista.

**Tabela 4- Palavra “Babau”**

	Número de participantes de 10-15 anos	Número de participantes 30-45 anos	Número de participantes 70-95 anos
Já ouviu a palavra	6	10	10
Afirma falar a palavra	2	5	4

**Fonte:** Elaboração própria.

Ao invés da palavra “babau”, muitos jovens alegaram empregar outras expressões no dia-dia, como por exemplo, “já deu” (9% - 1 ocorrência)<sup>32</sup>, “deixa pra lá” (9% - 1 ocorrência), “já era” (18% - 2 ocorrências), “acabou” (36,4% - 4 ocorrências) e “terminou” (9% - 1 ocorrência). Percebemos que os mais jovens disseram empregar mais a palavra “acabar” do que a expressão “babau”.

Na faixa etária entre 30-45 anos, além da palavra “babau”, os falantes também afirmam empregar a palavra “acabar” (45,5% - 6 ocorrências). Outras expressões como “game over” (9% - 1 ocorrência), “já foi” (9% - 1 ocorrência), “foi pro Beleléu” (9% - 1 ocorrência), “fodeu-se” (9% - 1 ocorrência) e “terminar” (18% - 2 ocorrências) também foram apontadas pelos participantes.

Já na faixa etária entre 70-95 anos, além da palavra “babau”, os participantes admitiram empregar também as palavras “acabar” (30,8% - 4 ocorrências), “terminar” (23% -

<sup>32</sup> A porcentagem foi feita levando em consideração a quantidade de palavras faladas pelos participantes das entrevistas. Cabe ressaltar que alguns participantes mencionaram mais de uma palavra.



3 ocorrências), “não tem mais jeito”, “está no fim”, “já era” e “morrer” (com 7,7% cada – 1 ocorrência cada)<sup>33</sup>. Dentre os quatro participantes da faixa 3 que disseram falar “babau”, dois se consideram “caipiras” (FO,F,F,3,C/ F#,M,F,3,C) e dentre os cinco falantes entre 30-45 anos que afirmaram empregar essa palavra, apenas um não se considera “caipira”. Esse resultado pode indicar que os salenses mais jovens negam fazer uso da palavra “babau” porque estes não se reconhecem como “caipiras”. De dez jovens entrevistados, apenas 2 se consideram “caipiras” e 1 “um pouco caipira”. Os demais afirmam não ser “caipiras”.

Esse resultado não necessariamente representa a realidade linguística desses entrevistados, pois, como já citado anteriormente, uma pessoa pode negar que emprega uma palavra e fazer uso desta e vice-versa.

Outra palavra apontada pelos participantes como menos recorrente na fala dos mais jovens, entretanto, mais presente na fala das demais faixas etárias, é “campear”, com o sentido de “procurar algo”. A anuência para o emprego de “campear” na fala dos salenses entre 70-95 anos é de 40%. Já a porcentagem na fala dos participantes entre 30-45 anos é de 10%. A parcela mais jovem entrevistada afirmou não fazer uso dessa palavra (0%).

**Tabela 5- Palavra “Campear”**

	Número de participantes de 10-15 anos	Número de participantes de 30-45 anos	Número de participantes 70-95 anos
<b>Já ouviu a palavra</b>	10	2	9
<b>Afirma falar a palavra</b>	0	10	4

Fonte: Elaboração própria.

Embora os mais jovens afirmem não empregar, 10 afirmaram ter ouvido alguém falar – mais especificadamente, um adolescente disse ter ouvido seus avós falarem a palavra “campear”. Cabe ressaltar que tanto o pai quanto o irmão mais velho desse adolescente, que também foram entrevistados, responderam nunca ter ouvido ninguém empregar essa palavra. Dentre os pesquisados entre 30-45 anos, 2 disseram ter ouvido alguém falar a palavra “campear” e 9 participantes entre 70-95 anos já ouviram essa palavra, seja na fala dos mais antigos ou em rodas de amigos. Os mais jovens disseram empregar os verbos “achar” (9% - 1 ocorrência) ou “procurar” (91% - 10 ocorrências) ao invés de utilizarem a palavra “campear”. Já os entrevistados da faixa intermediária, ao serem questionados sobre qual palavra empregavam no sentido de “procurar algo”, responderam - além dos verbos procurar (53,8% -

<sup>33</sup>15.38% não responderam ou porque não quiseram responder ou porque empregavam apenas a palavra “babau”.

7 ocorrências) e achar (7,7% - 1 ocorrência)- os termos “dar uma plugada” (7,7% - 1 ocorrência) e “caçar” (15,5% - 2 ocorrências).

Os verbos mais lembrados pelos entrevistados entre 70-95 anos foram “caçar” e “procurar”, ambos com 30,8 % (4 ocorrências). Já as expressões “perdi”, “não acho” e “pegar a espingarda” foram citadas, perfazendo um total de 7,7% (1 ocorrência cada). Alguns falantes não responderam ao questionamento, num total de 15,5%.

A palavra “pajear”, com o sentido de “proteger alguém ou cuidar de crianças” também teve destaque entre os mais velhos. Muitas pessoas que foram entrevistadas afirmaram empregar ou já ter ouvido essa palavra. Apesar de muitos jovens afirmarem empregá-la (4 disseram fazer uso), entre os participantes de 70-95 anos, 9 anuíram em relação ao emprego de “pajear”. Na fala intermediária também temos altos índices: 8 entrevistados afirmaram fazer uso da palavra “pajear”.

Quando questionados se já haviam ouvido essa palavra, 8 jovens disseram ter ouvido. Desses 8, 5 fizeram referência aos pais, mais especificadamente, 4 disseram ouvir a mãe empregar essa palavra.

Em relação à faixa intermediária (30-45 anos), quando questionados se já haviam ouvido a expressão “pajear”, 10 disseram que haviam ouvido e afirmaram que essa palavra é usada por quase todo mundo. O mesmo ocorreu com a parcela entre 70-95 anos: todos os entrevistados disseram já ter ouvido alguém empregar essa palavra e afirmaram também que seu emprego é feito por muita gente. Apenas um participante idoso disse que a palavra “pajear” é mais usada pelos mais antigos. Os demais disseram que o emprego desta palavra é muito comum e que a maioria das pessoas fala “pajear”.

Quando questionados quais outras palavras eram empregadas no sentido de “proteger ou cuidar de alguém”, na faixa etária de 10-15 anos apareceram expressões como: “olhar” (46% - 6 ocorrências), “babá” e “cuidar” (15,5% cada – 2 ocorrências cada), “tomar conta” e “dar uma espiada” (7,7% - 1 ocorrência cada). 7,7% do total não responderam.

Entre 30-45 anos, as palavras que apareceram foram: “olhar” (33,5% - 4 ocorrências), “tomar conta” (25% - 3 ocorrências), “cuidar” e “babá” (16,7% cada – 2 ocorrências cada), mas 8,5% não responderam ou disseram não empregar outra palavra. Na faixa etária entre 70-95 anos, as palavras elencadas foram: “olhar” (35,7% - 5 ocorrências), “tomar conta” e “cuidar” (21,5% cada – 3 ocorrências cada), “pajear a vida dos outros” (7% - 1 ocorrência). 14,3% não responderam ou disseram não empregar outra palavra.

Dentre as palavras pesquisadas, “prosear”, no sentido de “conversar” apresentou altos índices de idosos que admitiram fazer uso dessa expressão: 6 entrevistados entre 70-95 anos

afirmaram empregar essa palavra. Conforme a diminuição da faixa etária ocorre também a diminuição da porcentagem de falantes que afirmam empregar essa palavra: entre 30-45 anos, 4 participantes disseram usar o termo “prosear” e apenas 10 entre 10-15 anos disseram fazer uso dessa expressão.

Embora os falantes mais jovens afirmem não falar “prosear”, 7 disseram já ter ouvido essa expressão na fala de mais velhos, tios, primos e familiares. Ao serem questionados sobre as palavras que empregam, os adolescentes disseram empregar: “conversar” (66,5% - 10 ocorrências), “bater papo” (13,5% - 2 ocorrências), “dialogar” (6,7% - 1 ocorrência), “falar” (6,7% - 1 ocorrência) e “focar” (6,7% - 1 ocorrência).

Em relação à faixa intermediária, todos os entrevistados disseram ter ouvido a palavra “prosear” na fala dos mais antigos, dos sogros e de trabalhadores de usinas. Quando questionados sobre quais outras palavras empregam no sentido de “prosear”, os participantes disseram: “conversar” (37,5% - 6 ocorrências), “bater um papo” (25% - 4 ocorrências), “trocar ideia” (12,5% - 2 ocorrências), “falar” (6,25% - 1 ocorrência), “resenhar” (6,3% - 1 ocorrência) e “papear” (6,3% - 1 ocorrência).

Na faixa etária de 70-95 anos, 9 afirmaram ter ouvido essa expressão na fala dos mais antigos, das pessoas que moravam na zona rural e dos amigos. Ao serem questionados sobre quais outras palavras empregavam no sentido de “prosear”, 41,7% disseram utilizar o verbo “conversar” (5 ocorrências), 33,5% “bater um papo” (4 ocorrências) e 8,5% “dialogar” (1 ocorrência). 16,7% disseram não empregar outra palavra ou não responderam a pergunta.

Outra palavra que os participantes da faixa 3 asseguraram empregar foi a palavra “sacudido”, no sentido de “forte”. Ao serem questionados se empregavam ou não a palavra “sacudido”, 5 participantes entre 70-95 anos afirmaram que “sim”, que fazem uso dessa expressão. Apenas 2 participantes de 30-45 anos e entre 10-15 anos afirmaram falar essa palavra. Os falantes entre 10-15 anos disseram usar as palavras “forte” ou “fortão” (54,5% - 6 ocorrências), “bombado” (27,3% - 3 ocorrências), “musculoso” (9% - 1 ocorrência) e “grande” (9% - 1 ocorrência).

O adjetivo “forte” também foi o mais citado pela faixa intermediária, com a ocorrência de 54%, seguido de “marombado” (15,4% - 2 ocorrências), “musculoso”, “gorda”, “burro” com 7,7% cada (1 ocorrência cada). 7,7% não responderam ou não empregam outra palavra.

Na faixa etária mais idosa, o adjetivo “forte” também foi o mais citado como palavra que é usada no lugar de “sacudido, como forte”: conseguiu 50% de ocorrências (7), seguida das palavras “gordo” (25% - 3 ocorrências), “gordinha”, “engordou”, “saúde boa” com 8,4% cada (1 ocorrência cada).

É interessante percebermos que a palavra “sacudido” ou até mesmo o adjetivo “forte” assume significados distintos dependendo da faixa etária. Para os mais jovens, percebemos, mediante uma análise das palavras que eles disseram empregar, que o sentido da palavra “forte” está relacionado ao cuidado com o corpo, por meio de exercícios físicos, de ser “bombado”, ter corpo malhado, com grande resistência física. Na faixa intermediária, alguns falantes também fazem essa associação, mas também relacionam a gordura, sobrepeso. Na faixa mais idosa, o conceito de “forte” não está relacionado ao desempenho físico, mas à questão estética: se a pessoa é gorda ou se é magra. Alguns falantes, para evitar o emprego do termo “gordo”, disseram usar “saúde boa”, fazendo assim uma associação entre ser ou estar gordinho como sinônimo de estar bem alimentado, estar saudável, pois, geralmente, quando uma pessoa adoece, ela emagrece.

Quando questionados se já haviam ouvido a palavra “sacudido”, todos os participantes entre 70-95 anos afirmaram que “sim”, principalmente na fala dos mais antigos. Alguns falantes chegaram a dizer que todo mundo fala essa expressão. O interessante é pontuar quem seria “todo mundo”. No caso, acreditamos ser as pessoas da mesma faixa etária, pois 5 falantes de 30-45 anos disseram já ter ouvido essa expressão na fala de familiares, de poucas pessoas e alguns, inclusive cinco pessoas nem souberam apontar na fala de quem. Apenas 2 jovens disseram ter ouvido essa palavra na fala da mãe, irmã e tio, ou seja, em ninguém da mesma faixa etária, apenas na fala de pessoas mais velhas.

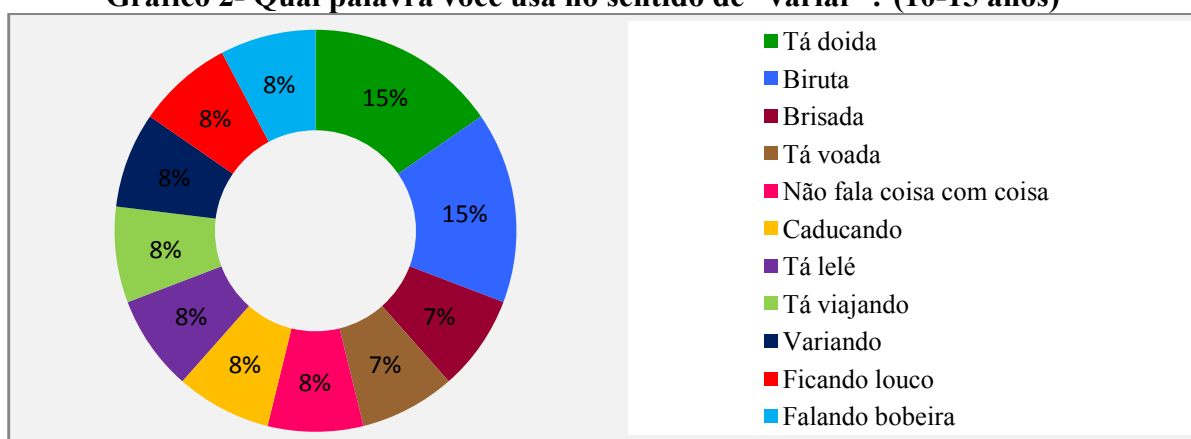
A faixa etária de 30-45 anos também admitiu empregar, em maior quantidade, a palavra “variar” com o sentido de “proferir frases desconexas”. Dentre os participantes dessa faixa etária, todos afirmaram empregar essa palavra, 6 participantes entre 70-95 anos também reconheceram fazer uso dessa expressão e 5 jovens afirmaram falar essa palavra<sup>34</sup>.

Além da palavra “variar” os falantes mais jovens apontaram algumas outras expressões por eles empregadas com o sentido de “proferir frases desconexas”, conforme informação no gráfico 2:

---

<sup>34</sup>Torna-se necessário ressaltar que as palavras foram enquadradas na categoria 1, 2, 3, 4 ou 5 levando em consideração a ocorrência de 50% mais 1, ou seja, embora 50% dos jovens (e este seja um bom índice) tenham afirmado empregar a palavra “variar”, podendo esta ser classificada na categoria 3 (ocorre com altos índices em todas as faixas etárias), optamos por deixar a palavra “variar” na categoria 1, visto que metade dos falantes afirmaram dizê-la, mas a outra metade negou fazer uso da expressão. Como optamos por uma questão de “maioria”- índices superiores a 50%-, esta foi enquadrada na categoria 1 e não na 3.

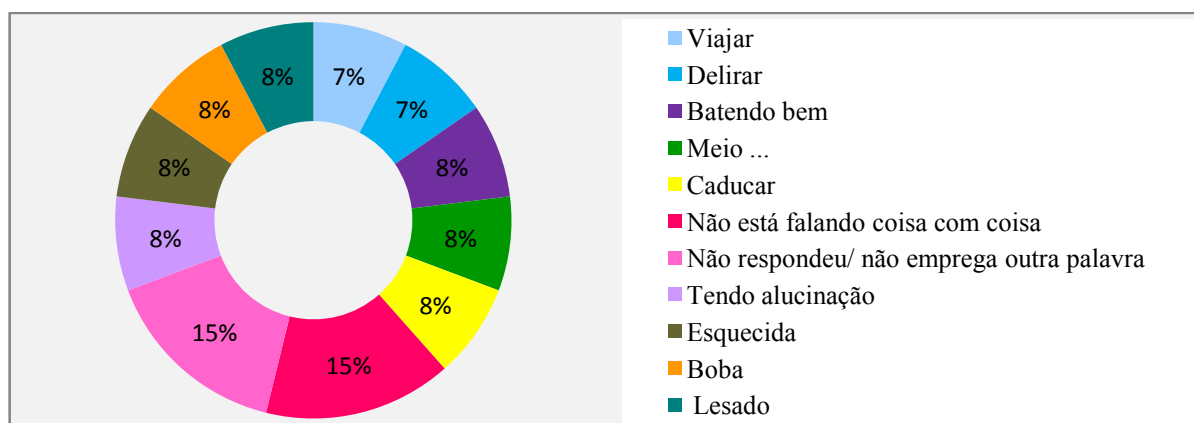
**Gráfico 2- Qual palavra você usa no sentido de “variari””? (10-15 anos)<sup>3536</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Algumas expressões empregadas pelos mais jovens nos chamam atenção, como por exemplo, a palavra “brisada”, que só apareceu nessa faixa etária. Essa palavra faz alusão ao estado de confusão mental que os usuários de drogas ilícitas atingem quando fazem uso de determinadas substâncias. Na faixa intermediária, as palavras empregadas encontram-se no gráfico 3:

**Gráfico 3 – Qual palavra você usa no sentido de “variari””? (30 - 45 anos)**



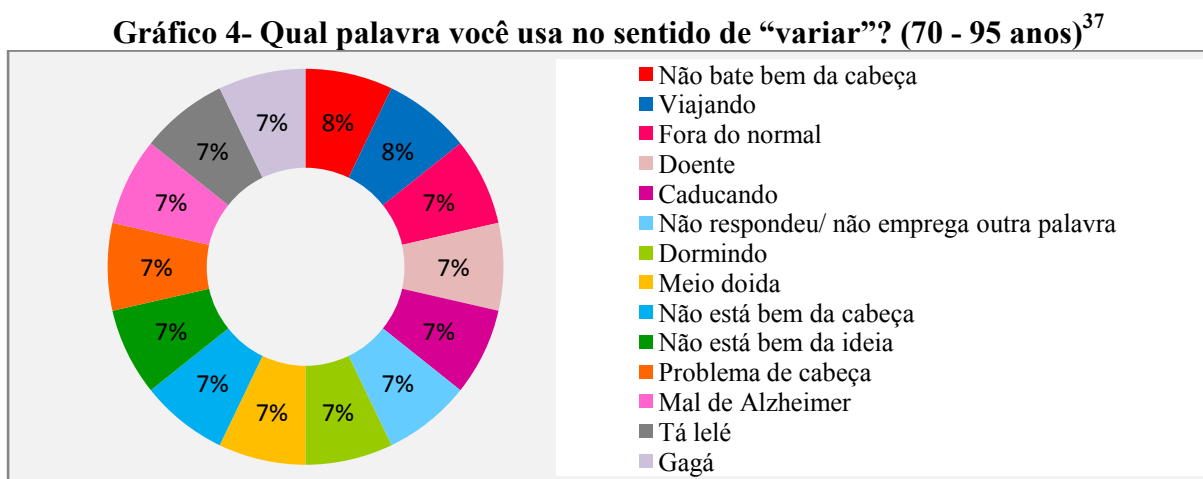
**Fonte:** Elaboração própria.

Mediante comparação entre os gráficos 2 e 3, percebemos que algumas palavras se repetem nas duas faixas etárias, como por exemplo, “caduco”, “viajar”, “não falar coisa com coisa” e algumas outras expressões possuem sentidos que se assemelham, como “doida” e

<sup>35</sup>Escrevemos as palavras respeitando o modo como os participantes disseram, por isso, o uso da linguagem mais informal.

<sup>36</sup>As palavras / expressões que obtiveram porcentagem entre 7 e 8% foram citadas uma vez. As que obtiveram 15% foram citadas 2 vezes. O cálculo foi realizado mediante planilha eletrônica, por isso, uma ocorrência, às vezes aparece como 7% e, em outros casos, como 8%.

“delirar”/ “ter alucinação”. Na faixa etária 3, algumas dessas expressões permanecem, mas outras são incorporadas, conforme gráfico 4:



**Fonte:** Elaboração própria.

Cabe ressaltar que o emprego da palavra “variar” não está associada à questão de ruralidade, pois todos os falantes da faixa 2 que disseram empregar esse termo não possuem nenhuma ligação com a zona rural.

### 6.3 Palavras que não são reconhecidas na fala de nenhuma faixa etária

Embora tenhamos nos baseado nas obras de Amaral (1976) e Elias Netto (1996), algumas palavras que compõem o vocabulário “caipira” não foram reconhecidas pela maioria dos salenses entrevistados como parte de seu cotidiano. Dentre essas palavras estão: “bacalhau”, no sentido de cansado, “gambá”, com sentido de bêbado e “paca”, com sentido de muito.

Ao serem questionados se empregavam ou não a palavra “bacalhau” como sinônimo de cansado, apenas o falante FY,M,F,3,C respondeu de forma afirmativa a esse questionamento. Os demais 29 entrevistados disseram não fazer uso da palavra “bacalhau” para denominar estado de cansaço.

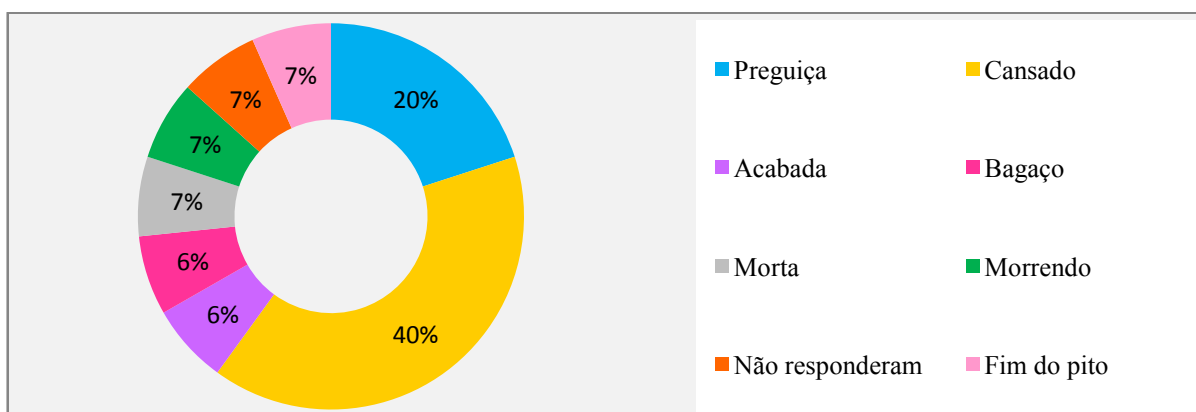
A baixa ocorrência do emprego dessa expressão pode estar associada ao fato dessa estar mais presente na fala das pessoas mais antigas e, atualmente, não ser mais difundida na fala do dia-dia. Quando questionamos nossos falantes se eles alguma vez haviam ouvido essa expressão, 4 participantes entre 70-95 anos afirmaram que sim. Dentre esses falantes

<sup>37</sup> A porcentagem de 7% corresponde a 1 ocorrência da palavra ou expressão.

(FR,F,F,3,C/ FO,F,F,3,C/ FY,M,F,3,C/ FC,M,F,3,C), apenas FC,M,F,3,C disse ter ouvido essa expressão na fala das pessoas que gostam de trabalhar pouco. Os demais falantes afirmaram que o emprego de “bacalhau” como cansado” está muito presente na fala da população mais antiga e que era usado antigamente.

Na faixa etária intermediária, dos 3 participantes que afirmaram ter ouvido a palavra “bacalhau” como cansado, dois FH,F,S,2,U / FU,M,M,2,C disseram ter escutado essa expressão na fala da mãe e da sogra, respectivamente. Já o falante FQ,M,M,2,C afirmou que várias pessoas empregam essa expressão. Levando em consideração que, antigamente, a maioria da população salense era rural e que o falante FQ,M,M,2,C morou durante 17 anos na zona rural, podemos intuir que o participante FQ,M,M,2,C estava fazendo referência aos seus conhecidos (que também moravam na zona rural), quando disse que “várias pessoas” empregam a palavra “ bacalhau”. Mediante os dados analisados, percebemos que os falantes FJ,F,F,1,U e FU,M,M,2,C, membros da mesma família atestaram conhecer a palavra: pai e filha disseram ter ouvido essa expressão. A filha (FJ,F,F,1,U) afirmou que sua mãe faz uso dessa expressão e o pai (FU,M,M,2,C), como citado anteriormente, disse ouvir sua sogra falar essa palavra. De acordo com a garota, o uso da palavra “bacalhau” como “cansado” termina na segunda geração da família, pois a jovem não emprega a palavra: apenas à mãe e a avó. O gráfico 5 apresenta a) *quais palavras e/ou expressões a faixa entre 10- a15 anos empregava no lugar de “bacalhau”*; b) *a porcentagem que não respondeu ou não empregava outra expressão*.

**Gráfico 5- Qual palavra você usa no sentido de “bacalhau”? (10-15 anos)<sup>38</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

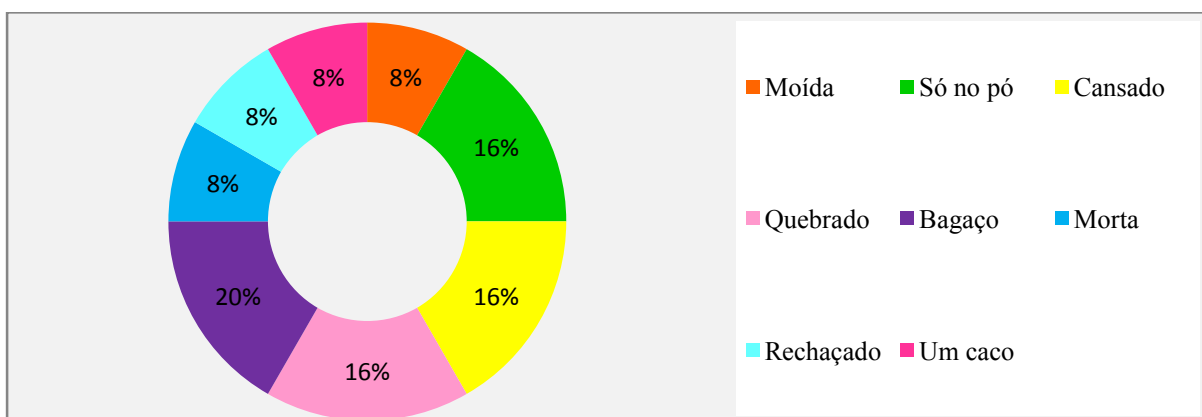
<sup>38</sup> 6 % e 7% correspondem a 1 ocorrência da palavra ou expressão. 20% e 40% correspondem, respectivamente, a 3 e 6 ocorrências das palavras ou expressões.

Nota-se no gráfico 5 uma preferência pelo próprio adjetivo “cansado”. Algumas expressões citadas pelos jovens chamam a atenção, como por exemplo, “bagaço” e “fim do pito”. A associação entre o estado de cansaço e o bagaço da fruta, como a laranja, por exemplo, mostra que o indivíduo pode ter associado o estado de cansaço grande e intenso, em que todas suas forças estão esvaídas, com o bagaço da fruta, que é o que resta após retirarmos todos os seus nutrientes e vitamina: o indivíduo fica um “bagaço” após um dia e /ou atividade exaustivos em que são “retiradas” suas energias.

Já a expressão “fim do pito” também adquire essa conotação de cansaço extremo, visto que o que o cigarro quando está terminando – a bituca- não serve mais para o consumo e a pessoa quando está “no fim do pito” já não consegue mais fazer nenhum tipo de atividade, devido à perda de energia e à fadiga. Essas expressões são estabelecidas por analogia.

Entre os entrevistados da faixa etária intermediária, a expressão “fim do pito” não aparece. Entretanto, podemos perceber a presença da palavra “bagaço”, conforme gráfico 6:

**Gráfico 6- Qual palavra você usa no sentido de “bacalhau”? (30-45 anos)<sup>39</sup>**



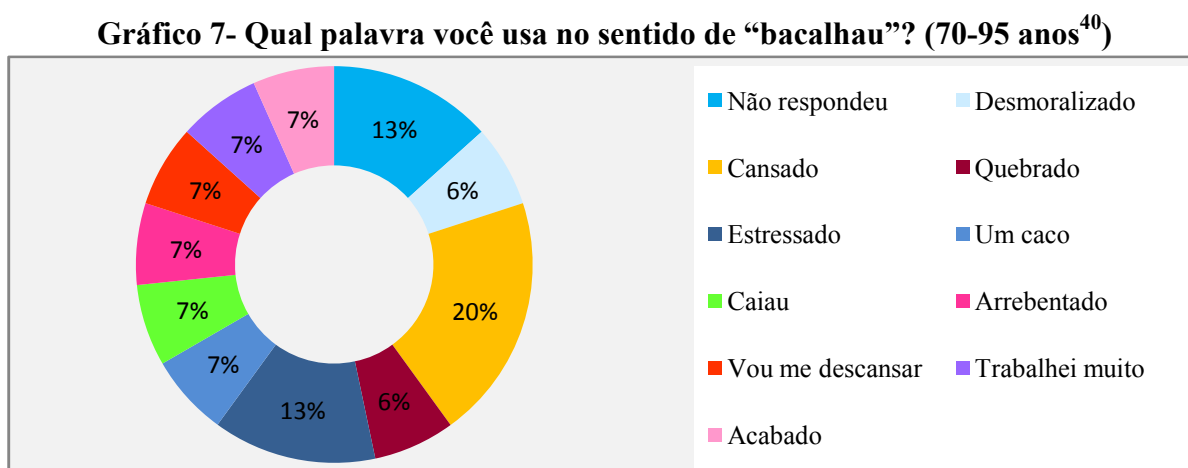
**Fonte:** Elaboração própria.

Ao observarmos as palavras obtidas como sinônimo de “cansado”, pode-se fazer uma associação entre a imagem de alguém cansado com a ideia de estar “moído”, “quebrado”, “em pedaços” (caco). As palavras mencionadas pelos participantes denotam pessoas que não se encontram mais em uma situação de totalidade, mas sim, fragmentadas, ou seja, o estado de cansaço impossibilita que o indivíduo desempenhe suas funções e/ ou atividades na íntegra: é como se as energias estivessem se dissipado.

<sup>39</sup> 8 % correspondem a 1 ocorrência da palavra ou expressão. 16% e 20% correspondem, respectivamente, a 2 e 3 ocorrências.



Essa visão de perda de energia e de fragmentação também aparece nas palavras citadas pela terceira faixa etária. Alguns falantes responderam: “caiau”, “acabado”. Essas palavras demonstram essa ideia de esgotamento de vitalidade: um “caiau” é um objeto que está velho, em péssimas condições de uso. Quando um indivíduo está um “caiau”, provavelmente, está aquém daquilo que esperam dele, ou seja, está “destruído”, sem força. O gráfico 7 ilustra as palavras elencadas pela faixa etária entre 70-95 anos:



**Fonte:** Elaboração própria.

Outra expressão que também não obteve muita resposta afirmativa para o emprego é a palavra “gambá” com o sentido de bêbado. Dentre as pessoas entrevistadas entre 70-95 anos, 40% admitiram falar essa expressão. Apenas 20% entre 30-45 anos disseram falar essa palavra com esse sentido e nenhum jovem afirmou empregar essa palavra. Embora aparentemente quase não seja usada pelos falantes entrevistados, ao serem questionados se alguma vez tinham ouvido essa expressão, 100% dos participantes entre 70-95 anos afirmaram que sim, 80% entre 30-45 anos também deram uma resposta positiva ao questionamento e 30% dos jovens disseram ter escutado essa palavra com o sentido de bêbado.

Dentre os jovens que afirmaram já ter ouvido essa expressão, FI,M,F,1,U e FJ,F,F,1,U disseram, respectivamente, que a avó e a mãe falam “gambá” como sinônimo de “bêbado”. A avó do FI,M,F,1,U, quando questionada se falava ou não a expressão, disse que não. Entretanto, não podemos associar esses dados, porque o participante, no caso o neto, não especificou qual avó empregava essa expressão, disse apenas que era sua avó, sem definir se

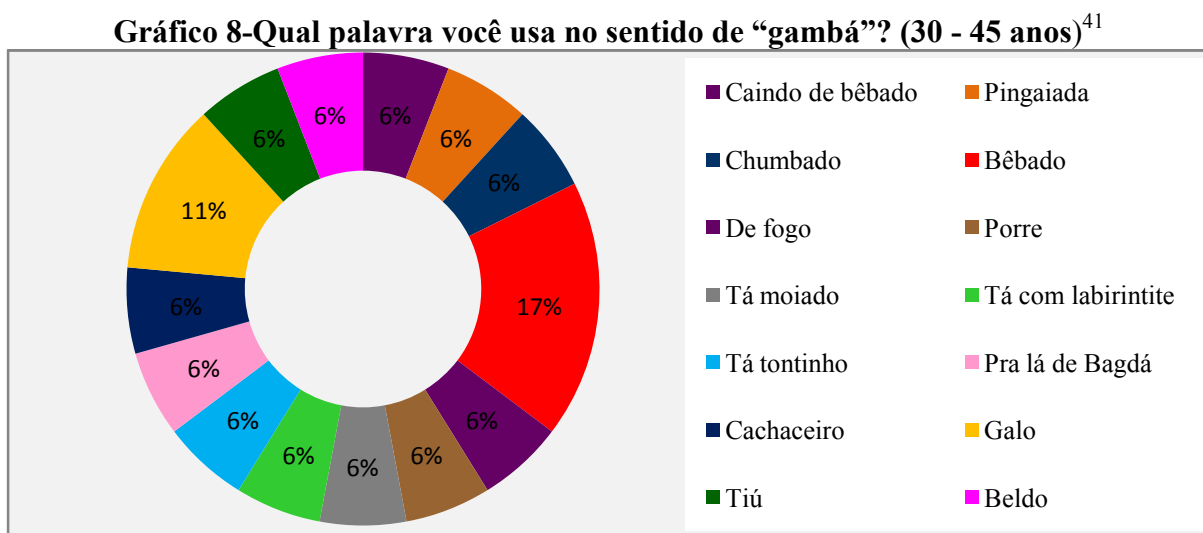
<sup>40</sup> Os índices 6%, 7%, 13% e 20% correspondem, respectivamente, a: 1 ocorrência, 1 ocorrência, 2 ocorrências e 3 ocorrências das palavras ou expressões.

era a materna ou a paterna. Já o pai da participante FI,M,F,1,U ao ser questionado sobre quem falava essa expressão, respondeu que era sua esposa, confirmando a asserção da adolescente.

Podemos dizer que, na percepção dos mais jovens, essa expressão está mais presente na fala dos mais velhos, já nas faixas intermediária e na terceira faixa não foram feitas essas alusões à idade, pois de vinte falantes (dez falantes de 30-45 anos e 10 falantes de 70-95 anos), 14 apontaram que essa expressão é muito presente na fala da maioria das pessoas, ou seja, de muita gente. Apenas a participante FH,F,S,2,U apontou a idade como critério para uso dessa expressão, pois indicou ter ouvido esse termo na fala dos mais velhos.

Quando questionados sobre quais palavras usavam no lugar de “gambá”, os mais jovens disseram empregar o adjetivo “bêbado” (40% - 4 ocorrências), seguido de “mamado” (20% - 2 ocorrências), “tá ruim” (10% - 1 ocorrência), “tá bêbado que nem/ como um galo” (10% - 1 ocorrência) e “louca” (10% - 1 ocorrência). 10% não responderam ou não disseram não usar outra palavra.

Já na faixa intermediária, ocorre um aumento de quantidade de adjetivos e/ou palavras que foram ditas pelos participantes para designar alguém que está em estado em embriaguez. Os resultados encontram-se no gráfico 8:



**Fonte:** Elaboração própria.

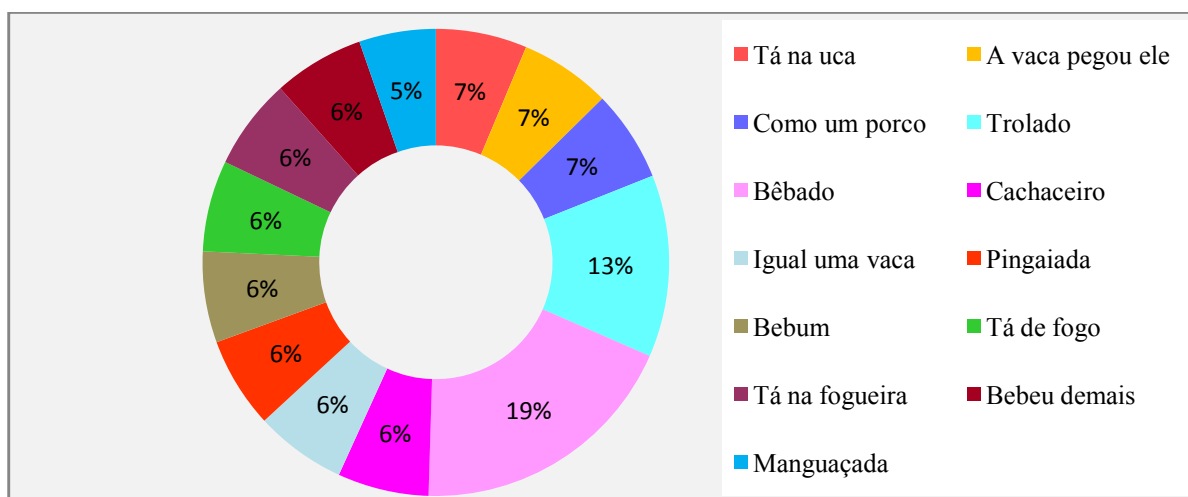
Algumas expressões mencionadas pelos participantes denotam as consequências físicas da bebida alcoólica em excesso no organismo, como, por exemplo, ficar de porre, ficar tonto (labirintite), perder o controle (cair de bêbado), ficar “grogue” - assim como os galos

<sup>41</sup>As porcentagens 6%, 11% e 17% equivalem a : 1 ocorrência, 2 ocorrências e 3 ocorrências das palavras ou expressões.

ficam, quando alguém fornece bebida para o animal com o intuito de facilitar o ato de matá-lo. Outras expressões como “pra lá de Bagdá”, “de fogo”, “moiado”, “mamado” demonstram o estado de torpor que a bebida causa ao psicológico do usuário pois, quem bebe em excesso fica muito além do estado de normalidade, ou seja, fica “longe” do seu verdadeiro modo de se comportar, está, portanto, “pra lá de Bagdá” (considerando que Bagdá fica longe do Brasil). “Moiado” e “mamado” podem corresponder à grande quantidade de líquido presente no corpo do “bebum”. Já o “estar de fogo” pode fazer referência ao fato do fogo incendiar, queimar e o mesmo acontecer com a bebida: ela pode “queimar” a garganta e “incendiar” o juízo<sup>42</sup>.

Na faixa etária de 70-95 anos, também foram elencadas várias palavras pelos participantes, dentre elas:

**Gráfico 9-Qual palavra você usa no sentido de “gambá”? (70 - 95 anos)<sup>43</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Mediante comparação entre os gráficos 8 e 9, percebemos que a associação entre o estado de bebedeira e os animais é muito comum: gambá, galo, porco, vaca, lagarto (tiú). Também é comum a relação entre os efeitos da bebida com as expressões: tonto, de fogo, trolado.

<sup>42</sup>Cabe ressaltar que durante a gravação não perguntamos para os participantes se eles sabiam qual seria a relação entre os termos e os significados, como por exemplo, estar bêbado e “de fogo”. Não realizamos esse questionamento, pois o falante, para não ter que se explicar, poderia deixar de falar algum termo que usa e comprometer assim, o resultado da pesquisa.

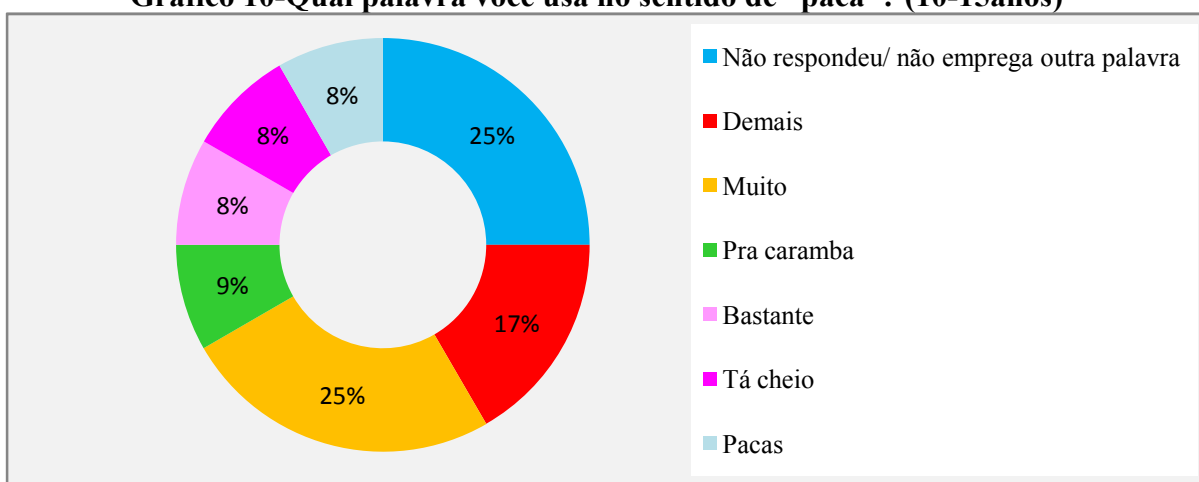
<sup>43</sup> 6 % e 7% correspondem a 1 ocorrência da palavra ou expressão e 13% e 19% equivalem a 2 e 3 ocorrências, respectivamente.

Quando foram entrevistados, poucos participantes disseram empregar a palavra “paca”, com sentido de “muito, pra caramba, pra caralho”. Dentre os mais velhos, 30% afirmaram empregar essa palavra: F#,M,F,3,C / FY,M,F,3,C e FZ,F,S,3,C. Esse índice permanece na faixa etária intermediária (FA,M,S,2,U/ FP,M,M,2,U/ FA,M,S,2,U) e na parcela mais jovem (FB,M,F,1,U/ FK,F,F,1,C/ FS,F,F,1,U).

É interessante ressaltarmos que, em uma mesma família, o pai FA,M,S,2,U e o filho FB,M,F,1,U afirmam fazer uso dessa palavra. Entretanto, o outro filho, também participante da pesquisa -FL,M,F,1,U- afirma não falar a palavra “paca”. Provavelmente, a palavra “paca” não seja muito comum no grupo de amigos em que FL,M,F,1,U esteja inserido e este, mesmo possuindo contato próximo com familiares que falam essa palavra, diz não adotar o termo.

Embora o índice de participantes da pesquisa que afirmaram fazer uso da palavra “paca” seja pequeno, ao serem questionados sobre ter ouvido essa expressão, 7 jovens responderam de forma positiva ao questionamento, 9 participantes entre 30-45 anos admitiram já ter ouvido essa expressão e 6 entrevistados da faixa etária 3 responderam de forma assertiva. Das 18 pessoas que responderam já ter ouvido alguma vez essa expressão, 8 a relacionam com a parcela mais jovem dos salenses; amigos, colegas de escola. Outros dizem que muita gente fala essa expressão, mas não especificam quem. Ao serem questionados sobre quais palavras empregavam com sentido de “muito”, os jovens disseram:

**Gráfico 10-Qual palavra você usa no sentido de “paca”?( 10-15anos)<sup>44</sup>**



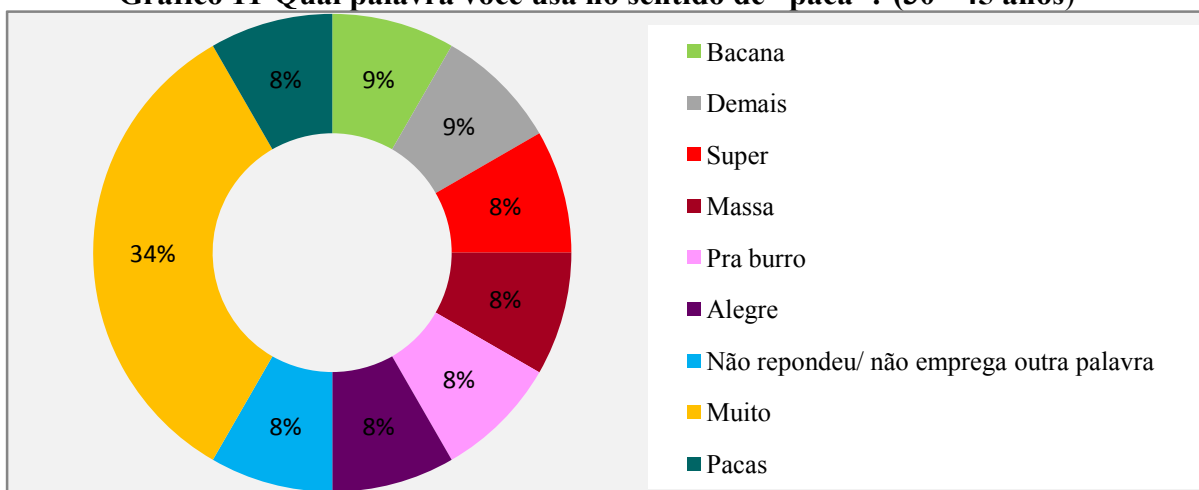
**Fonte:** Elaboração própria.

Nota-se dentre as palavras citadas pelos adolescentes o emprego da palavra “pacas”. Estudos futuros poderão indicar se a expressão “paca” se transformou em “ pacas”, como se

<sup>44</sup> 8% e 9% :1 ocorrência da palavra ou expressão; 17% : duas ocorrências e 25% : 3 ocorrências.

fosse uma forma variante. Entre os participantes de 30-45 anos, o advérbio de intensidade “muito” ainda é o mais citado, com 4 ocorrências(34%). O adjetivo “pacas” também está presente nas respostas, conforme o gráfico 11:

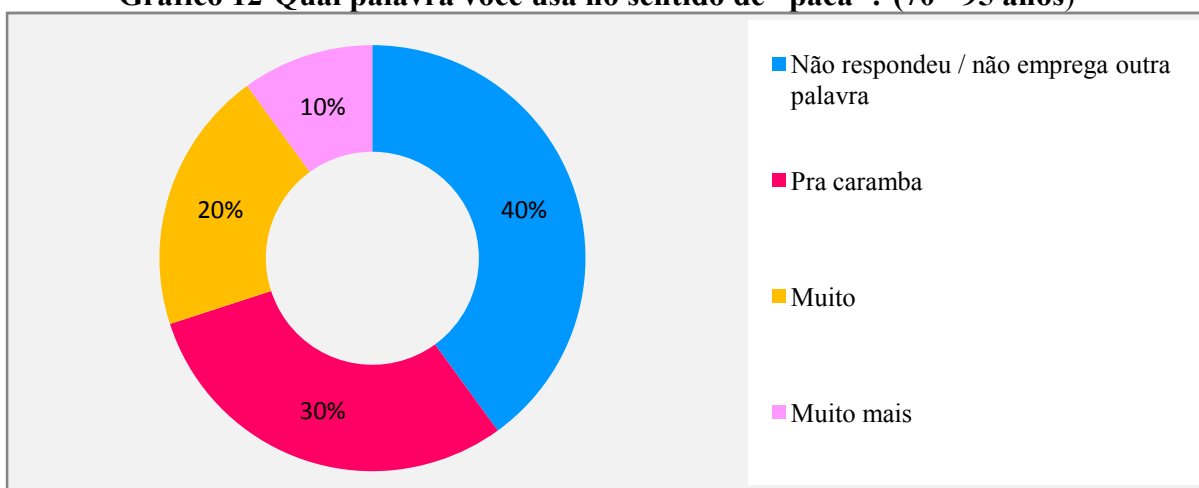
**Gráfico 11-Qual palavra você usa no sentido de “paca”? (30 - 45 anos)<sup>45</sup>**



Fonte: Elaboração própria.

Conforme se vê no gráfico 12, a palavra “pacas” não é citada pelos mais velhos.

**Gráfico 12-Qual palavra você usa no sentido de “paca”? (70 - 95 anos)<sup>46</sup>**



Fonte: Elaboração própria.

#### 6.4 Palavras reconhecidas em todas as idades

Dentre as palavras que foram selecionadas para a pesquisa, algumas apresentaram uma grande popularidade entre os participantes da entrevista. Variações fonéticas como “córigo”,

<sup>45</sup> 34%: 4 ocorrências e 8% e 9%: 1 ocorrência.

<sup>46</sup> 40%: 4 ocorrências; 30%: 3 ocorrências; 20% : 2 ocorrências e 10% : 1 ocorrência.

“faiá”, “credo” e “relampiar”<sup>47</sup> foram citadas como as mais faladas entre todas as faixas etárias. Independente da idade, os salenses entrevistados admitiram, em sua maioria, empregar no dia-dia essas palavras como parte do seu vocabulário. Ao serem questionados se falavam a palavra “córgo” no sentido de “córrego”<sup>48</sup>, 9 participantes entre 30-45 anos afirmaram que “sim” e 7 dos mais jovens e dos mais velhos também responderam a esse questionamento de forma favorável. Das trinta pessoas entrevistadas, apenas 7 disseram não empregar essa forma da palavra. Dentre essas 7 pessoas estão os falantes: FB,M,F,1,U / FI,M,F,1,U/ FL,M,F,1,U/ FH,F,S,2,U/ FF,F,F,3,U/ FZ,F,S,3,C e F\*,M,F,3,C.

Cabe ressaltar que os participantes FB,M,F,1,U e FL,M,F,1,U são irmãos, filhos de um professor de geografia. Embora o pai, que também foi entrevistado, diga empregar a palavra “córgo”, os filhos afirmam não fazer uso dessa palavra. O mesmo acontece com a participante FH,F,S,2,U: por lecionar geografia, a falante diz que procura falar a palavra “córrego”. A questão da profissão pode ter influenciado a participante FZ,F,S,3,C a dizer que não fala “córgo”. Por ser professora PBI, tecemos a hipótese de que, provavelmente, a participante opte por empregar formas que estejam mais relacionadas à norma difundida pela escola, por isso, a entrevistada relata que não faz uso dessa palavra.

A relação entre língua e escola pode ser observada também no comportamento linguístico do entrevistado F\*,M,F,3,C. Embora possua apenas o ensino fundamental, o participante, durante a entrevista, conversou sobre seu gosto pela leitura, dizendo ler muitos livros, gostar de ganhar livros de presente. Ele e a entrevistadora descobriram, durante a entrevista realizada, esse gosto em comum e conversaram muito sobre isso. Embora não tenhamos como comprovar a autenticidade dessa relação com base nos dados de que dispomos, podemos inferir - baseados na conversa com o entrevistado- que, provavelmente, seu gosto pela leitura e, conseqüentemente, um maior contato com um vocabulário mais formal, tenham contribuído para a negação do uso de uma expressão mais informal. Sobre o participante FI,M,F,1,U, durante a entrevista, não ocorreu nenhum dado que pudesse justificar uma conjectura sobre a negação do uso de “córgo”.

Quando questionados se já haviam ouvido essa expressão na fala de alguém, apenas um entrevistado FU,M,M,2,C relacionou o emprego da expressão com a zona rural, ou seja, com a roça, e uma participante (FD,F,S,2,U) disse ser uma expressão falada por pessoas mais simples. Para os demais falantes, a palavra “córgo” está presente na fala de muitas pessoas, de

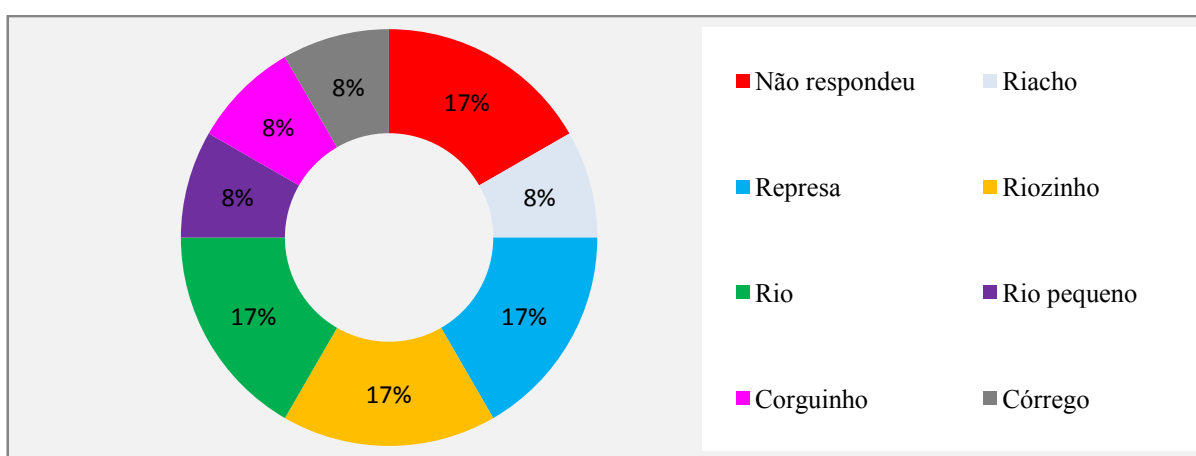
<sup>47</sup> Como citado anteriormente, que escrevemos as palavras conforme realizamos as perguntas e de acordo com as respostas obtidas.

<sup>48</sup> Variante da palavra “córrego”.

familiares, amigos. As pessoas podem, em determinados momentos, relacionar a palavra com uma fala mais informal e dizer que não a empregam (ou de fato, não fazer uso da expressão), mas esta perdeu (caso possamos dizer que algum dia teve), na cidade de Sales Oliveira, quaisquer traços de forma linguística associada ao falar rural.

Além da palavra “córgo”, foi pedido aos falantes que dissessem quais outras palavras empregam para expressar seu sentido. Na faixa etária entre 10-15 anos, as palavras citadas foram:

**Gráfico 13-Qual palavra você usa no sentido de “córgo”? (10 - 15 anos)<sup>49</sup>**

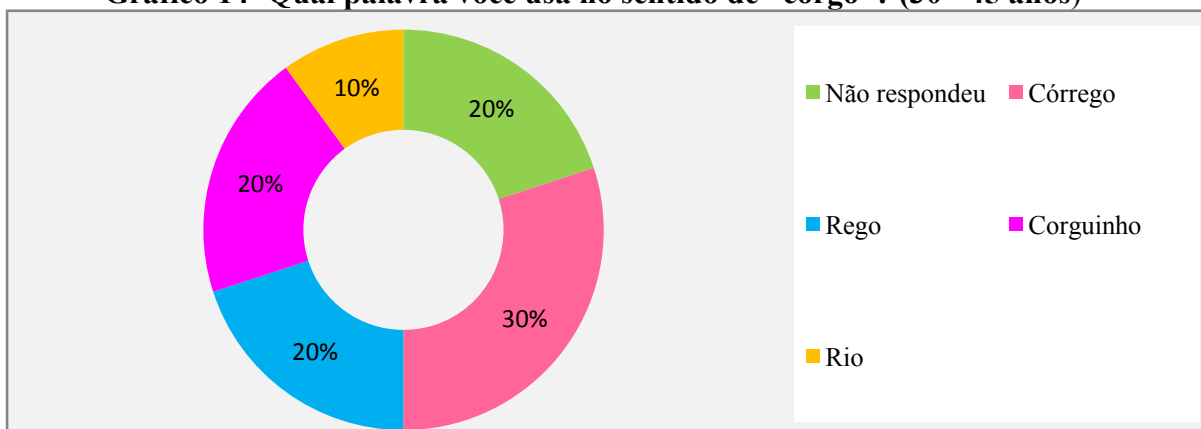


**Fonte:** Elaboração própria.

As palavras listadas pelos participantes jovens da entrevista demonstram que “córgo” também é substituído pelo seu diminutivo “corguinho” ou pela forma mais formal “córrego”, além das variações: rio> rio pequeno>riozinho>riacho”. Já na faixa intermediária, não existem tantos sufixos que correspondem à ideia de diminutivo, porém, os falantes citam outra palavra que não aparece na fala dos mais jovens: a palavra “rego”.

<sup>49</sup>17% correspondendo a 2 ocorrências e 8% a 1 ocorrência.

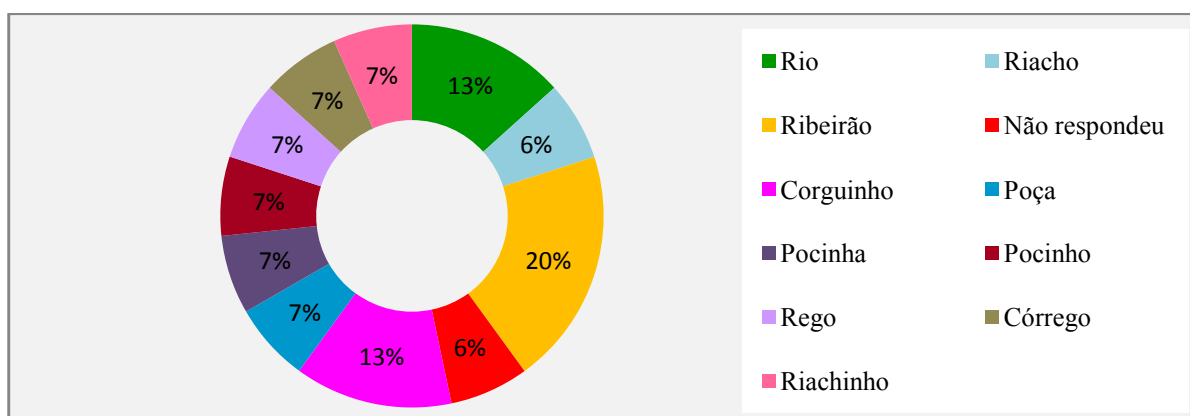
**Gráfico 14- Qual palavra você usa no sentido de “córrego”? (30 - 45 anos)**<sup>50</sup>



**Fonte:** Elaboração própria.

Na terceira faixa etária, a quantidade de palavras elencadas para denominar “córrego” é ainda maior. Talvez, essa grande quantidade de palavras e variantes ocorra porque a faixa etária entre 70-95 anos teve muito mais contato com a zona rural do que as demais faixas etárias; logo, o contato com a paisagem natural e os elementos que a compõem é maior. Como consequência disso, esses salenses, por serem mais conhecedores da natureza, precisam ou conheçam mais adjetivos e/ ou substantivos que qualificam e/ ou denominam com maior precisão e riqueza aquilo que vêem.

**Gráfico 15- Qual palavra você usa no sentido de “córrego”? (70 - 95 anos)**<sup>51</sup>



**Fonte:** Elaboração própria.

Além da palavra “córrego”, a expressão “credo” também atingiu altos índices de reconhecimento na fala dos salenses. Dentre os 30 entrevistados, apenas 7 pessoas disseram não usar essa expressão: FC,M,F,3,C/ FI,M,F,1,U/ FN,M,S,2,U /FO,F,F,3,C/ FV,M,F,1,U/

<sup>50</sup> 30%: 3 ocorrências; 20% : 2 ocorrências e 10% : 1 ocorrência.

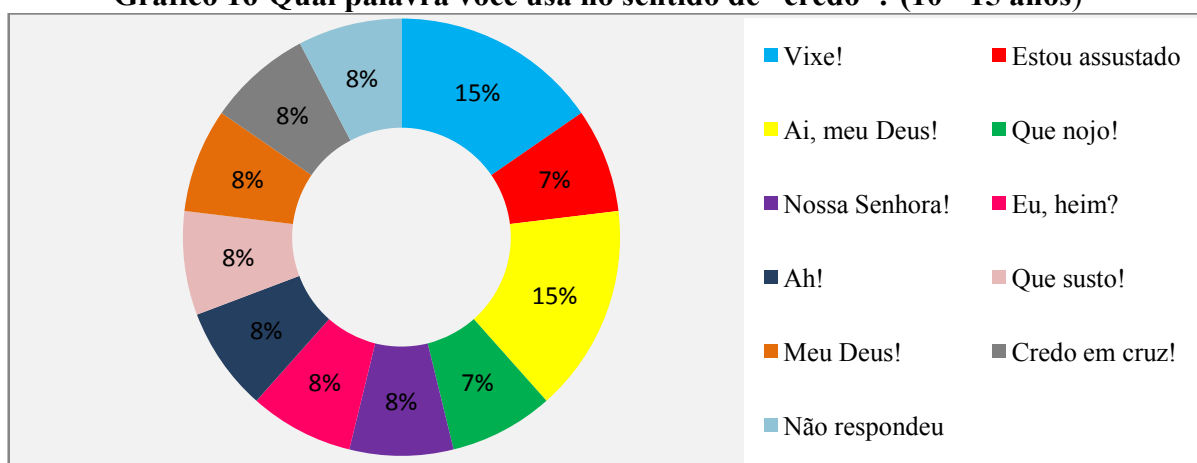
<sup>51</sup> 20%: 3 ocorrências; 13%: 2 ocorrências; 7% e 6%: 1 ocorrência.



F%, M,F,1,U e F\*,M,F,3,C. Dessas sete pessoas, o participante FN,M,S,2,U prefere expressões mais voltadas para a informalidade, como “orra” e “porra”. Já os demais falantes dizem empregar expressões como “Nossa!”, “Que horror!”, “Que nojo!”, “Ah!”, “Estou assustado!”.

Outras palavras também foram citadas pelos falantes. Entre 10-15 anos, as expressões elencadas foram:

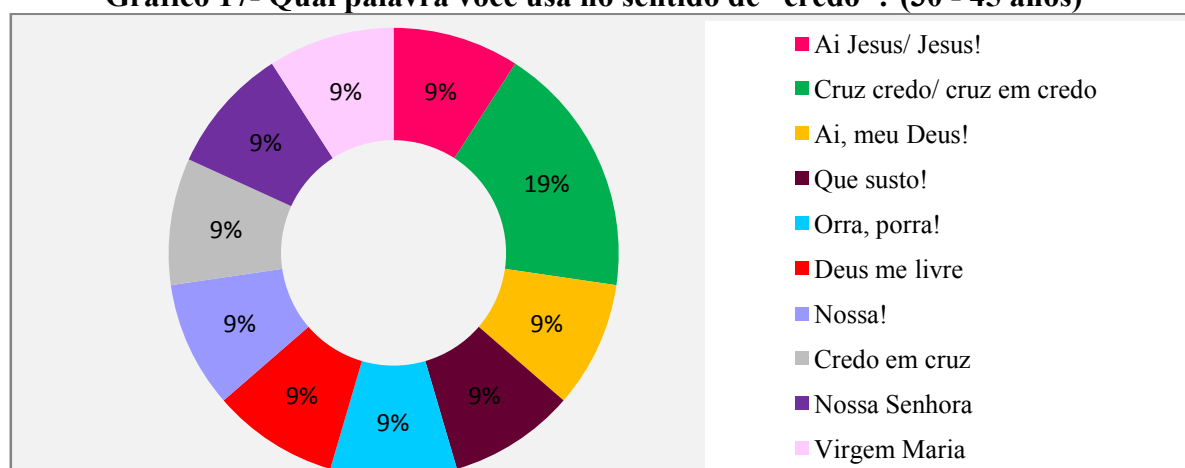
**Gráfico 16-Qual palavra você usa no sentido de “credo”? (10 - 15 anos)<sup>52</sup>**



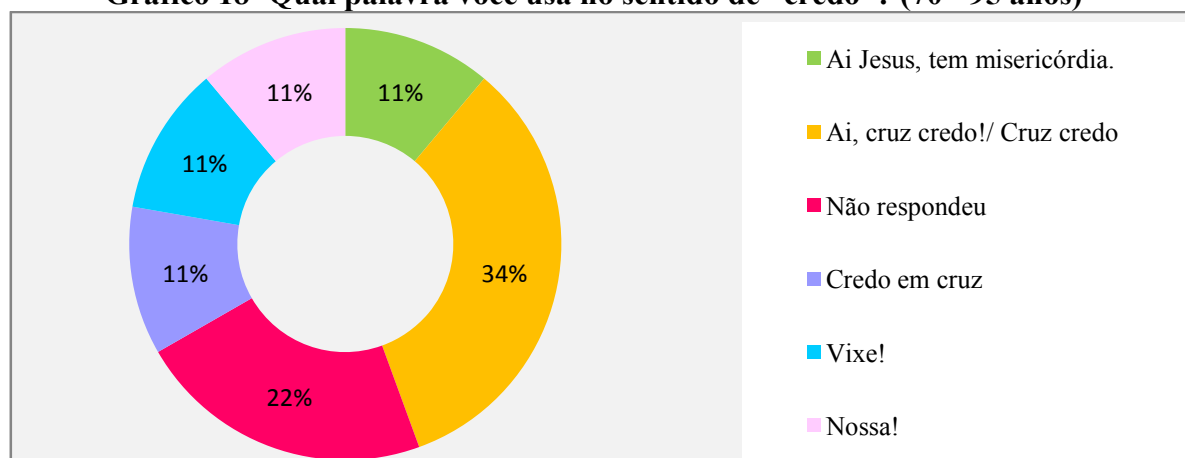
Fonte: Elaboração própria.

Torna-se interessante observar que, independente da faixa etária analisada, os participantes associam expressões religiosas a esse sentido de espanto. Nas faixas etárias entre 30-45 anos e 70-95 anos percebemos que os entrevistados assumem empregar muitas palavras que possuem alguma relação direta com o cristianismo como, por exemplo, “Meu Deus”, “Jesus tem misericórdia”, “Credo em cruz”, “Ai Jesus!”, “Jesus”, “Virgem Maria”, “Nossa Senhora”. Nos gráficos 17 e 18, podemos perceber essa relação entre espanto e religiosidade:

<sup>52</sup> 7% e 8% correspondem a 1 ocorrência e 15% a 2.

**Gráfico 17- Qual palavra você usa no sentido de “credo”? (30 - 45 anos)<sup>53</sup>**

Fonte: Elaboração própria.

**Gráfico 18- Qual palavra você usa no sentido de “credo”? (70 - 95 anos)<sup>54</sup>**

Fonte: Elaboração própria.

Outra palavra muito difundida entre os participantes da pesquisa é a variante fonética “faiá” com o sentido de “falhar, fracassar, faltar algo”. 60% dos participantes, em todas as faixas etárias, afirmaram empregar essa forma lexical. Dentre os falantes que responderam que não empregam a expressão “faiá”, temos: FB,M,F,1,U/ FK,F,F,1,C/ FM,F,F,1,U/ FV,M,F,1,U (primeira faixa etária), FA,M,S,2,U/ FG,F,S,2,U/ FH,F,S,2,U/ FN,M,S,2,U (faixa etária intermediária) e FC,M,F,3,C/ FF,F,F,3,U/ FZ,F,S,3,C/ F\*,M,F,3,C (terceira faixa etária). Dos falantes que responderam não ao questionamento, nos chamou atenção o fato de que FB,M,F,1,U/ FN,M,S,2,U/ FM,F,F,1,U disseram empregar a palavra “falhar” e não “faiá”. Podemos dizer, dessa forma, que pode existir um indício de não preferência/ aceitação em dizer que usa a forma “faiá”, por esta representar um processo que pode estar mais presente na fala de pessoas menos escolarizadas ou pelo fato de ser mais “marcada” negativamente, como

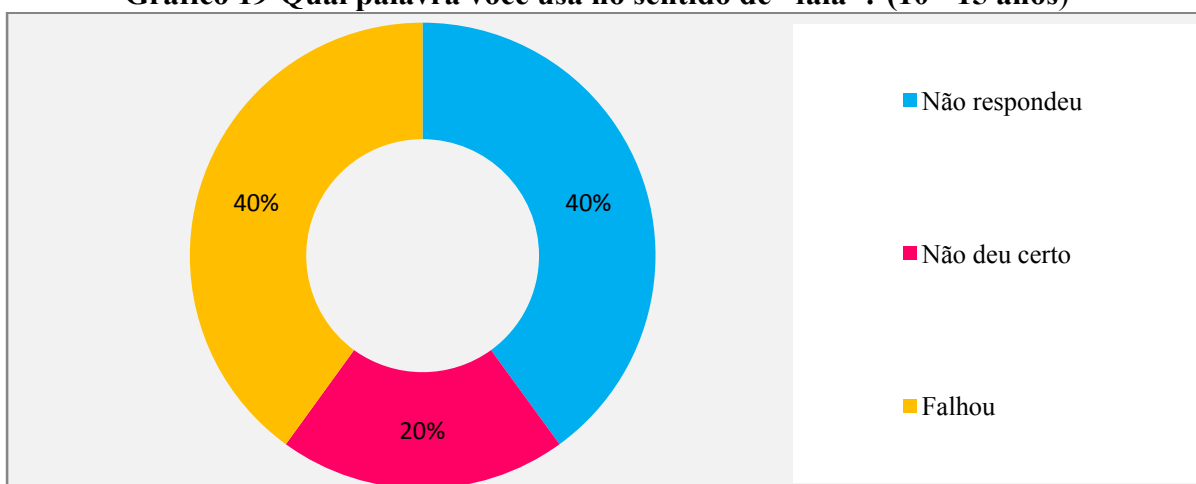
<sup>53</sup> 9%: 1 ocorrência e 19%: 2 ocorrências.

<sup>54</sup> 11%: 1 ocorrência; 22%: 2 ocorrências e 34%: 3 ocorrências.

traço “caipira”, do que, por exemplo, outros processos fonéticos/ fonológicos. De acordo com Bagno (2012, p. 325), a deslateralização, ou seja, a transformação de /ʎ/ em /l/, “(...) é um dos traços fonéticos mais estigmatizados pelos falantes urbanos letrados, que tratam de evitá-lo em sua pronúncia, para não se identificarem com os falantes rurais ou rurbanos”.

Sendo assim, os participantes entrevistados que negaram empregar “faiá”, mas afirmaram usar “falhar” podem, mesmo que inconscientemente, ter tomado essa atitude linguística baseados no juízo de valor negativo que permeia tal expressão, numa tentativa de mostrar que, embora não tenham ensino superior, são pessoas que procuram “falar corretamente”, ou seja, que policiam a fala na tentativa de evitar o emprego de formas mais estigmatizadas socialmente. Ao serem questionados sobre quais formas empregavam no lugar de “faiá”, com o sentido de “falhar, fracassar, faltar algo”, os falantes mais jovens apontaram em grande quantidade a forma “falhar”, conforme pode ser observado no gráfico 19:

**Gráfico 19-Qual palavra você usa no sentido de “faiá”? (10 - 15 anos)<sup>55</sup>**

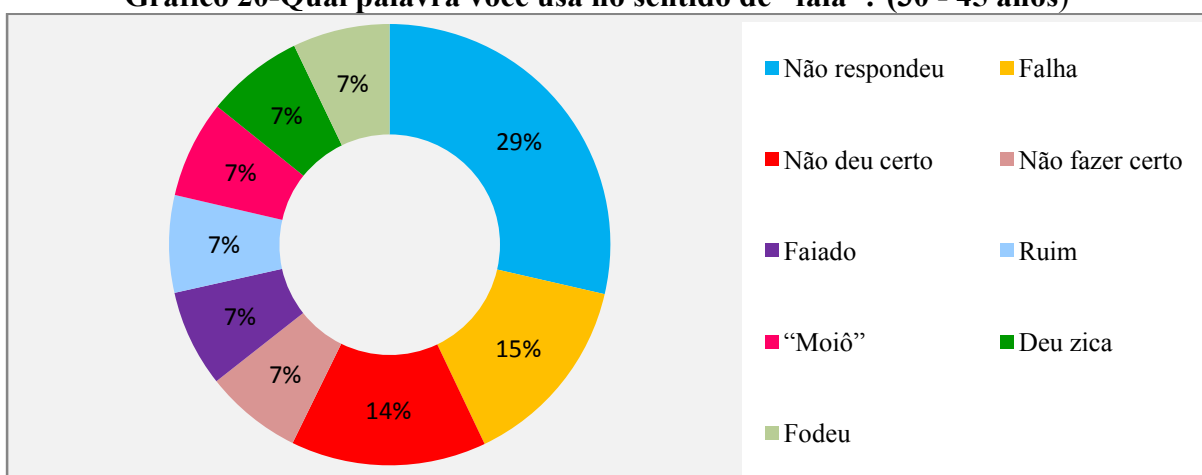


**Fonte:** Elaboração própria.

40% (quatro) pessoas que admitem usar a expressão “falhar” entre os mais jovens pode ser um reflexo da influência da escola, pois todos os participantes entrevistados nessa faixa etária estavam cursando o ensino fundamental II ou estavam se preparando para a colação de grau no ensino fundamental II. Esse resultado pode ser, então, um reflexo da influência da gramática normativa na fala dos mais jovens. Na faixa etária intermediária, percebemos também que “falhar” está entre as expressões mais usadas, ou seja, os participantes fazem a distinção entre a forma empregada pela norma mais culta e a forma mais empregada popularmente.

<sup>55</sup> 40%: 4 ocorrências e 20%: 2 ocorrências.

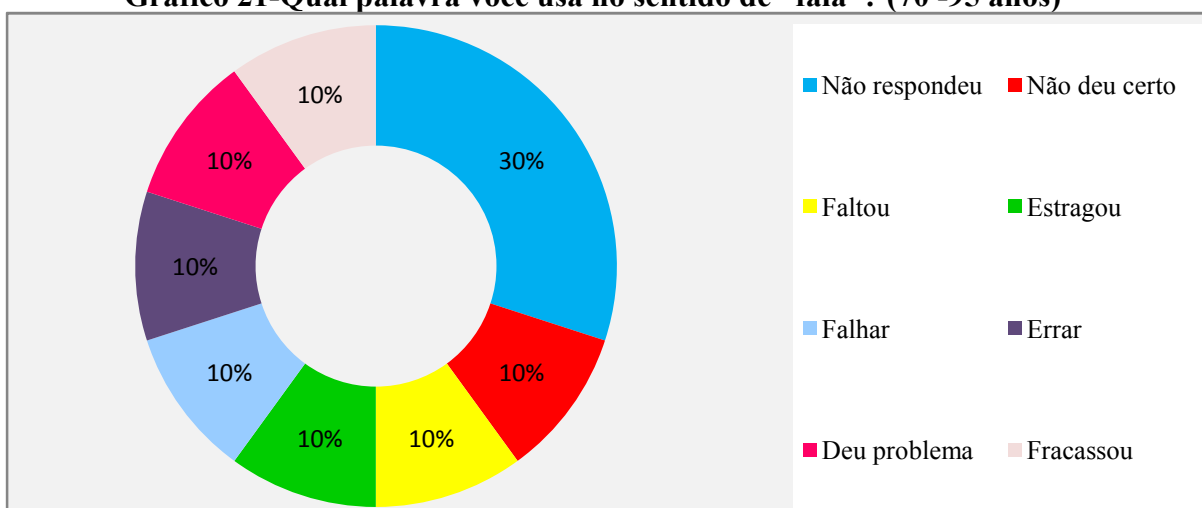
**Gráfico 20-Qual palavra você usa no sentido de “faiá”? (30 - 45 anos)<sup>56</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Em relação à “faiá”, é interessante observarmos que, conforme aumenta a faixa etária, aumenta também a quantidade de expressões que as pessoas dizem usar. Enquanto os participantes entre 10-15 anos dizem falar “não deu certo” e “falhar”, os participantes entre 30-45 anos afirmam empregar outras expressões além dessas, como apresentadas no gráfico 20. Isso também acontece na faixa etária mais velha: os participantes entre 70-95 anos elencaram uma gama de expressões, sem ser “falhar” e “não deu certo”, conforme vemos no gráfico 21:

**Gráfico 21-Qual palavra você usa no sentido de “faiá”? (70 -95 anos)<sup>57</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Comparando os gráficos 19, 20 e 21, percebemos que a maioria das gírias citadas encontra-se na faixa etária intermediária. “Faiado”, “moiô”, “ruim”, “deu zica” e “fodeu” são

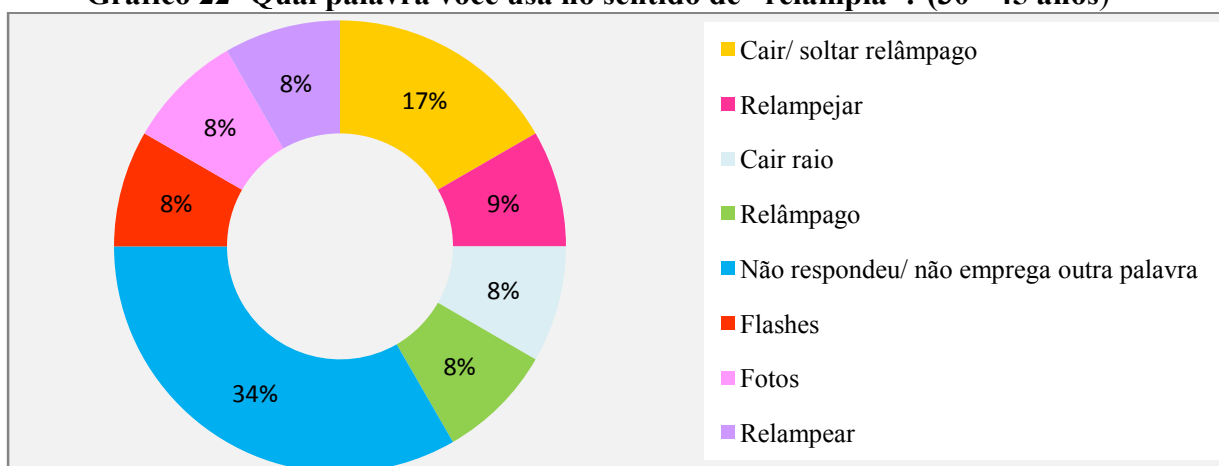
<sup>56</sup> 7%: 1 ocorrência; 14% e 15%: 2 ocorrências e 29%: 4 ocorrências.

<sup>57</sup> 10%: 1 ocorrência e 30%: 3 ocorrências.

gírias que correspondem a essa faixa etária intermediária. Isso não quer dizer que os mais jovens não empreguem essas expressões: eles podem até fazer uso delas, mas não apontaram durante a pesquisa. Durante a realização da coleta de dados, não foi possível cruzar os dados obtidos para que pudéssemos saber se os mais jovens admitem empregar ou não as gírias elencadas pelos participantes de 30-45 anos, com o sentido de “falhar”. Assim como não foi possível fazer esse cruzamento de informações, voltar à casa dos participantes para coletar essas informações também seria inviável, visto que o participante poderia responder de forma positiva só porque a palavra seria sugerida pela entrevistada. Sendo assim, o objetivo da pesquisa ficaria comprometido.

Uma situação semelhante a essa ocorre também com a palavra “relampiar”, no sentido de relampaguear. Entre a faixa de 30-45 anos apareceram diversas expressões para “dar relâmpago”. O gráfico 22 ilustra essas expressões:

**Gráfico 22- Qual palavra você usa no sentido de “relampiá”? (30 - 45 anos)<sup>58</sup>**



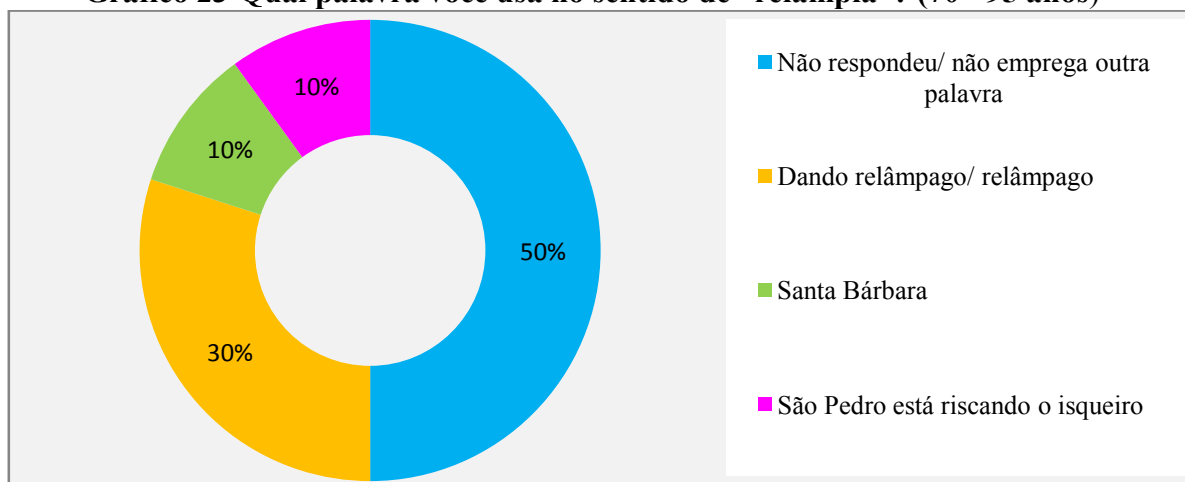
**Fonte:** Elaboração própria.

Na faixa etária intermediária, é comum a associação do efeito luminoso do relâmpago com o flash das fotos. Os entrevistados disseram empregar “relampear” ao invés do verbo “relampaguear”. Na faixa etária idosa, conforme gráfico 23, percebemos uma grande mudança nas respostas dadas pelos falantes: ao invés de optarem por termos relacionados à luminosidade causada pelo relâmpago, os participantes entre 70-95 anos optaram por associar o relâmpago com santos. Tal associação pode ter sido feita devido ao susto causado pelo relâmpago, por isso, a invocação por Santa Bárbara e pelo fato de São Pedro ser considerado, popularmente como o santo responsável por “lavar” o céu (trazer a chuva) ou riscar o isqueiro

<sup>58</sup> 8% e 9% 1 ocorrência; 17%: 2 ocorrências e 34%: 4 ocorrências.

(relampejar). Essas são inferências feitas pela pesquisadora. Os participantes não relataram o motivo dessas associações.

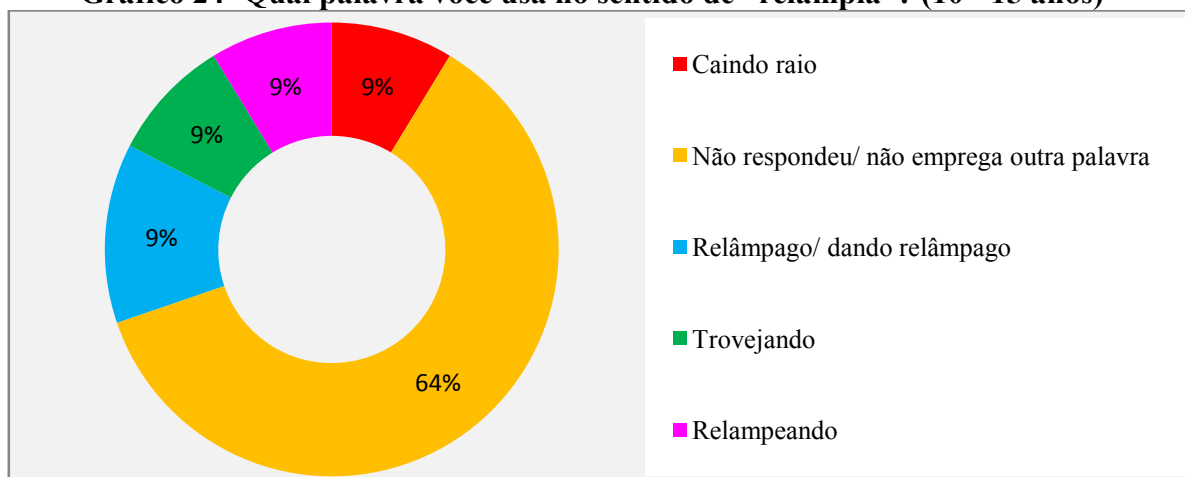
**Gráfico 23- Qual palavra você usa no sentido de “relampiá”? (70 - 95 anos)<sup>59</sup>**



Fonte: Elaboração própria

Essas expressões religiosas não foram apontadas pelos mais jovens: 10-15 anos. Os adolescentes entrevistados elencaram expressões mais relacionadas aos fenômenos da natureza, conforme gráfico 24:

**Gráfico 24- Qual palavra você usa no sentido de “relampiá”? (10 - 15 anos)<sup>60</sup>**



Fonte: Elaboração própria.

## 6.5 Palavras com menor índice de aceitação social

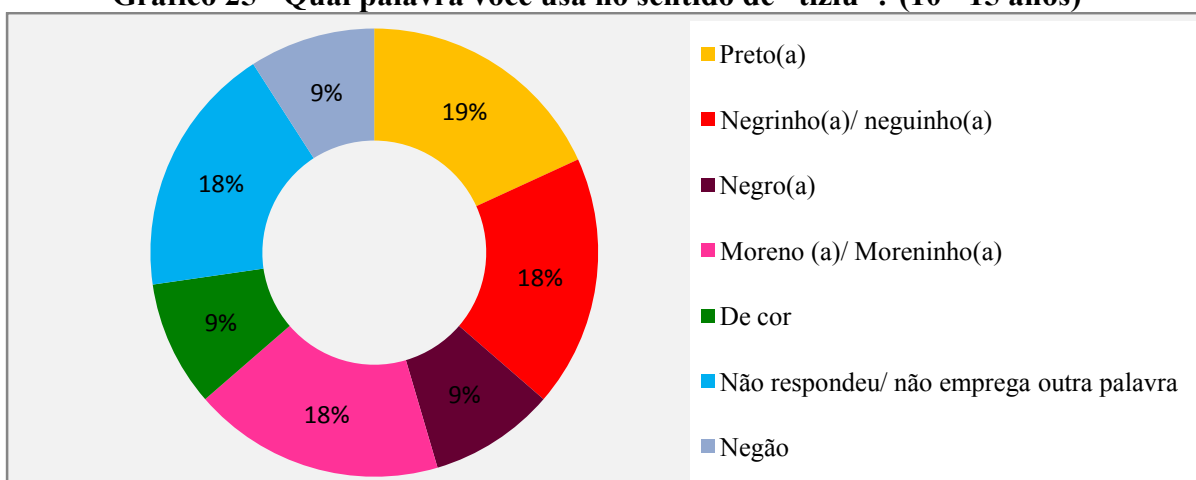
<sup>59</sup> 50%: 5 ocorrências; 30%: 3 ocorrências e 10%: 1 ocorrência.

<sup>60</sup> 9%: 1 ocorrência e 64%: 7 ocorrências.

Quando realizamos a pesquisa com a sociedade salense, uma das palavras presentes na seção relativa ao vocabulário era a palavra “tiziu”, empregada para denominar o pássaro e para denominar, de forma preconceituosa, as pessoas afrodescendentes. Durante as entrevistas, quando perguntávamos aos participantes entrevistados se eles já tinham ouvido a palavra “tiziu” sendo empregada para o afrodescendente, 9 salenses entre 30-45 e 70-95 anos afirmaram já terem ouvido essa expressão. Entre os mais jovens, a porcentagem foi de 80%. (oito participantes) Ao serem questionados se falavam essa expressão, 7 participantes de todas as faixas etárias analisadas disseram que não. Quase todos os falantes afirmaram que essa expressão não é boa, tem sentido negativo e é usada com sentido pejorativo. Uma participante (FJ,F,F,1,U) disse, por outro lado, que, se for de brincadeira, a palavra não tem um sentido ruim. As pessoas entrevistadas afirmaram empregar palavras como “moreno”, “morenagem” quando vão se referir a uma pessoa negra.

Os gráficos 25, 26 e 27 apresentam as expressões que os falantes disseram empregar no lugar no “tiziu”:

**Gráfico 25 - Qual palavra você usa no sentido de “tiziu”? (10 - 15 anos)<sup>61</sup>**



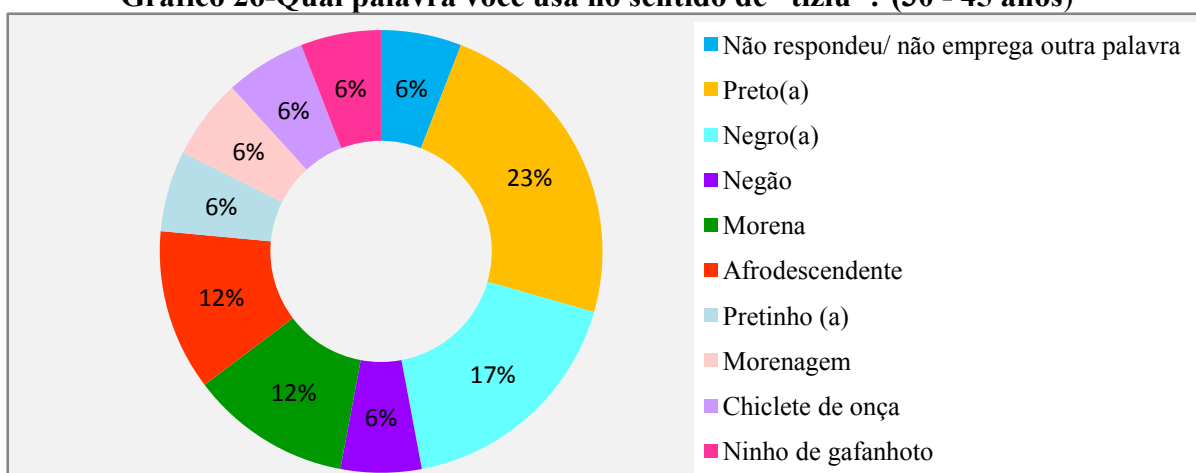
**Fonte:** Elaboração própria.

Esse estudo não teve por finalidade classificar as expressões em uma escala que fosse capaz de aferir quais soam mais ou menos preconceituosas para os participantes. Conforme o resultado apresentado, os participantes afirmaram empregar “moreno”, “preto”, “negrinho”, dentre outras.

Na faixa etária de 30-45 anos, observamos um leque maior de termos apresentados pelos participantes.

<sup>61</sup> 18% e 19%: 2 ocorrências e 9% : 1 ocorrência.

**Gráfico 26- Qual palavra você usa no sentido de “tiziu”? (30 - 45 anos)<sup>62</sup>**



Fonte: Elaboração própria.

Na faixa etária entre 70-95 anos, alguns participantes também apresentaram algumas expressões que eles mesmos denominavam como preconceituosas. O participante F\*,M,F,3,C, por exemplo, relatou que, durante sua infância, empregava, além do termo “tiziu”, a expressão “semente de bucha”. Hoje, o participante diz ser uma forma preconceituosa, mas confessa que ainda emprega “passou das seis”.

O participante FC,M,F,3,C, ao ser questionado sobre o fato de empregar a palavra “tiziu” para se referir a uma pessoa afrodescendente disse:

*P:* O senhor já chamou alguém de tiziu?

*FC,M,F,3,C:* nunca... nunca... nunca... eu respeito.

*P:* É negativo pro senhor? {a entrevistadora queria saber se o termo era pejorativo}

*FC,M,F,3,C:* Negativo.

*P:* Quando o senhor vê uma pessoa negra... do que que o senhor chama a pessoa?

*FC,M,F,3,C:* Eu? A pessoa negra? Eu trato ela muito bem... é... eu nem falo negro... eu falo...

*P:* O senhor não usa nada...

*FC,M,F,3,C:* É meu amigo... eu não uso nada

Como a linguagem nunca é neutra, sempre está imbuída de valores sociais, quando o falante não é preconceituoso ou não quer veicular um discurso preconceituoso, opta por termos considerados politicamente corretos.

De acordo com Santos (2015, p. 9), a linguagem funciona como uma forma de propagação de fenômenos sociais, que, por sua vez, refletem as representações que perpassam a mídia, as questões éticas, morais, os Direitos Humanos, dentre outras. Na sociedade

<sup>62</sup> 23%: 4 ocorrências; 17%: 3 ocorrências; 12%: 2 ocorrências e 6%: 1 ocorrência.



contemporânea, as questões relacionadas aos Direitos Humanos têm sido muito difundidas. Como consequência disso, foi criado um movimento denominado de Politicamente Correto. Nascido nos EUA, o politicamente correto surgiu entre os anos de 1950 e 1960 e tinha como objetivo lutar contra as leis que segregavam brancos e negros. Depois de alcançado o objetivo primário do movimento, este passou a lutar para acabar com a discriminação social, manifestada, muitas vezes, por meio de textos, como piadas e expressões: o politicamente correto ganhou um novo enfoque – o campo da linguagem (SANTOS, 2015, p. 25).

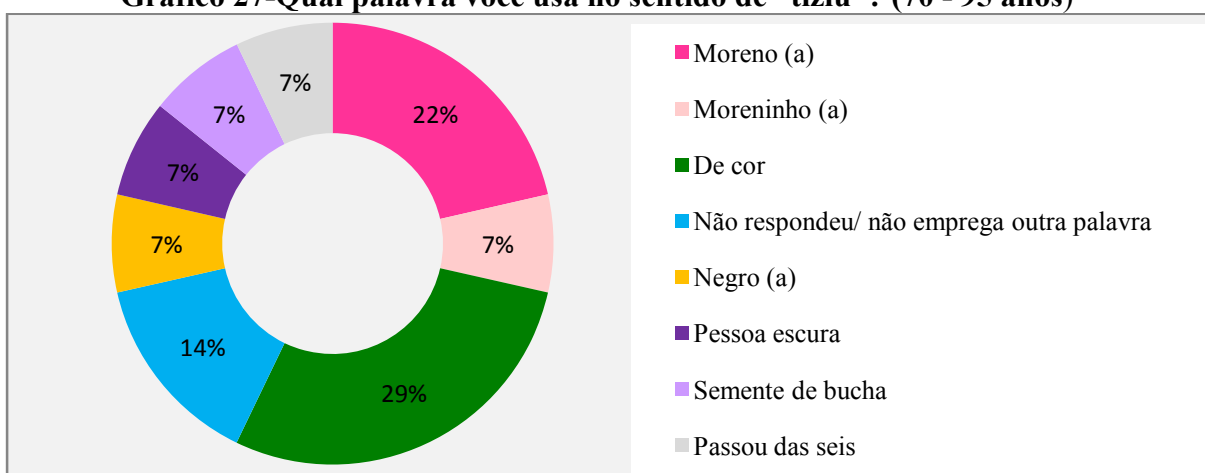
Para Santos (2015, p. 25), o movimento do politicamente correto tem por objetivo a substituição de termos considerados ofensivos ou preconceituosos por aqueles que não possuem essa conotação. Segundo a autora, uma das funções do movimento do politicamente correto (MPC) é “(...) que os termos que historicamente foram utilizados para depreciar as minorias devam ser substituídos por novos que, por não terem sido utilizados na sociedade, não carregam o sentido discriminatório (...)” (SANTOS, 2015, p. 31).

Atualmente, o MPC tem sido muito difundido. De acordo com Santos (2015, p. 32), esse movimento está presente não só nos EUA como em diversos outros países, incluindo o Brasil. Essa tendência ao emprego de palavras politicamente corretas tem sido difundida de forma tão intensa, que no ano de 2004, durante o governo Lula, foi criada, no Brasil, uma cartilha com 88 páginas e 96 verbetes com termos politicamente corretos, “sugeridos” para serem empregados no lugar de palavras ou expressões consideradas preconceituosas (SANTOS, 2015, p. 52). O fato de ter isso em uma cartilha, ou seja, um gênero textual de caráter autoritário, juntamente com outros fatores, acarretou o recolhimento do material, na mesma semana em que este foi lançado. Segundo Santos (2015, p. 52), muitas pessoas pertencentes a grupos sociais discriminados afirmaram que as expressões empregadas na cartilha não os contemplavam; outras pessoas afirmavam que a cartilha era uma forma de institucionalizar o preconceito.

Toda essa discussão existente em torno da polêmica do politicamente correto acaba se manifestando nos discursos dos falantes, que, afirmam não fazer uso de “tíziu”, embora as palavras por eles elencadas não façam, em muitos casos, parte da linguagem politicamente correta.

Dentre as expressões elencadas pelos participantes na nossa pesquisa, temos:

**Gráfico 27- Qual palavra você usa no sentido de “tiziú”? (70 - 95 anos)<sup>63</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Ao analisarmos o gráfico 27, podemos observar que os entrevistados citaram as palavras “moreno”, “moreninho” e “pessoa de cor”.

Na fala “caipira”, a palavra “tiziú” pode ser empregada tanto em referência a uma pessoa afrodescendente como para denominar um pássaro de plumagem preta. As conotações preconceituosas imbuídas no emprego dessa palavra para se referir a seres humanos, em ambos os casos, não pode dissociar “tiziú” da cor preta, uma vez que, em raros casos, pessoas brancas são chamadas de “tiziú”.<sup>64</sup>

Ao serem questionados sobre o fato de empregarem a palavra “tiziú” para nomear o passarinho, 100 % dos participantes entre 70-95 anos afirmaram fazer uso dessa palavra. O índice também foi alto entre os participantes de 30-45 anos: 70%. Entre os mais jovens, apenas 30% respondeu que sim. Cabe ressaltar que os adolescentes nem sempre têm a oportunidade de ter contato com passarinhos, devido ao fato de terem nascido na cidade ou morarem na cidade, onde a natureza não consegue seu devido espaço.

Embora a porcentagem de participantes da pesquisa que afirmam empregar “tiziú” para o pássaro seja pequena na faixa entre 10-15 anos, nas demais faixas etárias, essa porcentagem é bem expressiva. Tal expressividade demonstra que o termo “tiziú” só é impoliticamente correto quando se refere aos animais, mas quando faz referência aos humanos, as pessoas não veem problemas para dizer que o empregam. Tão abrangente é a abrangência da palavra “tiziú” para esse tipo determinado de pássaro, que os mais idosos, ao serem questionados sobre quais palavras empregavam no lugar de “tiziú”, não souberam nos

<sup>63</sup>29%: 4 ocorrências; 22%: 3 ocorrências; 14%: 2 ocorrências e 7%: 1 ocorrência.

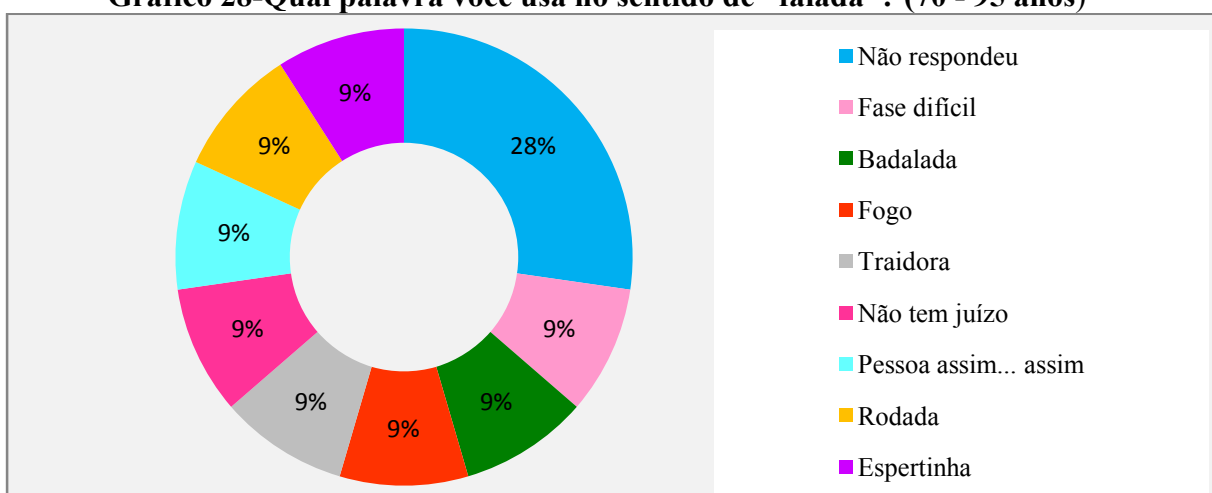
<sup>64</sup>Cabe ressaltar que durante a entrevista um participante comentou sobre uma pessoa branca que tem o apelido de “Tiziú”, mas esse caso é uma exceção.

responder: disseram que esse era o nome do passarinho e que não empregavam outra palavra no lugar.

Nas demais faixas etárias, os participantes disseram empregar “passarinho” ao invés de “tiziu” (1 caso entre 10-15 anos e 1 entre 30-45 anos). Para Santos (2015, p. 9), a linguagem é o lugar onde as normas, os comportamentos e as representações de ética, moral, humanidade se manifestam. Por isso, os participantes afirmam usar outros termos para “tiziu” com o sentido de “pessoa afrodescendente, mas, por outro lado, afirmam que ainda usam “tiziu” no sentido de “pássaro”.

A opção por palavras mais socialmente “aceitas” também ocorreu com “falada”, no sentido de “mulher que possui má fama ou prestígio social”. Entretanto, essa opção foi apenas na terceira idade. Entre os mais jovens e a faixa intermediária não percebemos essa preocupação. Talvez isso seja resultado de uma mudança social, uma vez que, antigamente, as pessoas se sentiam mais constrangidas ao falar de questões que envolvem a sexualidade. Na maioria das vezes, principalmente em cidades do interior como Sales Oliveira, a palavra “falada” era usada quando uma moça mantinha relações sexuais com os moços com os quais ela se relacionava. Por isso, as pessoas entre 70-95 anos ao serem questionadas sobre quais palavras empregavam nessa situação, falaram coisas como “tal pessoa está em uma fase ruim”, “ela é assim.... assim”, ou seja, não usam termos de baixo calão e nem ofensivos, o que não ocorre, por exemplo, entre os mais jovens, que empregam termos como “rodada”, “pratinho de micro-ondas”, “biscateira”. Embora essas expressões possam variar, o preconceito ainda está presente. Na faixa etária entre 10-15 anos, os termos que aparecem são reflexos de uma sociedade em que tem se tornado cada vez mais comum falar de sexo, inclusive com mais abertura para as mulheres. Como consequência disso, ao contrário dos mais idosos que possuem uma maior dificuldade e até mesmo um sentimento de vergonha, os adolescentes relatam essas questões com naturalidade. Embora não possamos comprovar cientificamente, por meio de gravações via vídeo, visto que optamos por não gravar o participante com imagem para que este se sentisse mais à vontade na presença da pesquisadora, ficou nítido que, ao serem questionados sobre a palavra “falada”, os mais idosos sentiam mais timidez em responder, ao contrário dos mais jovens que agiam com maior naturalidade. Em alguns casos, como na gravação dos falantes FC,M,F,3,C/ FE,F,F,3,C FW,M,F,3,C/ FY,M,F,3,C percebemos uma certa preocupação dos falantes em não escolher termos que poderiam soar pejorativos ou preconceituosos. O gráfico 28 apresenta os resultados:

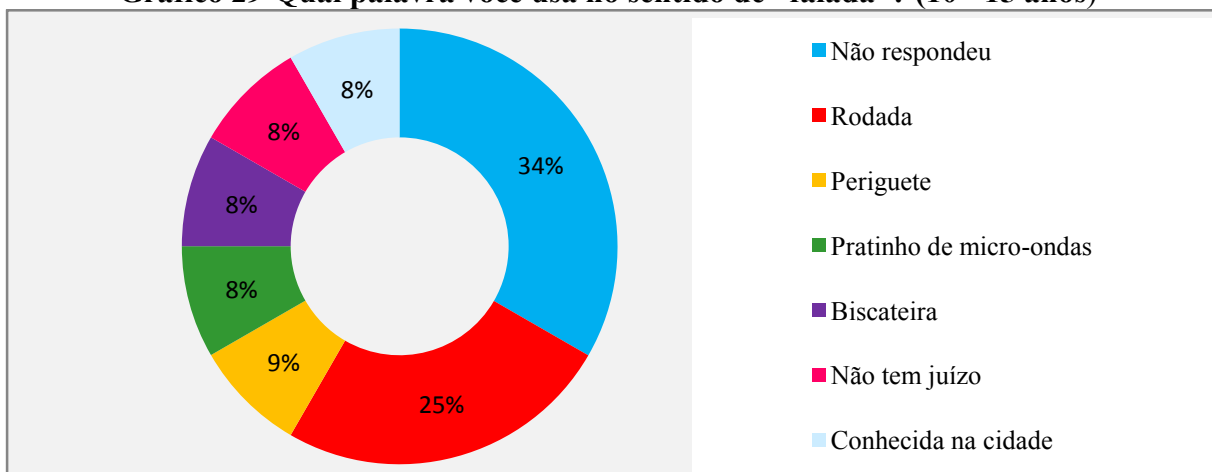
**Gráfico 28-Qual palavra você usa no sentido de “falada”? (70 - 95 anos)<sup>65</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Os resultados do gráfico 28 demonstram, conforme citado anteriormente, uma maior preocupação com as escolhas das palavras na faixa idosa (inclusive, muitos não responderam): percebemos que a relação com a conotação sexual é bem mais implícita do que ocorre, por exemplo, na faixa entre 10-15 anos, conforme gráfico 29:

**Gráfico 29-Qual palavra você usa no sentido de “falada”? (10 - 15 anos)**



**Fonte:** Elaboração própria.

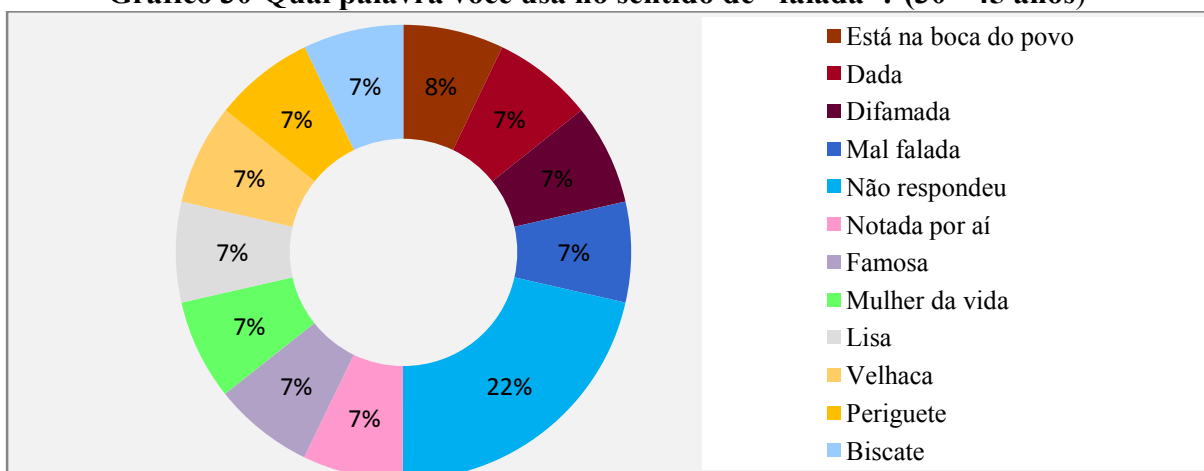
Os adolescentes afirmam empregar mais palavras que nos remetem a uma relação direta com a conotação sexual, uma vez que denominam as mulheres “faladas” como “rodada” ou “pratinho de micro-ondas” como se fizessem uma relação com estar “gasta” no sentido de ter usado por diversas vezes o órgão sexual. Além dessa expressão também empregam “biscateira”, derivado de “biscate”, que popularmente faz referência às mulheres que são mais sedutoras ou que se utilizam com grande frequência da aptidão sexual que

<sup>65</sup>28%: 3 ocorrências e 9%: 1 ocorrência.

possuem. O “conhecida na cidade” faz alusão às profissionais do sexo, que em alguns casos, se tornam famosas, reconhecidas pelo trabalho que desempenham.

O emprego por termos mais relacionados ao sexo também foi muito citado na faixa etária intermediária. Percebemos que, diferente dos mais velhos, os adultos também não ficam tímidos em elencar as palavras que empregam. Isso pode ocorrer devido ao fato de muitos adultos terem, durante suas vidas escolares, aulas sobre sexualidade, em que eram apresentados, ainda que de forma tímida, os órgãos sexuais masculinos e femininos. Ou seja, diferente dos mais idosos que eram proibidos de falar sobre sexo ou até mesmo falar a palavra “sexo”, os adultos e adolescentes, por terem tido uma educação sexual um pouco menos punitiva ou rígida, conseguem usar palavras que forma mais explícita. O gráfico 30 apresenta os resultados dos adultos:

**Gráfico 30-Qual palavra você usa no sentido de “falada”? (30 - 45 anos)<sup>66</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

As expressões “está na boca do povo”, “notada”, “difamada”, “mal falada” e “famosa” retratam a inexistência de um comportamento que seja aceitável socialmente: por isso, o povo comenta, pois tal comportamento não se encaixa em padrões éticos/ sociais/ morais aceitos. Já “lisa” e “velhaca” remontam à esperteza das mulheres que por meio do sexo iludem seus companheiros para conseguirem ascender social ou economicamente. Os adultos chegam a fazer relação direta com o ato sexual ao empregarem “dada”, no sentido de que essas mulheres dão (expressão popular para transar) muito ou que são “dadas” por serem muito amáveis, fáceis de lidar: eis, portanto, uma ambiguidade.

<sup>66</sup>22%: 3 ocorrências e 7% e 8%: 1 ocorrência.

A expressão “mulher da vida”, ainda, socialmente, é muito comum quando se refere às profissionais do sexo: prostituta, mulher da vida, mulher de zona são palavras que aparecem como forma de designar popularmente essas profissionais.

## 6.6 Palavras homógrafas

Desde a chegada do português ao Brasil, surgiu uma grande necessidade de dar nomes às coisas que, até então, nunca haviam sido vistas pelos olhos lusitanos.

Para Pietroforte e Lopes (2008, p. 125), as definições de uma palavra ocorrem na relação que elas possuem umas com as outras, sendo estas relações de sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, paronomásia, homonímia e polissemia.

Por sinonímia, compreendemos aquele termo que pode ser substituído por outro, em um determinado contexto comunicativo, como por exemplo, as palavras “jovem” e “novo”. Podemos dizer que uma pessoa é jovem ou nova, mas o mesmo não se aplica às coisas: falamos “o carro é novo”, mas nunca “o carro é jovem”. Os autores ressaltam, entretanto, que não existem sinônimos perfeitos, uma vez que as palavras possuem intensidades diferentes (como “lindo” e “bonito, em que “lindo” é mais intenso que bonito), traços de censura (ex: “beato” e “religioso”, em que aquela soa mais pejorativa que esta), níveis de vulgaridade (ex: “trepar”, “transar” e “fazer amor”, em que “trepar” soa mais vulgar que “fazer amor”), dentre outras características. Segundo os autores, tais diferenças entre as palavras estão presentes no discurso e assim sendo, podem ser desfeitas pelo / no próprio discurso (PIETROFORTE; LOPES, 2008, p. 126).

Já a antonímia caracteriza-se como a oposição da sinonímia: enquanto nesta ocorre uma aproximação de sentidos, naquela ocorre justamente o contrário, ou seja, a oposição dos sentidos. Cabe ressaltar, entretanto, que, como não existem sinônimos perfeitos, também não existe a antonímia plena; ou seja, não existe a oposição plena entre duas palavras. Para exemplificar essa afirmação, Pietroforte e Lopes (2008, p. 127), citam as palavras “grande” e “pequeno”. Para os autores, a definição do que é grande e do que é pequeno parte do crivo de um indivíduo. Desta forma, o que é grande para uma pessoa, pode, em determinada situação, não ser para outra. Além de grande e pequeno, os autores citam a palavra “preto”. Qual o contrário de “preto”? “Branco”, talvez a maioria das pessoas respondessem. Em alguns casos, o oposto de “preto” é “branco”, mas em outros, pode ser “colorido” como, por exemplo, no caso da televisão: TV preta e branca x TV colorida (PIETROFORTE; LOPES, 2008. p. 127).

Outra relação apontada como responsável pela delimitação de significado a uma palavra é a hiperonímia. Ora, ao falar sobre hiperonímia, acabamos traçando uma correlação com a hiponímia, pois ambas são fenômenos oriundos da classificação hierárquica do sistema lexical, sendo classificados como hiperônimos os termos que englobam os demais e hipônimos aqueles que são englobados, como exemplo, animal é hiperônimo de mamífero e mamífero é hipônimo de animal (PIETROFORTE ; LOPES, 2008. p. 129).

O quarto tipo de relação apontada como importante para a significação dos termos e suas ligações é a paronomásia. Para Pietroforte e Lopes (2008, p. 130), a paronomásia caracteriza-se por palavras distintas, que não pertencem ao mesmo campo semântico, se aproximam devido à semelhança na escrita, como ocorre, por exemplo, com as palavras “escravo” e “escrevo”. Em um poema, tais palavras podem ser empregadas como forma de aproximação para serem usadas como recurso poético, por exemplo.

Os casos de homonímia e polissemia que, particularmente, são os que mais nos interessam nessa seção, o critério mais utilizado para conseguirmos identificar se uma palavra tem mais de um significado (polissemia) ou se temos duas palavras iguais com significados diferentes (homonímia) é buscar a origem, ou seja, a etimologia das palavras. Para Pietroforte e Lopes (2008, p. 129), a homonímia é resultante de uma coincidência entre significantes iguais e sentidos distintos, como por exemplo, a palavra “manga” para denominar camisa ou fruta. Nesse caso, a origem das palavras é diferente, pois manga de camisa vem de “manica” (latim) e manga de fruta originou-se de “makay” (origem tâmul). Por outro lado, a polissemia caracteriza-se, justamente, pelo processo contrário: a origem da palavra é a mesma, ou seja, o significante é o mesmo, o que muda são as possibilidades de mais de um significado, como ocorre com “vela”: vela de barco ou de material de cera.

Nessa pesquisa, nosso objetivo não é estudar a etimologia de cada expressão “caipira” elencada para verificar se estas são polissêmicas ou homônimas. Portanto, estamos partindo do pressuposto de que “(...) a polissemia e a monossemia estão relacionadas ao uso discursivo que se faz de uma palavra” (PIETROFORTE; LOPES, 2008, p. 131), e que a linguagem é polissêmica, uma vez que os signos são usados em contextos diferentes. Sendo assim, partiremos do preceito de que a palavra “apear”, por exemplo, possui dois significados: descer do cavalo ou pernoitar em algum lugar. Não nos atentaremos em saber se a origem da palavra é a mesma ou não para cada sentido. Em alguns casos, não apresentaremos uma palavra com dois significados distintos, mas palavras que possuem classes gramaticais diferentes como,

por exemplo, a palavra “puxado” pode designar um estado de cansaço (adjetivo) ou aumento de um cômodo (substantivo) e são, portanto, palavras distintas, mas com a mesma grafia<sup>67</sup>.

As palavras analisadas nessa parte do estudo foram: apear, folgar, Judas, mancar, perrengue, piá, pinicar, puxado, reinar, sapecar e varar.

Ao serem questionados sobre o emprego da palavra “apear” no sentido de descer do cavalo, os participantes da pesquisa localizados entre as faixas etárias de 30-45 anos e 70-95 anos afirmaram empregar (5 participantes entre 30-45 anos e 5 entre 70-95 anos). Entre os mais jovens, nenhum afirmou empregar essa palavra e apenas 2 adolescentes afirmaram já ter ouvido alguém empregar essa palavra, índice esse que foi de 70% entre 30-45 anos (7 participantes) e 100% entre 70-95 anos (10 participantes).

Essa discrepância entre os resultados nos mostra que a palavra “apear” no sentido de “descer do cavalo” foi mais citada pela população mais velha da cidade. Um dos motivos que pode justificar esse resultado está no fato dos mais jovens não se utilizarem do cavalo como um meio de locomoção com tanta frequência, como ocorria na época mais antiga, quando eram raros os salenses que tinham um carro e utilizavam-se dele como forma de transporte. Atualmente, a maioria das pessoas que andam a cavalo fazem isso como forma de lazer e não como necessidade por ser o único meio de locomoção que possuem.

Ao serem questionados sobre quais expressões empregavam, os mais jovens mostraram preferência pelo verbo “descer”, que correspondeu a 8 ocorrências obtidas (66,7%), seguida dos verbos: pular (16,7% - 2 ocorrências), desmontar (8,4% - 1 ocorrência), considerando 8,4% para “não responderam”. É curioso o fato de aparecer nos resultados o verbo “desmontar”, pois, geralmente, esse verbo costuma ser empregado no sentido de “desmontar” coisas e objetos, sendo raro seu emprego relacionado aos cavalos. A participante FJ,F,F,1,U foi quem disse falar o verbo “desmontar”. Ao ser questionada sobre qual palavra empregava, a participante respondeu que utilizava o verbo “descer” e o “desmontar: “(...) desmontá... sei lá se existe essa palavra (...)” (FJ,F,F,1,U). Mediante a fala da participante, percebemos que até ela mesma tem dúvidas sobre o emprego desse verbo para animais.

O verbo “desmontar” só apareceu na fala de FJ,F,F,1,U. Nas demais faixas etárias, o verbo “descer” foi o mais representativo: 8 ocorrências (61,5%) entre os falantes de 30-45 anos e 8 ocorrências (66,7%) entre 70-95 anos. Dentre outras ocorrências, na faixa etária dos 30-45 anos temos: “pular” com 3 das ocorrências (16,7%), “sair” com 1 ocorrência (7,7%) e “vaza” com 1 ocorrência também (7,7%). Dentre os resultados obtidos, nos chama a atenção o

---

<sup>67</sup> Isso só ocorre com as palavras “puxado” e “piá”



emprego de “vazar”, uma expressão muito popular, empregada no sentido de “sair”, “ir embora”. O participante FU,M,M,2,C fez uso de uma expressão popular, ou seja, de uma gíria, relacionando o sentido de “sair” com o ato de deixar o animal, sair de cima do animal.

Na faixa etária dos 70-95 anos, além do verbo “descer”, tivemos ocorrência dos verbos “pular” (16,7% - 2 ocorrências), “desembarcar” (8,4% - 1 ocorrência) e “apear” (8,4% - 1 ocorrência). Sobre esse último dado, ressaltamos que, na hora em que foi feita a pergunta, a entrevistadora perguntou se o participante empregava [apia]. Quando questionado se o participante FY,M,F,3,C fazia uso da palavra [apia], este disse que sim, que a empregava. Depois, quando a pesquisadora perguntou quais outras palavras o participante empregava no lugar de [apia], FY,M,F,3,C disse que falava “apear” também. É interessante observarmos, nesse caso, como os aspectos fonéticos são perceptíveis aos falantes e o quanto eles podem ser considerados na hora em que o falante faz julgamento de valor sobre a língua. Inobstante o fato de “apear” e “apiar” serem as mesmas palavras, o falante mostra que domina a forma mais coloquial e a menos coloquial ou mais culta, nesse caso.

Também nos chama a atenção o fato de ter aparecido a palavra “desembarcar” para descer do cavalo. O falante FC,M,F,3,C, quando questionado sobre o fato de ser ou não “caipira”, afirmou que não era. Embora não possamos comprovar por meios científicos, a impressão que tivemos, durante a realização da pesquisa, era a de que o falante estava buscando negar os traços que pudessem fazer com que ele parecesse “caipira”. Dessa forma, ao ser questionado sobre o fato de empregar “apear”, o falante disse que não, que usava a expressão “desembarcar”. Sendo assim, o participante FC,M,F,3,C optou por uma palavra que, ao ser comparada com apear, soava muito mais formal e, portanto, mais culta também. Vale ressaltar que, durante a pergunta, a pesquisadora não usou “apear” e sim, “apiar”. Isso pode ter contribuído também para dar um caráter de cunho popular, expressão não tão culta / formal e levado o falante a dizer que emprega uma palavra mais “sofisticada”, embora quase não seja muito comum a associação de “desembarcar” para cavalos.

Sobre o emprego do “apear” no sentido de passar a noite, pernoitar em algum lugar, percebemos que os salenses não identificam essa palavra - com esse sentido - em suas falas: apenas 2 falantes entre 70-95 anos afirmaram utilizar-se dessa palavra e, nas demais faixas etárias, nenhum falante disse empregar essa expressão. Dentre as palavras que foram elencadas com o sentido de “passar a noite”, entre os jovens, temos: “posar” (60% - 5 ocorrências), “passar a noite” (30% - 2 ocorrências), “madrugar” (20% - 2 ocorrências) e “dormir lá” (10% - 1 ocorrência).

Na faixa etária intermediária, os sinônimos encontrados foram: “posar” (28,6% - 4 ocorrências), “passar a noite” (21,5% - 3 ocorrências), “fiquei fora naquele lugar à noite” (7% - 1 ocorrência), “estou fora” (7% - 1 ocorrência), “pegar um bonde” (7% - 1 ocorrência). 21.5% não responderam. Cabe observar que a expressão “pegar um bonde” foi a mais destoante das respostas apresentadas. Essa expressão foi falada pelo participante FP,M,M,2,U. O entrevistado FP,M,M,2,U apresentou, durante as gravações, um comportamento muito “aberto” para a entrevista. Talvez pelo fato de ter amizade com a entrevistadora, o entrevistado se mostrou bem falante e confortável durante a gravação e isso pode ter feito com que este se sentisse mais à vontade para expor quais palavras empregava, por isso, encontramos na fala de FP,M,M,2,U muitas gírias. Logo, “pegar um bonde” apareceu como uma forma para “posar”.

Enquanto FP,M,M,2,U mostrou um comportamento mais descontraído, quando questionado sobre qual expressão empregava, o participante FC,M,F,3,C, da faixa etária entre 70-95 anos, afirmou empregar a expressão “vai hospedar”. Esse participante faz uso de expressões mais formais, que não fazem parte do vocabulário mais popular. FC,M,F,3,C não se considera “caipira”, pois, para ele, um dos aspectos que caracterizam uma pessoa ser ou não “caipira” é o modo como ela fala. Podemos observar isso, no trecho de entrevista a seguir. Cabe ressaltar que a identidade do participante será mantida em sigilo e que a letra “P” corresponde à palavra “pesquisadora”:

*P:* O seu FC,M,F,3,C... que qui é se caipira pu senhor? por exemplo... o senhor fala “ ah... fulano é caipira”... que qui é sê caipira?

*FC,M,F,3,C:* Sê caipira pra mim ... era um povo qui ... antigamente trabaivava na roça... morava im fazenda... intãu tinha o apilido de sê caipira...<sup>68</sup>

Nota-se pelo trecho da fala do participante que ele acha que ser “caipira” tem ligação com a roça, com o meio rural. Quando questionado sobre o fato de ser “caipira”, FC,M,F,3,C responde:

*P:* O senhor acha qui o senhor é caipira... seu FC,M,F,3,C?

*FC,M,F,3,C:* Eu?

*P:* É...

*FC,M,F,3,C:* Na minha cabeça eu acho qui eu não sô... as vez pode tem gente qui fala alguma coisa qui a gente vacila uma palavra.. erra ... faiz um

<sup>68</sup> Cabe ressaltar que as transcrições apresentadas no corpo da tese foram realizadas mediante modelo utilizado pelo grupo de pesquisa SoLAr (baseado em Lucchesi), do qual a pesquisadora faz parte. As palavras foram transcritas mediante o modo como o participante e a pesquisadora falaram. No caso do “r” pronunciado como retroflexo, optamos por colocar a ortografia padrão da palavra, ou seja, sem os aspectos fonético/ fonológicos.

gesto ..tal isso aqui... intãu tem tudo isso... hoje cênum pode jogá nada fora ... qui tudo mundo tá em cima do outro... quarqu coisinha o zotro repara... fala uma palavra errada ne?

*P:* Huhum...

*FC,M,F,3,C:* Intãu a gente procura... mais ...

*P:* Mais o senhor acha quio senhor não é?

*FC,M,F,3,C:* Não... no meu modo eu acho qui eu não sô... porque eu cunverso cum tudo mundo...tal... isso aqui... porque o caipira arrasta... o caipira fala coisa errada... cê entendeu?

*P:* Ahã...intendi...

Através do trecho da entrevista do participante, percebemos que, na opinião dele, o “caipira” fala errado: como o entrevistado não se julga “caipira”, opta por responder palavras “difíceis”, ou seja, palavras que são mais formais, mais cultas e que não seriam faladas por um “caipira”. A preocupação com as palavras que escolhe está além do fato do falante achar feio ou incorreto o modo como o “caipira” fala: esta reside na imagem que o “outro” pode fazer dele. Nesse caso, é como se as pessoas que não fossem “caipiras” esperassem por um “deslize” linguístico do falante para caracterizá-lo como sendo “caipira”. Essa é, infelizmente, uma triste realidade, pois o falante é julgado pelo modo como fala, como se falar “caipira” fosse um erro grave, que devesse ser evitado. Sendo assim, o falante acaba se policiando, muitas vezes, “camuflando” o modo como fala para não sofrer preconceito.

As demais ocorrências da faixa entre 70-95 anos encontradas para a palavra “aprear” no sentido de “passar a noite”, além de “ hospedar” (10% - 1 ocorrência) foram: dormir na casa de alguém (10% - 1 ocorrência), ficar a noite (10% - 1 ocorrência), passar a noite (20% - 2 ocorrências) e 50% não responderam.

Além da palavra “aprear”, também foi realizada uma pesquisa com a palavra “folgar”, com sentido de tirar folga do trabalho ou de divertir-se às custas de alguém, vulgo “zoar”. Quando a palavra “folgar” é empregada no sentido dicionarizado, percebemos que sua aceitação é alta em todas as faixas etárias: 60% falantes de 10-15 anos, de 30-45 anos e 70-95 anos. O mesmo não ocorre quando a palavra é empregada com o sentido de “zoar” alguém, ou seja, quando é gíria. Quando questionados se falavam a palavra “folgar” com o sentido de divertir-se às custas de alguém, o resultado mais alto foi obtido apenas entre os mais jovens: 70%. Na faixa intermediária, o índice de pessoas que responderam “sim” foi de 40% e na terceira idade foi de 20%.

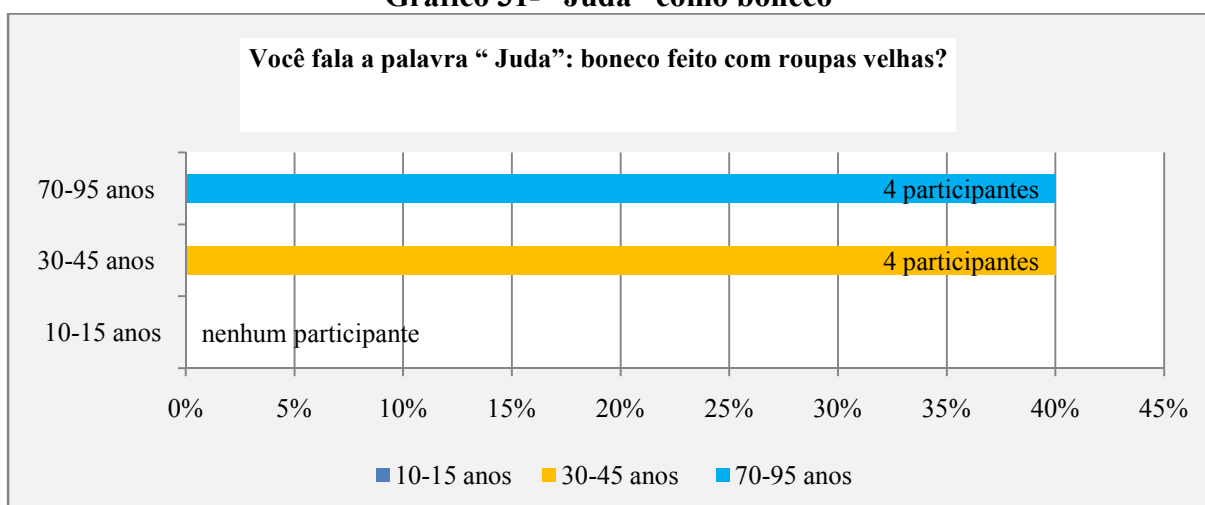
Quando questionadas sobre quais palavras empregavam com o sentido de “divertir-se às custas de alguém”, os participantes entre 70-95 anos deram como respostas “zombar”(9% - 1 ocorrência), “tirar sarro” (9% - 1 ocorrência) , “gozar com a cara de alguém”(18% - 2 ocorrências) e 63,6 % não respondeu. Os jovens entre 10-15 anos ao serem questionados

sobre quais palavras usavam, responderam: “chata” (7,7% - 1 ocorrência) “parar de zoar” (7,7% - 1 ocorrência), “tá me tirando” (15,4% - 2 ocorrências), “mexendo” (7,7% - 1 ocorrência), “tá fazendo graça” (7,7% - 1 ocorrência), “tá mamando” (7,7% - 1 ocorrência), “já tá irritando” (15,4% - 2 ocorrências), “tá de brincadeira” (7,7% - 1 ocorrência), “zoar” (7,7% - 1 ocorrência). 7,7% não responderam. É notória a grande quantidade de expressões que os jovens apresentaram para essa situação comunicativa. Além disso, percebe-se que nenhuma expressão elencada pelos mais antigos encontra-se entre os termos falados pelos mais jovens. Entretanto, na fala da faixa intermediária, 16,7% responderam empregar a expressão “tirar sarro”, assim como aparece na faixa etária entre 70-95 anos.

Ao serem questionados sobre a palavra “folgar” com o sentido de “folga de trabalho”, a maioria dos participantes disseram fazer uso dessa palavra. Ao serem questionados sobre quais palavras utilizavam no lugar de “folgar”, as respostas foram bem parecidas entre as três faixas etárias, destacando-se em todas elas as palavras “folga/ folgar” (23% entre 10-15 anos; 30,8 % entre 30-45 anos e 10% entre 70-95 anos) e “descansar” (15,4% entre 10-15 anos; 7,7% entre 30-45 anos e 30% entre 70-95 anos).

Além das palavras “aprear” e “folgar”, também foi questionado aos participantes da pesquisa se eles já haviam ouvido ou falado a expressão “Judas” no sentido de pessoa infeliz e no sentido de boneco feito com roupas velhas. Os resultados obtidos demonstraram que os participantes mais jovens disseram não empregar a expressão “Judas” (em nenhum dos dois sentidos): apenas os mais velhos e os da faixa intermediária responderam de forma afirmativa para o emprego dessa palavra.

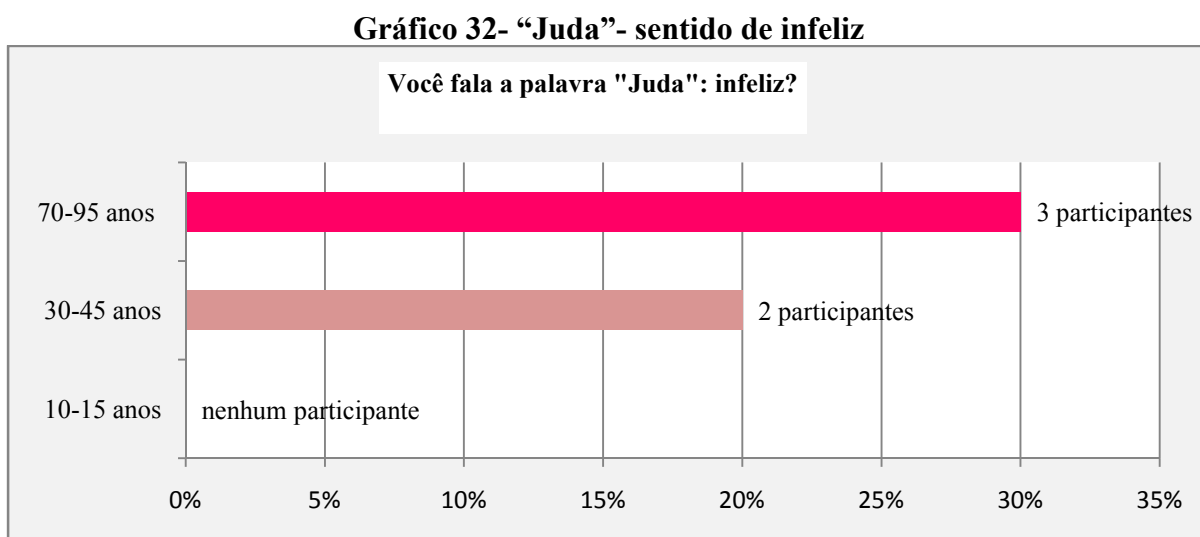
**Gráfico 31- “Juda” como boneco**



**Fonte:** Elaboração própria.

Pelo gráfico 31 fica claro que os mais jovens dizem não empregar a palavra “Juda” utilizada para designar os bonecos com roupas velhas que eram feitos durante as quermesses. Atualmente, não existe mais essa tradição na cidade, pois as quermesses, outrora realizadas nas ruas das árvores, não acontecem mais. Devido às mudanças culturais da cidade, os jovens, por não vivenciarem essa tradição antiga (malhar o Judas), não se reconhecem como falantes dessa palavra.

O desconhecimento desse tipo de tradição também se reflete quando os mais jovens são questionados se empregam a palavra “Juda” com o sentido de infeliz. Nenhum adolescente respondeu de forma assertiva essa questão, conforme gráfico 32:



**Fonte:** Elaboração própria.

Dentre as expressões apontadas pelos jovens estão: “infeliz” (27,5% - 3 ocorrências), “triste” (9% - 1 ocorrência), “não dar bola” (9% - 1 ocorrência), “estressou” (9% - 1 ocorrência). 45,5% não responderam. Já na faixa intermediária, temos 1 ocorrência (8,4%) para “pobre”, 1 ocorrência (8,4%) para “coitado”, 2 ocorrências (16,8%) para “infeliz”, 1 para “mal amada” (8,4%), 1 para “estar infeliz com a vida” (8,4%), e 50% para “não respondeu”. Na faixa etária de 70-95 anos já surgem palavras ligadas ao boneco “Juda”, das quermesses, como em “sofre que nem um Judas” (10% - 1 ocorrência), “palhaço” (10% - 1 ocorrência), “tão mal arrumado” (10% - 1 ocorrência).

O sofrer como um “Judas” faz referência ao fato das pessoas baterem no boneco, durante a quermesse, com pedaços de pau para destruí-lo. Em algumas situações, ateavam fogo ao boneco para que sua destruição fosse mais rápida. Ao dizer que a pessoa sofre como um Judas, o participante remete ao fato das pessoas, antigamente, baterem no boneco. As

expressões “palhaço” e “tão mal arrumado” também reportam aos bonecos das festividades: ora, esse boneco era vestido com roupas velhas, que não eram mais usadas, logo, não estava na moda e, muitas vezes, o Judas era vestido com roupas que não combinavam entre si.

Além dessas expressões, também foram citadas “tem de misericórdia” (20% - 2 ocorrências), “bobo” (10% - 1 ocorrência). 50% “não responderam”.

Durante a pesquisa, também foi questionado aos falantes se eles falavam a palavra “mancar” (“mancá”) com os sentidos de “manquejar” e de “falhar com alguém”. Quando questionados se utilizavam a palavra “mancar” com sentido de “manquejar”, mediante os índices propostos, percebemos que a faixa etária entre 70-95 anos não reconhece usar muito essa expressão, uma vez que, apenas 3 participantes responderam de forma positiva ao questionamento. Tal resultado foi o oposto do que aconteceu entre as faixas de 30-45 anos e 10-15 anos, pois nesta, o índice chegou a 90% e naquela a 80% dos participantes. Ao investigarmos o motivo pelo qual os participantes mais velhos disseram não falar a palavra “mancar” com o sentido de “manquejar”, nos deparamos, novamente, com a questão do politicamente correto na língua. A busca por palavras que pareçam mais aceitáveis socialmente pode ser visto, por exemplo, na fala de FC,M,F,3,C, quando questionado sobre qual expressão usava. Abaixo, segue o trecho da entrevista:

*P: Quando uma pessoa tá mancando... como o senhor fala? Mancando?*

*FC,M,F,3,C: É... eu falo... coitada... ela tá com deficiência... tá isso aqui né... isso aí...*

*P: Ahã... deficiência...*

*FC,M,F,3,C: É.*

*P: Então o senhor não fala, né seu FC,M,F,3,C?*

*FC,M,F,3,C: Não.*

Ao observarmos o trecho transcrito, percebemos que o falante diz não usar “mancando”, mas sim, “deficiente”. O participante, quando questionado a primeira vez, responde “sim” quando a pesquisadora pergunta se ele fala “mancando”. Mas, depois, diz falar deficiência. Quando a pesquisadora o questiona novamente (“o senhor não fala (mancando) né, seu FC,M,F,3,C?”), ele afirma, com ênfase, que não.

A escolha por uma expressão politicamente mais correta também esteve presente na fala do participante FP,M,M,2,U. Ao ser questionado sobre qual palavra empregava, FP,M,M,2,U disse que usava “claudicando”. Abaixo, segue um trecho da entrevista. A pesquisadora (P) perguntou se o falante FP,M,M,2,U falava a palavra “mancar” no sentido de manquejar:

*P:* Cê fala... FP,M,M,2,U?  
*FP,M,M,2,U:* Falo... mancano... claudicano... um monte de coisa né?  
 {silêncio}  
*P:* Claudicano?  
*FP,M,M,2,U:* Isso... é ... o certo é falá caludicar né?  
*P:* é? Eu num sabia FP,M,M,2,U.  
*FP,M,M,2,U:* É.  
*P:* Ai... que chique...  
*FP,M,M,2,U:* É verdade.  
*P:* é?  
 FP,M,M,2,U: Ahã.  
*P:* Ai FP,M,M,2,U... num sei... toa prendeno ... tem um monte de coisa que to aprendeno...  
 {risos da pesquisadora e do entrevistado}  
*FP,M,M,2,U:* Cê é professora...  
*P:* Eu num sabia...

Observa-se pelo trecho extraído da fala de FP,M,M,2,U duas situações interessantes: a ideia de padrões de certo e errado na língua e a influência da escola como detentora do falar “correto” e culto. Quando questionado sobre a palavra “claudicar”, o participante afirma que esta é a forma “certa”, como se a forma “mancar” fosse a errada, talvez, por ser a mais popular. A oposição certo e errado sempre esteve presente na língua: infelizmente, considera-se certa a forma de maior prestígio social e/ou a ensinada na escola. Essa situação nos leva a tecer a hipótese de que a admiração do participante em relação ao fato da pesquisadora ser professora de língua portuguesa e desconhecer a palavra “claudicar” pode estar justamente na expectativa que é criada ao redor das instituições de ensino: de que elas são as detentoras de saber, de conhecimento, da forma “correta” de falar, logo, espera-se das pessoas que ali trabalham que tenham conhecimento das formas mais padrão. A fala do participante apenas reflete um discurso que sempre foi veiculado socialmente: que é na escola onde aprendemos português.

Os demais participantes apresentaram expressões como: “ameaçando chute”, “perna torta” e “manquitola”. A tabela 6 mostra os resultados obtidos:

**Tabela 6- Palavras com o sentido de “manquejar”**

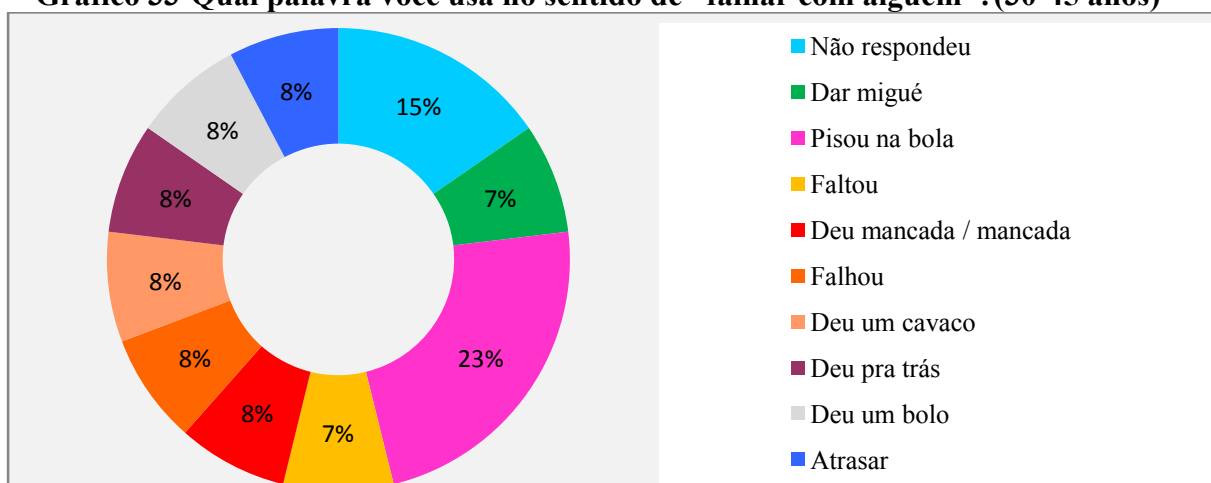
<b>10-15 anos</b>	Mancando	1 ocorrência
	Manquitola	1 ocorrência
	Perna torta	1 ocorrência
	Não respondeu	7 ocorrências
<b>30-45 anos</b>	Mancando	1 ocorrência
	Manquitola	1 ocorrência
	Claudicando	1 ocorrência
	Não respondeu	7 ocorrências
	Ameaçando o chute	1 ocorrência

<b>70-95 anos</b>	Mancatolando	1 ocorrência
	Estar com deficiência	1 ocorrência
	Mancando	3 ocorrências
	Não respondeu	4 ocorrências

**Fonte:** Elaboração própria.

Os mais jovens empregam expressões menos formais com maior facilidade, enquanto a faixa etária intermediária optou ora para palavras mais formais, ora por mais populares. Esse é o caso da palavra “mancar” com o sentido de “falhar com alguém”. Geralmente, essa expressão é usada quando uma pessoa combina algo com outra e não cumpre o prometido. Usa-se, então, a expressão “Você mancou comigo”. Ao serem questionados se já haviam empregado essa palavra 4 jovens e 4 participantes mais velhos disseram que sim, enquanto 7 participantes entre 30-45 anos afirmaram fazer uso dessa expressão. Ao serem questionados sobre quais palavras utilizam com o sentido de “falhar com alguém”, os participantes entre 30-45 anos apresentaram um lista bem extensa, conforme gráfico 33:

**Gráfico 33- Qual palavra você usa no sentido de “falhar com alguém”? (30-45 anos)<sup>69</sup>**



**Fonte:** Elaboração própria.

Mediante os resultados apresentados no gráfico 33 podemos observar que o “leque” de opções na faixa intermediária é muito grande e abrange desde expressões mais formais como “atrasar”, “faltou ao compromisso”, “falhou”, como as mais informais: “dar cavaco”, “dar bolo”, “pisar na bola” e “dar para trás”.

Na faixa entre 70-95 anos, as palavras elencadas foram: “dobrar” (10% - 1 ocorrência), “tapear” (10% - 1 ocorrência), “pisar na bola”. Já dentre as mais formais temos: “prometer e não cumprir” (10% - 1 ocorrência), “não foi” (20% - 2 ocorrências), “faltou com

<sup>69</sup> 8% e 7%: 1 ocorrência; 15% corresponde a 2 ocorrência e 23% corresponde a 3 ocorrências de palavras ou expressões.



o compromisso” (10% - 1 ocorrência), “não cumprir com o que fala” (10% - 1 ocorrência). 10% não responderam. Ao contrastar os resultados obtidos entre os salenses com 30-45 anos e os de 70-95 anos, percebe-se que a faixa etária mais velha apresenta um leque maior de palavras mais formais, enquanto na faixa intermediária as expressões são mais populares. Entre os mais jovens, aparece apenas uma expressão formal- “deixar esperando” (10% - 1 ocorrência). Os demais foram expressões mais populares, como; “dar mancada/ mancada” (220% - 2 ocorrências), “dar bolo” (10% - 2 ocorrências), “dar relaxo” (20% - 2 ocorrências) e 40% para “não responderam”.

O dado mais formal entre os jovens de 10-15 anos foi proferido pela participante FJ,F,F,I,U, uma adolescente que gosta muito de ler (ela disse isso durante a entrevista realizada).

*P: Cê usa outra palavra no lugar... sem sê mancá?*

*FJ,F,F,I,U: É.. eu uso... peraí.... só lembrá...*

*P: Pode lembrá...*

*{silêncio}*

*FJ,F,F,I,U: Me dexô isperano...*

*P: Me dexô isperano...*

*FJ,F,F,I,U: É.*

Quando, em outra parte da entrevista, a participante FJ,F,F,I,U foi questionada sobre ser ou não “caipira”, a adolescente disse que chegou a comparar o modo como ela fala com o modo como as personagens das novelas falavam. Essa foi a resposta obtida quando a pesquisadora perguntou se a jovem era “caipira”:

*FJ,F,F,I,U: Eu já... eu já até pensei nisso pelo modo como eu falo... porque por exemplo quando cê [intel] na novela as pessoas fala “porta” {“r” pronunciado como tepe}... essas coisas... eles coloca assim nos filme ...nas novela... eu já até me considerei ... mais num diria assim ...“ai aquela caipira”.... acho que não....*

*P: Não... por que ...qu icê acha qui não é? Que qui cê tem di diferente?*

*FJ,F,F,I,U: Qui apesar deu falar “porta” { falado como retroflexo}eu sempre morei na cidade....*

*P: Ahã... intaum pra você caipira tem que mora na roça?*

*FJ,F,F,I,U: É... ou pelo menos vim de lá...qui nem meu pai... eu num considero ele caipira por intero ... mais até os quatro não ele moro lá ... na fazenda...*

*P: Huhum*

*FJ,F,F,I,U: Entendeu... intão... “ah [intel] roça cê é caipira”?não... eu já vejo como uma piada sabi...*

*P: {Intel}*

*FJ,F,F,I,U: Ai caipira...veja como uma brincadera....*

Mediante o trecho acima transcrito, torna-se mais claro observar que a adolescente não se julga “caipira” por nunca ter morado na zona rural. Entretanto, percebemos que a participante da entrevista compara seu modo de falar com o modo como as personagens das novelas e dos filmes falam. Ela consegue reconhecer que seu “r” é retroflexo e, portanto, diferente do “r” falado como tepe. Embora reconheça que seu sotaque tem aspectos diferentes de outras pessoas, a princípio, não considera isso como justificativa para ser denominada de “caipira”, pois, para a adolescente, ser “caipira” está mais associado ao lugar onde a pessoa mora e não como a pessoa fala. Entretanto, se formos analisar a fala da garota com maior profundidade, perceberemos que o discurso proferido pela jovem traz a relação entre língua e identidade. A partir do momento que FJ,F,F,1,U se questiona sobre ser ou não “caipira” pelo modo como fala, a garota reconhece que, mesmo que não compactue com essa opinião, existe uma relação entre o que falamos com quem somos ou passamos a impressão de ser.

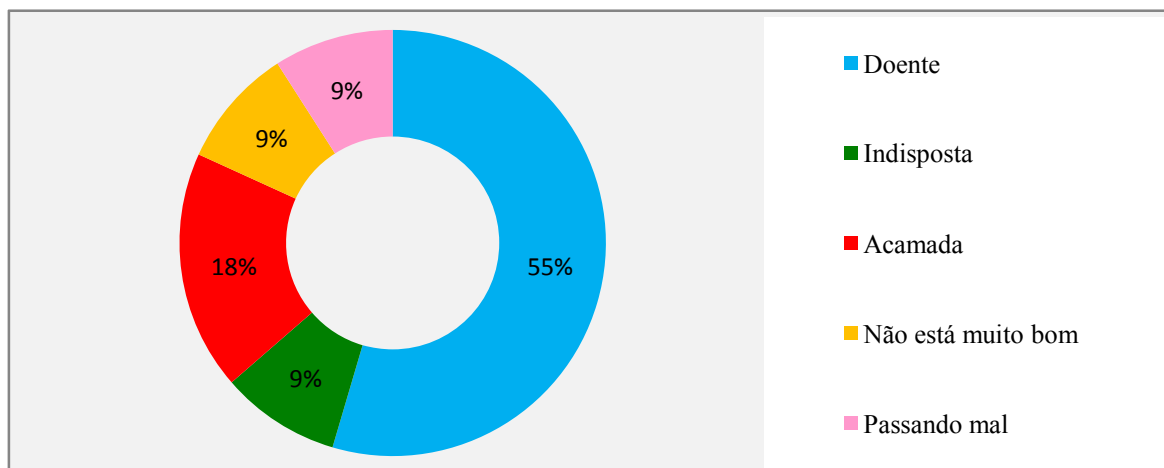
A expressão popular “perrengue”, seja com o sentido de “imprestável” ou com o sentido de “caindo aos pedaços”, também se mostrou muito mais popular entre os mais jovens e a faixa intermediária do que entre os mais velhos. Quando questionados se empregavam a palavra “perrengue” no sentido de “caindo aos pedaços”, 6 jovens e 5 participantes entre 30-45 anos disseram que sim e apenas 1 participante entre 70-95 anos responderam de forma afirmativa à pergunta. Na faixa mais idosa da população, apenas o falante FW,M,F,3,C afirmou usar essa expressão com esse sentido. Quando questionados sobre quais palavras usavam, os participantes da terceira idade responderam “não está bom” (16,7% - 1 ocorrência) e 83,4% (4 ocorrências) “não responderam”.

Cabe ressaltar que, ao ser realizada a pesquisa, 8 participantes entre 70-95 anos disseram empregar a palavra “perrengue” no sentido de “não estar bem de saúde”. Por isso, o baixo índice obtido na terceira idade, quando questionados se os mais idosos empregavam a palavra “perrengue” como “imprestável”: a grande maioria conhece essa palavra com o sentido de estar doente, não estar bem de saúde ou apresentar algum problema de saúde.

Para os mais velhos, portanto, a palavra “perrengue” é empregada com esse sentido de doença. Quando a pesquisa foi realizada, não esperávamos que, para os falantes, a palavra “perrengue” pudesse assumir esse sentido também. Por isso, não perguntamos aos participantes se eles falavam “perrengue” com o sentido de doente. Os resultados que obtivemos foram oriundos dos comentários dos falantes, no decorrer das entrevistas. Para facilitar a apresentação dos dados coletados, no momento de analisá-los, optamos por separar, na terceira idade, quais expressões estavam relacionadas a “perrengue” como imprestável e quais faziam referência a “perrengue” como doente. Por isso, analisamos de forma separada,

uma vez que os sentidos eram distintos. Como consequência disso, chegamos ao seguinte resultado:

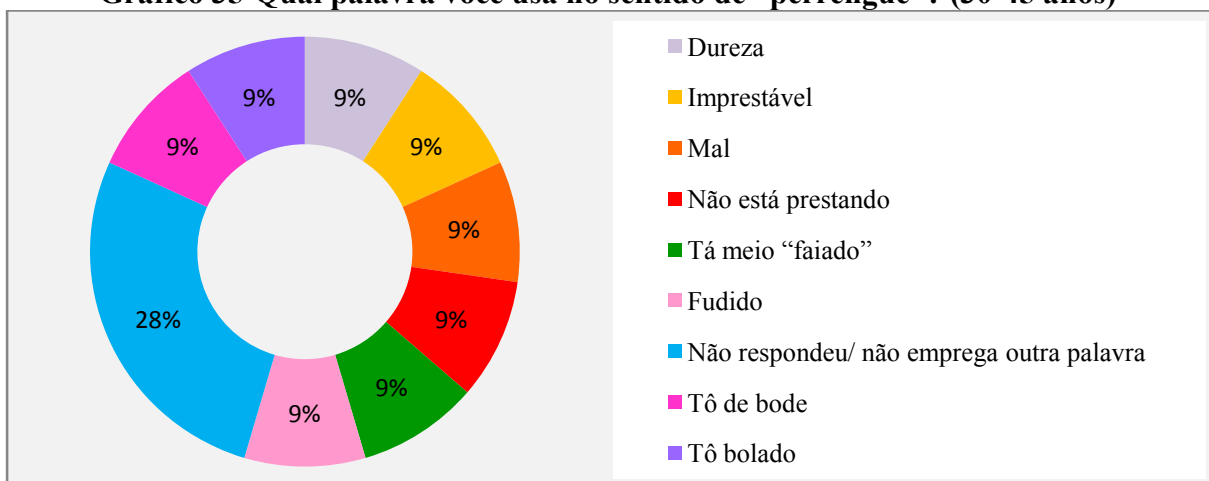
**Gráfico 34-Qual palavra você usa no sentido de “perrengue”? (70-95 anos)<sup>70</sup>**



Fonte: Elaboração própria.

Na faixa entre 30-45 anos, os participantes FH,F,S,2,U/ FP,M,M,2,U e FX,F,S,2,U quando questionados sobre quais palavras empregavam no sentido de perrengue como “imprestável”, acabaram fazendo relação da palavra com o conceito de doença, embora, durante a entrevista, não tivessem manifestado que usavam a palavra com esse sentido. Respectivamente, os participantes responderam: “dureza”, “de bode, bolado” e “mal”. Essas palavras estão mais relacionadas aos estados de indisposição de seres humanos. Logo, podemos dizer que para esses participantes, de certa forma, a palavra “perrengue” também assume o sentido de estar passando mal. Os demais resultados encontram-se no gráfico 35:

**Gráfico 35-Qual palavra você usa no sentido de “perrengue”? (30-45 anos)**



Fonte: Elaboração própria.

<sup>70</sup> 55% correspondem a 6 ocorrências; 18% a 2 ocorrências e 9% a 1 ocorrência.

Entre os mais jovens, percebemos apenas na fala da adolescente FK,F,F,1,C a possível relação com o mal estar físico: “difícil minha vida” (9,10% - 1 ocorrência). Os demais dados obtidos não fazem referência ao estado de saúde: “que ruim” (9,10% - 1 ocorrência), “não tá certo” (9,10% - 1 ocorrência), “não funciona” (9,10% - 1 ocorrência), “não presta” (9,10% - 1 ocorrência) e “não responderam” (45,5% - 4 ocorrências).

Também foi questionado aos participantes se eles falavam a palavra “perrengue” no sentido de “caindo aos pedaços”. A maioria dos falantes mais jovens disseram que “sim”: 6 entrevistados. Entre a faixa de 30-45 anos, 3 participantes confirmaram usar a palavra e 10 participantes entre 70-95 anos também afirmaram falar “perrengue”. Percebe-se que os mais velhos admitem empregar outras palavras, ou seja, as “gírias” ou expressões mais populares por eles faladas não condizem com as que os adolescentes disseram usar, por exemplo.

Na faixa etária dos 70-95 anos, as palavras citadas para “perrengue”, no sentido de “caindo aos pedaços” foram: “tem que trocar” (7,7% - 1 ocorrência), “não tá boa” (7,7% - 1 ocorrência), “está desmanchando” (7,7% - 1 ocorrência), “está estragado” (7,7% - 1 ocorrência), “pode jogar fora” (7,7% - 1 ocorrência), “perrengando” (7,7% - 1 ocorrência), “já deu o que tinha que dar” (7,7% - 1 ocorrência). 46,2% não responderam.

Os termos obtidos na faixa de 30-45 anos são diferentes dos encontrados na terceira idade: aqueles são mais diversos e menos formais. Dentre as expressões coletadas, encontram-se: “não serve para nada” (5,9% - 1 ocorrência), “fodida” (5,9% - 1 ocorrência), “tá um caco” (5,9% - 1 ocorrência), “tá no fim” (5,9% - 1 ocorrência), “tá pobre” (5,9% - 1 ocorrência), “caindo” (5,9% - 1 ocorrência), “destruído” (5,9% - 1 ocorrência), “quebrado” (17,8% - 2 ocorrências), e “caindo aos pedaços” (47% - 8 ocorrências).

A expressão “caindo aos pedaços”, muito comum na faixa entre 30-45 anos, também é a preferida entre os adolescentes: com 3 ocorrências (25%). Na fala dos mais jovens aparecem também as expressões “despedaçando” (8,4% - 1 ocorrência), “desmoronando” (8,4% - 1 ocorrência), “não funciona” (8,4% - 1 ocorrência), “não presta” (8,4% - 1 ocorrência), “quebrado” (16,7% - 2 ocorrências), “lixo” (8,4% - 1 ocorrência). 16,7% não responderam.

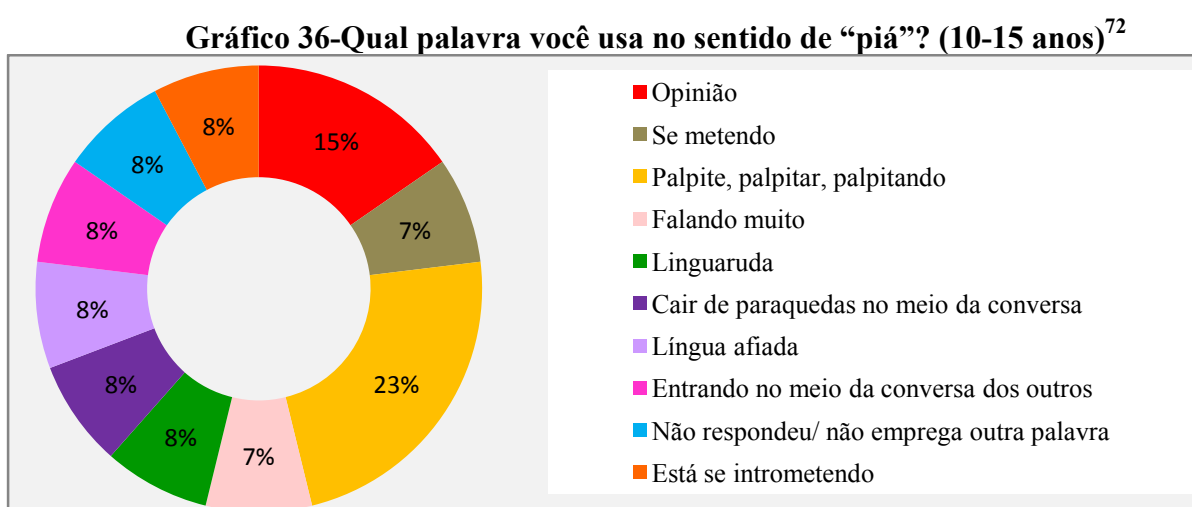
A diferença entre os índices que ocorrem nas 3 faixas etárias pesquisadas também acontece com a palavra “piá”. Esse termo pode abranger dois significantes: palpitar ou menino. Quando uma pessoa palpita sobre determinado assunto, dizemos, informalmente, que ela está “piando”, ou então esta palavra pode ser utilizada para designar “menino, moleque”.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup>A palavra “piá” pode designar palavras de classes gramaticais distintas: substantivo (quando assume o sentido de menino) ou verbo (no sentido de palpitar). Sendo assim, não poderíamos classificá-la como “uma mesma palavra com sentidos distintos”, assim como é intitulada a subseção. Entretanto, optamos por fazer a análise

Ao serem questionados sobre o emprego da palavra “piá” no sentido de palpar, apenas 1 participante entre 70-95 anos afirmou fazer uso dessa expressão. Na faixa etária dos 30-45 anos, 3 falantes disseram usar “piá” e entre os adolescentes, nenhum afirmou empregar essa expressão.

Ao invés de utilizar a palavra “piá”, os mais jovens utilizam-se de uma extensa lista de palavras/ expressões que designam a ação de dar palpite. O gráfico 36 ilustra esses termos utilizados pelos jovens:



Fonte: Elaboração própria.

Nas faixas etárias de 30-45 anos e de 70-95 anos, as palavras mais citadas e, portanto, que obtiveram maior frequência foram as relacionadas ao sentido “piá”: “palpite”: palpitar, palpite/ palpitando com 3 ocorrências (25%). Além dessas expressões, entre 30-45 anos, também tivemos: “piando” (8,33% - 1 ocorrência), “cornetando” (8,4% - 1 ocorrência), “palpiteira” (8,4% - 1 ocorrência), “intrometido” (8,4% - 1 ocorrência), “fala muito” (8,4% - 1 ocorrência) e 25% não responderam. Já na faixa dos 70-95 anos, as palavras apontadas pelos participantes foram: “se mete nas coisas” (8,4% - 1 ocorrência), “lorota” (8,4% - 1 ocorrência), “soprando” (8,4% - 1 ocorrência), “puxa saco” (8,4% - 1 ocorrência). 25% não responderam.

Em relação à palavra “piá” com o sentido de “menino”, apenas três participantes dentre os trinta entrevistados disseram falar essa expressão: FA,M,S,2,U/ FN,M,S,2,U/ FB,M,F,1,U. É necessário esclarecer que os participantes que afirmaram empregar essa palavra tiveram, em algum momento, contato com pessoas do Estado do Paraná. O

dessas palavras nessa subseção, considerando que as grafias das palavras são as mesmas, ou seja, são palavras distintas, escritas da mesma forma.

<sup>72</sup> 8% e 7%: 1 ocorrência; 15%: 2 ocorrências e 23%: 7 ocorrências.

participante FB,M,F,1,U conversa online com um amigo que emprega essa expressão e acaba empregando-a também. Nesse trecho de conversa, o participante esclarece para a pesquisadora o porquê de falar “piá”:

*P:* E o piá de meninu.... você já ouviu?

*FB,M,F,1,U:* Já.

*P:* Já? Quem que fala?

*FB,M,F,1,U:* É... meus amigos do computador... porque eles são curitibanos ... ai eles fala piá.

*P:* Ah... tá... você fala?

*FB,M,F,1,U:* Falo.

*P:* Fala.... em que situação FB,M,F,1,U?

*FB,M,F,1,U:* Quando tô... vou me referi a alguma... algum... algum meninu.... eu falo piá.

*P:* Mais aicê só fala quando cê tá cunversano cum eles ou cê fala normal?

*FB,M,F,1,U:* Eu falo normal.

*P:* Pra qualqué um?

*FB,M,F,1,U:* Ahã...

*P:*Tá.

O trecho da entrevista de FB,M,F,1,U mostra que o garoto diz empregar “piá” porque seus amigos do computador usam. De acordo com Labov (2008, p. 349), as crianças seguem os padrões falados pelos seus pares. No caso do adolescente, embora os resultados da pesquisa demonstrem que “piá” não é uma expressão comum na sociedade salense, o jovem, por ter contato com colegas que empregam essa palavra, o faz também, em uma possível tentativa de ser aceito no grupo no qual ele deseja estar inserido. Ainda segundo o autor, o comportamento linguístico está muito relacionado ao “status” adquirido, ou seja, quem o “outro” acha que eu sou, quem eu sou de fato. Há, portanto, uma relação entre o modo como eu me comporto linguisticamente com a imagem que eu procuro passar (LABOV, 2008, p. 327). Provavelmente, FB,M,F,1,U busca uma aproximação com os amigos curitibanos, logo, adere à forma como eles falam para se sentir inserido no grupo de que eles fazem parte. Para Scherre (2008, p. 42), “temos necessidade de nos identificar com o grupo que nos cerca”.

Esse contato com pessoas de outras comunidades linguísticas também explica o comportamento do participante FA,M,S,2,U. Ao ser questionado sobre o porquê fazia uso dessa expressão, FA,M,S,2,U disse:

{pesquisadora quer saber se o entrevistado já ouviu a palavra “piá” para se referir a menino}

*P:* E o piá de mininu?

*FA,M,S,2,U:* Piá de mininu já.

*P:* Já?

*FA,M,S,2,U:* Já...

*P:* Quem que fala?

*FA,M,S,2,U:* Eu trabalhei com um grupo de... sulistas que eles falavam muito.

*P:* Você fala?

*FA,M,S,2,U:* Não... eu falei quando eu trabalhava cum eles...

*P:* Isso que ia te pergunta...

*FA,M,S,2,U:* Ai eu falava

*P:* Ahã...

*FA,M,S,2,U:* Até eu peguei ... um pouco do... do... do...

*P:* Do sotaque

*FA,M,S,2,U:* Do sotaque deles e falava... meu piá... porque o tio do nosso chefe... meus piá... meus piá de cá... meus piá...

*P:* Ahã... entendi...

Quando o participante FA,M,S,2,U é questionado se fala a palavra “piá”, este comenta que falava, mas que não usa mais; ou seja, como muitas pessoas a empregavam no trabalho, para se sentir inserido no grupo, o participante da entrevista também fazia uso da expressão. Entretanto, esta não é comum na sociedade em que o falante está inserido, logo, como não trabalha mais naquele local, não tem mais contato com os sulistas e não usa mais a palavra. Observamos também que o tio do chefe usava a palavra; ora, fazer uso dessa expressão era estar mais próximo do grupo de pessoas que, dentro de uma empresa, ocupam cargos de chefia e são, portanto, vistas como mais poderosas.

No caso do participante FN,M,S,2,U ocorreu uma situação muito parecida com aquela vivida por FA,M,S,2,U. Aquele, assim como esse, esteve em contato com pessoas de outras regiões que falavam “piá” para denominar “garoto”, “menino”. Mas, ao contrário de FA,M,S,2,U, o participante FN,M,S,2,U diz que ainda continua usando essa expressão, mesmo que com menos frequência do que estava acostumado. O falante FN,M,S,2,U morou por alguns anos em Londrina, no Paraná. Nessa região, segundo o entrevistado, é muito comum o emprego de piá para designar criança. Por estar em contato durante muito tempo com a comunidade linguística paranaense, o participante acabou incorporando a expressão na sua fala. Ao terminar a graduação e voltar para sua cidade natal, Sales Oliveira, FN,M,S,2,U disse que ainda mantinha alguns resquícios desse uso, conforme trecho abaixo:

{entrevistadora pergunta ao participante se ele já havia ouvido a expressão “piá” com sentido de palpitar}

*FN,M,S,2,U:* Piá eu conheço pra criança piquena....

*P:* Ah... e quem... e muita gente usa? {pesquisadora faz referencia a Londrina}

*FN,M,S,2,U:* Lá no Paraná se usa muito isso.

*P:* Cê usa FN,M,S,2,U?

*FN,M,S,2,U:* Eu passei a usá ... bastante

*P:* Ah... huhum...

*FN,M,S,2,U:* Depois que eu voltei pra cá eu diminuí... { cá é Sales Oliveira}

*P*: Lá você usava muito...

*FN,M,S,2,U*: Lá eu usava bastante e ainda uso às vezes...

Ao serem questionados sobre quais palavras usavam no lugar de “piá”, muitos falantes responderam “menino” e “moleque”. Essas palavras foram as mais citadas nas três faixas etárias.

Além da palavra “piá”, também foi analisada a ocorrência da palavra “pinicá”, com os sentidos de “beliscar a pele de leve” e “irritar a pele”. Os resultados encontrados para essa análise são interessantes, pois um sentido se sobressai em relação ao outro. Quando questionados se fazem uso da palavra “pinicá” com o sentido de “irritar a pele”, 6 participantes entre 70-95 anos afirmaram que empregam essa expressão. Na faixa etária de 30-45 anos, a porcentagem de falantes que responderam “sim” também foi alta: 70%. Entre os jovens, todos afirmaram empregar a palavra.

Entretanto, quando questionados se faziam uso da expressão “pinicá” com o sentido de “beliscar de leve”, todos os jovens disseram que “não”. A rejeição também foi muito alta entre os participantes de 30-45 anos: 8 negaram falar essa palavra. Na faixa etária de 70-95 anos, 7 disseram não utilizar “pinicá” para “beliscar”.

Dentre os participantes que afirmaram empregar essa palavra com esse sentido estão: *FA,M,S,2,U*/ *FQ,M,M,2,C*/ *FW,M,F,3,C* e *FY,M,F,3,C*. Cabe ressaltar que, com exceção do *FA,M,S,2,U*, as demais pessoas já tiveram contato com a zona rural e que *FQ,M,M,2,C* é filho de *FW,M,F,3,C*. Nesse caso, pai e filho afirmam fazer uso da mesma expressão. Por conviver com o pai, *FQ,M,M,2,C* comenta que ouvia essa expressão dos mais antigos e que a emprega também. Entretanto, observamos na mesma família um dado curioso, pois o filho do participante (*FV,M,F,1,U*), quando questionado se usava essa palavra, disse que não. Embora o pai do garoto utilize “pinicá” com o sentido de beliscar, *FV,M,F,1,U* não identifica e nem assume o mesmo comportamento linguístico do pai, uma vez que, o próprio participante *FQ,M,M,2,C* afirma que este é comum aos antigos. Ou seja, o pai e o avô utilizam a expressão, mas o jovem não.

Quando questionados sobre quais palavras usavam, os mais jovens disseram: “beliscando/ beliscar” (80% - 8 ocorrências). 20% não responderam. Na faixa intermediária, as palavras “coceira”, “apertão” e “formigar” obtiveram 1 ocorrência. A palavra “beliscar” (50% - 5 ocorrências) e 20% não responderam. Na faixa etária de 70-95 anos obtivemos 8,4% (1 ocorrência) para “pinicando”, 33,4% (4 ocorrências) para “beliscar” e 58,4% não responderam.



Além da expressão “pinicá”, os participantes das entrevistas apresentaram outras expressões por eles empregadas. Na faixa etária entre 10-15 anos, as mais comuns foram: “pinicando” (7,7% - 1 ocorrência), “incômodo” (15,4% - 2 ocorrências), e “coçar/ coçando” (38,5% - 5 ocorrências). 36,5% não responderam.

A palavra “coçar” também foi a mais apontada na faixa entre 30-45 anos (41,7% - 5 ocorrências), seguida por “coceira” (8,4% - 1 ocorrência), “piniqueira” (8,4% - 1 ocorrência) e “pinicando” (8,4% - 1 ocorrência). 33,4% não responderam. Entre os mais idosos, as expressões elencadas foram: “pele irritada”, “alergia”, “ardendo”, “estorvando”, “beliscar”, “coçar/ coçando” – todas com 1 ocorrência cada (11,2%). Não responderam 33,4%.

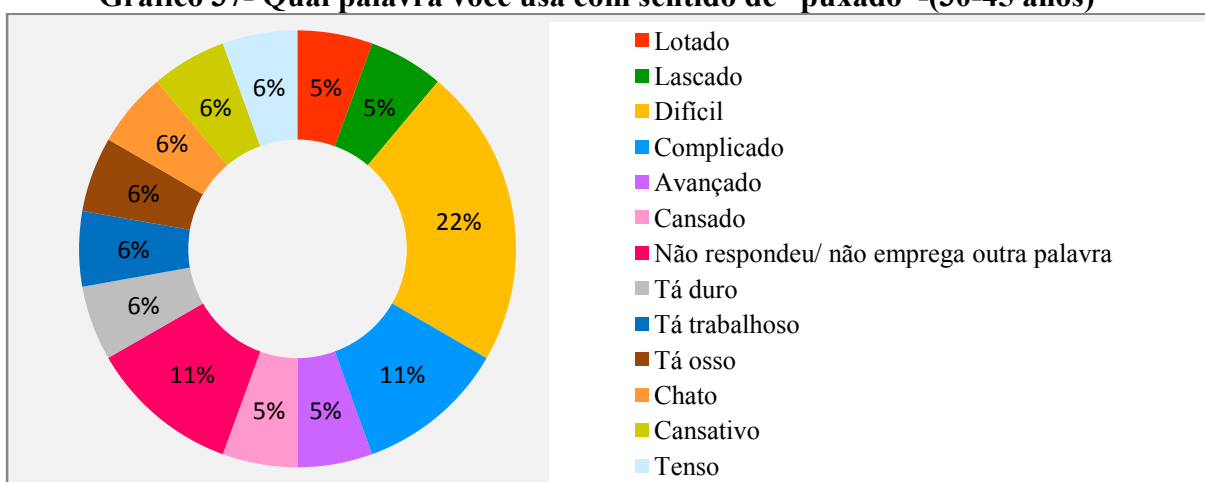
Ao contrário do que acontece com a palavra “pinicá”, em que apenas um sentido é popular na sociedade salense, com a palavra “puxado” ocorre o processo inverso: tanto “puxado” com o sentido de “trabalho difícil”, como no sentido de “fazer um puxadinho” são muito populares entre os participantes das entrevistas<sup>73</sup>.

Quando questionados se empregavam a palavra “puxado” com o sentido de “trabalho difícil”, 7 jovens, 9 adultos e 6 idosos disseram falar essa expressão e todos os falantes afirmaram ter ouvido alguém usar, alguma vez.

Quando questionadas sobre quais outras expressões usavam para “trabalho difícil”, os resultados obtidos na faixa etária entre 10-15 anos foram: “tá muito puxado” (8,4% - 1 ocorrência), “cansativo” (8,4% - 1 ocorrência), “complicado” (16,7% - 2 ocorrências), “difícil” (33,4% - 4 ocorrências). Não responderam 33,4%. Na faixa intermediária, o leque de palavras foi bem extenso, conforme gráfico 37:

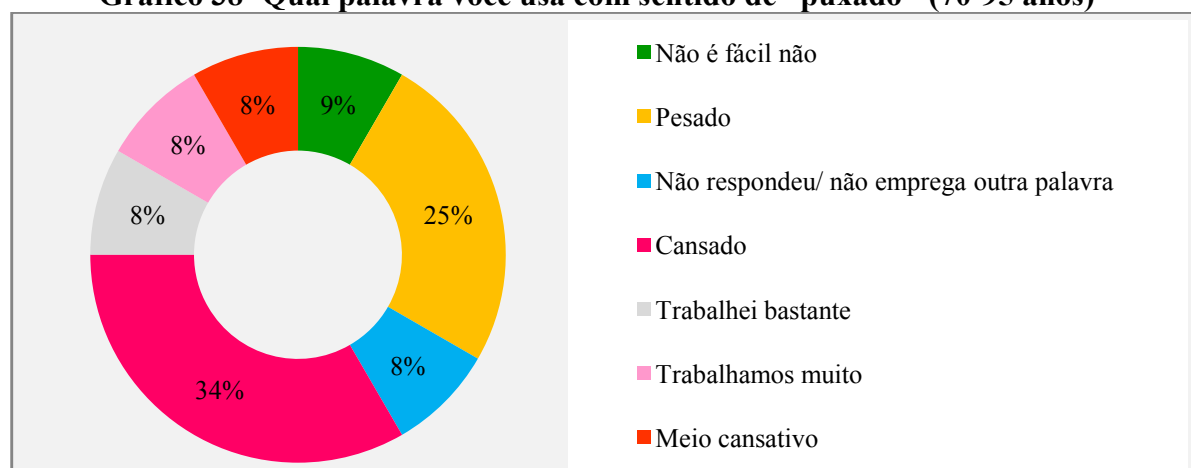
---

<sup>73</sup> A palavra “puxado” pode ser classificada como substantivo (o puxado da casa) ou como adjetivo (o dia hoje foi puxado).

**Gráfico 37- Qual palavra você usa com sentido de “puxado”-(30-45 anos)<sup>74</sup>**

Fonte: Elaboração própria.

As palavras elencadas pelos participantes apresentadas no gráfico 38 possuem em comum o grau de dificuldade, de excesso de trabalho para fazer e suas consequências. Quando o participante afirma que usa a expressão “tá osso” ou “lascado” ou “tá duro”, esse faz referência à dificuldade em se realizar determinada tarefa. Nesse caso, essas formas mais populares transmitem a ideia de dificuldade encontrada em termos mais formais, como “trabalhoso”, “difícil”, “cansado”. Já na faixa mais idosa, os termos elencados são mais formais, conforme gráfico 38:

**Gráfico 38- Qual palavra você usa com sentido de “puxado”-(70-95 anos)<sup>75</sup>**

Fonte: Elaboração própria.

Quando a palavra “puxado” assume o sentido de puxadinho, de “fazer um cômodo”, 7 participantes entre 30-45 anos e entre 70-95 anos responderam de forma afirmativa.

<sup>74</sup> 5% e 6%: 1 ocorrência; 11%: 2 ocorrências; 22%: 4 ocorrências.

<sup>75</sup> 34%: 4 ocorrências; 25%: 3 ocorrências e 8% e 9%: 1 ocorrência.

Entretanto, a maioria dos jovens disseram não empregar essa palavra: apenas 1 deles afirmou fazer uso dessa expressão. Para os mais jovens, palavras como “puxadinho”, “construir”, “aumentar” são mais populares que “fazer um puxado”.

Na faixa intermediária, além da palavra “puxado”, foram elencadas ocorrências de outras expressões como: “reforma” (7,7% - 1 ocorrência), “cômodo” (7,7% - 1 ocorrência), “ampliar” (7,7% - 1 ocorrência), “construir” (7,7% - 1 ocorrência), “puxadinho” (15,4% - 2 ocorrências), “aumento” (38,5% - 6 ocorrências). 15,4% não responderam. Já na faixa entre 70-95 anos, tivemos ocorrência de 10% para “construir”, 20% para “cômodo”, 20% para “fazer um cômodo” e 50% para “aumento”.

Em relação à palavra “reiná”, tanto com o sentido de “mexer onde não deve” como “fazer traquinagem”, os participantes não se reconheceram como falantes dessa expressão. Mediante os resultados da pesquisa, percebe-se que apenas 1 participante entre 70-95 anos e 1 participante entre 30-45 afirmaram falar “reiná” tanto com sentido de “mexer onde não deve” como em “fazer traquinagem”. O falante F#,M,F,3,C confirmou falar “reiná” com o sentido de “mexer onde não se deve” e a participante FD,F,S,2,U afirmou empregar essa palavra com o sentido de “traquinagem”.

Para designar o ato de fazer/ realizar uma traquinagem, os participantes de 10-15 anos disseram empregar expressões como: “fazer sapeca” (8,4% - 1 ocorrência), “traquina” (8,4% - 1 ocorrência), “meio peralta” (8,4% - 1 ocorrência), “bagunça” (8,4% - 1 ocorrência), “besteira” (8,4% - 1 ocorrência), “fazer arte” (50% - 6 ocorrências). 8,4% não responderam.

Na faixa etária entre 30-45 anos, a expressão “fazer arte” também se destacou com 46,2% das ocorrências, seguida de “bagunça” (15,4%), “malandragem” (7,7%), “não está cheirando bem” (7,7%), “traquinagem” (7,7%) e 15,4% não responderam. Entre 70-95 anos, “fazer arte” também atingiu altos índices de ocorrência: 40%. Expressões como “sem educação”, “coisa errada” e “encapetado” também foram citados, alcançando 10% dos índices de ocorrência.

Em relação às expressões obtidas para “mexer onde não deve”, os resultados da faixa etária entre 70-95 anos foram: “isso não é coisa que se faça” (9% - 1 ocorrência), “mexer nas coisas” (9% - 1 ocorrência), “mexer como ladrão” (9% - 1 ocorrência), “não deve mexer” (9% - 1 ocorrência). 45,5% para não responderam.

Entre os falantes de 10-15 anos e 30-45 anos, ocorreu uma grande variedade de expressões, dentre as quais destacamos: *I) as que estão associadas aos verbos “mexer”:* “mexer onde não deve” e “não mexe aí”; *II) as que estão relacionadas ao ato de “fuçar”:*

como a própria palavra “fuçar” e os termos que designam os praticantes dessa ação como “fução”, “fuça-fuça” e “fuçador”; III) *as palavras relacionadas ao fato desta ser uma atividade ilícita*: “roubo” e “pegar”; IV) *expressões de aviso*: “é perigoso”, “não é sua casa”; V) *adjetivos, que nesse contexto, podem soar depreciativos*: “enxerido” e “curioso”; VI) *expressões populares*: “meter o bedelho”.

Ao serem questionados sobre a palavra “sapecá” quando é empregada no sentido de “bater, ameaçar”, geralmente usada quando uma criança faz algum tipo de traquinagem e os pais dizem: “te sapeco” ou “vou te sapecá”, apenas 2 participantes entre 70-95 anos afirmaram empregar esse termo. Na faixa entre 30-45 anos, a porcentagem também foi de 20% e entre os mais jovens, ninguém admitiu empregar essa expressão.

Quando questionados sobre quais palavras utilizavam com esse sentido, os mais jovens responderam: “te esquento” (8,4% - 1 ocorrência), “te encher de porrada” (8,4% - 1 ocorrência), “te mato” (8,4% - 1 ocorrência), “bater” (50% - 6 ocorrências) e 8,4% não responderam. O verbo “bater” entre os adolescente é, sem dúvida, o mais comum. Nas expressões proferidas pelos jovens, nos chama a atenção o caráter “figurado” que algumas expressões podem adquirir. Quando um pai ou responsável diz “te mato”, espera-se que seja utilizada no sentido dramático, quando se quer reforçar o ato punitivo. O mesmo vale para “encher de porrada”.

Tais expressões mais “acaloradas” não são tão frequentes, por exemplo, na faixa etária entre 30-45 anos. Com exceção de “vou te dar uma surra” (6,7% - 1 ocorrência), os demais termos elencados pelos falantes soam um pouco menos agressivos do que “matar”, por exemplo. Dentre as expressões proferidas, estão: “dar um couro” (6,7% - 1 ocorrência), “coça” (6,7% - 1 ocorrência), “dar uns petelecos” (6,7% - 1 ocorrência), “surra” (6,7% - 1 ocorrência), “dar uns tabefes” (6,7% - 1 ocorrência), “dar umas palmadas” (6,7% - 1 ocorrência), “dar um sarrafo” (6,7% - 1 ocorrência), “dar uns tapas” (13,4%- 2 ocorrências) e “bater” (26,7% - 4 ocorrências).

Entre os participantes da faixa etária de 70-95 anos, as expressões obtidas na pesquisa foram: “por de castigo” (9% - 1 ocorrência), “dar uma pisa” (9% - 1 ocorrência), “espancar” (9% - 1 ocorrência), e “bater” (45,5% - 1 ocorrência). 27,3% não responderam.

Enquanto a palavra “sapecá” com o sentido de “bater” não foi muito reconhecida pelos próprios falantes na comunidade salense, quando esta é utilizada com o sentido de “queimar de leve” atinge um índice maior, pois ao serem questionados se empregavam essa palavra,

6 participantes entre 70-95 e 6 dos que se encontram entre 30-45 anos afirmaram que “sim”. Entre os mais jovens, apenas 3 responderam de forma afirmativa.

Os mais jovens preferem utilizar nesse contexto o verbo “queimar”. Já os adultos entre 30-45 anos, quando questionados sobre quais palavras empregavam com o sentido de “queimar de leve”, responderam: “deu uma queimadinha na mão” (8,4% - 1 ocorrência), “ardeu” (8,4% - 1 ocorrência), “chamuscar” (8,4% - 1 ocorrência), “fritar” (8,4% - 1 ocorrência), “queimar” (41,7% - 5 ocorrências). 8,4% não responderam.

Algumas expressões apontadas pela faixa intermediária também foram citadas pelos mais velhos, como por exemplo, “dar uma queimadinha” (10% - 1 ocorrência), “chamuscar” (10% - 1 ocorrência) e “queimar” (40% - 4 ocorrências). Além desses termos, foram citados “passar no fogo de leve” (10% - 1 ocorrência) e “pele irritada” (10% - 1 ocorrência).

Nas análises dos dados, percebemos que, em algumas palavras, como no caso de “sapecá”, a popularidade do termo na comunidade está relacionada ao sentido da expressão. Sendo assim, muitas vezes, os falantes preferem um sentido a outro. Esse processo também ocorreu com a palavra “vará”. A palavra “vará” pode ser empregada com sentido de “caminhar direito” ou “atravessar a noite”, cabendo ao último, os maiores índices de ocorrência.

Quando questionados se empregavam “vará” com o sentido de “passar a noite”, 60 participantes mais velhos disseram falar essa expressão e 8 falantes entre 30-45 anos afirmaram empregar a palavra. Na faixa mais jovem, 4 responderam “sim” ao questionamento.

Enquanto os índices mostraram-se altos em duas faixas etárias, quando questionamos aos participantes se estes utilizavam a palavra “vará” com o sentido de “caminhar direito”, nenhum participante respondeu “sim”. Muitos falantes, quando questionados sobre quais expressões empregavam, disseram fazer uso das palavras: “caminhar”, “fazer caminhada”, “andar”, dentre outras<sup>76</sup>. O resultado obtido demonstra que os participantes não conseguiram compreender ou não reconheceram o sentido de “varar” como “caminhar direito”.

## 6.7 Maior reconhecimento na fala dos jovens

---

<sup>76</sup> Embora “caminhar”, “fazer caminhada” e “andar” não tenham o mesmo sentido de “caminhar direito”, optamos por trazer neste estudo, pois foram as palavras/ expressões faladas pelos participantes.

Ao realizarmos a pesquisa de campo, esperávamos que os mais idosos admitissem empregar mais as palavras selecionadas, uma vez que utilizamos como base para a confecção da lista palavras previamente encontradas em pesquisas realizadas há algum tempo, como apresentada na obra de Amaral (1976), por exemplo.

Entretanto, alguns resultados nos surpreenderam como, por exemplo, a palavra “pitá”, com o sentido de “fumar”: muito mais jovens e pessoas entre 30-45 anos assumiram fazer uso da palavra “pitá” se comparado com os falantes entre 70-95 anos.

Na faixa etária de 10-15 anos, 8 entrevistados disseram fazer uso da palavra “pitá” com o sentido de “fumar”. Entre os participantes de 30-45 anos, 7 participantes afirmaram usara a palavra. Já na faixa de 70-95 anos, apenas 3 confirmaram empregar essa palavra.

Quando questionados sobre quais expressões utilizavam com o sentido de “pitá”, os mais velhos disseram “fumante” (10% -1 ocorrência), “fumar” (60% - 6 ocorrências) e 3 não responderam. Já na faixa entre 30-45 anos, aparecem expressões como “fumar” (54,5% - 6 ocorrências), “tragar” (27,3% - 3 ocorrências), “fumante” (9% - 1 ocorrência) e “pitar” (9% - 1 ocorrência).

Na faixa mais jovem os resultados obtidos foram: 1 ocorrência(9%) para “tragar”, e 9 ocorrências (81,9%) para “fumar” e 9% não responderam.

O resultado obtido na análise dessa expressão foi, como dito anteriormente, inesperado. Entretanto, podemos dizer que a quebra de expectativa tornou-se interessante, à medida que compreendemos as opções de palavras apontadas pelos falantes. Ora, o participante mais velho pode preferir dizer que usa “fumar” a “pitá” devido ao fato daquele ser empregado em situações mais formais que este. Já os mais jovens, podem optar pelo “pitá” até mesmo como uma forma de marcar a “rebeldia” que existe por trás do ato de fumar, uma vez que, a todo o momento, é dito o quanto fumar pode ser prejudicial à saúde. Logo, quem fuma está sendo “rebelde”. Além disso, para muitas pessoas, o ato de fumar está relacionado à ideia de se sentir pertencente a um grupo, de *glamour* e, em alguns casos, de ser independente, ou seja, características muito procuradas pelos adolescentes. Devido ao fato de ser característico da juventude o gosto pelo proibido ou por aquilo que não é muito aceito socialmente (“fumar é prejudicial”), os adolescentes tentam, por meio da linguagem, utilizar uma palavra que não é formal, com o intuito de deixar transparecer que o ato de fumar é algo não positivo, “não padrão”, “feio”.

Ou, por outro lado, podemos considerar que, embora a palavra “pitá” seja popular e acabe carregando certo estigma de “feiura”, quando uma frase como “vou pitá” é proferida por alguém, esta pode soar mais “leve” – dependendo da situação comunicativa e do emissor

da mensagem, é claro – do que a frase “vou fumar”. A impressão que podemos ter é a de que “vou fumar” está imbuída do discurso “fumar é prejudicial à saúde”, enquanto “vou pitá” seria menos prejudicial, porque não remeteria diretamente ao discurso associando o cigarro com os malefícios à saúde.

Embora tenhamos elencado algumas conjecturas – que podem incorrer em erro – sobre os motivos que levaram os adolescentes a dizerem empregar o termo “pitá”, por que os mais velhos dizem não empregar essa palavra?

Uma das explicações para esse questionamento pode estar no fato dos mais idosos, por terem mais experiência e saberem do risco do cigarro, optarem por dizer que fazem uso da expressão “fumar”, uma vez que esta carrega toda a memória discursiva sobre os prejuízos desse ato. Por isso, os participantes entre 70-95 anos dizem não fazer muito uso da expressão mais “suave” (que no caso, seria “pitá”), uma vez que querem deixar explícitos os malefícios que o vício causa. Embora, com os dados obtidos na pesquisa, não tenhamos como comprovar essa hipótese interpretativa.

## 7. ASPECTOS FONÉTICOS/ FONOLÓGICOS DA FALA “CAIPIRA” NA CIDADE DE SALES OLIVEIRA-SP

Apesar do fato de Duarte (apud Amaral, 1976, p. 21) considerar o falar “caipira” como um erro (visão esta com a qual não compactuamos nesta pesquisa), ao escrever o prefácio do livro “O dialeto caipira”, esse ressalta o caráter pioneiro da obra, pois Amaral inovou no meio acadêmico, apresentando resultados de uma pesquisa rigorosa, diferente de tudo aquilo que outrora era falado sobre o “caipira” e seu modo de falar.

O pioneirismo de Amaral (primeira versão publicada em 1920), assim como a importância de sua obra, estendeu-se tanto aos aspectos fonéticos/ fonológicos abordados como também ao campo lexical. Para Castro (2006, p. 73) o estudo de Amaral estimulou a elaboração de outros estudos, não só os dialetais, como também a elaboração de mapas linguísticos no nosso país.

Embora Amaral não tivesse formação em linguística, nem outra formação acadêmica, o autor trabalhou anos como jornalista e publicou vários livros. Mesmo não tendo conhecimento acadêmico sobre como realizar uma pesquisa sociolinguística/ dialetal, o autor apresentou um riquíssimo rigor metodológico durante a coleta e análise de dados, o que contribuiu não apenas para que futuras pesquisas sobre o falar “caipira” pudessem ser realizadas como também para que estudos de outros falares fossem realizados (CASTRO, 2006, p. 52-53).

Um dos objetivos desta pesquisa é analisar, na fala da população salense, a ocorrência ou não de alguns traços / marcas linguísticas apresentados por Amaral (1976). Cabe ressaltar, porém, que a fala “caipira” apresenta muitos traços que são comuns a outras variedades do português, inclusive àquelas pertencentes à norma mais culta (CASTRO, 2006, p. 29), e que, por isso, não serão analisadas. Mediante pesquisas bibliográficas e baseando-se na pesquisa de campo realizada durante o mestrado, optou-se por analisar, dentre os aspectos fonéticos/ fonológicos, os seguintes casos, já apresentados e descritos na seção de metodologia:

- I) Ausência ou presença da variante “r” como retroflexa;
- II) Ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais (ex: “mel- mer”);
- III) Vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/ (ex: “mulher- muié”);
- IV) Apagamento ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade (ex: “pires- pire”);
- V) Ocorrência ou não de prótese e aférese (ex: alembra e “bserva”);



VI) Ocorrência ou não de apócope (ex: “mare- amar”).

### **7.1 Explicação dos procedimentos para a realização das análises dos dados**

Para analisar os dados e, posteriormente descrevê-los, optou-se, a princípio, por realizar uma análise quantitativa. Essa quantificação foi feita pelo programa Goldvarb (2005). De início, quantificamos os dados no Goldvarb (2005) considerando apenas como variáveis independentes os participantes da entrevista, o sexo e a faixa etária e, como dependentes, as variáveis: a) ausência ou presença da variante “r” como retroflexa; b) ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais (ex: “mel- mer”); c) vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/ (ex: “mulher- muié”); d) apagamento ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade (ex: “pires- pire”); e) ocorrência ou não de prótese e aférese (ex: “alembá” e “bserve”); f) ocorrência ou não de apócope (ex: “legítimo- legiti”). Foi realizada uma rodada de cálculos para cada variável dependente.

A escolha por realizar essas rodadas com as variáveis independentes descritas acima (sexo, idade e falante) justifica-se por termos obtido uma amostra estratificada para essas duas variáveis- sexo e idade. O falante sempre será uma variável controlada para evitar enviesamentos nos resultados. Mediante as variáveis independentes – sexo e idade – podemos compreender os possíveis fenômenos de mudança linguística, uma vez que se espera que as mulheres utilizem formas mais inovadoras que os homens e que determinados processos fonéticos/fonológicos como, por exemplo, rotacismo e vocalização sejam encontrados em maior quantidade na fala dos mais idosos.

No caso da escolaridade e local de moradia do falante, as próprias características demográficas da população salense não nos permitiram completar todas as células sociais. Assim, depois de realizar quantificações exclusivamente com sexo e idade, foram realizados cálculos complementares, incluindo também as variáveis extralinguísticas escolaridade e local de moradia. Esses cálculos nos permitiram compreender determinados comportamentos linguísticos particulares encontrados na quantificação anterior.

### **7.2 Análise do “R” como retroflexo na fala dos salenses**

De acordo com Bagno (2012, p. 338), quando um indivíduo fala exibe traços prosódicos que, junto com outros traços, compõem a variedade linguística desse falante. Por

meio desses traços, segundo o autor, é possível traçarmos um perfil social desse falante, desde a região onde este habita até a classe social em que este está inserido. Isso devido à ligação existente entre o sotaque e a construção da identidade (BAGNO, 2012, p. 338).

Torna-se, portanto, inegável o fato de que o modo como a pessoa fala exerce um papel de suma importância na avaliação sociocultural que os demais falantes realizam durante o processo de interação comunicativa (BAGNO, 2012, p. 340). Ora, em função da situação econômica de uma região, o falar que caracteriza os falantes desse lugar pode ser considerado prestigiado ou não. Lembrando que dentro da própria comunidade, existe também a valorização ou não do modo de falar dos membros dessa sociedade. Isso nos chama atenção para o fato de que não são os aspectos linguísticos que tornam uma forma aceita ou não socialmente, prestigiada ou não: o preconceito linguístico não é apenas linguístico, mas sim, um reflexo de outros preconceitos como o social e econômico como, por exemplo, o “r” como retroflexo: seu emprego no inglês norte-americano é visto como padrão, enquanto no inglês britânico, a forma de prestígio é o apagamento. Já no Brasil, a pronúncia do “r” como retroflexo ainda é estigmatizada e nos E.U.A, estigmatiza-se o apagamento, ou seja, não são os aspectos linguísticos que determinam o prestígio ou não de uma variante, mas outros aspectos que estão imbuídos no preconceito linguístico.

Scherre (2008, p. 145) comenta que, na língua, a questão do preconceito ultrapassa as questões da classe social e pode chegar ao limite rural X urbano, interior X capital. É o que ocorre, por exemplo, com o “r” quando pronunciado como retroflexo. Independente da classe social, escolarização, gênero, dentre outros aspectos, o falante do “r” retroflexo, quando está fora de sua área de origem, é discriminado. Por outro lado, falar o “r” como retroflexo quando se está aprendendo inglês não suscita para os brasileiros nenhum tipo de atitude discriminatória. Tal realidade nos leva a refletir que o problema está muito além da língua. Scherre (2002, p. 43) afirma que “(...) as questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas”.

O preconceito linguístico é tão ruim como qualquer outro tipo de preconceito, entretanto, é muito pouco combatido ou discutido (SCHERRE, 2008, p. 40). Felizmente, leis estão sendo criadas e muitos debates têm ocorrido contra outras formas de preconceito e discriminação. Mas, em se tratando de combater ou discutir sobre preconceito linguístico, a sociedade, de forma geral, ainda está “engatinhando” nessa luta: este tema ainda está restrito às academias e é pouco difundido nos demais meios. Talvez a dificuldade em se falar sobre isso esteja no fato de identificarmos que o preconceito linguístico pode refletir outros tipos de preconceitos, que são condenados pela sociedade, mas que ao atingir o âmbito da linguagem

acabam sendo “permitidos”. Quase sempre, ao criticar ou debochar do modo como uma pessoa fala, não estamos tecendo comentários depreciativos apenas à variante que o falante emprega, mas usando aspectos linguísticos para depreciar o indivíduo.

Tais reflexões colaboram para a compreensão dos fatores que podem estar relacionados ao fato de o “r” como retroflexo ser a principal “marca” do falar “caipira” e por isso, um grande alvo de preconceito.

O “r” como retroflexo é falado no interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná e na região Centro-Oeste (SCHERRE, 2008. p. 145). A presença dessa variante em tais regiões está, inicialmente, relacionada com a história dos movimentos dos bandeirantes, conforme citado no capítulo 5.

Uma das questões que nos chamam a atenção em relação ao emprego da variante “r” como retroflexa está justamente no fato desta ser considerada uma das principais “marcas” do falar “caipira”. Por que, dentre todas as características desse modo de falar, a variante retroflexa se destaca? Por que esta variante atinge esse *status*?

Dentre as “marcas” do falar “caipira” discutidas no decorrer dessa pesquisa e apresentadas por Amaral (1976), muitos traços fonéticos citados pelo autor, como por exemplo, redução do ditongo “ei” ou a redução de gerúndio, como exemplo, “cantando>cantano” são comuns aos mais diversos modos de falar. A variante “r” como retroflexa como “marca” principal desse falar tenha atingido esse *status* de relevância por ser, inicialmente, um traço fonético presente na fala da população mais afastada dos grandes centros urbanos, portanto, mais estigmatizada. Embora existam outros traços fonéticos que poderiam exercer a função de “marca” do falar “caipira”, o “r” quando pronunciado como retroflexo é um traço mais fácil de ser percebido, além de ser muito frequente pela produtividade dos contextos em que o traço pode ocorrer. Enfim, essas são algumas hipóteses que podem justificar o destaque que a variante retroflexa possui no falar “caipira”.

Conforme mostram Callou e Leite (2015, p. 70), na nossa língua, as consoantes não constituem o centro de nenhuma sílaba, pois elas estão sempre acompanhadas de vogais, ocupando desta forma, a posição pós-vocálica ou pré-vocálica. No caso das vibrantes, quando essas estão em posição intervocálica, encontram-se em uma situação de oposição, como é o caso de “careta” e “carreta”. Embora tenhamos essa exceção, as vibrantes, em demais contextos, não se opõem. De acordo com as autoras (2015, p. 75), o “r” fraco pode realizar-se como vibrante apical simples, como tepe alveolar sonoro ou como retroflexo, presente no falar “caipira”. As mais diversas opções de realização do “r” ocorrem devido à grande dimensão articulatória tanto no que diz respeito à verticalização como em relação à longitude,

ou seja, ao grau de abertura e à área de articulação que esse fonema engloba (CALLOU; MORAES; LEITE, 2002, p. 463). Por isso, o fonema /r/ possui muitas variantes.

De acordo com Cagliari (1999, p. 51), existem dois tipos de consoante retroflexa: a posterior sonora [ɹ] e a anterior [ɻ]. A diferença entre as duas, segundo o autor, está no fato da anterior ser realizada com a ponta da língua levantada, sem contato com os alvéolos dos dentes, enquanto a retroflexa posterior realiza-se com a ponta de língua recurvada, voltando-se para a região palatoalveolar. Nessa pesquisa, não faremos a distinção entre retroflexa anterior e posterior, uma vez que o nosso objetivo não reside no fato de classificar o segmento retroflexo, mas em compreender se existe ou não a ocorrência do “r” como retroflexo na comunidade salense, em quais contextos linguísticos isso ocorre e a associação entre a ocorrência do retroflexo com a construção da identidade do falante.

De acordo com Silva (2014, p. 34), a retroflexa é uma pronúncia típica do falar “caipira”. Os resultados obtidos durante a pesquisa de campo realizada no mestrado (Picinato, 2013) comprovaram que na comunidade salense e na cidade vizinha, Orlandia-SP, o emprego da variante retroflexa é constante, sendo essa a variante mais comum nessas comunidades. Embora os salenses façam uso dessa variante, alguns não a consideram como uma forma de falar “bonita”, como é o caso da falante FJ,F,F,I,U:

“(...) P: OFJ,F,F,I,U o qui cê acha das expressões assim... “nois vai”, “porta verde” {r pronunciado como retroflexo}, “pra modi”? que qui cê acha disso? Ela ri gente....

FJ,F,F,I,U: Eu acho engraçado...

P: Ahã...

FJ,F,F,I,U: A primera “nois vai” é muito comum... eu posso até te dito já provavelmente... mais as outras duas... “porta verde” {r como retroflexo} é sutaque aqui ... pelo menos dessa parti do Estado....

P: Huhum...

FJ,F,F,I,U: Que eu acho engraçado tamém né... porque tem uns primos de São Paulo que falam “porco” {r como tepe} e eu acho muito engraçado quando eles falam alguma coisa assim com o “r”

P: Por que cê fala “porco”? {r como retroflexo}

FJ,F,F,I,U: Eu falo “porco”, “porta verde” {r como retroflexo} eles falam “porta verde” {r como tepe}.... ai eu fico assim “ó” muito engraçado... “pra modi” ... eu acho engraçado....

P: E me fala uma coisa... qual qu icê acha mais bonito... pessoa qui fala “porta verde” {r como tepe} ou quem fala “porta verde”? {r com o retroflexo}

FJ,F,F,I,U: “Porta verde”... {r como tepe}

P: “Porta verde”? {r como tepe e risos}

FJ,F,F,I,U: É... tanto qui eu fico reparando quem fala “porta” {r como retroflexo} e quem fala “porta” {r como tepe}....tipo ator de filme ... dublador

P: Cê jura?

*FJ,F,F,I,U*: Eu fico reparano... quem fala “porta” {r como retroflexo} e quem fala “porta” {r como tepe} ....ou “porta” { r como fricativa glotal}... eu fico reparano... e... eu reparo tudo

*P*: Eu não acho que você divia faze astronomia... eu acho qui você divia faze linguística....

*FJ,F,F,I,U*: Não mais.... o pior é que eu reparo muito nisso....

*P*: Que {intel}... i cê acha feio... cê acha bonito fala “porta verde”? {r como tepe}

*FJ,F,F,I,U*: Eu acho bunito fala “porta verde” { r como tepe}... mas eu não consigo porque minha língua enrola....

*P*: Ai cê fala “porta verde”? { r como retroflexo}

*FJ,F,F,I,U*: Ai eu falo “porta verde” mesmo... { r como retroflexo} (...). ”.

Pela leitura do trecho da entrevista da participante, pode-se observar que a jovem reconhece a existência de modos de falar distintos do seu e que, no seu entendimento, por meio de comparações, são mais bonitos do que os que ela emprega. Mesmo a variante retroflexa sendo comum na comunidade salense, a adolescente busca tentar mudar o modo como fala, porém, sem êxito.

Scherre (2008, p. 146) explica que, muitas vezes, existe preconceito de quem não faz parte de comunidades linguísticas onde o “r” como retroflexo é a variante mais popular e, como consequência disso, quando os membros dessa comunidade encontram-se em uma situação onde estão fora do seu habitat, estes optam por tentar mudar o modo como falam, “escondendo” a pronúncia retroflexa. Sobre o preconceito que pessoas do *outgroup* possuem em relação ao modo de falar “caipira”, a participante FH,F,S,2,U relata:

{a entrevistadora pergunta o que a participante acha do modo de falar “caipira}

*FH,F,S,2,U*: A gente é o interior ... a gente nunca viveu numa cidadi grandi até assim... nós que moramos aqui... a gente respeita.. é uma coisa comum... nem soa tão forti assim pra nós porque é sei lá.. é nosso dia dia.. mas quando cê vai numa cidade grande as pessoas têm muito preconceito ... intãu em cidadi grande por exemplo quando eu ia pra São Paulo por exemplo as falam a primera coisa “cê é de Minas?”... “não”.

*P*: Todo mundo me pergunta

*FH,F,S,2,U*: Eu sô do ladim de Minas porque Sales é ali ... mais cê vê que eles te olham com preconceito como si cê num soubesse fala, ne

*P*: Huhum..

*FH,F,S,2,U*: Fosse uma coisa horrorosa a manera de fala... eu num .. eu vejo assim... acho qui é uma coisa comum... (...). ”.

O falar “caipira” e a pronúncia do “r” como retroflexo são alvo de muitos preconceitos, infelizmente. Como já citado anteriormente, na comunidade salense, o emprego da variante “r” como retroflexo é muito comum (PICINATO, 2013). Neste estudo, optamos por analisar a ocorrência da variante retroflexa na fala de 30 salenses, em contextos estruturais

distintos: seguido de vogal na sílaba seguinte, de consoante oclusiva, de fricativa, de lateral, ou de nasal e antes de pausa.

A princípio, após a transcrição fonética das falas dos participantes da entrevista, foram selecionadas todas as palavras proferidas pelos falantes em que aparecia o “r” em posição de coda. Estudos anteriores realizados durante o mestrado nos apontaram que, na sociedade salense, não ocorre a variante retroflexa em posição de ataque, sendo assim, optamos por focalizar apenas a posição de coda, uma vez que tínhamos variação nesse contexto, o que não seria possível se analisássemos a posição de ataque. Inicialmente, o *corpus* da pesquisa contava com 2452 palavras em que o “r” aparecia em posição de coda. Entretanto, ao fazer uma análise um pouco mais profunda dos dados, percebemos que alguns participantes tinham muitos dados enquanto outros tinham poucos. Sendo assim, optamos por estipular uma margem de 50 dados por falante. Embora reduzir o número de palavras analisadas por participantes possa implicar em alguma perda de dados, preferimos tornar o *corpus* mais equilibrado a ter um *corpus* que refletisse resultados pautados em uma pequena quantidade de falantes, o que poderia corresponder a uma amostra de dados que não refletisse a realidade de uma comunidade. Sendo assim, com a redução a 50 palavras, no máximo, para cada falante, no *corpus* final constam 1553 palavras.

Após os dados serem submetidos ao Programa Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005), os participantes da pesquisa foram selecionados como variável independente mais importante para a ocorrência do “r” como retroflexo. Isso pode ter ocorrido porque alguns participantes, durante a gravação, falaram mais palavras em que o “r” ocupava um contexto linguístico que não favorecia muito a ocorrência como retroflexa como, por exemplo, verbos no infinitivo. Quando um verbo está no infinitivo, existe uma maior tendência ao apagamento. Quando analisamos os contextos linguísticos em que o “r” ocupava a posição de coda no infinitivo verbal, como, por exemplo, “amar”, apenas 1,9% dos casos eram de retroflexos: todos os demais eram apagamento. Logo foi necessário analisar à parte os dados com os infinitivos verbais, uma vez que estes estavam presentes em 480 palavras e iriam enviesar o resultado da pesquisa. Com a exclusão dos infinitivos verbais, que serão analisados posteriormente (ainda neste capítulo), o *corpus* passou a contar com 671 dados.

Após realizar a quantificação dos dados, sem o infinitivo verbal, chegou-se ao seguinte resultado:

Tabela 7<sup>77</sup> - “R” como retroflexo sem infinitivo verbal: sexo e idade

Variável selecionada: “r” como retroflexo ↓ Sexo		Peso relativo	%	Quantidade de palavras com “r” como retroflexo em coda	Quantidade total de palavras “r” em coda
	Feminino	0.613	92.2%	188	204
Masculino	0.408	83.6%	209	250	
Log Likelihood: - 167.645					
Input: 0.081					
Significance: 0.008					
Variável não selecionada ↓ Faixa Etária	“R” como retroflexo: 87.4%				
	Quantidade total de palavras com “r” em posição de coda: 454 Quantidade de palavras pronunciadas com “r” como retroflexo: 397 Quantidade de palavras pronunciadas com “r” não retroflexo: 57				
	10-15 anos: 86.4%				
	30-45 anos: 85.5%				
	70-95 anos: 89.7%				

Fonte: Elaboração própria.


Mediante os dados gerais apresentados, podemos observar que se considerarmos o peso relativo, as mulheres atingiram índices maiores para “r” como retroflexo, se comparadas aos homens. Mesmo com essa diferença, o “r” como retroflexo atinge altos índices tanto na fala dos homens como na das mulheres, mostrando-se como uma variante cujo emprego é “comum” na comunidade salense, independente do sexo ou da faixa etária, visto que, sua ocorrência ultrapassa 85% dos casos, tanto na fala de jovens, como na faixa intermediária, como na da população mais idosa.

Embora seja uma variante comum na sociedade salense, alguns contextos linguísticos acabam favorecendo o emprego do “r” como retroflexo, como, por exemplo, quando esse está seguido por uma consoante fricativa, seja na mesma sílaba ou na sílaba seguinte, como ocorre na palavra “conversando”. A importância do contexto linguístico é tamanha, que quando quantificamos os dados considerando como variáveis independentes sexo, escolarização, lugar

<sup>77</sup> Durante a análise dos dados, foram realizadas rodadas distintas em que consideramos : a) apenas as variáveis sexo e idade (por termos 10 participantes de cada faixa etária e 15 do sexo masculino e 15 feminino, ou seja, uma amostra mais homogênea no que se refere à quantidade); b) sexo, idade, contexto linguístico, lugar e escolaridade; c) apenas contexto linguístico. A escolha por fazer rodadas diferentes com variáveis distintas ocorreu para que pudéssemos compreender a relevância de cada variável na pronúncia do “r” como retroflexo. Quando a quantidade de participantes para cada variável não é a mesma, torna-se difícil afirmar com os resultados obtidos nas rodadas dos dados que tal variável é mais ou menos relevante. Como foi explicado ao longo das seções, a quantidade de pessoas com ensino superior não era a mesma das pessoas com ensino médio. A quantidade de pessoas entrevistadas que moraram na zona rural não era a mesma se comparada com as que moraram apenas na zona urbana. Por isso, optou-se por fazer rodadas em que teríamos as mesmas quantidades de dados (então, rodadas sexo e idade) e rodadas em que nos seria permitido analisar todas as variáveis (lugar, contexto linguístico e escolarização). Chamamos a atenção, então, para os índices dos pesos relativos, input, likelihood e significance: eles não serão os mesmos, pois as rodadas foram distintas.

de origem, idade e contexto linguístico, este é selecionado como o principal fator condicionador da ocorrência da variante retroflexa, conforme tabela 8:

**Tabela 8- “R” como retroflexo sem infinitivo: contexto linguístico, lugar, escolaridade, sexo e idade**

<b>Variáveis selecionadas como relevantes: “r” como retroflexo</b>  <b>Contexto linguístico</b> <b>Sexo</b>	Contexto linguístico	“r”seguido por consoante fricativa	0.674	95.7%
		“r”seguido por consoante oclusiva	0.588	93.8%
		“r”seguido de pausa	0.581	94.3%
		“r”seguido de consoante lateral	0.570	93.3%
		“r”seguido por consoante nasal	0.489	90.3%
		“r”seguido por vogal	0.028	23.1%
	Sexo	Feminino	0.600	92.2%
		Masculino	0.418	83.6%
	Log Likelihood: - 118287			
	Input: 0.917			
Significance: 0.049				
“R” como retroflexo: 87.4% Quantidade total de palavras com “r” em posição de coda: 454 Quantidade de palavras pronunciadas como “r” como retroflexo: 397 Quantidade de palavras pronunciadas com “r” não retroflexo: 57				
Lugar onde morou		Urbano: 88.4% Rural: 86.5%		
Faixa Etária		10- 15 anos: 86.4% 30-45 anos: 85.5% 70-95 anos: 89.7%		
Escolarização		Ensino Fundamental: 87.6% Ensino Médio: 96% Ensino Superior: 85%		



<p>Variáveis não selecionadas: “r” como retroflexo</p> <p>↓</p> <p>Lugar onde morou Faixa etária Escolarização Participantes</p>	Participantes	FA,M,S,2,U: 85% FB,M,F,1,U: 71.4% FC,M,F,3,C: 91.4% FD,F,S,2,U: 100% FE,F,F,3,C: 82.8% FF,F,F,3,U: 96.7% FG,F,S,2,U: 100% FH,F,S,2,U: 93.1% FI,M,F,1,U: 71.4% FJ,F,F,1,U: 91.4% FK,F,F,1,C: 89.3% FL,M,F,1,U: 100% FM,F,F,1,U: 96.3% FN,M,S,2,U: 68.8% FO,F,F,3,C: 100% FP,M,M,2,U: 95% FQ,M,M,2,C: 87.5% FR,F,F,3,C: 100% FS,F,F,1,U: 100% FT, F,F,1,U: 100% FU,M,M,2,C: 89.3% FV,M,F,1,U FX,F,S,2,U FZ,F,S,3,C: 96.2% FY,M,F,3,C: 61.5% FW,M,F,3,C F@,F,M,2,U: 100% F#,M,F,3,C: 94.4% F*,M,F,3,C: 90.9% F%, M,F,1,U: 100%
--	---------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Os contextos linguísticos foram descritos na tabela 9:

**Tabela 9- Emprego do “r” como retroflexo segundo contexto linguístico seguinte**

Contexto linguístico	Peso relativo- “r” como retroflexo	Porcentagem “r” como retroflexo	Quantidade de palavras de “r” em coda	Quantidade de palavras de “r” como retroflexo
Consoante fricativa	0.674	95,7%	47	45
Consoante oclusiva	0.588	93,8%	256	240
Pausa	0.581	94,3%	35	33
Consoante lateral	0.570	95,7%	15	14
Consoante nasal	0.489	90,3%	62	56
Vogal	0.028	23,1%	39	9

Significance: 0.049/ Input: 0.917

Fonte: Elaboração própria.

Ao consideramos o peso relativo e segundo os índices expostos na tabela 9, observamos que existe uma maior propensão para a ocorrência do “r” como retroflexo quando

este é seguido de consoante fricativa. Ao fazermos uma análise um pouco mais aprofundada, pôde-se perceber que, quando o “r” está seguido por fricativa, este acaba sendo pronunciado como retroflexo por 100% dos falantes da faixa etária entre 30-45 anos, e apenas na fala de dois falantes ocorreu variação: FB,M,F,1,U e F#,M,F,3,C.

Ao analisar o resultado obtido com a gravação realizada com esses dois participantes, percebemos que esses consideram o modo de falar “caipira” como feio. O participante FB,M,F,1,U, por exemplo, diz que falar “nóis vai”, “puxar o r” e “pra mode” são expressões feias, mas populares. O trecho selecionado da entrevista com o participante FB,M,F,1,U ilustra a afirmação acima:

(...) *P:* FB,M,F,1,U, me fala uma coisa: que qui cê acha das ixpressões nóis vai, porta {r como retroflexo}?

*FB,M,F,1,U:* É errado, mais é popular

*P:* Huhum...é... você fala desse jeito?

*FB,M,F,1,U:* Não.

*P:* As pessoas qui vivem com você falam desse jeito?

*FB,M,F,1,U:* É, um poco sim...

*P:* Um poco sim... que qu icê acha do falá caipira, FB,M,F,1,U?

*FB,M,F,1,U:* Ah, é uma coisa natural da região, é da nossa região, por exemplo puxá esse erre, qui nem falá porta, perna {“porta” e “perna” foram pronunciadas com o “r” como retroflexo}, é uma coisa assim que a gente não podia achá muito ruim porque a gente convivi com isso.

*P:* E me fala uma coisa... cê usa a palavra caipira em que situação?

*FB,M,F,1,U:* Quandu é da roça...quandu é da roça..

*P:*Tá.

*FB,M,F,1,U:* : Ou quandu... age que nem.

*P:* Que nem. Que que é sê caipira pra você?

*FB,M,F,1,U 3:* Ah, é convivê na roça, é usá a bota, a butina, a calça suja, a camisa...

*P:* Ahã... Você se considera caipira?

*FB,M,F,1,U:* Não... (...)

Para o participante FB,M,F,1,U falar o “r” como retroflexo condiz com a realidade da comunidade em que este falante está inserido. Ora, em Sales Oliveira é comum o emprego da variante retroflexa, logo, para o participante, também é “normal” empregá-la. Cabe ressaltar que FB,M,F,1,U falou durante a entrevista duas palavras em que o “r” estava seguido por fricativa: uma como retroflexa (“catorze”) e a outra como não retroflexa (“por semana”). A quantidade de palavras não é expressiva, portanto, não podemos fazer inferências em relação aos resultados obtidos.

O participante F#,M,F,3,C se considera “caipira”, acha bonito o modo de falar “caipira”, ou seja, não sabemos quais as possíveis motivações para que esse falante não empregasse o “r” como retroflexo. Assim como ocorreu com o participante FB,M,F,1,U, o

participante F#,M,F,3,C disse apenas duas palavras em que o “r” aparecia seguido por fricativa, sendo uma delas pronunciada como retroflexa e a outra não. Portanto, foram poucos dados para que possamos tecer uma hipótese explicativa. De 47 palavras que compunham o *corpus* em que o “r” era seguido de fricativa, apenas 2 palavras não foram pronunciadas como retroflexas, ou seja, o índice de “r” como retroflexo foi muito alto (95,7%).

Em relação ao “r” seguido por consoante oclusiva, há uma maior tendência à retroflexão na faixa etária entre os 70-95 anos (91,5%) e entre as participantes do sexo feminino (94,3% para as mulheres e 86,3% para os homens)<sup>78</sup> Dentre as variáveis independentes analisadas, destacamos o lugar em que o falante morou: zona urbana e rural (0.545 para a cidade e 0.433 para a zona rural). Embora o emprego da variante retroflexa não possa ser associado apenas ao falar do campo, visto que essa é a variante mais usada pelos moradores da cidade, esperávamos que, em comparação com a cidade, obtivéssemos um maior índice no campo (o que não ocorreu em relação à consoante oclusiva). Entretanto, ao analisarmos mais profundamente o resultado, compreendemos que muitos participantes que já moraram na zona rural negam ser “caipiras”. Essa negação pode estar associada ao resultado obtido: se o “r” como retroflexo é uma das principais “marcas” desse modo de falar, não empregar a retroflexão pode ser uma forma de “ocultar” essa identidade. Portanto, não podemos afirmar que a principal variável para que o “r” antes de oclusiva seja pronunciado como retroflexo é o lugar de origem do falante. Embora essa variável seja usualmente relevante nos estudos sociolinguísticos, é preciso compreender os aspectos que estão por trás disso: o fato dos participantes da zona rural que foram selecionados na rodada, em sua maioria, não admitirem ser “caipiras”, ou simplesmente pelo fato de não haver diferença significativa entre zona urbana e zona rural, nessa comunidade analisada, quanto ao uso dessa variável específica.

Em relação ao “r” como retroflexo seguido de pausa verificou-se uma taxa de ocorrência maior na faixa etária intermediária (30-45 anos) (100%), seguido dos mais idosos (94,4%) e dos mais jovens (80%). Cabe ressaltar que casos em que o “r” não foi pronunciado como retroflexo ocorreram apenas com 2 participantes: FK,F,F,1,C e FY,M,F,3,C, ou seja, esses dois participantes são os responsáveis por todos os dados de “r” como não retroflexo. Os demais participantes atingiram 100% de emprego do “r” como retroflexo.

---

<sup>78</sup> Foi realizada uma análise computacional apenas com os casos em que o “r” era seguido por uma consoante oclusiva, devido ao maior número de ocorrências.

Dentre eles, FK,F,1,C demonstra um grande desejo de sair de Sales Oliveira, de fazer intercâmbio. Percebe-se, portanto, um sentimento de não querer mais pertencer à comunidade salense: isso pode, de certa forma, acabar refletindo no emprego das variantes por ela empregada; ou seja, opta-se por aquelas que não são “comuns” na comunidade salense, justamente como forma de marcar o “não” pertencimento à comunidade. O participante FY,M,F,3,C diz que não se considera “caipira” e que não fala mais como “caipira”, porque, para ele, o “caipira” é aquele que trata mal o próximo e que não tem conhecimento das coisas. Durante a entrevista, FY confessa que falava de forma “caipira”, mas afirma que, atualmente, não fala mais. O participante também relata que as pessoas que convivem com ele não empregam o falar “caipira”. Sendo assim, o falante pode fazer uso da variante não retroflexa para ser incluído no grupo em que se encontra inserido.

Em relação ao “r” seguido pela consoante lateral, apenas em um único caso não ocorreu a presença da variante retroflexa: na fala do participante FC,M,F,3,C. Durante a gravação realizada, observamos que o entrevistado possui uma grande preocupação com a imagem que é transmitida através da fala, por isso, sempre procura fazer uso de termos menos informais e, nesse caso, opta por não empregar a variante retroflexa. De acordo com Leite (2004, p. 26), o motivo pelo qual as pessoas empregam ou não a variante retroflexa merece atenção. Nesse caso, o não emprego da variante retroflexa pode refletir um comportamento cuidadoso que o participante vem apresentando ao longo da entrevista, na tentativa de marcar sua identidade como “não caipira”, ou seja, ela pode estar se monitorando.

Em relação ao “r” seguido por consoante nasal, temos a ocorrência como não retroflexo em 5 palavras de um total de 26. Os participantes que apresentaram variação em suas falas foram: FA,M,S,2,U; FE,F,F,3,C; FJ,F,F,1,U; FN,M,S,2,U e F\*,M,F,3,C. A participante FK,F,F,1,C disse apenas uma palavra em que o “r” estava nesse contexto e, por isso, o dado da falante não foi selecionado pelo programa, durante a rodada. A participante não pronunciou o “r” como retroflexo. Mesmo que o índice para não retroflexo seja pequeno, é necessário refletir sobre quais possíveis causas/ situações colaboraram para que os falantes não empregassem essa variante.

Algumas motivações que podem ter levado os participantes a variar entre retroflexo e não retroflexo<sup>79</sup> merecem destaque, como por exemplo, o fato do participante FA,M,S,2,U comentar que é apenas 50% “caipira”, conforme trecho abaixo da entrevista:

(...)P: Intendi. É ... que que você acha que é sê caipira? Que que é sê caipira pra você?

FA,M,S,2,U: Ser caipira pra mim... é a pessoa que tem muito conhecimento empírico, e uma baixa formação ... científica, mais ela conhece muito do Du ... tem muito conhecimento popular e .... leva a vida daquela manera , mais não tem aquele conhecimento científico. Intão o caipira é a pessoa simples, a pessoa ... humildi..

P: Você se considera caipira, FA,M,S,2,U?

FA,M,S,2,U: Cinquenta por cento sim.

P: É...pur que, FA,M,S,2,U?

FA,M,S,2,U: Ah... porque, depois que eu virei professor eu precisei aumenta um poco.., meu conhecimento e fui dexando pra trais a questão caipira, mais ainda assim eu sinto porque meu pai... ele é caipira... meu pai tem poca formação e até hoji, ele não nega essa formação di da roça

P: Intendi...(..)

No trecho acima, podemos perceber que FA,M,S,2,U passou por uma “transformação” ao longo do tempo, ou seja, teve que mudar seu modo de ser para se enquadrar no perfil profissional que assumiu. Com isso, podemos dizer que a escolha pelo não retroflexo em uma determinada situação seja um reflexo desse profissional e que o emprego da variante retroflexa represente o vernáculo do falante? Essa é, como dito anteriormente, uma possível hipótese que explica a atitude do participante.

A participante FE,F,F,3,C também se considera um pouco “caipira” porque diz que, embora tenha melhorado, ainda tem vergonha. Durante a gravação, a participante comenta que acha a fala “caipira” engraçada e que ainda usa algumas expressões. Além disso, diz que algumas palavras são “erradas” e que é bonito “falar certo”. Mais uma vez nos deparamos com a retomada do discurso da beleza linguística, que engloba a noção de certo e errado pautada sob o prisma da norma culta e da norma padrão. Embora a participante tenha se mostrado muito à vontade durante a entrevista, a palavra que a falante proferiu como não retroflexa “irmã” foi dita no começo da gravação, quando a falante, possivelmente, estava se acostumando com a presença da entrevistadora e, como consequência disso, talvez pudesse estar se atentando para empregar formas que considerasse mais “bonitas”. Essa questão de beleza também está no discurso do participante FN,M,S,2,U. O entrevistado diz que usa

<sup>79</sup> Neste estudo o principal objetivo é ater-se ao r como retroflexo. Quando o “r” não é pronunciado como retroflexo, optamos por não classificá-lo como tepe, por exemplo, e designá-lo apenas como “não retroflexo”.

expressões do falar “caipira”, mas que não as acha tão bonitas, embora sejam parte do cotidiano.

Já o participante F\*,M,F,3,C comenta sobre o sotaque “caipira” dos piracicabanos e relata que o Estado de São Paulo é muito diversificado em relação ao sotaque. O entrevistado conta que, quando criança, ao visitar os tios que moravam em outra região da Alta Mogiana (Estado de São Paulo), ouvia as brincadeiras dos seus parentes em relação ao modo como ele falava, dizendo que ele falava como “caipira”. É interessante, considerando esse fato narrado, observarmos a questão da percepção que o “outro” tem de nós e a imagem que queremos transmitir para o “outro”. Embora admita ser “caipira”, o participante deixa claro ao narrar suas experiências vividas que considerava fala “caipira” apenas o modo de falar de Piracicaba.

Dentre todos os casos analisados em relação aos róticos, com exceção de apagamento de infinitivo verbal, o contexto linguístico em que menos ocorre a variante retroflexa é quando o “r” é seguido de vogal. Esse fenômeno já havia sido identificado durante os dados obtidos para a realização da pesquisa do mestrado (Picinato, 2013, p. 54). Neste *corpus*, a ocorrência de “r” como retroflexo antes da vogal foi muito pequena (de 43 palavras em que o “r” estava seguido por vogal, ocorreu retroflexão em apenas 12, ou seja, 28,6% dos casos), mas ocorreu em algumas situações. Ao contrário do processo realizado até agora, não nos ateremos a analisar os casos em que não ocorreu a retroflexão: no contexto de “r” seguido de vogal, analisaremos os casos em que ocorreu retroflexão, pois, de acordo com Cagliari (2002, p. 105), podem ocorrer junturas intervocábules nas fronteiras de palavras, ocasionando transformações nas estruturas das sílabas. Na maioria dos casos em que a primeira palavra termina em “r” e a segunda começa com uma vogal, ocorre esse processo e o rótico acaba sendo pronunciado como tepe, como por exemplo, “mar aberto” [marabe.ʁto]. Foi esse processo que ocorreu na maioria das palavras analisadas. As palavras, assim como os falantes que as pronunciaram, encontram-se descritos abaixo:

a) FA,M,S,2,U: “(...)Ser caipira pra mim ... é a pessoa que tem muito conhecimento empírico, e uma baixa formação ... científica, mais ela conhece muito do do... tem muito conhecimento popular e....leva a vida daquela maneira, mais não tem aquele conhecimento científico. Intão o caipira é a pessoa simples, a pessoa... humilde... (...)”: ao analisarmos a fala do participante, percebemos que embora a palavra esteja seguida por vogal, o falante faz uma pausa entre as duas, por isso, o “r” não soa como tepe;

b) FH,F,S,2,U: : “(...)De Salis... por enquanto a tranquilidade ... **por enquanto...** porque já não é mais uma cidade assim tão tranquila, que a gente conhecia todas as família (...)” e “(...) porque eu amo o **mar e** tenho (...)”: A expressão “por enquanto” foi pronunciada com ênfase pela participante, com uma leve pausa, e devido a isso, pronunciado como retroflexo. Em relação às palavras “mar e”, verificamos uma pequena pausa, logo, não era possível realizar a junção<sup>80</sup>;

c) FI,M,F,1,U: “(...) Ah ... que é uma cidade tranquila ... uma cidade **melhor assim** né, de morá (...) ”. O participante tem um tom de voz mais calmo, fala de forma mais “tranquila” e isso acaba fazendo com que não realize muitas junções na hora de falar. Nesse caso, poderíamos dizer também que ocorreu uma pequena pausa entre as palavras, logo, o “r” foi pronunciado como retroflexo;

d) FM,F,F,1,U: “(...) ou fico vendo televisão... mexeno no **celular...** eu gosto muito de lê (...)” também celular assistindo (...)” e “(...)tem um **lugar eu...** eles falam assim mais puxado (...)”.

Na primeira expressão, a jovem estava enumerando as coisas que gosta de fazer. Embora pudéssemos ter optado por inserir no contexto de pausa, não o fizemos porque a jovem manteve um ritmo mais rápido do que uma leve parada e mais lento do que uma fala sem parada. Já em “lugar eu”, a adolescente se confundiu na hora em que estava falando e acabou trocando os pronomes (ela fez a correção logo em seguida);

e) FS,F,F,1,U: “(...) fico no **computador** assisti TV (...)”: enfatiza que fica no computador ;

f) FT,F,F,1,U: “(...) **por acho** que aqui(...)” : a participante disse com pressa a palavra “porque” e só conseguimos identificar com clareza o “por”;

g) FU,M,M,2,C e F@,F,M,2,U: “**interior é**”: quando a palavra termina em “r”, mas a segunda começa com [ɛ] não ocorreu sândi e o “r” foi pronunciado como retroflexo, pelo fato de o “e” ser tônico;

h) FZ,F,S,3,C: “ (...) **professor assim**(...)”: estava falando sobre sua formação e estava pensando sobre como denominar o professor que, no tempo dela, se chamava de professor primário;

---

<sup>80</sup>Não inserimos essas palavras no contexto de pausa porque priorizamos as palavras seguidas por vogais para ver o comportamento dos róticos nesse contexto linguístico: queríamos observar se na comunidade salense ocorria retroflexão antes de vogal.

i) F\*,M,F,3,C: “(...) nós tínhamos assim uma câmara **espetacular e** nós vivíamos (...)”: Embora o falante estivesse falando de modo contínuo e acelerado, ocorreu uma pequena pausa e o “r” foi pronunciado como retroflexo.

De acordo com os casos acima, que foram exceção à regra, podemos dizer que existe uma forte tendência de ocorrer tepe antes de vogal na comunidade salense.

Em relação ao infinitivo verbal, optou-se por fazer um cálculo separado com os dados, visto a grande quantidade e a influência que estes estavam surtindo nas demais análises, tornando-as distorcidas da realidade. De acordo com Bagno (2014, p. 328), o apagamento do “r” em infinitivo verbal é muito comum no português brasileiro, sendo realizado inclusive pelos falantes letrados urbanos. Portanto, apagar o “r” quando esse se encontra em infinitivo verbal não é processo marcado como alvo de preconceito. Na fala da população salense, esse apagamento também ocorre. Em 480 casos de infinitivo verbal, o “r” só não foi apagado em 9 casos, na fala dos participantes: FA,M,S,2,U; FF,F,F,3,U; FM,F,F,1,U; FP,M,M,2,U e F\*,M,F,3,C. Quando os dados foram quantificados no Goldvarb (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005), o programa apresentou uma menor porcentagem para apagamento na faixa etária 2 (30-45 anos: 80%; 10-15 anos: 95% e 70-95 anos: 91.9%) e para o ensino médio (Ensino Médio: 76.9%; Ensino Fundamental: 93.% e Superior 83.3%). Mas, torna-se necessário ressaltar o porquê desses resultados, uma vez que o falante que menos apresentou apagamentos foi o FP,M,M,2,U, conforme tabela 10:

**Tabela 10-Expressão do “r” em coda em formas verbais de infinitivo**

Participante	Apagamento do “r” em infinitivo verbal		Não apagamento de infinitivo verbal: ‘R’ como retroflexo	
	Porcentagem %	Quantidade de palavras	Porcentagem %	Quantidade de palavras
FA,M,S,2,U	83.3	10	16.7	2
FF,F,F,3,U	95	19	5	1
FM,F,F,1,U	95	19	5	1
FP,M,M,2,U	76.9	10	23.1	3
F*,M,F,3,C	88.2	15	11.8	2
<b>Total</b>		<b>73</b>		<b>9</b>

Fonte: Elaboração própria.

Conforme os dados apresentados na tabela 10 compreendemos que a quantidade de formas verbais por falante em que o “r” não é apagado é pequena: no máximo três verbos. Muitas vezes, o participante falava o infinitivo verbal quando estava em um momento de fala com mais ênfase ou quando o ritmo da fala mudava, tornava-se mais lento. Entretanto,



podemos dizer que, assim como nas demais variedades do português, na fala dos salenses o apagamento verbal é predominante.

### 7.3 Metaplasmos e a fala “caipira”

De acordo com Coutinho (1982, p. 143), os metaplasmos constituem-se de modificações fonéticas sofridas pelas palavras, ao longo de sua evolução. Segundo o autor, as gerações alteram, de forma inconsciente, as palavras e essas transformações podem ocorrer por meio de divisão, troca, acréscimo ou supressão de um fonema. Coutinho (1982, p. 143) agrupa os metaplasmos em 4 grupos: permuta, aumento, subtração e transposição. Bagno (2014, p. 297) os classifica em: acréscimo, supressão, transposição e transformação. Embora as nomenclaturas variem, os conceitos são os mesmos. Estudos como de Bechara (2007) e Neves (2011) não fazem alusão aos metaplasmos em suas gramáticas, por não se tratarem de gramáticas históricas. Sendo assim, não é esperado a descrição desses processos em gramáticas descritivas (sincrônicas).

Na “Gramática Histórica” de Coutinho (1982, p. 142-149), os metaplasmos por permuta são caracterizados como aqueles em que os fonemas são substituídos ou trocados, como por exemplo, a palavra *palpare* > *poupar* (COUTINHO, 1982, p. 143). Embora o autor denomine esse processo como “troca” ou “substituição”, neste trabalho consideramos que os resultados das mudanças vêm a partir de processos em que atuam a natureza dos sons adjacentes, tonicidade e outros aspectos do contexto e do uso. Entram nessa classe os processos de sonorização (mudança de um fonema surdo por um sonoro homorgânico), vocalização (transformação de uma consoante em vogal), consonantização (oposto da vocalização), assimilação (aproximação de dois fonemas), dissimilação (diferenciação de fonemas semelhantes), nasalização (quando o fonema oral se torna nasal) apofonia (modificação da vogal inicial de uma sílaba quando é acrescentado junto dela um prefixo) e metafoia (modificação de um som pela influência de sons seguintes) (COUTINHO, 1982, p. 145-146).

Já os metaplasmos por aumento são aqueles em que se aumenta um fonema na palavra, como por exemplo: *scutu* > *escudo* (COUTINHO, 1982, p. 146). Fazem parte desse processo: prótese, epêntese, anadiplose e paragoge. Ainda segundo Coutinho (1982, p. 149), os metaplasmos por transposição constituem-se pelos fonemas ou acentos deslocados, como exemplo, *muliere* > *mulher*. Os metaplasmos por subtração são aqueles em se excluem

fonemas, compreendendo os processos de aférese, síncope, apócope, crase, haplologia e elisão (COUTINHO, 1982, p. 147).

Bagno (2014, p. 296), assim como Coutinho (1982), classifica os metaplasmos de acréscimo como aquele em que é acrescentado algum fonema na palavra como, por exemplo, *stare* > *estar*. Nessa classe, o autor classifica: prótese (*stare* > *estar*), epêntese (*stella* > *estrela*) e paragoge (*ante* > *antes*). Como metaplasmos de supressão, Bagno (2014, p. 296-297), classifica: aférese (*attonitu* > *tonto*), síncope (*legale* > *leal*), apócope (*male* > *mal*), crase (*nudu* > *nu*) e sinalefa (*de + intro* > *dentro*)<sup>81</sup>.

Quando ocorre o deslocamento de um segmento ou acento, Bagno (2014, p. 297), assim como Coutinho (1982), faz a classificação em metaplasmos por transposição, sendo este: metátese (*semper* > *sempre*) e hiperbibasmo (*pantânu* > *pântano*). Já quando temos um caso de transformação de fonemas, ocorrem os metaplasmos por transformação, que Coutinho (1982, p. 143) denomina como casos de permuta.

Cabe ressaltar que os estudos de Coutinho (1982) descrevem os metaplasmos, utilizando-se de exemplos do latim para o português. Já a obra de Bagno (2014), embora também apresente exemplos do latim para o português, traz um subcapítulo apenas com os metaplasmos mais frequentes nas falas dos brasileiros. Como citado anteriormente, o objetivo desse estudo é analisar os metaplasmos elencados por Amaral (1976). Portanto, não nos ateremos em explicar todos os metaplasmos citados anteriormente: apenas os que aparecem na obra “O dialeto caipira”, de 1920.

A escolha por gramáticas de cunho histórico (Coutinho, 1982) e com base em estudos sociolinguísticos (Bagno, 2014) como fonte de pesquisa para a descrição dos metaplasmos se justifica pelo fato de considerarmos a relação entre língua e sociedade, utilizando-nos para isso de uma visão pautada nos preceitos de mudança e variação linguística (Labov, 2008).

Dentre os metaplasmos elencados por Amaral (1976, p. 53), destacamos o abrandamento. Segundo o autor, ocorre abrandamento em casos como “*cuspo* > *guspe*” e “*música* > *musga*”. Temos nesses casos, um processo de sonorização que possui efeito de abrandamento. Cabe ressaltar que Amaral (1972) descreve os fenômenos sem explicá-los. Na obra de Coutinho (1982) não foram encontradas informações sobre esse tipo de metaplasmo e na gramática de Bagno (2014, p. 329), embora o autor não faça uma descrição do fenômeno,

---

<sup>81</sup> Alguns metaplasmos são definidos a partir de Bagno (2014) e outros a partir de Coutinho (1982) porque acreditamos ser interessante apresentar uma visão um pouco mais antiga sobre o tema e uma mais recente. Embora os autores tratem dos mesmos processos, acreditamos ser viável apresentar duas obras que versem sobre os mesmos assuntos.

esse cita que esse metaplasmo é utilizado atualmente no Brasil, principalmente na fala dos soteropolitanos, independente da variável escolarização (BAGNO 2014, p. 329).

Outro processo indicado na obra de Amaral (1976, p. 53) é a assimilação. Segundo o autor, esse metaplasmo ocorre em casos como “*carro>Carlos*”<sup>82</sup>. Para Coutinho (1982, p. 143-144), a assimilação ocorre quando há uma aproximação entre dois fonemas, sendo que um exerce influência sobre o outro. O autor comenta a existência de dois tipos de assimilação: a vocálica e a consonantal. A primeira corresponde à assimilação de uma vogal, como por exemplo, em “*novac(u)la> navalha*” e a segunda, a assimilação de uma consoante, como em “*persona>pessoa*”(COUTINHO, 1982, p. 144). Além desses dois tipos de assimilação, temos a totalou a parcial, a progressiva ou a regressiva.

Por assimilação total, Coutinho (1976, p. 144), explica a ocorrência em que “se identifica o fonema assimilado com o assimilador” e cita como exemplo, a palavra pêssego: “*persicu>pessicu>pêssego*”. Quando não é possível estabelecer critérios de semelhança entre o fonema assimilado com o assimilador, Coutinho (1972, p. 144), afirma se tratar de um caso de assimilação parcial, como ocorre, por exemplo, com a palavra ouro: “*auru> ouro*”.

Já a assimilação progressiva ocorre quando o fonema assimilador encontra-se em primeiro lugar, como em “*amaramlo> amaram-no*”(Coutinho, 1982,p.144). Quando o fonema assimilador está depois, Coutinho (1982, p. 144) afirma tratar-se de um caso de assimilação regressiva (“*ersa> essa*”).

Para Bagno (2014, p. 299), os processos de assimilação ocorrem com frequência no português do Brasil em regiões onde é usado o pronome “tu”, pois o verbo com terminação –ste é falado como –ss, como por exemplo, “*vieste> viesse*” (BAGNO, 2014, p. 329). Além desses exemplos, Bagno (2014, p. 329) também cita a redução por assimilação dos ditongos: “*pouco >poco; roupa>ropa; beijo>bejo*”. Esse processo não é moderno e nem exclusivo do português do Brasil.

Dentre os metaplasmos elencados por Amaral (1976, p. 53), também encontramos os casos de aférese. Por aférese, Coutinho (1982, p. 147) denomina o processo em que ocorre a queda de um fonema no início de uma palavra, como por exemplo, “*acumen> gume*”<sup>83</sup>. Bagno (2014, p. 328) afirma que a aférese é um fenômeno comum nas variedades do português do Brasil, ocorrendo inclusive na fala de pessoas escolarizadas e moradoras da cidade. Como exemplo, o autor cita “*obrigado> brigado*”, “*aguentar>guentar*”, “*estive> tive*”, dentre outros (BAGNO, 2014, p.328).

<sup>82</sup>O autor considera esse caso como modificação acidental.

<sup>83</sup> Atualmente, esse processo pode ser visto em “miga” (amiga> miga).

Amaral (1976, p.53) também cita a ocorrência de síncope na fala “caipira”. Bagno (2014, p. 296) define esse metaplasmo como sendo a supressão de um fonema no interior de uma palavra, como exemplo, “*legenda>leenda>lenda*”. Coutinho (1982, p. 149) exemplifica com a palavra “*malu>mau*”. Cabe ressaltar que Bagno (2014) não elenca, em sua obra, síncope como um processo que está acontecendo no português brasileiro atualmente.

Outro metaplasmo citado por Amaral (1976, p. 54) e até hoje difundido no Brasil (BAGNO, 2014, p. 3280) é a apócope. Por apócope, Coutinho (1982, p. 149), compreende a queda de um fonema no final de uma palavra. Bagno (2014, p. 328) comenta que, atualmente, é muito comum encontrarmos casos de supressão nos infinitivos verbais, como exemplo: “*cantar>cantá*”.

Outro processo que parece ser muito usual nos diversos falares brasileiro é a prótese. Metaplasmo citado por Amaral (1976, p. 54) como presente no falar “caipira”, a prótese constitui-se pelo acréscimo de som no início de uma palavra (COUTINHO, 1982, p. 146). Em algumas variedades regionais, as formas resultantes de prótese ainda são usadas, devido à conservação de algumas formas antigas, por isso, não é incomum ouvirmos “*alembrar*” ao invés de “lembrar” (BAGNO, 2014, p. 326).

Além da prótese e da apócope, também é comum a ocorrência de epêntese no falar brasileiro. Segundo Bagno (2014, p. 327), é comum a inserção de “e” ou “i” depois de uma consoante “muda”, como “*pneu> p[i]neu*”. Esse metaplasmo foi encontrado nas pesquisas de Amaral (1976, p. 54) e é definido como “o acréscimo de um fonema no interior de uma palavra” (COUTINHO, 1982, p. 146).

Já ao inserir um fonema no final de uma palavra, tem-se um caso de epítese (paletor), um metaplasmo também citado por Amaral (1976, p. 54). Bagno (2014) não cita esse processo dentre os mais comuns no português brasileiro. Por outro lado, casos de metáteses, citados por Amaral (1976, p. 54), como metaplasmos presentes no falar “caipira”, também são encontrados no português brasileiro atual. Para Bagno (2014, p. 328), formas como “*iogurte>iorgute*”, “*estupro>estrupe*” e “*tábua>tauba*” são recorrentes na fala dos brasileiros. Casos de hipérese (*cardaço*), foram citados por Amaral (1976, p. 54), entretanto, não foram encontrados nem em Coutinho (1982) e nem em Bagno (2014).

#### 7.4 Metaplasmos na fala dos salenses

Dentre os metaplasmos que propusemos analisar nesse estudo estão: i) *ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais* (ex:

“mel –mer”); ii) *vocalização ou não da consoante lateral palatal /ʎ/* (ex: “mulher –muié”); iii) *apagamento ou pronúncia das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade* (ex: “pires – pire”); iv) *ocorrência de prótese e aférese* (ex: alembrá e “bserva”); v) *ocorrência de apócope* (ex: “legítimo –legiti”).

Em relação à ausência ou presença de neutralização do “r” e “l” em coda silábica e/ou encontros consonantais, a que nesta seção daremos o nome de *rotacismo*, observamos os seguintes resultados:

**Tabela 11- Rotacismo e as variáveis independentes como sexo, participante e idade**

<b>Grupo de fatores selecionados como relevantes para rotacismo</b>	Participantes	FC,M,F,3,C: 0.850 FD,F,S,2,U: 0.490 FE,F,F,3,C: 0.619 FF,F,F,3,U: 0.279 FR,F,F,3,C: 0.769 FT, F,F,1,U:0.555 FW,M,F,3,C: 0.609 F#,M,F,3,C:0.641
		Log Likelihood: - 57.089
		Input: 0.074
		Significance: 0.036
<b>Demais grupos de fatores: rotacismo</b>	Quantidade total de palavras: 197 Quantidade de palavras pronunciadas com rotacismo: 20 Quantidade de palavras pronunciadas sem rotacismo: 177	
		Sexo Feminino: 7.9% Masculino: 21.2%  Faixa etária 10-15 anos:9.1% 30-45 anos: 7.1% 70-95 anos: 10.5%

**Fonte:** Elaboração própria.

Podemos observar que ocorrem mais casos de rotacismo na fala dos homens mais velhos. Outro dado interessante foi a seleção dos falantes como grupo de maior relevância para ocorrências de rotacismo. Por que esse resultado? Por que foram selecionados os falantes como grupo de relevância? Provavelmente, porque essa variável tem mais fatores.

Retirando a variável falante, quando rodamos os dados novamente, apenas com as variáveis sexo e idade, o programa seleciona como variável de relevância para ocorrência de rotacismo, a idade dos falantes: 0.297 para os participantes de 10-15 anos; 0.218 para os adultos da faixa intermediária e 0.798 para os mais idosos (Log *likelihood*: -79.507 / *Significance*: 0.000). Em porcentagem, teríamos: 0,5% para os adolescentes, 0,7% para os

adultos e 6,3% para os mais idosos, ou seja, há uma maior tendência para ocorrência de rotacismo entre os salenses mais velhos.

Para aprofundar mais as análises, quantificamos novamente os dados, levando em consideração não apenas as variáveis: falante, sexo e idade, mas também o lugar onde o falante já morou e a escolarização. Nesse caso, a variável selecionada foi o *lugar* onde o participante morou, pois há uma maior tendência à neutralização quando o falante teve alguma relação com a zona rural. Obteve-se, portanto, a variável *lugar* como a mais relevante para a ocorrência de rotacismo: a zona rural apresentou peso relativo de 0.726 para rotacismo, enquanto a cidade: 0.339.

Os homens salenses também se destacaram na segunda rodada: 21.2% para rotacismo em relação às mulheres que atingiram apenas 7.9%. Dentre as faixas etárias, nesta rodada, na terceira idade (70-95 anos) é onde ocorre maior número de rotacismos (10,5), enquanto na faixa adulta o índice é de 7,1% e entre os adolescentes 9,1%. Cabe ressaltar que, embora o resultado dos adolescentes seja maior do que a faixa entre 30-45 anos, tivemos apenas um caso de rotacismo na fala dos mais jovens. Esse resultado pode ser explicado mediante uma proporção entre a quantidade de palavras analisadas na faixa etária 2 e na 1. De 30-45 anos, de 14 palavras que poderiam ser pronunciadas como “r”, ocorreu rotacismo em apenas uma. Entre os mais jovens, a quantidade total de palavras foi menor: 10 e somente em uma aconteceu esse processo. Dentre 197 dados elencados, em apenas 20 ocorreram rotacismo. Abaixo, segue uma tabela com os falantes e as quantidades de palavras proferidas em que esse fenômeno ocorreu:

**Tabela 12- Rotacismos**

Participante	Quantidade de palavras com rotacismo	Porcentagem das palavras com rotacismo	Quantidade de palavras sem rotacismo	Porcentagem das palavras sem rotacismo
FC,M,F,3,C	5	31,2%	11	68,8%
FD,F,S,2,U	1	7,1%	13	92,9%
FE,F,F,3,C	3	11,5%	23	88,5%
FF,F,F,3,U	3	3,3%	89	96,7%
FR,F,F,3,C	5	23,8%	16	76,2%
FT,F,F,1,U	1	9,1%	10	90,9%
FW,M,F,3,C	1	11,1%	8	88,9%
F#,M,F,3,C	1	12,5%	7	87,5%
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>10,1%</b>	<b>177</b>	<b>89,9%</b>

**Fonte:** Elaboração própria.

Com exceção da participante FF,F,F,3,U, todos os demais participantes possuem algum tipo de relação com o meio rural. Embora as participantes FT,F,F,1,U e FD,F,S,2,U

não tenham morado na zona rural, possuem contato com os elementos do campo: a adolescente anda a cavalo, usa botina e a adulta está sempre na fazenda da família. É notória, portanto, a relação entre rotacismo e zona rural. Mediante as análises realizadas foi possível compreender que esse fenômeno está mais relacionado à zona rural, aos falantes da terceira idade, do sexo masculino. Desta forma, podemos dizer que esse fenômeno pode estar passando por uma possível mudança na sociedade salense, uma vez que pode soar como uma forma mais estigmatizada, que faça referência direta ao “caipira” retratado na mídia, sinônimo do Jeca Tatu e do “caipirismo”.

Quando realizamos uma nova rodada, considerando também o contexto linguístico como variável, temos: quando o “l” está seguido de uma consoante fricativa ocorre rotacismo em 20% dos casos como, por exemplo, “embolçando>emboçando”. Quando o “l” vem seguido de oclusiva, o rotacismo atinge a porcentagem de 19,7%, como ocorre, por exemplo, em “solteira >sorteira”. A diferença entre os índices não é significativa estatisticamente: os dois contextos encontram-se no mesmo patamar como aqueles que mais favorecem o rotacismo. Quando o “l” está seguido de nasal e vogal atinge a porcentagem de 4,2% e 7,1%, respectivamente, como em “almoço >armoço” e “problema >pobrema”. Já em casos em que o “l” é seguido por pausa, não ocorreu rotacismo. A tabela 13 retrata o processo de rotacismo:

**Tabela 13- Dados gerais sobre rotacismo**

<b>Grupo de fatores selecionados como relevantes para rotacismo</b>	Lugar onde o participante morou	Zona Rural : 0.772	0.772
		Zona rural	0.333
	Log Likelihood: - 52.703		
	Input: 0.095		
	Significance: 0.000		
<b>Demais grupos de fatores: não selecionados rotacismo</b>	Quantidade total de palavras: 157 Quantidade de palavras pronunciadas com rotacismo: 20 Quantidade de palavras pronunciadas não rotacismo: 137		
	Sexo	Feminino: 9.6% Masculino: 33.3%	
	Faixa Etária	10- 15 anos: 10% 30-45 anos: 7.1% 70-95 anos: 13.5%	
	Escolarização	Ensino Fundamental: 13.3% Ensino Superior: 7.1%	

	Participantes	FC,M,F,3,C: 38.5% FD,F,S,2,U: 7.1% FE,F,F,3,C: 13% FF,F,F,3,U: 3.9% FR,F,F,3,C: 38.5% FT, F,F,1,U: 10% FW,M,F,3,C: 33.3% F#,M,F,3,C: 20%
	Contexto Linguístico	Antes de consoante oclusiva: 19.7% Antes de consoante nasal: 4.2% Antes de vogal: 7.1% Antes de consoante fricativa: 20%

**Fonte:** Elaboração própria.

O fenômeno de vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/, assim como o rotacismo, está mais presente na fala dos participantes da terceira faixa etária e de homens. Dentre os grupos de fatores selecionados estão o sexo e a idade, conforme tabela 14:

**Tabela 14- Dados gerais sobre vocalização**

<b>Grupo de fatores selecionados como relevantes: vocalização</b>	Idade e sexo	10 – 15 anos: 0.339 – 11,9%
		30-45 anos: 0.127 – 12,5%
		70-95 anos: 0.581 – 35,9%
		Masculino: 0.736 – 50% Feminino: 0.350 – 17,2%
		Log Likelihood: - 76.340
		Input: 0.261
		Significance: 0.444
<b>Demais grupos de fatores: vocalização</b>	Quantidade total de palavras: 66	
	Quantidade de palavras com vocalização: 16	
	Quantidade de palavras sem vocalização: 50	
	Falantes	
	FA,M,S,2,U: 0%	
	FB,M,F,1,U: 0%	
	FC,M,F,3,C: 53.3%	
	FD,F,S,2,U: 0%	
	FE,F,F,3,C: 37.5%	
	FF,F,F,3,U: 9.5%	
	FG,F,S,2,U: 0%	
	FH,F,S,2,U: 0%	
	FI,M,F,1,U: 0%	
	FJ,F,F,1,U: 0%	
FK,F,F,1,C: 0%		
FM,F,F,1,U: 0%		
FN,M,S,2,U: 0%		
FO,F,F,3,C: 0%		
FP,M,M,2,U: 0%		
FQ,M,M,2,C: 12.5%		
FR,F,F,3,C: 45.5%		
FT, F,F,1,U: 25%		
FU,M,M,2,C: 0%		
FV,M,F,1,U: 0%		
FX,F,S,2,U: 0%		
FZ,F,S,3,C: 0%		



	FY,M,F,3,C: 50% FW,M,F,3,66.7% F@,F,M,2,U: 0% F#,M,F,3,C: 57.1% F*,M,F,3,C: 0% F%,M,F,1,U: 50%
--	---

**Fonte:** Elaboração própria.

A partir dos resultados obtidos, podemos inferir que o processo de vocalização ocorre mais na fala dos mais velhos, o que pode significar uma mudança nos padrões linguísticos da sociedade salense.

Os participantes que apresentaram casos de vocalização encontram-se descritos na tabela 15:

**Tabela 15- Vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/**

Participante	Quantidade de palavras com vocalização	Quantidade de palavras sem vocalização	Porcentagem de vocalização %
FC,M,F,3,C	16	14	53,3
FR,F,F,3,C	5	6	45,5
FW,M,F,3,C	4	2	66,7
FY, M.F,3,C	3	2	60
F#,M,F,3,C	4	3	57,1
FE,F,F,2,C	6	10	37,5
FF,F,F,2,U	4	38	9,5
FQ,M,M,2,C	1	7	12,5
FK,F,F,1,C	1	25	3,8
FT,F,F,1,U	1	3	25
F%,M,F,1,U	2	2	50
<b>TOTAL DE PALAVRAS</b>	<b>47</b>	<b>112</b>	

**Fonte:** Elaboração própria.

Ao buscarmos uma melhor compreensão dos resultados encontrados, quantificamos os dados observando não só o sexo e a idade, como também, o lugar onde o falante morou, a escolarização e o contexto linguístico em que ocorre vocalização. O resultado encontra-se abaixo:

**Tabela 16-Visão geral dos resultados de vocalização**

<b>Grupo de fatores selecionados como relevantes: vocalização</b>	Falantes	FE,F,F,3,C	0.903
		FF,F,F,3,U	0.482
		FK,F,F,1,C	0.181
		FR,F,F,3,C	0.788
		FT, F,F,1,U	0.823
	Log Likelihood: - 28.179		
Input: 0.177			
Significance: 0.004			
<b>Demais grupos de fatores: vocalização</b>	Quantidade total de palavras: 66 Quantidade de palavras com vocalização: 16 Quantidade de palavras sem vocalização: 50		
	Lugar onde morou	Urbano: 19.2% Rural : 27.5%	
	Faixa Etária	10- 15 anos: 8.3% 70-95 anos: 33.3%	
	Sexo	Masculino: 27.85 Feminino: 7.4%	
	Contexto linguístico	Antes de vogal o:6.1% Antes de vogal a: 15.5% Antes de vogal e:70% Antes de vogal i: 20%	

**Fonte:** Elaboração própria.

Pelos resultados expostos na tabela 16, pode-se observar que, na maioria dos casos, os participantes que apresentam traços de vocalização possuem relação com a zona rural e são homens.

Os demais metaplasmos propostos nesse estudo para serem analisados e descritos, ocorreram com baixa frequência, por isso, optou-se por realizar uma análise qualitativa e não quantitativa dos dados obtidos.

Em relação à ocorrência de prótese como, por exemplo, “alembrear”, tivemos apenas dois casos durante as gravações: um na fala da participante FR,F,F,3,C e outro na fala de FZ,F,S,3,C. Respectivamente, as participantes disseram: “não alembro não” e “eu não me vôarrepára não”. Nesses dois casos, é preciso ressaltar que as participantes possuem relação com a zona rural e que se encontram na faixa etária mais idosa, ou seja, percebe-se que a ocorrência de prótese não é mais encontrada nem na faixa etária mais jovem e nem na faixa intermediária. Sendo assim, pode-se acreditar que esse fenômeno esteja em vias de extinção na fala dessa comunidade linguística, ficando mais restrita à fala dos mais idosos e aos falantes provenientes da zona rural.

O mesmo processo acontece com o apagamento de fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade. Durante a descrição dos dados, o apagamento das fricativas alveolares /s/ e /z/ só ocorreu uma única vez, na fala de

F#,M,F,3,C, na expressão “mais ou menos”, pronunciada como “mais ou meno” pelo participante. Nem os mais jovens e nem a faixa intermediária apresentaram esse tipo de comportamento linguístico, corroborando para a conclusão de que existe uma tendência ao não apagamento dessas fricativas nesse contexto linguístico específico.

Enquanto o apagamento das fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade e a prótese não foram muito encontrados no *corpus* analisado, casos de aférese apareceram em grandes quantidades. Entretanto, segundo Bagno (2014, p. 328), “A aférese ocorre com frequência em diversas variedades do PB atual, incluindo as urbanas de falantes mais letrados (...)”. Por isso, foi tão comum encontrarmos expressões como “cêis” e “cê” para “você”, “tá”, “tô”, “tava” para “está”, “estou”, “estava”, que seria mais fácil quantificarmos quando estas não apareciam nos dados. Como essas expressões não são restritas apenas ao falar “caipira”, mas aos mais diversos modos de falar brasileiros, os dados não foram quantificados. Com exceção desses casos, tivemos os que se encontram no quadro 7:

**Quadro 7- Lista de palavras com aférese**

Palavra	Participante
magina	FD,F,S,2,U - FF,F,F,3,U - FR,F,F,3,C - FZ,F,S,3,C -
vó	FY,M,F,3,C - FR,F,F,3,C- FM,F,F,1,U - FG,F,S,2,U
cabô	FZ,F,S,3,C - FV,M,F,1,U - FR,F,F,3,C - FO,F,F,3,C
Inda	FY,M,F,3,C - FZ,F,S,3,C
cabava	F*,M,F,3,C
guenta	F#,M,F,3,C
portância	FE,F,F,3,C
baná a mão	FF,F,F,3,U
tendeu	FG,F,S,2,U
cabado	FG,F,S,2,U
diantá	FG,F,S,2,U
brigada	FJ,F,F,1,U
cabei	FM,F,F,1,U
trufiada	FR,F,F,3,C

**Fonte:** Elaboração própria.

Assim como é comum a supressão de segmentos no início da palavra também é comum no final, como ocorre, por exemplo, com o apagamento do “r” em infinitivo verbal (BAGNO, 2014, p. 328). Neste estudo, optou-se por fazer uma análise à parte dos casos de infinitivo verbal. Entretanto, além do apagamento do infinitivo verbal, encontramos casos de apócope em “bença” (FE,F,F,3,C). Em muitos casos, as palavras como “pouquinho”,

“churrasquinho”, “ladinho”, “rapidinho”, “cedinho”, “tanquinho”, “baixinho”, “ladrinho”, “carregadinho”, “sozinho” e “campinho” foram pronunciadas como “poquim”, “churrasquim”, “ladim”, “rapidim”, “cedim”, “tanquim”, “baxim”, “padrim”, “carregadim”, “sozim” e “campim”. Esse traço mineiro pode ter aparecido na fala dos salenses devido à proximidade de Sales Oliveira com algumas cidades de Minas.

Embora não tenhamos nos proposto a analisar, faz-se necessário citar que ocorreram alguns casos de desnasalização como em: “onte” (FE,F,F,3,C/ FF, F,F,3,U/ FG,F,S,2,U/ FR,F,F,3,C), “home” (FE,F,F,3,C), “corage” (FG,F,S,2,U), “passage” (FG,F,S,2,U), “jove” (FR,F,F,3,C), “vage” (FR,F,F,3,C) e “bandidage” (FP,M,M,2,U). Também foi encontrado um caso de hipercorreção em “deferenti” (FE,F,F,3,C). Essas ocorrências não tiveram um número expressivo e, por isso, podemos concluir que estão em via de se tornarem mais raras na fala da população salense.

## 8. CONCLUSÕES

“(...) Vivendo no mato, caipira de fato, feliz e não nego (...)”<sup>84</sup>. O trecho da canção intitulada “Caipira de fato” retrata a opinião que algumas pessoas expressam sobre o “caipira”: pessoa simples, que vive na zona rural. Durante a pesquisa de campo realizada neste estudo, compreendemos que para muitos, a figura do “caipira” não pode ser dissociada da zona rural e nem tampouco do atraso social. Ora, dentre os traços constituintes da identidade “caipira” foram encontradas características como: morar na roça, ser tímido, não ter alta escolarização, ter conhecimento empírico, mas não acadêmico. Logo, se a imagem do “caipira”, infelizmente, apresentou-se constituída por elementos com denotações pouco positivas, a fala que representa esse grupo, ou seja, o falar “caipira” também foi descrito mediante essa acepção negativa: como “feio” e “errado”. Mas, por que alguns falares são classificados como bonitos e dotados de prestígio enquanto outros carecem dessas características?

Para Scherre (2008, p. 41), as noções de beleza e feiura, assim como de certo e errado não são linguísticas: trazem suas raízes nos problemas sociais. Ora, o que é feio ou errado, bonito ou correto não é a língua, mas a posição social do falante, o *status* que esse ocupa na sociedade em que está inserido. O modo como o falante se comporta linguisticamente faz parte dos traços de identidade dessa pessoa, logo, o preconceito linguístico opera como uma espécie de prisma captador de vários outros tipos de preconceito. É como se vários preconceitos fossem absorvidos e refletidos em um só: no linguístico. E por que isso ocorre? Talvez, porque o preconceito linguístico é um dos tipos de preconceitos que sejam “permitidos” na sociedade, uma vez que ninguém é punido por “caçoar” do modo como o outro fala ou por ridicularizar uma pessoa porque essa não fala como o grupo em que a outra está inserida. Ao contrário, existe, na nossa sociedade, apoio a atitudes de “correção de erros”, pois é comum corrigir o “outro” quando esse fala “pobrema”, por exemplo. Esse exemplo de cultura de correção fica nítido quando nos deparamos com a quantidade de almanaques e livros que “ensinam a pessoa a falar corretamente” ou a “aprender o português correto”, como se a variedade falada pelo falante fosse errada.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> Trecho da música “Caipira de fato”, cantada por João Carreiro e Capataz, disponível em: < <https://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 19. jan. 2017.

<sup>85</sup> Não estamos tecendo críticas diretas a nenhum autor ou livro em específico, apenas comentando a existência de várias obras sobre essa temática.

Quando nos deparamos com estudos como este que buscou descrever e analisar a fala “caipira”, com enfoque na cidade de Sales Oliveira, foi comum termos encontrado muitos comentários que caracterizam esse “falar” como errado ou feio ou proveniente de falantes com baixa escolaridade. Conseqüentemente, quando os participantes da entrevista foram questionados sobre serem ou não “caipiras”, alguns responderam que não (FB,M,F,1,U/ FC,M,F,3,C/ FG,S,F,2,U/ FI,M,F,1,U/ FJ,F,F,1,U/ FL,M,F,1,U/ FM,F,F,1,U/ FP,M,M,2,U/ FS,F,F,1,U/ FW,M,F,3,C/ FY,M,F,3,C e F%,M,F,1,U) e outros “um pouco” (FA,M,S,2,U / FE,F,F,3,U/ FT,F,F,1,U/ FQ,M,M,2,C/ FR,F.F,3,C).

Quando os participantes negaram ser “caipiras” ou disseram ser apenas um pouco “caipiras”, apresentaram essa negação com base na ideia de “caipirismo” que, ainda, de certa forma, está associada à palavra “caipira”. Ao negar que empregava o “r” como retroflexo, uma das principais “marcas” desse modo de falar, alguns participantes buscavam “ocultar” a identidade “caipira”, ou seja, acreditavam que “abafando” o traço lingüístico marcante desse modo de falar, estariam negando os atributos não muito positivos que foram elencados como constituintes da personalidade desse grupo social.

Embora tenham feito esforços em negar o emprego da variante retroflexa, constatamos, ao longo das análises, que essa variante é muito comum na sociedade salense: não só os moradores de Sales Oliveira são falantes do “r” como retroflexo, como essa é a variante mais empregada na fala dessas pessoas.

Embora o emprego da variante retroflexa tenha alcançado altos índices nos dados analisados, os casos de rotacismo, vocalização da consoante lateral palatal /ʎ/, prótese e apagamento de fricativas alveolares /s/ e /z/ em final de palavras que não possuem traços de pluralidade foram encontrados em poucas quantidades e, geralmente, na fala dos participantes da terceira idade, que possuíam relação com a zona rural.

Esses resultados nos fizeram compreender que as mudanças sociais e econômicas pelas quais a cidade de Sales Oliveira têm passado podem ter refletido no modo de falar de seus moradores. De acordo com Labov (2008, p. 140), a língua funciona como um indicador de mudança social. Ora, se foram encontrados traços de rotacismo, vocalização, e prótese na fala dos mais velhos, há, portanto, um indício de que esses metaplasmos ocorriam na sociedade salense. Entretanto, quando não encontramos mais esses traços na fala dos mais jovens, percebemos que esses processos podem estar entrando em desuso nessa comunidade lingüística, uma vez que a língua reflete não só mudanças lingüísticas como também as sociais (LABOV, 2008, p. 140). Por isso, segundo o autor, quando lidamos com questões de

mudança linguística, assim como de variação, não são apenas os elementos linguísticos que devem ser considerados, mas também os aspectos sociais (LABOV, 2008, p. 214).

Desta forma, segundo Labov (2008, p. 215), a língua deve ser vista como forma de comportamento social. A sociedade salense passou, ao longo dos anos, por várias transformações, dentre elas, o processo de migração da zona rural para a urbana, conforme citado pelo casal entrevistado. Alguns processos fonético-fonológicos elencados na obra de Amaral (1976) e observados neste estudo, restringiram-se apenas aos falantes mais velhos, que possuíam relação com o meio rural. Sendo assim, podemos dizer - com base nos resultados - que pelo fato dos mais jovens não se identificarem com os aspectos de ruralidade da mesma forma como os mais antigos se identificam (visto que os mais idosos apresentaram um sentimento de nostalgia pela vida rural), não fazem uso das variáveis que possam, de alguma forma, estar mais associadas a esse estilo de vida, como por exemplo, o rotacismo e os outros processos discutidos ao longo deste estudo.

Em relação à grande ocorrência da variante “r” como retroflexa na sociedade salense em todas as faixas etárias, acreditamos que, na sociedade salense, essa variante tenha perdido o aspecto de ruralidade, que ainda está presente em processos de rotacismo, por exemplo. Embora o “r” como retroflexo seja a variante mais falada na sociedade salense, inclusive pelos mais jovens, nem sempre ela é avaliada de forma positiva. Por isso, não podemos afirmar que o “r” retroflexo não seja considerado uma variante estigmatizada dentro da comunidade salense.

Torna-se necessário também analisar os resultados obtidos durante a pesquisa mediante outro prisma, que não apenas o linguístico. Quando o participante da pesquisa de campo nega ser “caipira” existe, por trás dessa negação, a tentativa de negar, muitas vezes, a imagem cristalizada imbuída e arraigada nos discursos veiculados sobre o “caipira” e seu modo de falar, pois os habitantes do interior do Estado de São Paulo, assim como as cidades onde eles vivem, estão adquirindo um novo papel no cenário econômico através da rentabilidade proveniente do agronegócio. Portanto, a imagem de “caipira” como sinônimo de “caipirismo” não corresponde mais com a realidade vivenciada.

Desta forma, o habitante do interior é “caipira” não porque é tímido, sem escolaridade, mas com a acepção de símbolo de uma cultura, de um modo de vida que possui relação com a terra, que compactua de ideais de união e respeito com a natureza, que vive de forma harmônica, pautada nos ideais de solidariedade. Logo, procurará evitar nos seus discursos as variantes que são mais estigmatizadas socialmente e que apresentam mais traços de ruralidade. Oxalá a forma de falar desse povo seja respeitada um dia!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÉONG, Stanley. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. IN: BAGNO, Marcus. *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 145-174.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto caipira*. 3. Ed. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, 1976. 195 p.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Lingüística Aplicada aos Falares Regionais*. João Pessoa: A União Cia Editora. 1983. p 17
- BAGNO, Marcos. Introdução: Norma lingüística & outras normas. IN: *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 9- 21.
- \_\_\_\_\_, Marcos. O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase. IN: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (orgs). *Políticas da norma e conflito lingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 355- 387.
- \_\_\_\_\_, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Língua, linguagem, lingüística – pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014. 134. p.
- BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Dialeto caipira e urbanização: uma química que não se mistura (?). IN: ALTINO, Fabiane Cristina (org). *Múltiplos olhares sobre a diversidade lingüística: nos caminhos de Vanderci de Anadrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012. P. 11- 23.
- BAUGH, John. A dissection of style-shifting. IN: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. p 109-118.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 671. p.
- BELINE, Ronald. A variação lingüística. IN: FIORIN (org). *Introdução à Linguística I-Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 121-140.
- BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. IN: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge, 2005. p. 139- 139- 169.
- BERNADELLI, Mara Lúcia Facolconi da. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. IN: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). *Cidade e*



*campo relações e contradições entre urbano e rural* . 2. ed, São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 33-52.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes sociolinguísticas: efeito do processo migratório*. Campinas: Pontes, 2007. 79. p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2006. 263.p.

\_\_\_\_\_, Stella Maris. *Do campo para a cidade estudos sociolinguísticos de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011. 300 p.

\_\_\_\_\_, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. 189. p.

BOTTASINI, Jaqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica. IN: ALTINO, Fabiane Cristina (org). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012. p. 346 – 366.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 92. p.

BURNS, A. *Collaborative action research for English language teachers*. Cambridge: CUP, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do português. Análise pela geometria dos traços e pela fonologia lexical*. vol. 3. Campinas: Coleção e Spiral, 1999, 157 p.

\_\_\_\_\_. *Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 208. p.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zarah, 2015, 127. p.

CALLOU, Dinah; MORAES, João. A; LEITE; Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. IN: KOCH, Ingedore G. Vilaça (org). *Gramática do português falado*. vol. VI: desenvolvimentos. 2. Ed. Campina: Editora da Unicamp, 2002. p. 463-489.

CAMPANHOLE, Adriano. *Notícias da cidade de Sales Oliveira*. São Paulo: A. Campanhole, 1991. 216 p.

CANDIDO. Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. 10. ed. São Paulo: Editora 34, 2001. 372 p.

CARMO, Laura do. A voz do caipira em Amadeu Amaral. IN: LIMA, Ivana Stolze; Carmo, Laura do. *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 375-389.

CARNEIRO, Maria José. Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa. IN: MOREIRA, Roberto José; COSTA, Luiz Flávio Carvalho (orgs). *Mundo rural e cultura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 223-240.

CARROL, Lewis. *Alice no país das maravilhas*. Adaptado por GIACOMO, Maria Thereza Cunha de. 13.ed. São Paulo: Melhoramentos –MEC, 1977. 141. p.

CASTELLS, Manuel. 8.ed. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2013. vol. 2. 530. p.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. *A resistência de traços do Dialeto Caipira: estudo com base em altas lingüísticos regionais brasileiros*. 2006. 285. f. Tese (Doutorado) UNICAMP, Campinas, 2006.

\_\_\_\_\_. Revistando O Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – um estudo do ‘r caipira’. IN: Fabiane Cristina (org). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguliera*. Londrina: MIdiograf, 2012. p. 251- 271.

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2.ed. Cambridge: Cambridge , 1998. 201. p.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 2003. 320. p.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica: linguística e filologia*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. 385 p.

DAVIDOFF, Carlos. *Bandeirantismo: verso e reverso*. 7. ed. São Paulo; Brasiliense, 1993. 104 p.

DITTMAR, N. The variability concept: basic ideas and tradition. IN: \_\_\_\_\_. *A critical survey of sociolinguistics: theory and application*. New York: Martin's Press, 1976. p. 102-133.

ECKERT, Peneolope. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge, University Press. 2005. 341. p.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. IN: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). *Cidade e campo relações e contradições entre urbano e rural* .2. ed, São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11- 31.

ERVIN- TRIPP, Susan. Variety, style- shifting, and ideology. IN: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. p. 44- 56.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira – desembaraçando alguns nós. IN: BAGNO , Marcos (org). *Linguística da norma*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 37-60.

\_\_\_\_\_. Norma culta brasileira. IN: ZILES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Pedagogia da variação linguística língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini dicionário Aurélio. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 119

FUKUI, Lia Freitas. *Sertão e Bairro rural*. São Paulo: Ática, 1979. 256.p.

FREITAG, R. M.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, São Paulo, v.56, n.3 p.907-934, 2012. Disponível em: <[seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4907/4367](http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4907/4367)>. Acesso em: 05. set.2013.

FREITAG, R.M.K. O. (Re) discutindo sexo/ gênero na sociolinguística. IN: FREITAG, G. M. K.O; SEVERO, C.G. (orgs). *Mulheres, linguagem e poder. Estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Edgard Bücher Ltda, 2005. p.17-73.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução RAPOSO, Maria Célia. 20.ed. Petrópolis: Vozes. 2016. 273. p.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença a perceptiva dos estudos culturais*. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 103- 133.

HANKS, William F. *Língua como prática social - das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2013 . [org. BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato C; MACHADO, Marco Antônio R.].

HAUGEN, Einar. Dialeto, língua, nação. IN: BAGNO, Marcos (org). *Norma lingüística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 97-114.

HEAD, Brian F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “r”caipira. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 13, 1987. p. 5-39.

- HIRSCHKOP, Ken. Bakhtin, discurso e democracia. IN: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor (orgs). *Mikhail Bakhtin linguagem, cultura e mídia*. São Carlos, 2010, p. 93- 127.
- ILARI, Rodolfo. Reflexões sobre língua e identidade. IN: BORBA, Lilian do Rocio; LEITE, Cândida Mara Britto. (orgs). *Diálogos entre língua, cultura e sociedade*. Campinas: Mercado de Letras, 2013. p. 17-66.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente a língua que estudamos a língua que falamos*. 2. ed. São Paulo: Contexto:2011. 270. p.
- ISQUEDO, Aparecida Negri. A propósito de regionalismos do português do Brasil. IN: ISQUEDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org). *As ciências do léxico lexicologia, lexicografia terminologia*. Vol. III. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, p. 193-208
- IRVINE, Judith T. “Style”as distinctiveness : the culture and ideology of linguistic differentiation. IN: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*.Cambridge: Cambridge University Press. 2005. p. 21- 43.
- KLEMP, Clodomiro Augusto. *Caminhando sobre os trilhos*. Sales Oliveira: Villimpres, 2003. 176. P.
- \_\_\_\_\_. Gente que faz arte. Sales Oliveira: sem editora, 2005. 231.p
- \_\_\_\_\_. *Pelos gramados da vida*. Sales Oliveira: sem editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Um brinde ao passado*. Sales Oliveira: Copyright, 2009. 300. p.
- LABOV, William. *Principles of linguistic changes Social factors*. vol. 2. Oford: Wiley-Blackwell, 2001. 572. p.
- \_\_\_\_\_.The anatomy of style-shifting. IN: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge, 2005.p. 85- 108.
- \_\_\_\_\_. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. [Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso].
- LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes Lingüísticas : a variante retroflexa em foco*. 2004.149.f. Dissertação (mestre) – IL-Unicamp, Campinas, 2004.
- LUCCHESI, Dante. O contato entre línguas na história sociolingüística do Brasil. IN: VALENTE, André C. (org). *Unidade e variação na língua portuguesa suas representações*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 80-100.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.135. p.

MARTINS, Marcela. Metátese e hipértese em manuscritos do século XVIII. *Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo, n.7, p. 119-128, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/>>. Acesso em: 01. fev. 2018.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio- históricas para historia social linguística do Brasil: em busca de indícios. IN: \_\_\_\_\_. *Ensaio para uma Sócio- História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 69-90.

MENDONZA – DENTON, N. Language and Identit. IN: J.K, CHAMBERS; P, TRUDGILL; N., SCHILLING- ESTES. *The handbook of Language Variation and change*. Blackwell Publishing, 2003. Blackwell Reference Online.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. IN: SIGNORINI, Inês (org). *Língua (gem) e identidade*. 4.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 69- 88.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. IN: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (orgs). *Políticas da norma e conflito linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p.49-87.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística- tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 09-14.

MONTEAGUDO, Henrique. Variação e norma linguística: subsídios para uma (re) visão .IN: LAGARES, Xoán Carlos; BAGNO, Marcos (orgs). *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 15-48.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estático. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

NETTO, Cecílio Elias. *Dicionário do dialeto caipiracicabano arco, tarco e verva*. Piracicaba: Academia Piracicabana de Letras, 1996. 215. p.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 1005. p.

NOGUEIRA, Oracy. *Família e comunidade (um estudo Sociológico de Itapetininga)*. São Paulo: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), 1962.541. p.

OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. A força do interior. *O regional*.18. nov. 2015. Disponível em: <<https://oregional.com.br/opinio/a-forca-do-interior/>>. Acesso em: 20. out. 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da identidade. Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Unesp, 2006. 206 p.

PAIVA, Maria da Conceição. Transcrição de dados linguísticos. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.p. 135- 146.

PAULSTON, Christina Bratt. Linguistic minorities and language policies. IN: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. *Socilinguistics the essencial readings*. Australia: Blackwell, 2006. p. 394-407.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes : questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. IN: IN: SIGNORIN, Inês (org). *Lingua (gem) e identidade*. 4. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 89- 112.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Psicologia social dos estereótipos. São Paulo: E.P.U. 202. p.

PICCINATO, Mário José Aparecido. ---Concurso de aniversário da cidade.

PICINATO, Pricila Balan. *O novo “caipira” : o olhar do “eu” e do “outro”*. 2013.117.f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2013.

PIETRFORTE, Antonio Vicente Seraphim; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. IN: FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Lingüística. II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 110- 135.

PIRES, Cibélia Renata da Silva. O uso da língua geral e sua restrição na América Portuguesa. *Revista espaço Acadêmico*, ano VIII, n. 93. fev. 2009. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 02. jan. 2013.

POSSENTI, SÍRIO. *Malcomportadas línguas*: São Paulo: Parábola, 2009. 127. p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O campesinato brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973. 242. p.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? IN: SIGNORIN, Inês (org). *Lingua (gem) e identidade*. 4.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 21- 45.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 3.ed. São Paulo: Global, 2015. 358.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Brasil, 1994. 134. p.

\_\_\_\_\_. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão do Brasil. IN: BAGNO, Marcos (org). *Linguística da norma*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 11-25.

\_\_\_\_\_. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2005, p. 1-4.

ROMERO, Renata Maran-Longuini. Dialeto *caipira*, um estudo semântico –lexical de nossas origens. Curitiba: Appris, 2011. 145.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. *Goldvarb X*: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics University of Toronto, 2005.

SANTOS, Mariana Fernandes. *A disputa de sentidos da linguagem politicamente correta uma análise discursiva na cartilha do politicamente correto & direitos humanos*. Jundiaí: Paco editorial, 2015. 142. p.

SANTOS, Rita de Cassi. Ítaca; ponto de chegada ou de partida? IN: LABORDE, Elga Pérez (org); UNTENBAUMEN, Enrique Huelva; NUTO, João Vianney Cavalcanti; CYNTRÃO, Sylvia Helena (seleção). *Identidades em contato*. Campinas: Pontes, 2011. p. 77- 97.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle. Variação Linguística, mídia e preconceito*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2008.

SETUBAL, Maria Alice. *Vivências caipiras. Pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. 143 p.

SHIRLEY, Robert. W. *O fim de uma tradição – cultura e desenvolvimento no município de Cunha*. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 325.

SILVA, Thaís Cristóvão. *Fonética e fonologia do português roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2014. 275 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. IN: SILVA, Tadeu da (org). IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuard; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença a perceptiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 73- 102.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. IN: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). *Cidade e campo relações e contradições entre urbano e rural*. 2. ed, São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11-130.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p.79-80. [Trad. Rodolfo Ilari].

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Zeroing in on multifunctionality and style. IN: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge, 2005. p. 127- 136.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. IN: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). *Introdução à Sociolinguística o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

WHITACKER, Arthur Magnon. Cidade imaginada. Cidade concebida. IN: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (orgs). *Cidade e campo relações e contradições entre urbano e rural*. 2. ed, São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 131-153.

WILLEMS, Emílio. *Uma vila Brasileira tradição e transição*. São Paulo: Difusão Européia do livro. 1961. 222.p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença a perceptiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7- 72.

ZILLES, Ana; GUY, Gregory . R. *Sociolinguística quantitativa – Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007. 239. p.